

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO

LARISSA POTHIN PREUSS

As telereleliões no telespaço público:

O programa Vitória em Cristo e a estratégia de mesclar
evangelização e pregação política

São Paulo

2015

LARISSA POTHIN PREUSS

As telerreligiões no teleespaço público:

O programa Vitória em Cristo e a estratégia de mesclar
evangelização e pregação política

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de mestre em
Comunicação

Área de Concentração: Estudo dos Meios e da
Produção Mediática

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Bucci

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Preuss, Larissa Pothin

As telerreligiões no teleespaço público: O programa Vitória em Cristo e a estratégia de mesclar evangelização e pregação política / Larissa Pothin Preuss. -- São Paulo: L. P. Preuss, 2015.

206 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Orientador: Eugênio Bucci

Bibliografia

1. Televisão 2. Religião 3. Política 4. Evangélicos 5. Teleespaço público I. Bucci, Eugênio II. Título.

CDD 21.ed. - 302.23

Nome: PREUSS, Larissa Pothin

Título: **As telereleigiões no telespaço público**: o programa Vitória em Cristo e a estratégia de mesclar evangelização com pregação política

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Unversidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Comunicação

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eugênio Bucci (Orientador) Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais, meus grandes mestres, que me ensinaram desde cedo o quão incrível é viver pela fé.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador professor Dr. Eugênio Bucci, por se interessar por esta pesquisa, pelas aulas instigantes, pela atenção, dedicação e paciência durante todo este percurso.

Aos meus pais, Lourival e Carmen, por me apoiarem de tantas formas ao longo desta jornada, mas acima de tudo, por me ensinaram a amar a Deus e a andar com humildade na presença do Eterno.

Aos meus amados Leila, Oro e Fran por todo carinho, paciência e conforto durante os momentos turbulentos.

À Glorinha por ter me amadrinhado nesta empreitada desde o começo.

Aos meus tios Judson e Cleide, ao meu primo Rubens e vó Bebel por me acolherem nas idas e vindas a capital.

Aos meus queridos amigos Dani, Chapa, Lu, Sandra, Glauce, Chu, Bia, Kiko, Shar, Clayton, Staut, Thaís Lucas, Lili, Follis, Sal, Sara, Maíra, Lucia, Amy, Marcelo, Rogel, Naty, Wivian, Ronalt, Fábio, Rosy, Juliano e Karina pela torcida, pelo apoio, pelas orações e pelo carinho.

À professora Dra. Magali Nascimento Cunha e aos colegas do MIRE por me ajudarem a enxergar outros horizontes através das experiências compartilhadas sobre mídia, religião e cultura num espaço de intercâmbio tão privilegiado.

Ao Sieg e à Patricia por me ajudarem a cruzar a linha de chegada com um sorriso no rosto.

Ao Tzvi for holding my hand from far away. Mazel Tov!

À CAPES por me proporcionar a oportunidade de me dedicar com exclusividade a esta pesquisa.

À TV Novo Tempo, meu laboratório de televisão, por me conceder o tempo que precisei para voltar para a escola durante as horas de trabalho.

A Deus, que sabe exatamente quem sou e quem falho em ser, por me amar tanto e aperfeiçoar sua força na minha fraqueza.

Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa. O que é Deus para o homem é o seu espírito, a sua alma e o que é para o homem seu espírito, sua alma, seu coração, isto é também o seu Deus: Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública de seus segredos de amor.

(Ludwig Feuerbach)

RESUMO

PREUSS, L. Título: **As telerreligiões no telespaço público**: o programa Vitória em Cristo e a estratégia de mesclar evangelização e pregação política. **206 f.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. São Paulo: ECA/USP, 2015.

A presente dissertação é uma análise do programa de televisão Vitória em Cristo e sua estratégia de mesclar proselitismo religioso e discurso político através das orientações transmitidas durante o período da campanha eleitoral de 2014 pelo apresentador Silas Malafaia. A inserção da religião na esfera pública é examinada a partir da atualização do conceito de espaço público segundo o paradigma teórico do telespaço público e da instância da imagem ao vivo conforme elaborados por Eugênio Bucci (2002). Essa perspectiva teórica pensa a interação no espaço público através da imagem. Por isso, propõe que o espaço público contemporâneo só pode existir como telespaço público. Complementarmente, esta pesquisa utiliza procedimentos da *Grounded Theory* (GT) para a elaboração das categorias de análise, construídas pela seleção e pelo tratamento dos dados extraídos das orientações políticas. O estudo revela que a evangelização via televisão se mistura à pregação política na combinação dos papéis incorporados pelo apresentador-pastor, que ocupa a posição do “profeta” e milita em prol da aspiração dos evangélicos à participação no poder político.

Palavras-chave: Telespaço Público. Televisão. Religião. Política evangélica. Programa Vitória em Cristo.

ABSTRACT

PREUSS, L.: **The telerelegions in the public telespace:** the Vitória em Cristo show and its strategy to mix evangelization and political preaching. Thesis (MA) – School of Communication and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2015.

This thesis provides an analysis of the television show Vitória em Cristo and its strategy to mix proselytism and political discourse through guidance provided by the host of the show, Silas Malafaia, during the electoral period of 2014. The presence of religion in the public sphere is examined from the theoretical standpoint of the public space and its contemporary version the public telespace, inaugurated by the instance of the live image according to Eugênio Bucci (2002). This theoretical perspective thinks the interaction in the public space as an interaction through images. Therefore, it suggests that the contemporary public space can only exist as a public telespace. In addition, this research utilizes the *Grounded Theory* methodological procedures to elaborate the categories of analysis, which were structured as a result of the selection and treatment of data extracted from the political guidance provided by the host. This research shows that the evangelization through television is mixed with political preaching through the combination of roles incorporated by the pastor-host who takes the place of the “prophet” and militates on behalf of the evangelicals’ aspirations to take part in the political power.

Keywords: Telespaço Público. Television. Religion. Evangelicals and politics. Vitória em Cristo show

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Corpus de Pesquisa.....	25
Quadro 2 – Concessões e outorgas de TV aberta	38
Quadro 3 – A classificação tipológica do Protestantismo	58
Quadro 4 – Estrutura do Programa	83
Quadro 5 – Exibição do Programa Vitória em Cristo	85
Quadro 6 – Audiência do Programa Vitória em Cristo	86

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – As igrejas evangélicas no Brasil	60
Figura 2 – As igrejas no teleespaço público.....	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – O gênero religioso na TV Aberta de janeiro a junho de 2014.....	72
Gráfico 2 – Aluguel do espaço televisivo pelas igrejas.....	74
Gráfico 3 – Deputados/as evangélicos/as eleitos/as por igrejas	133
Gráfico 4 – Deputados evangélicos eleitos por partido.....	134

LISTA DE SIGLAS

AD	Assembleia de Deus
ADVEC	Assembleia de Deus Vitória em Cristo
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
ANCINE	Agência Nacional do Cinema
BAND	Rede Bandeirantes de Televisão
CEIZS	Comunidade Evangélica Internacional Zona Sul
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CNT	Central Nacional de TV
ESLAVEC	Escola de Líderes da Associação Vitória em Cristo
ESPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing
GT	Grounded Theory
IASD	Igreja Adventista do Sétimo Dia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IEVV	Igreja Evangélica Verbo da Vida
IIGD	Igreja Internacional da Graça de Deus.
IRC	Igreja Renascer em Cristo
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros
MIRE	Mídia, Religião e Política
OCA	Observatório Brasileiro do cinema e do Audiovisual
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
PV	Partido Verde
RBN	Rede Boas Novas de Televisão
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	21
1 A CARTOGRAFIA DO TELESPAÇO PÚBLICO	31
1.1 O telespaço público como atualização do espaço público.....	31
1.2 O coronelismo eletrônico.....	41
1.3 O espaço público: da ágora à televisão ao vivo.....	42
1.4 A visibilidade na esfera pública.....	48
2 A DIVULGAÇÃO DO EVANGELHO	51
2.1 O proselitismo religioso	51
2.2 Conceito de religião.....	54
2.3 Os evangélicos	56
2.4 O pentecostalismo e a Assembleia de Deus	61
2.5 Os evangélicos na televisão.....	64
2.6 O gênero religioso na TV brasileira	70
3 VITÓRIA EM CRISTO	78
3.1 Histórico do programa	78
3.2 O Formato do Programa	79
3.3 A Estrutura do Programa	82
3.4 As Gravações.....	83
3.5 O alcance do programa.....	84
4 O PROFETA NA INSTÂNCIA DA IMAGEM AO VIVO	88
4.1 Biografia do apresentador.....	88
4.2 A midiaticização da religião	90
4.3 O apresentador na imprensa	91
4.4 Silas Malafaia: o comunicador, pastor e “profeta”	96
4.5 O profeta como porta-voz das verdades de Deus	104
4.6 O caráter persuasivo do discurso político-religioso do apresentador pastor profeta.....	113
5 O REINO DE DEUS NO TELESPAÇO PÚBLICO	124
5.1 A religião entre as esferas pública e privada	124
5.2 Os evangélicos na política brasileira	130
5.3 O posicionamento político de Silas Malafaia	136

5.4 As orientações políticas	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
REFERÊNCIAS	163
APÊNDICES.....	173
APÊNDICE A – Transcrição Vitória em Cristo, 24.05.2014	174
APÊNDICE B – Transcrição Vitória em Cristo, 07.06.2014.....	176
APÊNDICE C – Transcrição Vitória em Cristo, 19.07.2014.....	179
APÊNDICE D – Transcrição Vitória em Cristo, 26.07.2014	181
APÊNDICE E – Transcrição Vitória em Cristo, 16.08.2014.....	183
APÊNDICE F – Transcrição Vitória em Cristo, 30.08.2014	185
APÊNDICE G – Transcrição Vitória em Cristo, 06.09.2014	186
APÊNDICE H – Transcrição Vitória em Cristo, 13.09.2014	187
APÊNDICE I – Transcrição Vitória em Cristo, 20.09.2014.....	191
APÊNDICE J – Transcrição Vitória em Cristo, 27.09.2014.....	192
APÊNDICE K – Transcrição Vitória em Cristo, 11.10.2014	198
APÊNDICE L – Transcrição Vitória em Cristo, 25.10.2014.....	201
ANEXOS.....	203

APRESENTAÇÃO

Em 2006, quando produzi uma série de documentários intitulada *Vidas em Missão* sobre as origens da programação religiosa no rádio e na televisão no Brasil, não podia imaginar os desdobramentos e a dimensão dos programas de conteúdo religioso nos meios de comunicação eletrônicos.

Por força do ofício que escolhi, não demorou para que eu percebesse a importância de conhecer melhor esse tema. Como parte das entrevistas para os documentários, pude conversar com o primeiro apresentador do programa *Fé para Hoje*, o pastor Alcides Campolongo. Enquanto assistia ao filme de sua primeira aparição na TV, ele lembrava com um misto de surpresa e melancolia a difícil tarefa de adaptar seus sermões ao formato de roteiros; da alegria de trabalhar com os atores que interpretavam as histórias bíblicas que ilustravam o programa e do nervosismo de enfrentar as câmeras de televisão num programa ao vivo. Campolongo foi o primeiro pastor a assumir o papel de apresentador de televisão e seu programa *Fé para Hoje* pavimentou o caminho para as diversas deno minações religiosas que fizeram da televisão uma nova arena de pregação.

O primeiro programa religioso não católico de rádio foi o programa *a Voz da Profecia*, apresentado pelo pastor Roberto Rabelo (1909-1996) e transmitido pela primeira vez em 23 de setembro de 1943. (FONSECA, 2003, p.46). O primeiro de televisão foi exatamente *Fé para Hoje*, um programa semanal de 15 minutos de duração, veiculado pela TV Tupi em 25 de novembro de 1962. (CAMPOLONGO, 2009, p.107)¹. Ambos foram patrocinados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Passadas cinco décadas, é possível perceber a intensificação e o agigantamento do espaço ocupado pelos programas religiosos na televisão brasileira. Os 15 minutos semanais de conteúdo religioso, inaugurados pelo programa *Fé para Hoje*, viraram horas e mais horas de missas, sermões, testemunhos de curas, milagres, conversões e sessões de exorcismo. No caso de algumas igrejas que construíram verdadeiros impérios midiáticos através da compra de redes de rádio e televisão e do arrendamento de horários ou de canais de televisão em tempo

¹ Fonseca (2003, p.55) registra a data de 18 de novembro de 1962 para o início das transmissões do programa *Fé para Hoje*.

integral, a estratégia de pregar o evangelho através dos meios de comunicação mais parece um negócio capitalista.

Conheço um pouco desse universo. Os últimos dez últimos anos de minha vida profissional dediquei ao fazer televisivo, especialmente de programas religiosos. Trabalhei como jornalista e produtora de TV na Rede Novo Tempo de Comunicação, rede de rádio e televisão ligada à Igreja Adventista do Sétimo dia.

Eu não imaginava, porém, como, em outras emissoras, pastores usavam o espaço ocupado por seus programas religiosos para tratar explicitamente de assuntos relacionados à política. Ao me dar conta da gravidade do quadro, resolvi fazer a presente pesquisa. Chamou-me a atenção em especial a postura incisiva com que o pastor Silas Malafaia, líder da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, orientava os telespectadores quanto ao processo eleitoral.

Nos programas que consegui recuperar através da internet, percebi que, já nas eleições presidenciais de 2010, Malafaia recomendava aos fiéis que não elessem candidatos que eram a favor do aborto, do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Nessa eleição, o pastor apoiou o candidato José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); posicionou-se em franca oposição à candidata Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), e entrou em choque com a candidata Mariana Silva, que também pertence à igreja Assembleia de Deus e foi candidata à presidência pelo Partido Verde (PV). Já na campanha eleitoral de 2012, observei que Malafaia estampava outdoors ao lado de Alexandre Isquierdo, à época candidato a vereador do Rio de Janeiro pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). O estreante Isquierdo foi o vereador evangélico mais bem votado daquele pleito, eleito com 33.356 votos. (GOMIDE, 2012).

O programa Vitória em Cristo, apresentado pelo televangelista Malafaia, começou em 1982 com o nome de Impacto e recebeu seu nome atual em 1999. Hoje, tem duração de 1 hora e vai ao ar aos sábados pela Rede TV! a partir das 9h e, pela Rede Bandeirantes, a partir do meio dia. Também é disponibilizado na internet e pode ser assistido através do site da Associação Vitória em Cristo e pela plataforma YouTube nos canais prmalafaia e Silas Malafaia Oficial.

A vinheta de abertura do Vitória em Cristo, com música de triunfo ao fundo, apresenta imagens do pregador Silas Malafaia. O pastor segura o microfone e aponta para a multidão com ar iracundo por detrás do púlpito. Os fiéis erguem as mãos e seguram uma Bíblia. Sentados na igreja, ou em pé, em estádios, aparecem juntos para ouvir a palavra de Deus

proferida por um homem que se autointitula profeta.

Uma edição em especial do programa me chamou a atenção. No dia 17 de agosto de 2013, no sermão intitulado “Quando Deus abençoa e o homem joga fora a benção – Parte 3”, o pastor expõe seus pensamentos sobre as funções do rei e do sacerdote e explicita suas intenções quanto à política. De acordo com a explicação, o sacerdote representa os líderes religiosos enquanto o rei representa aqueles que têm cargo político. Cada qual teria uma “unção” própria, ou seja, teria um chamado específico e uma benção divina específica. Em sua fala, Malafaia se posiciona contra o fato de pastores trocarem a vocação pastoral para concorrerem a um cargo político. E deixa claro qual deve ser o papel do líder religioso.

Você sabe o que eu tenho dito? Eu quero exercer influência. Você lembra do profeta Eliseu, quando ele falou com a Sunamita? “Tem alguma coisa que eu possa falar ao rei a teu favor? Tem alguma coisa que ele possa falar ao chefe do exército?” Ele era um homem de influência. Eu quero influenciar, ser não. Bota numa camisa de força e me interna. Já falei para a minha esposa e ela tá autorizada, se amanhã eu for candidato a algum cargo eletivo, pede pa [sic] chamar, botar numa camisa de força, porque Deus não me chamou pra isso. Mas pra influenciar sim. Me chamou pra ir lá, na cara deles, no Congresso e largar o aço, pra ir na imprensa e botar pra quebrar, pra enfrentar ativista gay, lutar contra aborto. Deus me levantou sim. (MALAFAIA, 17.08.2013, 14min. 20s.)

No excerto acima, Malafaia faz alusão ao episódio narrado na Bíblia no capítulo 4 do Livro Dois de Reis. A história relata o encontro do profeta Eliseu com a mulher sunamita. Segundo a história, essa mulher e seu marido construíram um quarto para o profeta na casa deles. Lisonjeado com o gesto, Eliseu mandou seu servo Geasi perguntar a essa mulher, cujo nome não é mencionado, o que ele poderia fazer por ela. Eliseu diz à mulher: “Você teve todo esse trabalho por nossa causa. O que podemos fazer por você? Quer que eu interceda por você junto ao rei ou ao comandante do exército? ” Ela respondeu: “Estou bem entre a minha própria gente” (2 Reis 4:13, NVI).

Subentende-se pelo relato que, se o profeta se propôs a interceder em favor da mulher, é porque sabia que poderia ser no mínimo ouvido e possivelmente atendido, tanto pelo rei como pelo chefe do exército. Malafaia parece usar essa história para ressaltar o fato de o profeta ser alguém que não apenas conhece os poderosos, mas que possui ascendência tanto sobre o poder político quanto sobre o poder militar. Poderia o apresentador estar usando a Bíblia para justificar sua própria articulação política? De que maneira ele utiliza as narrativas bíblicas para construir seu poder de influenciar politicamente os fiéis?

O televangelista parece dizer que o profeta era um homem de influência e que ele também vai influenciar. Mas logo em seguida Malafaia parece fazer questão de eliminar

qualquer suspeita de que seu discurso sugira uma espécie de campanha política. É como se ele dissesse que jamais deixaria algo tão sagrado como o ofício de pastor para se empenhar em uma atividade tão “banal”, como a da política. O discurso sugere uma distinção entre cargos políticos e influência política, sendo que a primeira atividade não deve ser realizada por um pastor, enquanto a segunda pode estar, até mesmo, embutida no chamado divino. Quando menciona as tarefas a realizar, para as quais se sente incumbido por Deus, elege causas de cunho moral e associa-se uma vez mais ao papel profético.

Portanto, ao reforçar sua imagem como “homem de Deus” ele se dissocia da ideia do fazer político, mas ao mesmo tempo valida sua participação na política assumindo o lugar do profeta. Ele transmite a ideia de que não está fazendo política, está apenas cumprindo seu papel como homem de Deus.

A estrutura da pesquisa

Esta dissertação, com o objetivo de empreender o estudo da presença das telerelegrações no espaço público, beneficiou-se de procedimentos específicos da *Grounded Theory* (GT), elaborada pela socióloga norte-americana Kathy Charmaz (2009), para dar tratamento aos dados coletados na pesquisa empírica. Trata-se de uma metodologia que nos permite trabalhar sem a necessidade de uma hipótese fixa preliminar. O ponto de partida passa a ser o conjunto das respostas obtidas através da coleta de dados, de tal modo que a pesquisa empírica pode também fornecer hipóteses e conduzir o trabalho do pesquisador. Com base nisso, buscamos primeiramente analisar o *corpus* passando por todos os processos indicados pela GT, e dessa análise é que surgiu a estrutura da pesquisa e organização dos capítulos.

Realizei a captura de 26 edições do programa “Vitória em Cristo” transmitidas pela Rede Bandeirantes de Comunicação e pela Rede TV! durante o período de 3 maio a 25 de outubro de 2014. Essa escolha foi baseada no período eleitoral², visto que o foco principal é o posicionamento político adotado pelo apresentador do programa. Assim, essa pesquisa estrutura-se em cinco capítulos.

No primeiro capítulo – “A cartografia do teleespaço público” – apresento o teleespaço público como a forma contemporânea de espaço público. Discorro sobre a origem do espaço público na antiguidade, passando pela adaptação do conceito a partir da modernidade até

² Em 2014 ocorreram eleições para Presidente da República, Governadores, Deputados e Senadores no Brasil.

chegar ao momento atual em que se observa o devoramento do espaço público pela lógica do espetáculo, do capital e da imagem. Nesse percurso procuro salientar o significado e as implicações de pertencer à esfera pública. Na abordagem das bases conceituais, procuro expor o conceito de telespaço público como o espaço de mediação, fundado pelo advento da instância da imagem ao vivo, que tem lugar nos limites impostos pela televisão. Também procuro observar o telespaço público como um território sediado num lugar rigorosamente público por definição: o espectro eletromagnético. Em seguida, aponto as leis e os mecanismos que regulam o acesso e a exploração do espectro eletromagnético, esse bem público. Por meio de uma breve retrospectiva histórica, descrevo a colonização do espaço público através da transformação dos veículos de radiodifusão em moeda de troca política e da instauração de uma prática denominada coronelismo eletrônico.

O segundo capítulo apresenta os fundamentos que me orientam no entendimento acerca da inserção dos evangélicos nos meios de comunicação. Primeiramente, explico o conceito de religião através de perspectivas sociológicas. Em seguida, abordo o proselitismo como parte integrante da prática religiosa utilizada no convencimento de novos fiéis, visando esclarecer alguns princípios éticos que devem nortear essa atividade. Na sequência, exploro a distinção entre segmentos evangélicos, protestantes históricos, protestantes de missão, pentecostais e neopentecostais. Apresento um breve relato sobre a origem da igreja Assembleia de Deus, cujos princípios doutrinários são difundidos no programa Vitória em Cristo. Por fim, procuro descrever a lógica que rege as iniciativas evangelísticas que propagam o proselitismo religioso através dos meios de comunicação. Finalmente, verifico como o gênero religioso se insere nos âmbitos da televisão brasileira.

O capítulo três, “Vitória em Cristo”, descreve o programa, objeto de nosso estudo. O programa é apresentado com suas características técnicas, sua trajetória histórica, a descrição detalhada de seu formato, cenário e segmentos, a apresentação de sua estrutura decomposta em fragmentos de minutos e segundos. Esse capítulo também inclui informações sobre a área de cobertura, a frequência nos canais da TV aberta e números do alcance em termos de audiência.

O capítulo quarto, intitulado “O profeta na instância da imagem ao vivo”, trata da inserção do apresentador Silas Malafaia no telespaço público. Através de pressupostos teóricos e de dados empíricos, busquei descrever como os papéis de apresentador e profeta se fundem na figura do telepastor intensificando a sua influência como ator político no telespaço público. Começo com uma breve biografia do apresentador, depois apresento as principais

circunstâncias noticiadas pela imprensa recentemente envolvendo Malafaia, pontuo a participação do pastor em outros programas de televisão e, por fim, analiso como o apresentador se utiliza do discurso religioso e da posição de fala do profeta para transmitir alertas ao público no programa Vitória em Cristo, palco maior de sua atuação como comunicador.

No capítulo cinco – “O Reino de Deus no teleespaço público” –, abordo a questão dos novos contornos assumidos pela religião no contexto sociopolítico atual. Apresento a ideia do retorno do teológico-político conforme descrita por Chauí (2004) como chave interpretativa para justificar o engajamento político dos religiosos, a trajetória dos evangélicos na política brasileira e as análises das orientações específicas sobre o momento da votação, a escolha de candidatos e o processo eleitoral.

Nas considerações, finais são apresentadas as respostas aos questionamentos norteadores dessa dissertação.

E, por fim, são apresentadas as referências das obras citadas neste trabalho.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação se propõe a discutir a conquista do telespaço público brasileiro pelas igrejas e seus representantes. Para tanto, investigamos a natureza da forte influência dessas organizações e de seus líderes sobre a sociedade brasileira, bem como a forma como ela opera, o que objetiva e as razões pelas quais os evangelhos pentecostal e neopentecostal acabaram se transformando, notadamente a partir da segunda metade do século 20, no Brasil, em um poder tanto religioso quanto político.

Entendemos o telespaço público como a arena de articulação das opiniões e das vontades dos cidadãos em sociedade. Em outras palavras: a forma contemporânea do espaço público. Podemos dizer que o telespaço público é o lugar onde ocorrem as mediações culturais, políticas e comunicacionais, tal como o compreende o teórico da comunicação

Eugênio Bucci (2002). Esta dissertação procura observar como a religião se insere e se articula nesse meio.

Observamos que essa nova configuração político-religiosa, adotada pelas igrejas expoentes do neopentecostalismo brasileiro como a Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo – e outras que serão aqui mencionadas como a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus –, tem por meta a conquista de uma posição de influência e articulação política no teleespaço público. Ter um lugar dentro dele ou, mais ainda, reluzir dentro dele se tornou uma obsessão para as agremiações neopentecostais, que podem ser consideradas filhas caçulas do protestantismo cristão. O novo espaço público passou a ser visto como um território a ser explorado, conquistado e colonizado.

Em ano de eleição, habitualmente o Tribunal Superior Eleitoral lança campanhas publicitárias para convocar os eleitores às urnas e enaltecer o papel do indivíduo no processo eleitoral, com o foco direcionado ao exercício da cidadania. Nos templos evangélicos, no entanto, essas orientações costumavam deslocar a noção de cidadania nacional e substituí-la pela noção de cidadão do céu. Atualmente os pastores apelam diretamente aos fiéis usando emissoras de TV para tratar de temas como a descriminalização do aborto e a união civil (ou mesmo o casamento) entre pessoas do mesmo sexo. Sugerem que o eleitor “preste mais atenção” às propostas de candidatos que incluem esses temas em suas campanhas e recomendam votos em políticos que sejam contrários às duas bandeiras.

De que forma essas orientações foram e são transmitidas aos fiéis? Com quais objetivos a programação evangélica estaria prestando orientações eleitorais? Qual o formato dessas orientações? Haveria um jogo de palavras cautelosamente selecionado para essas orientações?

Nesta dissertação, vemos que os programas sofreram modificações de estrutura e objetivos para se converterem em instrumentos de proselitismo político. Mas como, exatamente, é tecida a ligação da televisão religiosa com o candidato? Seriam os programas religiosos, nessas emissoras, um novo formato de campanha eleitoral? Seriam essas orientações uma maneira de recomendar expressamente, sem meias palavras, o candidato da igreja? De que forma a configuração atual do espaço público teria contribuído para o retorno da religião à esfera pública?

A ocupação do teleespaço público por programas religiosos não é novidade. Trata-se de um processo que se verifica desde a década de 1960. Esses programas se relacionam com

temas diversos que atendem ao apelo religioso no intuito de formar o telespectador como praticante da religião. Tudo concorre para mantê-lo fiel à sua crença e ao seu pastor. Esta dissertação surge da observação desses programas religiosos, que assumiram configurações diversas, amoldando-se mais e mais às características que definem o espaço público.

Desde as eleições presidenciais de 2010, tem-se percebido a participação mais explícita de pastores e bispos evangélicos, através de seu espaço na televisão, na arregimentação de eleitores para as causas apoiadas por suas igrejas. O espaço televisivo, outrora dedicado a promover mensagens de cunho espiritual, tem sido aberto para disseminação de outras práticas. É o que se vê, por exemplo, quando líderes religiosos se utilizam dele para angariar votos.

Para melhor compreender esse processo, estudamos aqui a emergência da instância da imagem ao vivo, que redimensiona o espaço público. Atuando aí, os programas das correntes religiosas aqui analisadas aproveitam-se do esmaecimento das fronteiras entre as esferas pública e privada e conseguem fazer com que preceitos próprios da religião (privada) se convertam em parâmetros de interesse público. Ao longo deste trabalho, por meio de análises de excertos colhidos do programa Vitória em Cristo, esperamos então demonstrar como a instância da imagem ao vivo, ao promover um reordenamento do espaço público, termina por abrir flancos para que os programas de evangelização promovam o retorno da religião à esfera pública política.

Para desenvolver esta pesquisa, buscamos identificar como se dá a construção simbólica do discurso religioso que visa promover a participação do fiel no processo eleitoral. A nosso ver, o fio condutor para deslindarmos o nó do acentuado ativismo político dos televangelistas no Brasil está na emergência do espaço público que promove certa indistinção imaginária entre religião e política na tela da televisão.

Nosso objetivo geral foi verificar a maneira como estão inseridos os programas religiosos na televisão brasileira. A questão norteadora da pesquisa foi: Como a liderança religiosa mescla proselitismo religioso e político na ocupação do espaço público?

O presente trabalho procurou lançar luz sobre a maneira como o espaço público tem sido ocupado pelas telereleigiões. Para tanto, os objetivos específicos são: 1) investigar de que maneiras as telereleigiões ocupam o espaço público; 2) investigar como são forjadas as credenciais que autorizam os televangelistas a emitir orientações de cunho político-eleitoral; 3) compreender como são feitas as orientações político-eleitorais aos telespectadores; 4)

desvelar como a estrutura do programa contribui para a construção de conceitos que entrelaçam conhecimento bíblico e procedimento político no exercício da cidadania e fé.

A campanha eleitoral de 2014 deixou entrever um panorama cada vez mais complexo no cenário religioso e comunicacional, isto é, uma espécie de proselitismo político endossado por telepastores que orientavam os fiéis sobre o processo eleitoral.

Pensamos que um trabalho dessa natureza pode contribuir para os estudos comunicativos de Informação e Mediação nas Práticas Sociais, centro da área de Estudos dos Meios e da Produção Mediática, podendo ainda cooperar com a pesquisa em andamento sobre a instância da imagem ao vivo, o teleespaço público e a fabricação de valor na indústria do imaginário.

Como afirma o linguista e filósofo suíço Ferdinand de Saussure (2003, p. 15), “é o ponto de vista que cria o objeto”. Isso significa que, apesar de o nosso objeto empírico existir independentemente do olhar da pesquisadora, não há como evitar que esse olhar concorra para dotar o objeto de angulações novas, que só se revelam porque correspondem a um certo modo de ver. Por outro lado, embora tenhamos essa consciência, o compromisso permanente dessa pesquisa consiste em procurar evitar que o subjetivismo contamine a análise e, principalmente, as conclusões. Para isso, contamos com o rigor dos cuidados metodológicos a serem adotados. A criação (escolha) do objeto deve ser um exercício constante da vigilância epistemológica frisada pela autora e pesquisadora de metodologia da comunicação Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2003).

Entendemos que há necessidade de nos despir da tentação de imprimir julgamentos prévios a respeito de quaisquer intenções por detrás das motivações que levaram à realização dos programas religiosos baseados pura e simplesmente na subjetividade, o que não impede – nem pretende impedir – uma abordagem fundamentalmente crítica em relação ao fenômeno observado.

Metodologia da pesquisa

Para a constituição do corpus de pesquisa, procedemos a captura de 26 programas veiculados durante a campanha eleitoral 2014 exibidos pela Rede TV! e Band no período que se estendeu de 3 de maio e 25 de outubro. Entendemos que as orientações políticas tendem a se intensificar nos meses que antecedem a eleição, por isso escolhemos esse período do ano para realizarmos a coleta do *corpus*. Ademais, entendemos que cinco meses de observação

poderiam nos fornecer informações suficientes para que pudéssemos verificar a regularidade do formato e estrutura do programa e a frequência com que o apresentador oferece suas orientações políticas. Os programas na íntegra foram captados do canal prmalafaia da plataforma YouTube.

A constituição do corpus de pesquisa se deu nas seguintes etapas:

- Captura de 26 programas Vitória em Cristo exibidos de maio a outubro de 2014;
- Seleção de programas que continham orientações políticas;
- Catalogação dos programas;

Apresentamos no Quadro 1 o *corpus* de pesquisa com as datas dos programas, os títulos dos sermões, a ocorrência e a duração das orientações políticas. O tempo das orientações está listado em minutos (') e segundos ('').

Quadro 1 – *Corpus* de Pesquisa

Corpus de Pesquisa			
	Data	Título da mensagem	Duração Orientação Política
Maio			
1	03/mai	O crescimento da vida cristã 2ª parte	-
2	10/mai	Um novo tempo para sua vida	-
3	17/mai	Um novo tempo para sua vida - 2ª parte	-
4	24/mai	Quando Deus está no controle	6'18''
5	31/mai	Quando Deus está no controle – 2ª parte	-
Junho			
6	07/jun	Marcha para Jesus 2014	14'58''
7	14/jun	Uma reflexão sobre a vida cristã	-
8	21/jun	Uma reflexão sobre a vida cristã – 2ª parte	-
9	28/jun	Uma reflexão sobre a vida cristã – 3ª parte	-
Julho			
10	05/jul	O poder no sangue de Jesus	-
11	12/jul	Quando Deus está na direção da nossa vida	-
12	19/jul	Quando Deus está na direção da nossa vida – 2ª parte	7'27''
13	26/jul	A ação de Deus na trajetória da nossa	13'05''
Agosto			
14	02/ago	A ação de Deus na trajetória da nossa vida - 2ª parte	-
15	09/ago	Sete elementos indispensáveis para uma vida vitoriosa	-
16	16/ago	Sete elementos indispensáveis para uma vida vitoriosa – 2ª parte	5'
17	23/ago	Felicidade ou sofrimento. Qual a sua escolha?	-
18	30/ago	Felicidade ou sofrimento. Qual a sua escolha? - 2ª parte	3'
Setembro			
19	06/set	4 características de Jesus que chamam a minha atenção	4'16''
20	13/set	4 características de Jesus que chamam a minha atenção – 2ª parte	13'21''
21	20/set	Até chegar ao lugar da vitória	3'28''
22	27/set	Até chegar ao lugar da vitória – 2ª parte	18'15''
Outubro			
23	04/out	Até chegar ao lugar da vitória – 3ª parte	-
24	11/out	O que fazer quando não existem mais saídas – 1ª parte	8'17''
25	18/out	O que fazer quando não existem mais saídas – 2ª parte	-
26	25/out	Autoridade espiritual	4'46''

Fonte: Elaborado pela autora.

Constatamos que o apresentador não oferece orientações políticas em todos os episódios do Vitória em Cristo, conforme é possível verificar no quadro acima. No entanto, decidimos manter os 26 episódios em nosso *corpus* de pesquisa, pois consideramos que foram importantes para que pudéssemos observar como a estrutura e os elementos do programa se apresentam nos demais episódios.

Corpus de análise

Para constituirmos nosso *corpus* de análise:

- Seleção dos 12 programas Vitória em Cristo
- Transcrição dos excertos
- Codificação dos dados
- Categorização dos dados
- Análise e interpretação dos excertos

Métodos e procedimentos

Em nossa pesquisa optamos pelo uso da abordagem metodológica da *Grounded Theory* (GT), conhecida no Brasil como Teoria Fundamentada ou Teoria Fundamentada em Dados. A GT foi concebida pelos sociólogos norte-americanos Barney Glaser e Anselm Strauss que desenvolveram esse processo metodológico durante uma pesquisa sobre mortes em ambientes hospitalares conduzida em 1965.

O objetivo principal da aplicação da GT é fazer emergir uma teoria fundada na análise do *corpus*. A ideia embutida na GT é que o pesquisador “ouça” os dados. A GT busca evitar que os conceitos a respeito do fenômeno estudado sejam elaborados de antemão na tentativa de prevenir que o pesquisador force os dados a adequarem-se à teoria. Portanto, a pergunta de pesquisa deve surgir durante o processo e não como hipótese a ser testada.

Uma vez definido o propósito inicial de nossa pesquisa, que consiste em investigar o modo como é feita a mistura entre o proselitismo religioso e o proselitismo político no entremeio dos programas de televisão do gênero religioso, seguimos os passos metodológicos de aplicação da GT sugeridos pela pesquisadora Maíra Bitterncourt (2015, p. 8) para a fase de coleta e análise do *corpus*. Ressaltamos que em nossa pesquisa, a GT foi utilizada apenas como suporte para a organização e o tratamento dos dados empíricos.

a) Coleta de dados e métodos complementares. Os dados analisados nesta pesquisa foram extraídos do programa Vitória em Cristo veiculados durante o período da campanha

eleitoral de 2014. Coletamos 26 programas exibidos entre de 3 de maio a 25 de outubro de 2014 para compor o nosso *corpus* de pesquisa. Os programas foram captados da internet por meio de download através do canal *prmalafaia* disponibilizado pela plataforma YouTube.com. Os 26 vídeos foram organizados em pastas de acordo com o mês de exibição e armazenados no computador da pesquisadora e em um HD externo. Os dados em formato digital facilitaram nossa consulta ao material, pois com o auxílio de um software de exibição de vídeo comum instalado em nosso computador, conseguimos assistir aos vídeos e selecioná-los de modo a serem usados nas análises do capítulo.

O Vitória em Cristo foi escolhido de acordo com os seguintes critérios: por estar há 33 anos ininterruptos no ar; por ser um programa evangélico de linha tradicional; por se tratar de um programa da denominação que mais elege deputados no âmbito federal e pelo fato de seu apresentador emitir opiniões políticas.

Após a captura e organização desse material, passamos à fase de seleção dos programas que continham as orientações políticas. Detectamos a presença de orientações políticas em 12 dos 26 programas conforme apresentado no Quadro 1.

Consideramos orientações políticas todas as vezes em que:

- O apresentador chamou a atenção dos telespectadores através do uso do termo “cidadania”.
- O apresentador mencionou o nome dos cargos políticos, deputado estadual, deputado federal, governador, senador e presidente da República.
- O apresentador debateu valores de conduta política e associou a programas de governo e agenda política dos candidatos.
- O apresentador mencionou temas culturais e religiosos associados a valores religiosos como: aborto, família, união homoafetiva, drogas e prostituição).
- O apresentador mencionou a importância do voto.
- O apresentador ressaltou as características positivas e negativas de candidatos ou partidos que devem ou não governar os cidadãos.

Depois de identificados os episódios e momentos em que Malafaia ofereceu as orientações políticas aos telespectadores passamos à fase de a transcrição. As falas dos 12 episódios em que o apresentador abordou a temática do processo político-eleitoral foram transcritas em documento Word e armazenadas no computador da pesquisadora. As falas foram transcritas da maneira como aparecem nos programas de modo a sermos fiéis à

linguagem do apresentador. Uma vez delimitado nosso *corpus* de análise passamos para a etapa de codificação.

b) Codificação aberta. Essa etapa contempla a identificação, descrição e categorização do fenômeno, isto é, segundo Bittencourt (2015, p. 9) “esse é o momento de começar a criar categorias e etiquetas para os dados. As etiquetas são nomes ou termos chaves dados pelo pesquisador aos fenômenos que vão surgindo na análise.” Nessa etapa optamos pelo processo de codificação linha por linha, a qual significa extrair algumas palavras mais importantes e com maior carga de significado. Para tanto, analisamos as transcrições dos 12 programas linha a linha e começamos a etiquetar as categorias. Nessa primeira codificação identificamos 160 categorias.

c) Codificação focalizada. Esse é o processo em que os dados passam por um afinamento com vistas a produzir categorias maiores que possam abrigar outras categorias debaixo de um mesmo conceito. Nessa etapa, procuramos identificar macrocategorias e conectar as categorias existentes através da comparação de códigos e conceitos. Por meio desse processo obtivemos as categorias que são analisadas nesta pesquisa. Elas são detalhadas nos capítulos: o profeta na instância da imagem ao vivo e o reino de Deus no teleespaço público.

d) Codificação teórica. Na codificação teórica surge o que a autora chama de *core category*, a categoria que está no topo da pirâmide. A nova teoria criada a partir da GT é originária dessa categoria principal. Essa fase da pesquisa não é contemplada neste trabalho uma vez que nosso objetivo é apenas descrever e analisar as categorias. Para nos auxiliar na interpretação dos dados utilizamos como nossos principais aportes teóricos os pressupostos da instância da imagem ao vivo e do teleespaço público com base em Bucci (2002), expostos detalhadamente no primeiro capítulo; os conceitos de proselitismo trabalhados no capítulo dois; os conceitos de profeta com base em Weber (1993) e também em Heschel (2001) apresentados no capítulo quatro, a reflexão de Chauí (2004) sobre o retorno do teológico político e de Arendt (2002) sobre o retorno da religião à esfera pública detalhados no capítulo cinco.

e) Relatório. A última etapa de nossa pesquisa foi a produção do relatório final de nossas análises dos dados que foi redigido no formato da presente dissertação.

Esta é uma pesquisa de natureza básica, que procura através de levantamento documental contribuir para o avanço das Ciências da Comunicação.

A presente pesquisa, intitulada “As telereleliões no telespaço público: o programa Vitória em Cristo e a estratégia de mesclar evangelização e pregação política”, é qualitativa do tipo descritiva, bibliográfica-documental, de método empírico-indutivo.

1 A CARTOGRAFIA DO TELESPAÇO PÚBLICO

Neste capítulo apresentamos o telespaço público como a forma contemporânea do espaço público que se desenha nos limites impostos pela televisão. Para tanto, recapitulamos o conceito de espaço público, exploramos o tema da visibilidade na esfera pública e observamos o telespaço público também como um território em que as concessões de radiodifusão podem operar como moeda de troca política que propicia a prática do coronelismo eletrônico.

1.1 O telespaço público como atualização do espaço público

A noção de espaço público está intimamente ligada à comunicação desde sua origem. Em nossos dias, há uma tendência de se pensar o espaço público como um espaço para as mediações, para interações, lugar de participação, de integração, de exposição de opinião. O sociólogo alemão Jürgen Habermas (1984) pensa-o a partir de uma relação com os meios de comunicação. Estudiosos e teóricos contemporâneos como o sociólogo John B. Thompson (2002, p. 114), o filósofo Wilson Gomes (2014, p. 202) e o teórico da comunicação Eugênio Bucci (2002, p. 121) concordam com Habermas num aspecto pelo menos: é impossível pensar o espaço público, hoje, dissociado dos meios de comunicação, pois estes fornecem o suporte e, mais ainda, são constitutivos do espaço público.

Para nós, a partir dos autores citados, é possível entender o espaço público na atualidade em duas dimensões: uma política e outra social. O espaço público político é “a reunião de cidadãos em público com fins de debater os temas que julguem de interesse público”. (BUCCI, 2014, p. 164). O autor justifica, no entanto, que o espaço público, quer seja político ou social, só existe como relação comunicativa. Logo, ou o espaço público é uma relação comunicativa, ou não é espaço público. Assumimos em nossa pesquisa a perspectiva de espaço público conforme Bucci (2014) por entendermos que esse conceito contempla o engendramento político que ocorre a partir dos programas de televisão. Portanto esse conceito nos fornece o suporte para observarmos o imbricamento entre o proselitismo religioso e a pregação política no fenômeno analisado neste trabalho.

Dentre as possibilidades de definir o que é espaço público, o teórico de mídia francês Bernard Miège (2014, p. 22) elenca quatro tradições filosóficas segundo as quais o conceito é elaborado.

- A primeira apresenta o espaço público como lugar da vida pública e remonta à filosofia grega e à ideia da *koiné*, quando os cidadãos livres se reúnem na ágora, a praça pública da Grécia Clássica, para discutir e decidir a ação relativas à *polis*.
- A segunda é atribuída a Kant, quando, a partir do texto “O que é iluminação” de 1784, o filósofo assenta as bases para o uso público da razão.
- A terceira é a filiação liberal do pensamento de Stuart Mill e Alexis de Tocqueville, para os quais a esfera pública seria um instrumento de emancipação.
- A quarta está associada ao sociólogo alemão Oscar Negt, que pensa o espaço público como um lugar de resistência.

O pensamento da filósofa alemã Hannah Arendt (2007), filiada à primeira tradição, pode nos ajudar também a compreender esse quadro. A autora explica que, na Grécia Antiga, o ingresso no espaço público estava condicionado ao domínio sobre a casa, o *oikos*, ou a esfera privada, que libertava o homem das preocupações com a sobrevivência e o elevava a uma condição de discutir questões de outra ordem. Poucas pessoas, porém, dispunham dos recursos necessários para desvincular-se das atividades do trabalho. Poucos recebiam a chancela que os autorizava a decidir na ágora, a assembleia de homens iguais, os rumos da *polis*. Arendt (2007, p. 46) esclarece que, segundo o pensamento filosófico grego, “nenhuma atividade que servisse à mera finalidade de garantir o sustento do indivíduo, de somente alimentar o processo vital, era digna de adentrar a esfera política”.

A preocupação em transcender a realidade da vida presente punha em marcha o empreendimento humano que objetivava a conquista da imortalidade. O espaço público grego, referido pela autora, nasceu impregnado desse esforço de imortalidade, pois “só aqueles que preferem a fama imortal às coisas mortais são realmente humanos; os outros satisfeitos com os prazeres que a natureza lhes oferece, vivem e morrem como animais”. (ARENDR, 2007, p. 28). Na verdade, a fama imortal era conseguida apenas através da participação na esfera pública, ou seja, a visibilidade conferida pelo espaço público garantia aos homens livres da *polis* não apenas notoriedade, mas a elevação ao *status* de humano.

Contudo, ao reconhecer o espaço público como local de manifestações políticas, Arendt (2007) salienta que somente a ação (*praxis*) e o discurso (*lexis*) eram consideradas atividades políticas. Ambas estavam em patamar de igualdade, pois todas as ações políticas se

realizavam por meio de palavras, mas o ato de encontrar as palavras certas, na ocasião certa, consistia numa ação. Com o tempo, *praxis* e *lexis* foram se distanciando e a ênfase passou da ação para o discurso. Para Arendt (2007, p. 35),

o ser político, o viver numa *polis*, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através de força ou violência. Para os gregos, forçar alguém mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da *polis*, característicos da vida em família, na qual o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despótico, ou da vida nos impérios bárbaros da Ásia, cujo despotismo era frequentemente comparado à organização doméstica.

A passagem enfatiza o modo utilizado pelos cidadãos da *polis* na articulação de ideias e na resolução de conflitos entre seus pares. Daí apreende-se que o espaço público foi tecido com as fibras da argumentação, da razão, da eloquência, da oratória. A palavra falada ou escrita foi o artefato usado para convencer, foi emissária da persuasão e depositária do poder de mudar o pensamento dos homens e os destinos dos povos.

Abastecido pelos ideais humanistas e iluministas, o espaço público moderno se constituiu como um espaço para a exposição do pensamento elaborado, lugar para a manifestação pública da razão, para o desenvolvimento da crítica. Mas, em contraste com o espaço público do mundo antigo, o espaço público moderno surgiu como um modo de a sociedade civil fazer frente ao poder público, como meio de reivindicar a participação nas decisões do Estado.

Hoje, podemos dizer que o espaço público é um teleespaço público. E o que vem a ser esse teleespaço público? Por que fazer parte dele? Por que reluzir dentro dele se tornou uma obsessão para as agremiações pentecostais e neopentecostais? Por que motivo o novo espaço público passou a ser visto como um território a ser explorado, conquistado e colonizado?

Para que possamos enfrentar essas perguntas preliminares, façamos uma recapitulação do conceito de teleespaço público. Antes, faz-se necessário apresentarmos a reflexão do filósofo e teórico francês Paul Virilio (1995, p. 131):

O paradoxo lógico está no fato de essa imagem em tempo real dominar a coisa representada, nesse tempo que torna-se mais importante hoje do que o espaço real. Essa virtualidade que domina a atualidade, perturbando a própria noção de “realidade”. Daí essa crise das representações públicas tradicionais (gráficas, fotográfica, cinematográficas...) em benefício de uma apresentação, de uma presença paradoxal, telepresença à distância do objeto ou do ser que suplanta sua própria existência, aqui e agora. No fundo é isto a alta definição, a alta resolução: não tanto imagem (fotográfica ou televisual)

mas a própria realidade. Com a lógica paradoxal é a realidade da presença em tempo real do objeto que se encontra definitivamente resolvida, enquanto que na era precedente da lógica dialética da imagem era unicamente a presença em tempo diferido, a presença do passado que impressionava de forma duradoura as placas, as películas ou os filmes; a imagem paradoxal adquire assim um estatuto comparável ao do acidente, ou mais precisamente, do “acidente de transferência”.

O termo *telepresença*, cunhado pelo autor, coloca em cena outra dimensão de espaço público. Bucci (2002) pensa o espaço público a partir das telepresenças. Para o autor, o espaço público contemporâneo é inaugurado com a instauração de uma nova instância de mediação cognitiva e comunicativa – a instância da imagem ao vivo. Essa nova configuração do espaço público é denominada pelo autor como *telespaço público*, o espaço em que a telepresença tem lugar. Para o autor, o telespaço público é o espaço público inaugurado pela imagem ao vivo. A respeito da instância da imagem ao vivo, Bucci (2009, p. 4) diz:

A instância da imagem ao vivo abraça a totalidade do “agora” por sobre a totalidade do espaço. Ela não se apaga, não se desliga, não pisca. É uma instância que, para além de evento determinado, determina a totalidade dos eventos. O que está no ar, ao vivo, não são os acontecimentos, mas a instância na qual eles têm lugar. A televisão assim existe como o palco do mundo – e não é o mundo, mas o palco do mundo, quem existe ao vivo.

Segundo o autor, tudo parece convergir para esse lugar desprovido de materialidade, para essa simulação de presente eterno, para essa instância magnetizante que suga para si aquilo que tem a mínima aspiração de existir – política, cultura, ciência, religião. A partir disso é possível entender que a instância da imagem ao vivo é o assoalho do espaço público, o qual não se trama mais com a palavra, mas com a imagem; não apenas com a imagem, mas com a imagem técnica, porém não com a imagem técnica sozinha, isolada, estática, mas com a imagem em movimento, nascida da urgência do ao vivo. O telespaço público se caracteriza por ser delineado nos limites impostos pela televisão e pela era de prevalência da imagem eletrônica inaugurada pela televisão e bastante presente na internet. Eis a nova arena de articulação onde se engendra o social, o lugar onde ocorrem as mediações culturais, políticas, comunicacionais, o epicentro da interação mediada.

Ao elaborar seu pensamento sobre a relação entre a televisão e o espaço público, Bucci (2005, p. 11) propõe:

O espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão. Ele se estende de trás e para diante: começa lá onde chegam a luz

dos holofotes e as objetivas das câmeras; depois prossegue, assim, de marcha ré, passa por nós e nos ultrapassa, terminando às nossas costas, onde se desmancha a luminescência que sai dos televisores. O resto é escuridão. O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro. O que não é iluminado pelo jorro multicolorido dos monitores ainda não foi integrado a ele.

A ideia expressa pelo autor apresenta uma nova compreensão sobre a televisão. Sob essa ótica, esta já não é apenas um veículo, nem um instrumento técnico que cumpre uma função integradora no projeto do progresso. Pensar a televisão sob esse prisma é pensá-la como berço de um novo espaço público.

Bucci (2002, p. 31) ainda comenta que “sem a televisão e sem seu procedimento próprio de traduzir e fabricar o que quer que se entenda por realidade(s), não há mais como pensar o espaço público”. Assim, o autor nos conduz à nova dimensão de público em seu mais amplo sentido.

No nosso tempo, a verdade é que a verdade já não está nos autos. Qualquer um é capaz de sentir, de perceber e de intuir que a realidade só é realidade de verdade quando aparece na televisão. De outro lado, aquilo que é elevado à condição de imagem eletrônica na visualidade televisiva adquire instantaneamente a chamada relevância pública. Nem o Estado, nem o Direito. Nem as forças armadas, nem a moeda. A instância sem a qual não haveria o espaço público no mundo contemporâneo não emerge da esfera estatal, não se estabelece segundo limites jurisdicionais, não se impõe pelas armas, nem representa diretamente o domínio de uma moeda sobre um território. A instância sem a qual não há espaço público resulta da atuação combinada dos meios de comunicação. E, no espaço público assim posto, o telespaço público, o Estado e seus muitos tentáculos, armados ou togados, já não fornecem o paradigma final, mas apenas constituem agentes em disputa, ao lado de outros. O plano em que eles atuam é dado pelos meios de comunicação, sob a hegemonia da instância da imagem ao vivo. (BUCCI, 2002, p. 123).

A partir da instauração da instância da imagem ao vivo tornou-se imperativo que a ação dos atores políticos aconteça diante da tela da televisão ou simplesmente não existirá, será desconhecida e, portanto, irrelevante para a opinião pública. Assim, entendemos que o potencial político dos indivíduos e instituições inseridos na televisão, como é o caso do apresentador do programa *Vitória em Cristo*, ganha força na instância da imagem ao vivo.

Outra característica que distingue o telespaço público é sua capacidade de atualizar a própria dicotomia entre as esferas pública e privada. A linha demarcatória que as separa fica nublada, ou seja, vaporiza-se, frente a uma fusão de elementos que vão de uma a outra em frações de segundo. Que a religião aflore aí, com tanta visibilidade e tanto poder de atração,

pois, não há de ser surpreendente. Agora, no teleespaço público, o caráter de foro íntimo, pessoal, que tinha sido atribuído à religião pela modernidade, dissolve-se em favor de celebrações que ritualizam a espiritualidade e que se afirmam como espetáculos midiáticos, como potente força agregadora de indivíduos na esfera pública. A transcendência perde a timidez.

Nesse contexto inicial, somos então levados a supor que o retorno da religião à esfera pública ocorre também em função da natureza do teleespaço público, que promove transfusões de sentidos, de formas e de conteúdos, tanto de esferas como de interesses públicos e privados. A partir destes desdobramentos e mutações do eixo público-privado, podemos ampliar a perspectiva de análise e contemplar o teleespaço público também como um território.

Nesta pesquisa é importante entender que a conquista de espaço televisivo pode ser considerada uma conquista política. Permanecer neste espaço torna-se imperativo para se fazer presente numa sociedade que, cada vez mais, fundamenta suas decisões pelo que vê. Portanto, no nosso entendimento, a articulação das igrejas no teleespaço público objetiva a conquista do espaço televisivo sendo esta uma das razões que têm levado certos programas televisivos de cunho religioso a tematizar a política.

O conceito de teleespaço público, segundo Bucci (2002), convida-nos a divisar o horizonte das novas conquistas, um espaço constituído no olhar e feito para os olhos. Sob essa perspectiva, a televisão não é apenas um meio ou um veículo de comunicação, mas parte integrante da constituição de vínculos comunicativos e sociais. A TV se torna parte integrante do modo como as pessoas se conectam com o mundo, com os outros e consigo mesmas. Isso inclui a maneira como os pastores, padres, bispos, missionários apóstolos e afins se relacionam com suas comunidades de fé e também a maneira como os fiéis percebem seus líderes telerrelianos. A inserção do conteúdo religioso na televisão forneceu um novo meio para a prática do proselitismo bem como uma plataforma para um tipo de pregação política que se mescla à evangelização como forma de ocupação do teleespaço público.

Um outro posicionamento a respeito do vínculo que se estabelece a partir do estar “ao vivo” na televisão é o da filósofa Márcia Tiburi (2011). Para ela, a impressão gerada no telespectador pelo efeito do “ao vivo” é capaz de simular a presença do outro, a sensação de estar acompanhado de outras pessoas, que espalhadas por diversos lugares, compartilham aquele exato momento. É justamente aí que a ilusão tanto do real como de comunidade é criada.

A impressão impagável de que o que se vê é real justamente por ser visto por todos é o que constitui o valor de comunidade a que chamamos de audiência. E, se todos veem, a garantia existencial de que não estamos sós vale mais ainda. Assim, o desejo de comunidade televisiva pode ser traduzido como um desejo de audiência. Não apenas o desejo de ter audiência, de ser visto, mas de ser audiência, de constituir a comunidade *voyeuse*, a comunidade ligada pelo olho ideal, o olho de vidro. (TIBURI, 2011, p. 32-33).

Segundo a autora, a sensação de haver presenciado um momento “ao vivo”, o desenrolar de fatos diante da tevê, é o elo da experiência coletiva do assistir, ainda que a distância e não em conjunto. Essa comunidade, ligada pelo olhar a que se refere a autora, é o que entendemos como o foro do teleespaço público. Assim compreendemos que seu terreno é o imaterial, o intangível; o teleespaço público é lugar feito de olhar e nele se realiza. Seu derradeiro fim é o olhar, mas antes de ali se instalar, o teleespaço público ocupa o espaço para onde se dirige este olhar, isto é a instância da imagem ao vivo. Por isso, o esforço de capturar a atenção da audiência traduz-se em uma conquista de território: primeiro dos canais, depois da audiência, do olhar do público.

A esse respeito, Gomes (2014) ressalta que um conteúdo só subsiste na esfera pública quando vence a competição por atenção e visibilidade pública. Por se tratar de recursos limitados, estes elementos tornaram-se bens precisos e sua conquista o alvo de uma acirrada competição.

O capital a ser rapidamente e intensamente acumulado pelos postulantes a conteúdo da esfera pública é a atenção coletiva, o que lhe confere visibilidade pública. Visibilidade é uma *commodity* preciosa, não abundante e dispendiosa em qualquer sociedade, ainda mais em alta intensidade e com grande duração. (GOMES, 2014, p. 192-193).

A perspectiva do autor corrobora nosso pensamento de que a inserção de qualquer conteúdo no teleespaço público, e, mais precisamente, a sua permanência neste espaço, implica uma apropriação de território. Gomes (2014, p. 193) assevera que a conquista de visibilidade influi diretamente nas “chances de prosperar, uma vez que este é o principal caminho para influenciar a decisão política e para a captura de apoio social”. Por isso, o rompimento com o anonimato televisual torna-se indispensável para a o sucesso no espaço público contemporâneo.

No entanto, Bucci (2005, p. 95) indica uma hegemonia e supremacia da televisão sobre os demais meios de comunicação por esta ser o principal nicho irradiante da instância da imagem ao vivo. Como uma grande vitrine, que oferta toda a sorte de bens simbólicos a

televisão, expõe as mercadorias passíveis de serem adquiridas pela moeda da contemplação, sejam elas oriundas do campo da política, da ciência ou da religião. Mas, antes de avançar contra a retina, é preciso que o conteúdo seja transformado em imagem televisiva, fabricado e empacotado pela tecnologia, transportado e transmitido através do espectro eletromagnético. Portanto, a conquista do telespaço público também sugere a ocupação do espaço televisivo, pois, embora o espaço público não seja o meio de comunicação propriamente dito, ele se constituiu nele.

O espaço por onde trafegam as ondas de radiofrequência que possibilitam a difusão de sons e imagens é o espectro eletromagnético. Tudo o que chega ao espectador através do rádio ou da televisão passa necessariamente por este espectro. O espectro eletromagnético é um bem público, limitado, que diz respeito à segurança nacional, sendo, portanto, gerido pelo governo federal. Para poder utilizá-lo é necessário obter uma concessão do Estado. Os indivíduos ou instituições que recebem permissão para explorá-lo podem fazê-lo com ou sem fins comerciais dependendo do tipo de concessão.

Estrutura e política no telespaço público

As leis que regulamentam as atividades relativas à comunicação social no Brasil estão descritas no capítulo V da Constituição Federal de 1988. O artigo 221 prevê que a produção e a programação de emissoras de rádio e televisão devem atender aos seguintes princípios:

- I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;
- III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família. (BRASIL, 1988).

Por essa definição é possível entender que a exploração deste bem público deve necessariamente ser voltada para promoção do desenvolvimento educativo e cultural dos cidadãos. Portanto, aqueles que se interessam por utilizar este espaço devem obrigatoriamente prestar serviços à população independente se seu fim é comercial ou educativo e cultural. No programa Vitória em Cristo, o apresentador alerta e instrui os fiéis sobre seus direitos e responsabilidades no tocante ao processo político-eleitoral e oferece orientações quanto ao

momento da votação e a escolha dos candidatos sob o pretexto de estar prestando um serviço aos cidadãos.

A ANCINE (2011, p. 4), autarquia vinculada ao Ministério das Comunicações (MiniCom), cujas principais atribuições envolvem o fomento, a regulação e a fiscalização do mercado de cinema e audiovisual no país, define TV aberta como o

conjunto de atividades encadeadas, realizadas por diversos, um ou vários agentes econômicos necessárias à prestação do serviço de radiodifusão de sons e imagens, que consiste na oferta de conteúdos e obras audiovisuais em grades horárias específicas, por difusão linear, segundo linha editorial própria, ofertados ao consumidor final de forma gratuita.

A definição indica que a TV aberta compreende os serviços de radiodifusão que estão disponíveis livre e gratuitamente a qualquer pessoa que possua um aparelho próprio para receber o sinal em sua residência, carro ou dispositivo móvel, sem que tenha que pagar pelo acesso à programação.

Conforme explicitado no capítulo V, artigo 223, parágrafo 5 da Constituição Federal, as concessões de radiodifusão são outorgadas por meio de processo licitatório, estando dispensadas as televisões e rádios que se interessam em executar o serviço com fins exclusivamente educativos. A concessão de televisão tem prazo de 15 anos, podendo ser renovada. No entanto, no capítulo V, artigo 223, parágrafo 2, a Constituição prevê que a aprovação, a renovação e a não renovação de uma outorga de radiodifusão passe pela apreciação do Congresso Nacional. A não renovação de uma outorga depende de 2/5 do Congresso Nacional em votação nominal. As concessões e outorgas de TV aberta são reguladas, administradas e fiscalizadas pelos seguintes órgãos, conforme as competências técnicas descritas no quadro abaixo:

Quadro 2 – Concessões e outorgas de TV Aberta

Órgão	Atribuição
Ministério das Comunicações	Administra as concessões de TV aberta.
	Fiscaliza os aspectos referentes ao conteúdo de programação das emissoras, bem como a composição societária e administrativa.
	Apura infrações e aplica sanções aos serviços quando detectada alguma irregularidade quanto ao serviço de radiodifusão.
ANATEL	Administra o espectro e as concessões de radiofrequência.
	Realiza a certificação dos aparelhos destinados à exploração de serviço de radiodifusão.
	Emite licenças de instalação e funcionamento das estações transmissoras de radiodifusão de sons e imagens.
	Fiscaliza as estações podendo notificar, lacrar e apreender equipamentos irregulares.
Congresso Nacional	Vota a aprovação, renovação e revogação de outorgas de radiodifusão.
Presidência da República	Avalia o parecer do Ministério das Comunicações relativo as concessões de radiodifusão e assina as outorgas.

Fonte: Ancine, 2011.

Conforme é possível observar no quadro acima, o Congresso Nacional desempenha um papel fundamental na questão das concessões de radiodifusão. Em suas orientações políticas aos fiéis, o apresentador do programa Vitória em Cristo enfatiza a importância da escolha de parlamentares que representem os interesses dos evangélicos. A participação dos deputados federais no processo de outorgas de radiodifusão corrobora nossa perspectiva de pesquisa de que a tematização do processo eleitoral em programas televisivos de cunho religioso se dê em virtude de uma estratégia das igrejas de permanecerem no espaço público. Ao orientarem os fiéis a votar, os telepastores objetivam a eleição de parlamentares evangélicos que, por sua vez, poderão se posicionar favoráveis à aprovação de outorgas que beneficiem determinadas denominações religiosas, engendrando um mecanismo de retroalimentação a partir da instância da imagem ao vivo.

1.2 O coronelismo eletrônico

A televisão brasileira, como assinala o sociólogo e jornalista Laurindo Lalo Leal Filho (2000, p. 153), “é herdeira em todos os sentidos do rádio”. Este foi o celeiro que lhe forneceu os artistas, as fórmulas dos programas e o modelo institucional. O rádio brasileiro, ao contrário da televisão, não nasceu com fins comerciais. Roquette Pinto, pioneiro do rádio no Brasil, idealizava um modelo de radiodifusão livre de propaganda. O ouvinte financiava a iniciativa para que as emissões servissem ao público, não ao dono do comercial. “Daí o nome ‘sociedade’ ou ‘clube’ presente em grande número das emissoras brasileiras. Eram sociedades ou clubes de ouvintes, característica fundamental do modelo público”. (LEAL FILHO, 2000, p. 155).

Mas esta mentalidade de um serviço público, mantido pelo público, não durou muito e sucumbiu ao padrão comercial adotado pelos norte-americanos, que entendiam o rádio como um empreendimento comercial como qualquer outro.

A televisão brasileira foi cultivada no dinheiro, curtida na verba do comercial. A publicidade patrocinou seu crescimento e desenvolvimento. E, enquanto espaço público, a televisão imiscui-se aos interesses privados – e vice-versa. A relação entre público e privado, evidentemente, tornou-se no mínimo confusa. Talvez promíscua. Os interesses ficaram comprometidos, a televisão passou a dever favores ao mercado.

O cientista da religião Leonildo Silveira Campos (2008) afirma que quem entra na televisão entra para vender, quer sejam bens materiais, quer sejam bens simbólicos. Assim, entendemos que o ingresso no telespaço público tem preço: ora político, ora financeiro, ora político e financeiro. Os dividendos aparecem na mesma moeda, porém em versão depurada. A ocupação de um pedaço de chão no telespaço público rende dinheiro, poder e influência.

Com o fim da ditadura no Brasil, prefigurou-se no horizonte das telecomunicações o semblante de um velho conhecido do fazer político nacional: o coronel. Mas, como explicam os autores Suzy dos Santos e Sérgio Capparelli (2005, p. 79), desta vez o território era outro: “em lugar da propriedade rural, usam agora a propriedade de estações geradoras e retransmissoras como forma de extensão de seus poderes”.

Santos (2006, p. 3) descreve a prática na qual deputados e senadores se tornaram proprietários de empresas concessionárias de rádio e televisão e, simultaneamente, participam

das comissões legislativas que outorgam os serviços e regulam os meios de comunicação no país, como coronelismo eletrônico.

A expressão coronelismo eletrônico inclui a relação de clientelismo político entre os detentores do Poder Público e os proprietários dos canais de televisão, o que configura uma barreira à diversidade representativa que caracteriza uma televisão na qual o interesse público deveria ser priorizado em relação aos interesses particulares. (SANTOS; CAPPARELLI, 2005, p. 79).

O coronelismo eletrônico, além de estabelecer uma relação de dependência do cliente para com o patrão, gera uma espécie de apadrinhamento que acrescenta uma dimensão moral à relação: quem recebe o favor fica obrigado a retribuir.

No final da década de 1980, o então presidente José Sarney utilizou-se de seu poder para outorgar as concessões de radiodifusão e distribuiu emissoras para aqueles que votassem a favor da extensão de seu mandato, como explica o sociólogo Alexandre Brasil Fonseca (2003).

Nos últimos anos do regime militar, os religiosos também se beneficiaram das benesses de um governo que buscava aliados ideológicos. Católicos e protestantes ganharam espaço na recém-formada rede de TV Educativa. Em 1983, segundo Campos (2004), o pastor batista Nilson do Amaral Fanini recebeu uma concessão de televisão por ter pedido votos ao partido da ditadura.

Ainda segundo Fonseca (2003), alguns deputados evangélicos chegaram a propor projetos de lei que alteravam o tempo de mandato em troca de veículos de radiodifusão. O deputado Salatiel Carvalho, fiel da igreja Assembleia de Deus, cunhou a célebre frase que entrou para a história como emblema da postura assumida por certos parlamentares evangélicos em relação aos meios de comunicação: “Se o presidente quisesse cem anos para trocar cem rádios, se é para divulgar o Evangelho, eu trocava”. (FREESTON, 1993, p. 136). Fundamentada sob a égide da proclamação do Evangelho, os parlamentares religiosos se inseriam no clientelismo.

1.3 O espaço público: da ágora à televisão ao vivo

Retomando a ideia do espaço público como um espaço de mediações políticas e comunicativas, observamos através dos escritos de Arendt (2007) que o espaço público se fundamenta na dicotomia entre a esfera pública e a esfera privada. No mundo antigo, a esfera privada era a esfera da casa (*oikia*). Todos os assuntos ligados à sobrevivência e manutenção da vida bem como a governança da família eram próprios da esfera privada. A esfera da *polis*, a esfera pública, era a esfera do comum (*koinon*), dos iguais, dos cidadãos que compartilhavam da liberdade adquirida através da emancipação das tarefas e temores da vida privada. Tal liberdade lhes assegurava a possibilidade de deliberarem sobre o bem-estar da comunidade.

O surgimento da cidade-Estado possibilitara ao cidadão pertencer a duas ordens de existência concomitantemente. Como ressalta Arendt (2007), além de sua vida privada, este passou a receber uma espécie de segunda vida, *o bios politikos*, a vida política. Já para o autor Wolfgang Leo Maar (1994), a atividade política tinha a função pedagógica de transformar o homem em cidadão. A atividade política moldava o conceito de cidadania. Era a capacidade de participar nas atividades que decidiam os rumos da cidade que garantia aos homens livres o status de cidadãos.

Havia um elemento inerente à esfera privada que, já na antiguidade, conferia ao indivíduo o sentido de cidadania: a propriedade. O ingresso na esfera pública estava condicionado ao domínio da propriedade, que também envolvia a posse de um terreno, de uma casa e dos demais bens do repertório familiar, como escravos, mulheres e filhos. A propriedade não era apenas as coisas, mas todo esse universo particular que outorgava ao homem o senso de pertencimento.

Arendt (2007, p. 33) ainda acrescenta que “ser político significava atingir a mais alta possibilidade da existência humana; mas não possuir lugar próprio e privado (como no caso do escravo) significava deixar de ser humano”. Esta afirmação indica que mais do que uma qualidade política, mais do que o status de cidadão, a propriedade desde então representava uma equação humana: sou à medida que possuo. A importância política da riqueza privada, que resulta na valorização da acumulação de capital e transforma a esfera privada no mundo dos negócios, é um fenômeno bem mais recente e decorre das revoluções tecnológicas e industriais da era das máquinas e de seus proprietários.

Retomando Maar (1994), que observa o desenvolvimento da esfera privada decorrente do senso político dos romanos que, diferentemente dos gregos, jamais sacrificaram o privado em benefício do público, entendemos que a política romana foi projetada de modo a viabilizar

os interesses das famílias. “Em Roma, a atividade política concentra-se na disputa pelo poder de tutela do Estado, como Instituição a serviço de interesses privados”. (MAAR, 1994, p. 33). No entendimento dos romanos ambas as esferas deveriam coexistir. Segundo o autor, foi neste período que a atividade política institucionalizou-se e cristalizou-se numa esfera autônoma, paralela ao social: o Estado. Porém, a compreensão diferenciada que os romanos tinham da esfera privada e sua conseqüente valorização em nada diminuíram o ideal de vida pública. O romano Cícero acreditava que a vida pública era a melhor forma de vida para o homem. Além de mais proveitosa para os demais, a participação nos negócios da cidade também seria mais gloriosa.

Helton Adverse (2010, p. 37-38) explica a lógica ciceroniana da seguinte forma:

O homem bem-educado tem por obrigação se ocupar dos afazeres de estado, civis ou militares, a não ser, diz Cícero (não sem uma ponta de ironia), que se trate de um “espírito excelente” (*excellentis ingenio*) que se dedica ao aprendizado ou de alguém que seja impedido por sua saúde fraca; estes estarão desculpados por deixar para outros a glória da administração pública.

A noção ciceroniana expressa na citação deixa claro que a noção de cidadania estava diretamente ligada à sua participação na esfera pública. Os romanos, bem como seus precursores gregos, ambicionavam participar nas decisões sobre os cursos da cidade, sobre a paz e a guerra, sobre as leis e julgamentos. O jurista Fábio Konder Comparato (1993, p. 28) diz que tanto o *polites* grego como seu equivalente romano, o *cives*, eram os sócios da *polis* ou *civitas*. O ideal de participar da gestão da coisa pública fez da *vita activa* o modo de vida desejável na antiguidade. Este alvo, traduzido na liberdade de tomar a palavra numa assembleia de iguais, representava não apenas uma categoria política que exprimia o vínculo do homem com sua cidade: a participação na esfera pública realizava, no cidadão, a aspiração de ser de fato humano.

Conforme Arendt (2007), na Idade Média, as estruturas políticas se modificaram e o sistema feudal não permitindo a utilização das categorias: esfera pública e esfera privada. Mas a autora aponta uma instituição que, longe de ser um equivalente à estrutura clássica, surge como replicação do poder político ao conferir ao homem um sentido de pertencimento já não mais local, universal. “Já se disse com certo acerto que, após a queda do Império Romano, foi a Igreja Católica que ofereceu ao homem um substituto para a cidadania antes outorgada exclusivamente pelo governo municipal”. (ARENDR, 2007, p. 43).

Disso depreende-se que a cidadania cristã pressupunha a lealdade a um reino que não é

deste mundo. Seu domínio desconhecia barreiras geográficas e todos eram candidatos naturais ao reino dos céus, sob a condição de que era preciso aceitar a Jesus como Salvador, pela fé.

Os ensinamentos de Jesus de Nazaré e dos apóstolos do cristianismo primitivo subverteram as noções de cidadania, compromisso político, submissão, propriedade e lealdade. Eles ofereciam um outro projeto de vida, instauravam um *bios politikos extramundane*. A transcendência já não poderia ser alcançada através da atividade política, mas na comunhão com o sagrado. A promessa de Cristo de uma vida eterna ia de encontro a palpável efemeridade das coisas e da própria vida. A verdadeira pátria do discípulo era o céu, embora como cidadão do mundo devesse dar a César o que é de César. E se o objetivo era o céu, de nada adiantava juntar tesouros onde há traça e a ferrugem. Uma vez que a propriedade já não servia de tiquete para ingressar no modo de vida ideal, ela deveria ser compartilhada de modo a mitigar a desigualdade e o sofrimento alheios. No cristianismo a propriedade não era uma condição do humano, e a visibilidade tampouco uma necessidade. O que a mão direita fizesse nem a esquerda deveria saber.

Os estados modernos afirmaram-se como gestores da atividade política e o termo “público” passou a designar os assuntos relativos ao Estado. Em contrapartida, o significado de privado foi-se distanciando cada vez mais do sentido de esfera familiar para tornar-se um sinônimo do domínio comercial. Habermas (1984) explica que isto se deve ao fato de a economia moderna não mais se orientar pelo *oikos*, uma vez que o lugar da casa foi ocupado pelo mercado. Recapitulando a trajetória histórica das esferas pública e privada, o autor volta sua atenção para o surgimento de uma esfera burguesa que se origina na Europa nos séculos 17 e 18.

Segundo Miège (2014, p. 23), os escritos do filósofo alemão Immanuel Kant sobre a importância da expressão das ideias como modo de ativar a vida pública seriam as lentes com as quais Habermas teria ajustado o seu modo de ver para conceber sua teoria sobre o espaço público. No texto de 1784, intitulado “O que é iluminação”, o filósofo alemão expôs seu pensamento sobre o uso público da razão como forma de quebrar as amarras que inibiam o pensamento livre. Kant, que pavimentou a estrada para o resgate do projeto iluminista com a ideia do “eu autônomo”, entendia que a dimensão moral da vida humana é tornar-se o mais racional possível. (GRENZ, 2011). Portanto, o condicionamento e o adestramento de mentes realizados por líderes religiosos e políticos não só poderiam como também deveriam ser contestados publicamente por aqueles que exerciam sua capacidade de pensar e se expressar livremente no âmbito privado. À época, a livre circulação das ideias para além das cátedras

universitárias serviria para ajudar a libertar outras pessoas de sua “incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem”, que, segundo Kant (1784, p. 5), constituía uma “menoridade”. Ultrapassar essa menoridade era, para Kant, um dever de todo ser pensante.

A preguiça e a covardia são as causas de os homens em tão grande parte, após a natureza os ter há muito libertado do controle alheio (*naturaliter maiores*), continuarem, todavia, de bom grado menores durante toda a vida; e também de a outros se tornar tão fácil assumir-se como seus tutores. É tão cômodo ser menor. Se eu tiver um livro que tem entendimento por mim, um diretor espiritual que em vez de mim tem consciência moral, um médico que por mim decide da dieta, etc., então não preciso de eu próprio me esforçar. (KANT, 1784, p. 5).

Sob esta perspectiva, não apenas quem orienta, mas também quem confia indiscriminadamente na orientação de outrem encontra-se em uma posição de conforto. Logo, se, por um lado, o poder de conduzir as circunstâncias a seu favor está nas mãos de quem orienta, quem é orientado exime-se da responsabilidade de pensar e decidir por si só.

Kant entendia a tutela religiosa como a mais prejudicial e desonrosa de todas, pois era sob essa égide que os governantes se apoiavam para manobrar o povo em benefício próprio. Por isso o filósofo insistia na palavra de ordem iluminista que dizia: “tem a coragem de te servir do teu próprio entendimento” (KANT, 1784, p. 5). Para o autor, apenas uma sociedade que promovesse a livre circulação das ideias poderia produzir cidadãos realmente livres.

Habermas teria enxergado este ideal kantiano manifestado na emergência da esfera burguesa. O autor elevou os meios de comunicação a uma posição de centralidade no desenvolvimento da sociedade civil. Isso porque a esfera pública, descrita por Habermas, alimentava-se das notícias e opiniões impressas nos jornais para acender os debates em torno das ações do Estado.

O sociólogo, contudo, ressalta a natureza de interesses predominantemente privados por parte dos indivíduos que adentravam as ágoras da modernidade. O público frequentador dos cafés era letrado, proveniente da classe mercante e procurava, acima de tudo, a garantia de seus direitos e negócios particulares. Para o autor, a face da esfera pública moderna foi esculpida pela burguesia.

Bucci (2009) expande o pensamento habermasiano frisando que a origem da esfera pública moderna decorre de um processo histórico análogo ao progresso do capitalismo mercantil. A ascensão dos meios de comunicação a um patamar de destaque no espaço público também resultaria da necessidade da criação de um sistema que favorecesse a troca eficiente de informações e assegurasse o bom andamento dos negócios.

Enquanto, no plano econômico, os sujeitos-capitalistas trocam mercadorias, no plano da esfera pública em formação esses mesmos sujeitos, agora sujeitos-cidadãos – pois titulares de direitos que se realizam não apenas no âmbito privado, mas progressivamente no âmbito público – iniciam as redes comunicativas trocando informações. É a necessidade da troca de informações – uma necessidade estrutural, demandada pelos próprios negócios capitalistas – que precipitará os primeiros ensaios de construção de uma esfera pública. (BUCCI, 2009, p. 73).

O pensamento do autor nos conduz à compreensão de outro aspecto importante sobre a configuração do espaço público moderno, a de que este teria emergido da esfera privada e não em oposição a ela como ocorreu na antiguidade. Esse fato teria legado ao espaço público um caráter privado, estabelecendo a ligação direta entre cidadania e poder de compra. Ou seja, o espaço público passou a ser um lugar mais propício à circulação de bens do que de ideias e o cidadão passou a ser aquele que consome.

Contudo, Bucci (2009) enfatiza o papel dos jornais impressos na constituição dos espaços públicos nacionais durante o século 19 e início do século 20 quando afirma que os diários ditavam o ritmo das relações durante o período de vigência da instância da palavra impressa. O autor compreende a instância como o lugar para onde se dirige o olhar: “uma abstração (o olhar social) que se materializa para dar suporte ao significante”. (BUCCI, 2009, p. 68). Portanto, entendemos a instância como a moldura onde se inscreve a verdade factual de uma determinada época, o lugar para onde as pessoas se voltam em busca de informações e explicações, e de onde obtêm um senso de validação sobre o significado de algo.

Seguindo o raciocínio do autor, percebemos que a instância se materializa em diferentes suportes. Para Bucci (2009), a palavra – e mais precisamente a palavra impressa – serviu de tecido fabril para a estruturação do espaço público no início da era moderna. Porém o surgimento da imagem televisiva em meados do século 20 teria deslocado o suporte da palavra para a imagem ocasionando a substituição da instância da palavra impressa pela instância da imagem ao vivo.

A televisão aparece justamente como uma espécie de nascedouro, de incubadora da nova instância de mediação cognitiva e comunicativa, a instância da imagem ao vivo. Tiburi (2011, p. 67) chega a afirmar que “a televisão é o ponto de torção entre o público e o privado, o aparelho que estabelece a ordem oculta nele mesmo de uma relação entre as esferas por ilusão”. A noção explicitada pela autora valida nosso pensamento de que o ofuscamento, a obliteração, a confusão e a fusão entre o que pertence ao terreno do público e a área exclusiva do âmbito do privado se deve à entronização da imagem como soberana nas mediações

comunicativas.

A televisão, segundo a autora, é o “aparelho formador do olhar. A caixa preta da história social e da contra-história pessoal de cada um” (TIBURI, 2011, p. 323). O conceito dado pela autora interessa-nos nesta pesquisa, pois consideramos que a apropriação do espaço público pelas telereleções passa pelo entendimento de que é a experiência do assistir que molda a visão de uma sociedade que pauta suas decisões pelo olhar.

1.4 A visibilidade na esfera pública

O tema da visibilidade, próprio da natureza do espaço público desde sua constituição, também é reelaborado nos domínios do teleespaço público. Ao escrever sobre a relação entre visibilidade e espetáculo, a jornalista e psicanalista Maria Rita Kehl (2009, p. 148) explica que “o que garante o ser, para um sujeito, é sua visibilidade – para outro sujeito”.

A autora retoma os escritos de Arendt sobre o modo como a visibilidade era obtida na antiguidade e assevera: “Se o espaço público é onde se estabelecem – e onde se desestabilizam – as relações de poder, ele não se constrói com belas imagens, mas com a imagem de *homens em ação*. A visibilidade no espaço público depende da ação”. (KEHL, 2009, p. 150). Segundo Kehl (2009) a visibilidade estava intimamente ligada à conjugação entre discurso e ação. Ou seja, o discurso era a ação que conferia a visibilidade na antiguidade.

Ao comentar sobre a adaptação do conceito aos padrões impostos pelo espetáculo, a autora diz

No caso da sociedade do espetáculo, a visibilidade não se constrói na ação política (como na Antiguidade), nem pela delegação que os sujeitos concedem ao líder ou ídolo que melhor represente o conjunto de seus ideais (como nas sociedades de massa). A visibilidade aqui depende exclusivamente da aparição da imagem corporal no campo do Outro, imaginariamente representada pela televisão. É claro que isso não significa que a televisão possa dar visibilidade a todos os membros da sociedade do espetáculo, e sim que ela represente a *esperança de visibilidade* para onde os sujeitos dirigem, ainda que inconscientemente, suas escolhas de vida. (KEHL, 2009, p. 159).

O pensamento da autora conduz o leitor à ideia de que ao corporificar o invisível, ou o que era visível apenas a um público restrito, a imagem televisiva alterou não apenas a

compreensão sobre o conceito de visibilidade, mas também o procedimento para se obtê-la. A visibilidade, propósito inerente ao ingresso na esfera pública, passou a ser aferida pela inserção dos sujeitos na instância da imagem ao vivo e não mais pelo discurso. Logo, a publicidade de algo – no sentido de trazer algo a público – depende obrigatoriamente da sua capacidade de se tornar visível, televisível. Com base em Kehl também podemos dizer que a televisão materializa a face da esfera pública para onde se dirigem as aspirações e esperanças dos cidadãos.

Thompson (2002), porém, explica que com o passar do tempo houve uma atualização da dicotomia público/privado, no discurso sociopolítico ocidental, potencializada pelo surgimento dos meios de comunicação. Nessa nova configuração, público significa “aberto”, “acessível ao público”, e privado diz respeito ao que é feito em segredo. Nesse sentido, algo se torna público quando é realizado na frente de espectadores, que por sua vez tornam-se testemunhas do que viram, ouviram e presenciaram. Por outro lado, privado é o que se esconde da vista dos outros, o que se faz em segredo ou é apenas testemunhado por um grupo restrito.

O autor elabora a questão da visibilidade no exercício do poder. Thompson (2002) assinala a diferença entre a ágora grega e o sigilo estabelecido na monarquia medieval e no início da Europa moderna. No caso do primeiro, o fazer político envolvia a manifestação pública perante uma assembleia, inclusive no momento do voto. Já o segundo pressupunha que os negócios de estado fossem tratados a portas fechadas.

A visibilidade na Idade Média relacionava-se à publicidade do monarca e não ao exercício do poder conforme ressalta o autor. As aparições públicas de reis, rainhas, príncipes e princesas perante os súditos eram cerimônias cuidadosamente planejadas que visavam reforçar a soberania dos monarcas pela afirmação da aura de majestade.

A contextualização de Thompson (2002) permite supor que a dimensão espetacular da exibição das figuras de poder, característica da Idade Média, encontrou um prolongamento nos domínios estabelecidos pela televisão – o que resulta na compreensão da visibilidade como prerrogativa da afirmação de poder. Essa perspectiva corrobora nosso pensamento de que a visibilidade no espaço público é esvaziada de seu sentido original, assumindo o caráter de aparência, de demonstração de poder.

Com o surgimento da esfera pública burguesa, Arendt (2007) nos apresenta um outro ponto de vista acerca da visibilidade pública: o da mercantilização da admiração pública. Segundo a autora, o prestígio público passou a representar recompensa monetária.

A admiração pública é também algo a ser usado e consumido; e o *status*, como diríamos hoje, satisfaz uma necessidade como o alimento satisfaz outra: a admiração pública é consumida pela vaidade individual da mesma forma como o alimento é consumido pela fome. (ARENDR, 2007, p. 66).

A perspectiva da autora corrobora o paradigma teórico da instância da imagem ao vivo e do teleespaço público ao enfatizar a questão da visibilidade pública como um bem de consumo, uma necessidade forjada na vaidade pessoal que adquire caráter de obrigação.

Percebemos que no teleespaço público as coisas mudam de figura, literalmente. O capital por si só já não pode assegurar um lugar exclusivo no espaço público. Até mesmo ele, o capital, deve ser convertido em imagem, na lógica do que o filósofo francês Guy Debord (2003, p. 25) chamou de Sociedade do Espetáculo: “o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem”. Podemos então dizer que o capital que se torna imagem é tanto político como econômico.

À guisa de conclusão do capítulo, entendemos que a inserção no teleespaço público representa um poder político. Compreendemos que a instância da imagem ao vivo tornou a visibilidade literal imperativa e que, para existir como ator político, é necessário “aparecer” diante das câmeras. No capítulo seguinte abordamos o proselitismo religioso e a inserção dos evangélicos na televisão.

2 A DIVULGAÇÃO DO EVANGELHO

Neste capítulo aprofundamos a análise da participação dos evangélicos na televisão, discorreremos primeiramente sobre o conceito de proselitismo religioso e o conceito de religião. Em seguida apresentamos as definições dos termos “protestantismo” e “evangélico” e uma tipologia do protestantismo com base na origem e forma de implantação das denominações que se fixaram no Brasil. Também abordamos a origem do pentecostalismo e da igreja Assembleia de Deus. Por último, mostramos a trajetória dos evangélicos na televisão.

2.1 O proselitismo religioso

A origem da palavra proselitismo remete ao judaísmo. O termo grego *proselytos*, prosélito, designa o não judeu que passou do paganismo para o judaísmo. (BROWN; COENEN, 2000). Portanto, o significado de proselitismo está indissociavelmente ligado à ideia de conversão, de converter alguém ou de converter-se. Quando a divulgação da crença adquire o caráter de convencimento, ela é entendida como proselitismo. O pesquisador Antônio Baptista Gonçalves (2011, p. 160) compreende o proselitismo como a tentativa de convencer uma pessoa a trocar de religião ou aderir a uma determinada crença. O sociólogo da religião Finke (2010, tradução nossa) enuncia o conceito de proselitismo do seguinte modo:

Proselitismo é o esforço de ganhar a adesão para uma comunidade religiosa através da persuasão. Incluem-se nessa definição métodos de comunicação oral e escrita, bem como outros meios de comunicação que se destinam a persuadir outros. Excluem-se dessa definição quaisquer formas de coerção como a educação em sala de aula, as vendas de showroom ou esta apresentação. Persuasão é a ferramenta escolhida e proselitismo é liberdade de expressão bem como liberdade religiosa. Eu também gostaria de esclarecer que as técnicas de persuasão utilizadas não incluem poderes místicos de lavagem-cerebral³.

³ “Proselytism is the effort of winning adherence for one’s religious community through persuasion. Included in this definition are oral and written communication methods as well as other media that are intended to persuade others. Excluded from this definition are any forms of coercion like

Esta definição do autor permite entender o proselitismo como um direito do fiel de manifestar e professar a sua fé. Assim, entendemos que o ato de compartilhar o que se acredita com outros na tentativa de convencê-los a aceitar a crença faz parte da manifestação da fé do religioso. Porém notamos que há uma ênfase dada ao caráter persuasivo da prática. Isso significa dizer que: 1) a divulgação da mensagem requer o emprego de um artifício político, e 2) que o método de convencimento deve apoiar-se num processo racional e não místico.

A divulgação da crença pode ser considerada parte da prática religiosa. O ato de compartilhar a fé com outras pessoas é percebido mais nitidamente nas religiões denominadas soteriológicas, ou religiões de salvação. Essas prescindem do pensamento de que o salvador é o mediador necessário para a salvação. O sociólogo Max Weber (1993) classifica como soteriológicas as três religiões monoteístas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

O cristianismo fundamenta-se na crença de que Jesus Cristo, que segundo a Bíblia é o filho unigênito de Deus, veio ao mundo morrer de modo a salvar a humanidade de sua condição pecaminosa.

Embora haja um consenso entre os cristãos quanto à figura do Salvador, há uma distinção elementar que divide o cristianismo no que tange à ocupação do papel de mediador no processo da salvação. O catolicismo romano entende que a Igreja é a mediadora na relação entre Deus e o homem. Isso se traduz no axioma cunhado por São Cipriano de Cartago: “Fora da igreja não há salvação”. Já o outro ramo do cristianismo, originado na Reforma Protestante ocorrida na Europa no início do século 16, apregoa que Jesus Cristo é único mediador, não podendo haver outra entidade que se interponha na relação do homem com Deus.

Entendemos que essa diferença de compreensão pode afetar a maneira como a crença é manifestada e comunicada. Sob a prerrogativa de administradora da salvação, a Igreja transmite a ideia de que o fiel deve ir obrigatoriamente até ela e sujeitar-se às suas demandas a fim de ser salvo. Os protestantes, por outro lado, precisavam convencer outros acerca das novas verdades que abraçaram. Isso implicou em deslocamentos, movimentos missionários para encontrar as pessoas onde elas estavam a fim de comunicar a mensagem. Portanto, esse raciocínio pode auxiliar no entendimento a respeito do retardo por parte dos católicos no

classroom education, showroom sales or this presentation. Persuasion is the tool of choice and proselytism is a freedom of speech as well as a freedom of religion. I also want to be clear that persuasion techniques used do not include mystical powers of brainwashing.

engajamento de técnicas que empregassem os meios de comunicação a para divulgação de sua doutrina.

O professor de comunicação Adilson Citelli (1994, p. 7) explica que a persuasão é um recurso forjado na linguagem. A etimologia da palavra transmite a característica peculiar da prática: *per* + *suadere* = aconselhar. Sua tradição remonta aos tempos da Grécia Antiga quando ao expor suas ideias na ágora, diante do tribuno grego, os homens buscavam alterar pontos de vista e pré-conceitos usando técnicas de argumentação. Arendt (2007, p. 35) relembra que “o ser político, o viver numa *polis*, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através de força ou violência”. Ou seja, a persuasão trata-se de uma prática que envolve o uso da razão, e muito embora nela exista o pressuposto embutido de que o interlocutor possui a verdade, quem ouve jamais pode ser forçado a acreditar.

O filósofo e sociólogo Jacques Ellul (1985, p. 38) explica que a linguagem é dotada de racionalidade. Portanto, a linguagem evoca uma operação da consciência em que é possível decidir aceitar ou rejeitar o que se ouve ou o que se lê. A palavra, ao contrário da imagem que é por natureza imperativa, possui um caráter democrático: ela pode ser recusada.

Para a pesquisadora Sara Guerreiro (apud GONÇALVES, 2011), o proselitismo cristão deve respeitar a liberdade daqueles a quem se dirige jamais tornando o seu público-alvo em objeto de pressão, que o prive do direito de professar a própria crença. Para a autora,

O proselitismo (de “má qualidade” como refere à Comissão) implicaria nomeadamente: Pressão física ou vexame moral ou psicológico, que leva a privar o indivíduo da sua capacidade de julgamento pessoal; Oferta de vantagem moral ou material; Exploração da necessidade, incapacidade ou falta de instrução dos destinatários; Meios estranhos à própria fé, como invocação de motivações políticas; Insinuações cruéis contra as convicções dos outros. O proselitismo acabaria, assim, por ser considerada uma perversão do testemunho cristão. (GUERREIRO apud GONÇALVES, 2011, p. 160).

A definição de Guerreiro (apud GONÇALVES, 2011) enuncia critérios de avaliação e pode auxiliar na interpretação do tipo de proselitismo religioso presente nos limites do telespaço público.

O teólogo Dietrich Bonhoeffer (1995), que liderou a igreja luterana na Alemanha durante o governo nazista e foi preso e executado em um campo de concentração, apresenta-nos a sua visão de como aqueles que se dizem ser portadores da Palavra de Deus devem

proceder: “Eles devem ser somente servos e instrumentos da Palavra; eles não podem desejar ser fortes onde a Palavra escolhe ser fraca”. (BONHOEFFER, 1995, p. 187, tradução nossa)⁴. Segundo o autor, forçar alguém a aceitar a Palavra de Deus por quaisquer métodos seria contradizer a própria Palavra que não elimina o direito da pessoa de rejeitá-la.

A Palavra reconhece oposição quando a encontra, e está preparada para sofrê-la. É uma lição dura, mas verdadeira, a de que o evangelho ao contrário de uma ideologia, conta com impossibilidades. A Palavra é mais fraca do que qualquer ideologia, o que significa que com apenas o evangelho a seu comando as testemunhas são mais fracas que os propagandistas de opinião. Mas, embora sejam fracos, eles estão prontos a sofrer com a Palavra e por isso são livres da mórbida inquietação que é tão característica do fanatismo. (BONHOEFFER, 1995, p. 187, tradução nossa)⁵.

A afirmação de Bonhoeffer (1995) concorda com a definição de Guerreiro (apud GONÇALVES, 2011) no sentido de que o proselitismo cristão não deve assumir o caráter impositivo. Segundo o teólogo, os pregadores devem estar preparados para reconhecer e aceitar a reação negativa à pregação desvencilhando-se da tentação de provar que estão certos. Segundo o autor, uma ação arbitrária enfraqueceria a própria mensagem.

2.2 Conceito de religião

Weber (1993, p. 1) afirma no começo de sua obra *Sociologia da Religião* que não é possível fornecer uma definição de religião no começo de um trabalho, apenas no final. Porém, como comenta o sociólogo austríaco-americano Peter Berger (1985, p. 182), o leitor de Weber espera em vão por tal definição. Weber chega ao final de sua obra sem explicitar um conceito de religião. Berger (1985, p. 181) salienta que “definições não podem ser por sua própria natureza “verdadeiras” ou “falsas”; podem ser mais ou menos úteis”. Assim, as

⁴ They are simply the servants and instruments of the Word; they have no wish to be strong where the Word chooses to be weak.

⁵ The Word recognizes opposition when it meets it, and is prepared to suffer it. It is a hard lesson, but a true one, that the gospel unlike an ideology, reckons with impossibilities. The Word is weaker than any ideology, and that means that with only the gospel at their command the witnesses are weaker than the propagandists of opinion. But although they are weak, they are ready to suffer with the Word and so are free from that morbid restlessness which is so characteristic of fanaticism.

definições que aqui apresentamos são aquelas que melhor nos auxiliam na compreensão do fenômeno religioso tal como observamos na inserção das igrejas evangélicas no espaço público.

O sociólogo francês Émile Durkheim (1989, p. 37) considerou a religião como um fato social. Segundo o autor,

religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas as coisas sagradas, isto é, separadas, interditas; crenças e práticas que unem uma mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos aqueles que a elas aderem. O segundo elemento que ocupa um lugar em nossa definição e que não é menos essencial que o primeiro é o fato de que a ideia de religião é inseparável da ideia de Igreja, isto requer dizer que a religião deve ser uma forma eminentemente coletiva. (DURKHEIM, 1989, p. 37).

Durkheim enfatiza a religião como uma construção social, indissociável da instituição Igreja que opera como elemento de coesão e manutenção do ideário religioso. A definição do autor nos possibilita entender que a religião fornece ao indivíduo que adentra uma determinada comunidade de fé um sentido de pertencimento em virtude de seu caráter coletivo. A Igreja, entendida como um agrupamento social, empregaria um mecanismo de retroalimentação na afirmação e validação de um sistema de valores e crenças e também funcionaria como a central de abastecimento de conteúdo religioso para o fiel.

Ao discorrer sobre a definição de religião explicitada por seu colega sociólogo Thomas Luckmann no livro *Invisible Religion*, Berger (1985) apresenta-nos o fenômeno religioso num sentido ainda mais abrangente.

A essência da concepção luckmanniana de religião é a capacidade do organismo humano transcender a sua natureza biológica através da construção de universos significativos, que obrigam moralmente e que tudo abarcam. Consequentemente a religião torna-se não apenas o fenômeno social (como em Durkheim), mas na verdade o fenômeno antropológico por excelência. Especificamente a religião é equiparada com a autotranscendência simbólica. Assim, qualquer coisa genuinamente humana é *ipso facto* religiosa e os únicos fenômenos não religiosos na esfera humana são os baseados na natureza animal do homem, ou mais precisamente aquela parte de sua constituição biológica que ele tem em comum com os outros animais. (BERGER, 1985, p. 183).

Sob este ponto de vista, a religião recobriria toda a esfera de vida humana perpassando a razão e os sentidos, os impulsos e os instintos. Segundo o autor, a religião permite transpor a compreensão que limita o homem a condição de ser meramente biológico para conferir-lhe um sentido metafísico.

Para Berger (1985, p. 41), “a religião é a tentativa ousada de conceber o universo inteiro como humanamente significativo”. Segundo o autor esse processo de significação é construído individual e socialmente pois a dialética social prescreve que a sociedade é produto do homem tanto quanto o homem é produto da sociedade.

Ao descrever a capacidade humana de dar significado a coisas inertes tecendo a partir delas uma teia invisível de significações o teólogo, filósofo e psicanalista Rubem Alves (1981, p. 25), se referiu à religião como “a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza”. Segundo o autor:

A religião nasce com o poder que os homens têm de *dar nomes às coisas*, fazendo uma discriminação entre as coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuram. E esta é a razão por que, fazendo uma abstração dos sentimentos e experiências pessoais que acompanham o encontro com o sagrado, a religião se nos apresenta como um certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos. Com estes símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo, com o seu auxílio, uma abóboda sagrada com que recobrem o seu mundo. Por quê? Talvez porque, sem ela, o mundo seja por demais frio e escuro. Com seus símbolos sagrados o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos. (ALVES, 1981, p. 24).

A descrição do autor nos auxilia na compreensão da religião como uma espécie de teia simbólica acessada pelo fiel para ler e interpretar o mundo ao seu redor. Logo, a inserção no universo religioso opera tanto para que o fiel assimile os fatos e eventos sob o prisma da religião, como para que atribua significados religiosos a objetos, lugares e circunstâncias.

2.3 Os evangélicos

A disseminação da fé protestante segundo o cientista da religião Campos (2008, p. 7), deu-se através do emprego da palavra. De acordo com o autor, o sucesso da Reforma Protestante, ocorrida no início do século 16, se deve em certo sentido ao desenvolvimento da imprensa. Sem a tecnologia desenvolvida por Gutenberg (1450), os escritos de Martinho Lutero e João Calvino não teriam se espalhado com tanta eficácia pela Europa. Campos ressalta que a Bíblia e os livros contendo as confissões de fé eram as bases doutrinárias do Protestantismo. O autor assevera que o apego dos fiéis a esses materiais impressos fez desse ramo do Cristianismo a “religião do livro”.

O Protestantismo é uma manifestação pluralizada, multifacetada, conforme explica Alves (1982, p. 27). O autor nos recorda que o termo ganhou significado em meio ao fogo cruzado de um discurso polêmico envolvendo a Igreja Católica e os dissidentes chamados de Protestantes.

A Igreja Católica empregava o termo Protestantismo com o propósito de definir o caráter herético dos movimentos. Os Protestantes por sua vez, empregavam o mesmo termo a fim de afirmar uma unidade existente entre eles, unidade esta que, só se manifestava em face de um inimigo comum, a Igreja Católica. Porém o autor esclarece que o termo não pode ser utilizado como um conceito científico por não se aplicar a um objeto determinado que exhibe constantes de comportamento. Segundo o Alves é preciso reduzir o Protestantismo em termos de tipos. A tipologia histórica nos auxilia provendo classificações baseadas nas organizações institucionais identificadas como denominações.

A elaboração de uma tipologia do Protestantismo é uma tarefa um tanto complexa devido à multiplicidade de denominações que continuam a surgir a todo momento no interior do movimento, assevera a jornalista e pesquisadora da comunicação Magali do Nascimento Cunha (2004, p. 17). A autora utilizou como critério classificatório a origem e formas de implantação das denominações protestantes para estabelecer a seguinte tipologia conforme representada no quadro abaixo:

Quadro 3 – A classificação tipológica do Protestantismo

Categoria	Origem	Forma de implantação	Principais Igrejas
Protestantismo Histórico de Migração	Possui raízes na Reforma no século XVI. Chega ao Brasil a partir do século XIX devido ao	Não possui a preocupação missionária de converter novos crentes.	Igreja Luterana Igreja Anglicana Igreja Reformada
Protestantismo Histórico de Missão	Possui raízes na Reforma no século XVI. Chega ao Brasil por intermédio de missionários norte-americanos no século XIX.	Seu objetivo é a disseminação da crença através de diversas intervenções missionárias que se evidenciam também nas áreas da educação, saúde e assistência social.	Igreja Congregacional Igreja Presbiteriana Igreja Metodista Igreja Batista Igreja Episcopal
Pentecostalismo Histórico	Deriva das confissões históricas originadas na Reforma. Chega ao Brasil no início do século XX.	Possui um caráter missionário e apoia-se na crença da necessidade de um segundo batismo, o batismo do Espírito Santo. O falar em línguas estranhas, a glossolalia é interpretado pelos fiéis como a manifestação do batismo do Espírito Santo.	Igreja Assembleia de Deus Congregação Cristã no Brasil Igreja do Evangelho Quadrangular
Protestantismo de Renovação Carismático	Surge na década de 1960 a partir de divisões no interior das chamadas “igrejas históricas”.	Possuem vínculos com as denominações de origem porém apresentam características da	Igreja Metodista Wesleyana Igreja Presbiteriana Renovada Igreja Batista de Renovação
Pentecostalismo Independente	Não possui raízes na Reforma. Surge na metade do século XX a partir de divisões políticas e teológicas nas “denominações históricas”. Rompe com o ascetismo pentecostal.	É constituída sobre uma “liderança carismática”. Prega a Teologia da Prosperidade e enfatiza a Guerra Espiritual a prática de curas, milagres e exorcismos.	Principais expoentes: Igreja Deus é Amor Igreja O Brasil para Cristo Igreja Casa da Bênção Igreja Universal do Reino de Deus
Pentecostalismo Independente de Renovação	Aparece no final do século XX e se fortalece no começo do século XXI.	Possui as características do pentecostalismo Independente porém é direcionada para alcançar o público jovem. Diminui a ênfase no exorcismo e nos milagres e ressalta a prosperidade e guerra espiritual.	Principais expoentes: Igreja Renascer em Cristo Comunidades (Evangélicas, da Graça) Igreja Sara Nossa Terra Igreja Bola de Neve

Fonte: Elaborado pela autora com base em Cunha, 2004.

Cunha (2004, p. 19) acrescenta as seguintes igrejas a lista de denominações protestantes: a Igreja dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons), a Igreja Adventista, e as Testemunhas de Jeová. Essas denominações cristãs originaram-se nos Estados Unidos no fim do século 19 e possuem em comum experiências místicas envolvendo seus fundadores. As igrejas que surgiram a partir do Pentecostalismo Independente também são denominadas neopentecostais.

Cunha (2004, p. 16-17) diz que os missionários que chegaram ao Brasil procuravam expressões que caracterizassem o momento que viviam no novo país ao passo que também

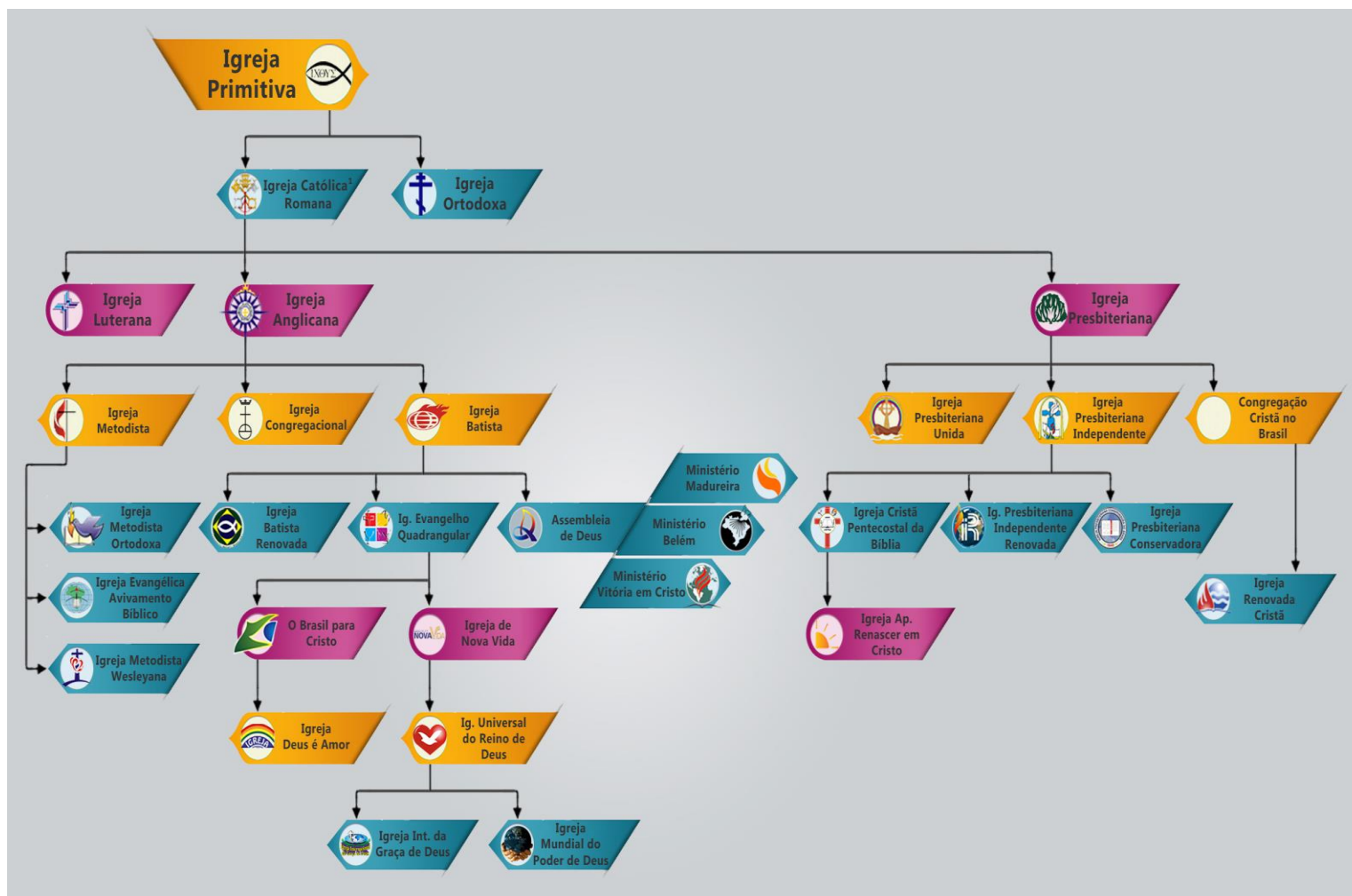
evidenciassem a negação do catolicismo. A expressão escolhida inicialmente foi “crente em nosso Senhor Jesus Cristo”, ou em sua forma abreviada apenas “crente”.

Os missionários norte-americanos se identificavam como *evangelicals*, evangélicos. O termo trazia consigo a conotação do conservadorismo protestante que buscava afirmar sua lealdade ao Evangelho não se aferrando ao conhecimento produzido pela Ciência ou baseado na razão humana. Essa corrente do Protestantismo criou associações ao redor do mundo com o objetivo de unir as denominações protestantes contra a Igreja Católica, que era considerada um empecilho ao empreendimento missionário. Com o passar do tempo, Cunha explica que a expressão “crente” adquiriu um sentido pejorativo e com a chegada dos missionários norte-americanos os cristãos não católicos adotaram a expressão “evangélicos” para se autodenominarem. Apoiamo-nos em Cunha para termo “evangélicos” em nossa pesquisa para designar os cristãos não católicos pertencentes às diversas denominações religiosas.

Os dados do Censo 2010 divulgados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, revelam que 42.275.440 brasileiros declaram ser evangélicos. O IBGE distingue dois grupos de evangélicos: os evangélicos de missão e os de origem pentecostal. As igrejas pertencentes ao grupo dos evangélicos de missão citadas no Censo 2010 são: a Igreja Evangélica Luterana, a Igreja Evangélica Presbiteriana, a Igreja Evangélica Batista, a Igreja Evangélica Metodista e a Igreja Adventista. As de origem pentecostal são: a Igreja Assembleia de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Congregação Cristã do Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja o Brasil para Cristo, a Igreja de Nova Vida, a Igreja Casa da Benção, a Igreja Deus é Amor e a Igreja Maranata. Os evangélicos de missão totalizam 7.686 adeptos, enquanto os de origem pentecostal somam 25.370 fiéis. Os números também incluem fiéis de outras igrejas evangélicas não mencionadas no relatório agrupadas sob a classificação de outras igrejas. A Igreja Assembleia de Deus, a qual pertence o apresentador do programa Vitória em Cristo, é a maior denominação evangélica do país, 12.314 pessoas dizem pertencer à agremiação religiosa.

Para facilitar a compreensão a respeito da origem das principais igrejas evangélicas do Brasil, demonstramos graficamente, através da Figura 1, as ramificações e fragmentações da igreja cristã.

Figura 1 – As igrejas evangélicas no Brasil



Fonte: Elaborado pela autora, com base em MELO, 2010.

Conforme é possível observar na figura acima, o processo de divisão e fragmentação das igrejas possibilita o surgimento de novas denominações religiosas. Algumas dessas novas igrejas acabam se tornando maiores, mais fortes e mais expressivas do que as igrejas das quais se originaram. Esse é o caso da igreja Assembleia de Deus que atualmente possui um número de fiéis exponencialmente maior do que a igreja Batista, denominação da qual derivou.

2.4 O pentecostalismo e a Assembleia de Deus

A Igreja Assembleia de Deus é a principal expoente do Pentecostalismo no Brasil. O termo Pentecostalismo deriva da experiência bíblica do Pentecostes que descreve o momento quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos e os capacitou com poder para a pregação. A história é narrada no Novo Testamento no capítulo 2 do livro de Atos.

A cientista da religião Marina Correa (2012, p. 28) nos diz que o Pentecostalismo é considerado “a maior revolução dentro da história do Cristianismo no século XX”. Essa vertente do Protestantismo se distingue pela crença na atuação do Espírito Santo nos dias de hoje e enfatiza o falar em línguas (glossolalia), a cura, e o discernimento de espíritos.

Segundo Correa (2012) a origem do Pentecostalismo está relacionada ao movimento de santificação (Holiness) iniciado pelo ex-ministro anglicano John Wesley no século 18, colocado em prática na igreja Metodista. Influenciado pelo pietismo alemão, que procurava uma nova maneira de pregar o evangelho que motivasse os fiéis a uma conversão verdadeira e os orientasse a viver pela fé, o objetivo de Wesley era promover um reavivamento entre os cristãos na Inglaterra. O movimento *holiness* chegou aos Estados Unidos no século 19 através do metodismo e originou uma série de outros movimentos com a mesma tendência. Em 1901 Charles Fox Prahm (1873-1929) formulou a teologia do pentecostalismo ficando conhecido como o fundador do movimento Pentecostal.

William J. Seymour, um pastor negro que fora expulso da Igreja dos Nazarenos, converteu-se ao movimento pentecostal e em 1906 levou as práticas carismáticas de Prahm para sua congregação em Los Angeles que se reunia à Rua Azusa, 312. No dia 06 de abril de 1906 um menino começou a orar em línguas fazendo com que Seymour reafirmasse sua fé.

De acordo com Correa (2012, p. 30), esse é considerado o marco inicial do Pentecostalismo. Em 1914 a Igreja Assembleia de Deus (*Assembly of God*) surgiu nos Estados Unidos.

O Pentecostalismo chegou ao Brasil em 1910 com a fundação da Congregação Cristã no Brasil. A Igreja Assembleia de Deus foi a segunda denominação pentecostal a surgir no país. A igreja foi oficializada em 11 de janeiro de 1918. Porém sua história começa com a chegada dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Hogberg (Berg) à Belém do Pará em junho de 1911. Vingren e Berg eram batistas, mas se converteram ao movimento pentecostal durante uma temporada nos Estados Unidos. Correa (2012) explica que a trajetória dos missionários no Brasil é parte do mito fundante da Assembleia de Deus, construído a partir das anotações e diários de Vingren e Berg. Neles, os missionários relatam que a decisão de vir ao país surgiu após uma revelação “profética” recebida em 1910.

O sociólogo Gedeon de Alencar (2012, p. 38) ressalta que a Assembleia de Deus herdou da Igreja Batista a natureza congregacional, porém “têm em seu DNA a necessidade de negar isso, pois sua maior ‘inimiga’ é exatamente a Igreja Batista”.

O autor explica que a característica mais marcante do ascetismo assembleiano é a disciplina. A competência também faz parte dos princípios valorizados pelos fiéis, pois traz embutida a interpretação do passado da habilidade como proveniente da dávida carismática. Ou seja, a capacidade para desempenhar qualquer função é entendida como um dom recebido do Espírito Santo. De acordo com Alencar (2012, p. 33) a primeira fase do assembleianismo brasileiro é caracterizada por uma militância baseada na teologia do “sofrimento” que ensinava os fiéis a suportar as provações considerando-as uma demonstração de fé dos que aguardam o retorno de Jesus, o sofrimento era, portanto, uma benção. No segundo momento a ênfase teológica realça o valor da disciplina, o que resultou na promoção de medidas que reforçavam o retraimento e coerção no comportamento dos fiéis. A fase atual, denominada pelo autor como terceiro período do assembleianismo, é marcada pela teologia da competência que reproduz o espírito de competição entre os fiéis.

Nas palavras de Alencar (2012, p. 24),

o assembleianismo brasileiro mantém suas marcas inegáveis em todos os demais subcampos pentecostais: na hinologia, na estética dos templos, nos “usos e costumes”, na doutrina, na militância da membresia, no caciquismo eclesiástico, na participação política, no proselitismo evangelístico, na fenomenologia da experiência pentecostal, assim influenciando todo o movimento, até mesmo o católico.

A descrição do autor nos auxilia a compreender as diretrizes que orientam o comportamento dos fiéis assembleianos, principal audiência em potencial do programa Vitória em Cristo.

No que tange a estrutura organizacional, a Assembleia de Deus não possui uma gestão hierárquica. Baseada originalmente no modelo congregacional que prevê a autonomia das igrejas, as congregações acabam por fragmentar-se facilmente, conforme destaca Correa (2004, p. 75). Segundo a autora, novas igrejas continuam a surgir adotando o nome Assembleia de Deus que funciona como uma espécie de marca. As igrejas operam de forma independente, o que torna ainda mais difícil a compreensão de como se dá a lógica de funcionamento e a questão de poder nessa denominação.

O órgão administrativo que rege a ação de grande parte das igrejas na resolução de questões internas é a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, CGADB, presidida pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa. Porém dois grandes ministérios concentram o poder político das ADs (Assembleias de Deus), são eles: o Ministério Madureira sob o comando do bispo Manoel Ferreira, que prescindiu da CGADB em 1998 e o Ministério Belém dirigido pelo pastor Samuel Câmara. Segundo Alencar (2012, p. 187) os ministérios seguem a tendência administrativa dos clãs familiares. O ministério Vitória em Cristo dirigido por Silas Malafaia desligou-se da CGADB em 2010, ano em que Malafaia herdou do sogro pastor José Santos (1927-2010), a Assembleia de Deus Penha (CORREA, 2012, p. 185). Ao assumir a AD Penha, Malafaia batizou a igreja com o homônimo de seu programa televisivo. A partir de então a congregação passou a se chamar Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Vale ressaltar que cada ministério possui uma gama de igrejas ligadas à sua tutela, o que representa um poder econômico e político para os presidentes dos ministérios.

Os programas de televisão da denominação são produzidos e patrocinados pelas igrejas autônomas. A Assembleia de Deus Brás, ligada ao Ministério Madureira produz o programa “Palavra de Vida”, apresentado pelo pastor Samuel Ferreira. O programa é exibido em rede nacional pela Rede TV! aos sábados das 12h às 13h. O Ministério Vitória em Cristo produz e apresenta o programa Vitória em Cristo, analisado nesta pesquisa, e o Ministério Belém é dono da Rede Boas Novas de Televisão, RBN. Segundo informações divulgadas no site da emissora, o sinal da RBN chega a 23 estados em canal aberto e alcança todo o país por meio de transmissão via satélite.

2.5 Os evangélicos na televisão

O termo “evangelho” tem sua raiz etimológica no termo grego *euangelion* que significa “boas novas”. (BROWN; COENEN, 2000, p. 759). O termo *euangelos* que quer dizer “mensageiro”, descreve aquele que “traz uma mensagem de vitória ou quaisquer outras notícias políticas ou pessoais que tragam alegria”. (BROWN; COENEN, 2000, p. 758). O verbo “*euangelizomai*” seria o representante do verbo hebraico “bissar” que significa “contar”, “anunciar”, “publicar”.

Dois princípios bíblicos fornecem o alicerce simbólico para a inserção dos evangélicos não apenas na televisão, mas na mídia em geral. Um trata-se de uma ordem, o outro é um dos sinais dos tempos. Ambos foram dados por Jesus e estão registrados nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.

O primeiro é a Grande Comissão, o episódio em que Jesus, depois de “ressuscitar” e pouco antes de “ascender ao céu”, atribui aos onze discípulos uma missão: “Ide portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas vos tenho ordenado” (Mateus 28:19, 20).

O pesquisador Alberto Klein (2006) salienta que a proliferação dos programas religiosos na TV e no rádio é uma estratégia missionária para ampliar a voz do evangelho com o propósito de arrebanhar novos fiéis. Para o autor, a prática “manifesta-se como o desejo de cumprir a ordem de Cristo para pregar o evangelho a todas as nações”. O evangelismo seria a propagação intencional da fé cristã e deve ser entendido como parte constitutiva da identidade religiosa. A ordem de Jesus se expressa na “grande comissão” se traduz na perspectiva de que a missão dos onze discípulos seja também a missão de cada crente.

Klein empreende uma minuciosa análise da influência da imagem televisiva no culto protestante que, em sua opinião, promove uma “dupla contaminação” entre os campos religioso e midiático. De acordo com o autor, a televisão proveu um novo meio para o evangelismo ao mesmo tempo que promoveu um abalo nos alicerces litúrgicos do culto protestante alavancado pela espetacularização do sagrado patrocinada por igrejas com agendas midiáticas.

O autor argumenta que, utilizada como ferramenta evangelística, a televisão acabou por se transformar num modo conveniente de cumprir a missão sem pôr em risco o missionário. Ao contrário da tradicional metodologia missionária que implica no envio de pessoas a lugares distantes para levar adiante o ideal da pregação mesmo em face de

privações, hostilidades e sob o risco da perda da própria vida, os pastores, bispos, padres e cantores que entram no campo televisivo tornaram-se verdadeiras celebridades da fé. Na visão de Klein, os novos ídolos não são imagens de escultura, são esculpidos em imagem.

No que tange à influência do fazer televisivo na liturgia do culto cristão o autor é taxativo:

Certamente é em resposta ao olhar impaciente da televisão que cada vez mais os cultos e as missas acabam se aproximando da maneira de se fazer televisão. O ritmo do culto, assim, assume a temporalidade das atrações televisivas. Antes de que se mude de canal, ou se saia da igreja, o olhar do espectador precisa ser surpreendido, capturado, seduzido e entretido através dos mais diversos recursos: danças, entrevistas, piadas, músicas, encenações. Tudo, é claro, obedecendo uma temporalidade própria desse meio eletrônico, que agora passa a inspirar as novas pautas litúrgicas das igrejas. Daí resulta a pressão exercida sobre a palavra, que se comprime, até ceder seu honroso lugar ao espetáculo visual. (KLEIN, 2006, p. 185).

Sob este ponto de vista, a proposta missionária protestante, que por séculos foi norteadada pela divulgação do evangelho através da palavra, ficaria comprometida uma vez que desacompanhada de uma produção digna de televisão a pregação encontra-se em tremenda desvantagem ante uma competição desigual com o culto pela imagem.

É possível dizer que a televisão ressignificou o “ide” da “grande comissão” ao permitir que o evangelista chegasse potencialmente a todas as nações, por vezes simultaneamente, sem que fosse preciso sair da frente das câmeras. Porém o estudo de Klein sugere que o evangelismo pela imagem tende a gerar mais ídolos e fãs do que discípulos.

O espetáculo transforma a experiência do culto em experiência da imagem. E à imagem está associada a construção de novos ídolos no âmbito religioso, não mais aqueles de escultura ou pintura, agora tratam-se de pastores e padres que foram alçados à condição de astros televisivos. (KLEIN, 2006, p. 188).

As implicações trazidas pela mudança na estratégia que optou por trocar o “ide” pessoalmente pelo “ide” ao vivo são desconhecidas.

O segundo fundamento que orienta o investimento e o desenvolvimento de meios e métodos de comunicação que proporcionam o alastramento da mensagem evangélica é extraído do sermão profético de Jesus. Ao finalizar a descrição dos sinais que antecederão seu retorno à Terra, Jesus deixa o derradeiro sinal: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim” (Mateus 24:14).

Na perspectiva escatológica, a disseminação do evangelho, além de um sinal dos tempos, é uma condição para a segunda vinda do Messias. Portanto, a motivação inicial para o engajamento dos fiéis na propagação do evangelho através da imprensa, do rádio e da televisão pode ser explicada pelo fato destes acreditarem que assim procedendo participam no cumprimento do último sinal que antecede a volta de Jesus. Por isso Campos (2004, p. 150) argumenta não ser coincidência que os Estados Unidos da América, hegemonicamente protestante e capitalista, “tenha se tornado a pátria das novas tecnologias comunicacionais aplicadas ao esforço missionário, cujo lema era ‘pregar o evangelho de Cristo no mundo todo ainda nesta geração’”. O autor explica que a crença protestante de que o mundo vivia seus últimos dias no final do século 19 possibilitou a rápida assimilação dos novos meios de comunicação que foram logo entendidos como uma dádiva divina que deveria ser colocada a serviço da preparação da humanidade para o fim dos tempos.

No Brasil, o início do evangelismo protestante através dos meios eletrônicos também nasce da preocupação de dizer ao mundo que Jesus viria em breve. A motivação foi esboçada na frase de apresentação do primeiro programa de rádio evangélico que foi ao ar em 23 de setembro de 1943. Ao introduzir o programa a Voz da Profecia, patrocinado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, H.G. Stohler, um dos apresentadores, dizia: “Apresentamos o programa da Voz da Profecia, uma voz clamando no deserto desses últimos dias preparai o caminho do Senhor”. (CONCEIÇÃO, 16.13.2012, 34s.).

A programação evangélica debutou na televisão no início da década de 1960, conforme abordado no capítulo anterior. Porém Campos (2004) e Freston (1993) concordam ao dizer que foi no rádio que os evangélicos encontraram o meio ideal para se consolidarem devido à natureza da pregação. O fator econômico também privilegiou a escolha do meio, pois como o custo era menor, igrejas de pequeno e médio porte também puderam veicular seus programas em rádios locais. Especialmente em Campos, vemos que os programas eram rudimentares, muitas vezes feitos por um pastor, ou mesmo um voluntário que, de posse de alguns discos de músicas evangélicas, realizava um programa.

Escrevendo sobre os acertos e desacertos dos evangélicos na mídia, Campos (2008) comenta que o rádio foi o meio privilegiado pelas denominações pentecostais porque muitas igrejas posicionavam-se veementemente contra a televisão. Muitas chegaram a chamar o veículo de “instrumento do diabo”. Segundo o pesquisador Gilmar Tomáz (2015), por exemplo, a Igreja Assembleia de Deus, à qual pertence o apresentador do programa Vitória em Cristo, tomou um voto em 1968 proibindo formalmente seus membros de assistirem televisão; o autor diz que o voto caiu em desuso, mas nunca foi revogado.

Correa (2012, p.121) resgata a resolução tomada pela denominação a respeito da televisão publicada no veículo oficial da igreja, o jornal Mensageiro da Paz em 1969.

Considerando os efeitos maléficos que os programas de televisão têm causado à comunidade evangélica, principalmente à família, a Convenção Geral resolveu aprovar a seguinte proposta: 1) Os pastores e evangelistas da Assembleia de Deus no Brasil não devem usar aparelhos televisores; 2) Os que já o possuem, devem desfazer-se deles até a próxima Convenção; 3) Os obreiros devem recomendar às igrejas que se abstenham do uso de televisores; 4) Que os que possuem desfaçam-se dos mesmos, a fim de evitar a suspensão.

Na década de 1970, no entanto, Campos (2008) aponta dois grandes motivos vindos do exterior que contribuíram para a mudança do pensamento dos pentecostais quanto à televisão. O primeiro está relacionado à vinda ao Brasil do evangelista norte-americano Billy Graham em 1974. O evangelista aparecia em programas de TV evangélicos incentivando os fiéis a participarem de sua campanha evangelística. Nessa ocasião, Billy Graham lotou o Maracanã e sua visita abriu caminho para a segunda razão apontada pelo autor, a inserção dos pastores da Igreja Eletrônica no final da década.

O conceito de Igreja Eletrônica é trabalhado pelo sociólogo e teólogo Hugo Assmann (1986) em sua obra *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina*. O autor procurava observar como as sementes lançadas pelos religiosos midiáticos estadunidenses se desenvolveriam em solo latino-americano. Uma das premissas de Assmann era que os programas de televisão religiosos seriam parte de uma estratégia americana de frear qualquer tipo de oposição de viés socialista e comunista, de modo a manter a hegemonia norte-americana no continente.

Seu estudo traça um perfil dos principais televangelistas descrevendo suas trajetórias midiáticas nos Estados Unidos e na América latina mas concentra-se na invasão dos programas religiosos na grade de programação de emissoras brasileiras.

A obra de Assmann foi publicada pouco antes do boom do televangelismo brasileiro ocorrido na década de 1990, por isso contempla apenas a fase inicial dos programas produzidos no país. Contudo, duas figuras emblemáticas do pentecostalismo nacional, ainda presentes na televisão, chamaram a atenção do autor já naquela época. Assmann analisou os programas dos líderes religiosos: Romildo Rodrigues Soares, conhecido como missionário R.R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, IIGD, e Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, IURD. O autor apontou a ênfase dada por ambos tanto

à espetacularização de curas e milagres quanto à guerra espiritual travada em embates supostamente contra demônios que eram exorcizados pelos pastores diante das câmeras.

Os evangelistas norte-americanos da Igreja Eletrônica não se firmaram em solo nacional e já em meados da década de 1990 não mais figuravam entre o elenco de telepastores. Fonseca (2003), aponta o fato da TV brasileira buscar desde seu início uma identidade própria, como um dos fatores que assinalou o fracasso da investida dos televangelistas.

Todavia, entendemos que a influência da inserção dos programas americanos na televisão brasileira foi mais do que simplesmente abrir a porteira para a enxurrada de programas religiosos que povoam as grades das emissoras desde então. A Igreja Eletrônica provocou desdobramentos a médio e longo prazo tanto no âmbito religioso, contribuindo para modificar o perfil das igrejas e o panorama do protestantismo brasileiro, como no político, revelando a face de proselitismo político sob a máscara da religião.

Essa definição de Igreja Eletrônica,

diz respeito ao uso dos meios eletrônicos, especialmente da TV, por lideranças religiosas, quase sempre fortemente personalizadas e autônomas em relação às denominações cristãs convencionais. E apesar de fazerem uso extensivo do rádio, o que os define é a sua imagem de televangelistas que faz dos pastores astros do evangelho. (ASSMANN, 1986, p. 16).

Com base em Assmann, é possível entender que o conceito assinala a quebra de vínculo dos televangelistas com as denominações tradicionais como uma das características da Igreja Eletrônica. Ou seja, a televisão teria fornecido a plataforma ideal para que pregadores não eleitos como representantes de uma denominação em particular, pudessem se lançar em carreira solo. Muitos acabaram por criar suas próprias igrejas e tinham em seus programas televisivos um canal aberto para publicidade e autopromoção. Entendemos que isso teria contribuído para a proliferação de novas igrejas. A Igreja Eletrônica também teria colaborado para desencadear a mutação sofrida pelo pentecostalismo brasileiro da qual se originou uma nova vertente de igrejas autônomas, as igrejas neopentecostais. As principais representantes do neopentecostalismo brasileiro são a IURD, a IIGD, a Igreja Renascer em Cristo, IRC, e a Igreja Deus é amor. O fenômeno da explosão de novas igrejas a partir da inserção dos pregadores eletrônicos nos meios de comunicação brasileiros teria ocorrido de modo análogo ao fenômeno norte-americano. Ou seja, os veículos de comunicação como a televisão e o rádio não são apenas ferramentas de evangelização, eles constituem a estrutura sob a qual se erguem estas igrejas.

Quanto à política, percebemos que a Igreja Eletrônica pode ter contribuído para que o protestantismo brasileiro, principalmente o ramo de denominações pentecostais, assumisse um caráter de militância política. Devido ao fato da matriz religiosa norte-americana apresentar laços indissociáveis entre religião e política, inevitavelmente o discurso dos pregadores eletrônicos carregava marcas da ideologia de seu país tais como: o “*self-made man*”, a “terra das oportunidades”, o neoliberalismo, e autonomia do indivíduo, além é claro de inculcar a ideia do nacionalismo religioso de um povo sob a direção de Deus, “*one nation under God*”. Isso poderia ter contribuído para a construção simbólica alimentando o pensamento de que tudo é possível, e de que os crentes são responsáveis não apenas pelo próprio destino, mas também pelos rumos da nação.

Apoiamo-nos no caso de Pat Robertson, um dos pregadores eletrônicos que rompeu com a igreja Batista, criou sua própria igreja e lançou-se candidato à Presidência dos EUA em 1988. Assmann (1986, p. 47) relembra uma das entrevistas que Robertson deu à imprensa em que dizia existir apenas um cargo no mundo que poderia lhe proporcionar mais oportunidades de fazer o bem aos seus semelhantes, a presidência dos EUA. Digno de nota é o fato de Robertson ter sido o pregador que, segundo Campos (2004), teria exercido maior influência sobre Edir Macedo, que por sua vez é o líder religioso brasileiro que contabiliza possivelmente o maior capital político da atualidade afixando a bandeira de sua igreja tanto no teleespaço público como na política nacional.

A relação entre a Igreja Eletrônica e a explosão de parlamentares evangélicos no Congresso é outro aspecto a ser considerado. Os programas religiosos sob o formato de Igreja Eletrônica chegaram ao Brasil no final da década de 1970, em 1986, 33 representantes evangélicos foram eleitos para a Assembleia Constituinte. Formava-se pela primeira vez um bloco de parlamentares religiosos que posteriormente ficaria conhecido como a bancada evangélica. Coincidência ou não, a maioria dos parlamentares eleitos eram membros da Assembleia de Deus, a mesma igreja de Jimmy Sweggart, o pregador eletrônico mais famoso no país. Essa eleição é considerada pelo sociólogo da religião Paul Freston (1993) um divisor de águas na trajetória dos protestantes na política nacional.

Ao explicar a relação atual da Assembleia de Deus com a televisão, Alencar (2012, p. 198) diz que o debate sobre poder ou não usar o Rádio ou a TV já não existe. Em lugar da dúvida teológica surgiu uma questão de estratégia voltada para “como”, ou “contra quem” usar os meios de comunicação. Para o autor a mídia se tornou um objeto de consumo interno que serve como um rito de reforço da identidade assembleiana. Nas palavras do autor,

Se as ADs desde seu início fossem uma igreja única, com caixa único, teriam, muito antes da IURD e similares, comprado canais de TV, Rádio e adquirido uma força midiática superior a qualquer igreja. Mas o fascínio individual de cada líder e cada grupo ministerial por seu próprio poderio midiático sempre foi maior que a unidade da igreja. (ALENCAR, 2012, p. 199).

O pensamento de Alencar lança luz para entendermos a movimentação política de Malafaia através de seu programa de televisão. Como pastor e presidente de uma ramificação da AD, o apresentador do programa *Vitória em Cristo* pode propagar não apenas a mensagem da igreja, mas também se promover como figura de autoridade para os fiéis para além dos limites de sua própria igreja.

2.6 O gênero religioso na TV brasileira

Como já foi mencionado, a trajetória do televangelismo protestante no Brasil tem início em 25 de novembro de 1962, quando o programa “Fé para Hoje” foi exibido pela primeira vez na TV Tupi.

Em meados da década de 1960, iniciativas locais como o programa “Encontro com Deus”, da Igreja Presbiteriana, e “Um Pouco de Sol”, da Igreja Batista, ganharam fôlego (os programas foram transmitidos em Recife e São Paulo, respectivamente).

Como observa Campos (2004, p. 159), “a inserção dos evangélicos na mídia televisiva sempre esbarrou no alto custo de cada minuto na TV. Poucos programas evangélicos surgidos no final dos anos 1960 no Brasil conseguiram ficar no ar por muito tempo”.

Os pastores estadunidenses entraram na televisão brasileira a partir de 1978. Rex Humbard foi o primeiro pregador a falar aos fiéis em rede nacional pela Tupi, pelo SBT e pela Manchete. O programa foi exibido de 1978 a 1984. Pat Robertson e seu “Clube 700” também entraram no Brasil na mesma época, combinando a pregação fundamentalista batista à crença em milagres e prodígios. (CAMPOS, 2004). Segundo Fonseca (2003), quem mais obteve sucesso no Brasil foi Jimmy Swaggart, pregador ligado à Assembleia de Deus que teve o programa transmitido pela Record e TV Bandeirantes.

O panorama dos evangélicos na televisão começou a mudar no início dos anos 1980. Campos (2004) registra que, em 1983, o pastor batista Nilson do Amaral Fanini recebeu do governo federal a concessão do Canal 13 do Rio de Janeiro. Fanini, apresentador do programa “Reencontro” desde 1975, costumava encher estádios em suas reuniões evangélicas. Em

1982, levou 120 mil pessoas ao Maracanã, inclusive o então presidente João Figueiredo. O pastor demonstrou publicamente seu apoio ao governo e pediu votos para o partido da ditadura. Como resultado da colaboração, recebeu a concessão de um canal de TV. O programa “Reencontro” foi o primeiro a ser transmitido em rede nacional, no início da década de 1980. Devido ao fracasso financeiro, em 1990, a TV Rio foi vendida à Igreja Universal do Reino de Deus, IURD, através de operação realizada em um contrato de gaveta. (FONSECA, 2003).

A partir dos anos 1990, podemos observar uma mudança significativa no cenário televisivo religioso, possivelmente devido à mudança de percepção dos evangélicos a respeito do meio. Em menos de uma década, como revela Fonseca (2003), a televisão brasileira viu triplicar o número de horas semanais dedicadas a programas religiosos. Em 1983, eram 14 horas e 25 minutos; já em 1992, foram 44 horas e 38 minutos. O autor aponta o ano de 1995 como o auge da programação religiosa na TV até então, com um total de 107 horas e 45 minutos semanais. O milagre da multiplicação de horas está relacionado à compra da Rede Record pela IURD, que pagou 45 milhões de dólares pela emissora em 1989. No ano seguinte, comprou a TV Rio, de Fanini.

O jornalista e pesquisador José Carlos Aronchi de Souza (2004, p. 166), define como gênero religioso a “transmissão ao vivo ou de gravação dos encontros religiosos (missa, cultos ou rituais), com público ou auditório (normalmente, o próprio templo)”. A obra audiovisual religiosa é “constituída pela difusão de práticas religiosas, sejam elas manifestações, eventos, relatos, testemunhos, rituais, celebrações, cultos, sermões ou consultas religiosas”. (ANCINE, IN n. 100, de 29 de maio de 2012, Cap. IV, art. 7, parágrafo XL).

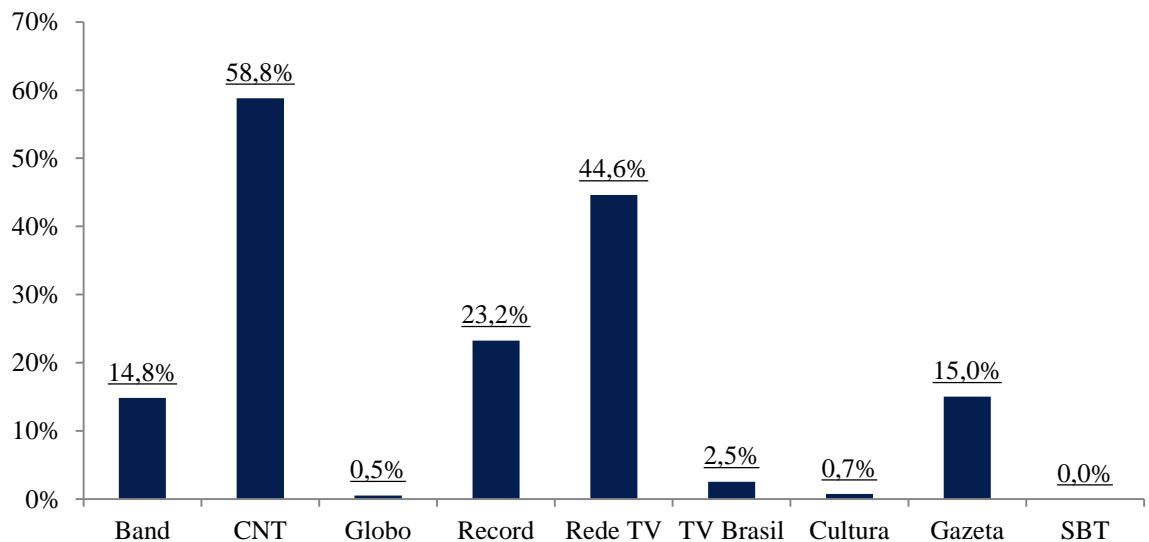
O gênero religioso é atualmente o mais exibido na TV aberta. Os dados são do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, OCA, órgão de pesquisa ligado à ANCINE. Desde 2007 o OCA monitora a programação das maiores redes de TV aberta do país. O último relatório disponibilizado pelo observatório analisou a grade de programação das seguintes redes de televisão: BAND, Rede CNT, Rede Globo, Rede TV!, SBT, TV Brasil, TV Cultura e TV Gazeta, durante o primeiro semestre de 2014⁶. Esse relatório aponta que 17,9% do tempo total da grade das nove redes analisadas foi dedicado exclusivamente à programação religiosa.

⁶ O Informe de Acompanhamento do Mercado, produzido pelo OCA, pode ser consultado no endereço: oca.ancine.gov.br.

Para se ter uma ideia mais precisa, no período de 1 de janeiro a 30 de junho de 2014, o tempo total de transmissão de eventos religiosos já encostava na casa das 7 mil horas. Dentre as redes analisadas, o SBT, é o único canal que não possui programas do gênero religioso em sua grade.

A Band exibiu 640h04 de conteúdo religioso, tendo 14,7% de sua grade ocupada pelo gênero religioso. A CNT veiculou 2.541h de programação religiosa, totalizando 58,5% da grade da emissora. A Rede Globo exibiu 22h de conteúdo religioso produzido pela Igreja Católica, isso representou 0,5% da ocupação de sua grade. A Record somou 1.040h05, ocupando 23,9% de sua grade com programação exclusiva da IURD. A Rede TV! exibiu 1.928h de programas do gênero religioso, sendo a emissora comercial, que vende o maior espaço para as igrejas com 44,4% de sua grade ocupada por programas religiosos. A TV Brasil exibiu 109h15 de programas do gênero religioso, 2,5% de sua grade. A TV Cultura exibiu 31h30 de cultos católicos, 0,7% de sua grade. A TV Gazeta veiculou 648h45 de programas religiosos, com 15,8% ocupada pelo gênero religioso. O percentual de ocupação da grade de programação dos canais monitorados pelo OCA no período de 1 de janeiro a 30 de junho de 2014 é representado no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – O gênero religioso na TV Aberta de janeiro a junho de 2014



Fonte: Ancine, 2014.

À época da divulgação dos dados, a Rede CNT possuía a maior exibição de programas do gênero religioso, como é possível constatar na ilustração. No entanto, a emissora foi

arrendada pela IURD pouco tempo depois e teve sua grade de programação tomada quase por completo pelos programas da igreja.

A marcha da religião sobre o território televisivo é encabeçada pelas igrejas neopentecostais, que têm na IURD seu maior expoente. É possível observar que o marco inicial dessa escalada foi a compra da Rede Record pela IURD em 1989. Embora não tenha sido a primeira emissora evangélica, a Record foi a primeira que se firmou – primeiro sobre o solo movediço do conteúdo religioso, escoando paulatinamente para os domínios do entretenimento secular. Mas, de acordo com o jornalista Ricardo Feltrin (2014a), os programas religiosos podem estar com os dias contados dentro da própria casa. A cúpula da igreja faz planos para abandonar as madrugadas, reduto da programação religiosa da emissora, até 2020. Segundo o jornalista, a Record deixa de angariar verba publicitária por não ser considerada uma emissora laica. Para isso precisaria limpar sua grade do conteúdo religioso. Mas, sem o dinheiro injetado pela IURD, a Record não teria como se sustentar, relata o autor. Por isso, a fim de tornar a Record comercialmente competitiva e ainda preservar o capital oriundo do filão religioso, a IURD traçou uma estratégia que envolve a exibição de seus programas nas grades de outras emissoras.

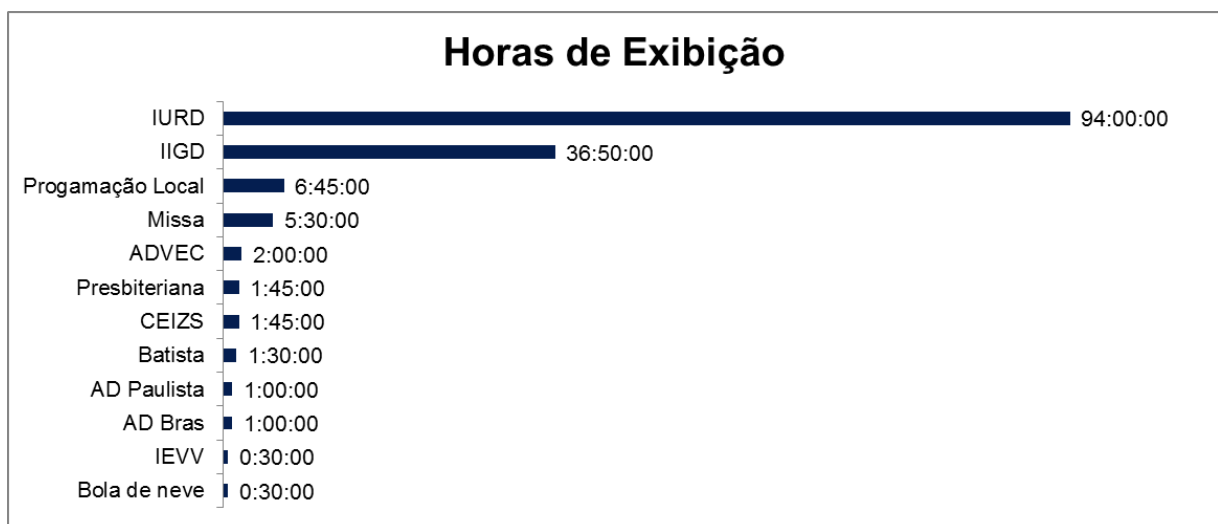
Desde 2012, a igreja vem adquirindo cada vez mais espaço televisivo ao comprar horários e até a grade completa de outras emissoras. Em 2013, a IURD comprou a grade do canal 21, que pertence ao Grupo Bandeirantes. Em 2014 a igreja arrendou todos os espaços da CNT. Em ambos os casos, a igreja passou a ocupar 22 horas diárias da grade de cada emissora. Feltrin (2014b) relata que o aluguel das duas emissoras somados aos horários que a IURD ocupa na Record, Gazeta, Band e Rede TV!, rendem à igreja mais de 1.700 horas de exposição por mês.

A venda de espaço televisivo representa um faturamento importante para as emissoras, uma vez que os programas são produzidos pelos religiosos, não gerando custos para a emissora que apenas os exibem. Consequentemente, a transação é convertida integralmente em lucro líquido para os canais de televisão. As faixas horárias são negociadas em cifras milionárias. O jornalista José Roberto Castro (2015), em matéria publicada pelo site Notícias da TV, afirma que a IURD gasta R\$8 milhões de reais por mês com o arrendamento da CNT. Estima-se que ocupação da grade do canal 21 custe à igreja R\$5 milhões por mês, o aluguel da madrugada da Band outros R\$7 milhões, somados aos 50 a 60 milhões mensais que a igreja paga pela madrugada da Record.

As igrejas que mais compram horários nos canais de TV aberta são as que pertencem ao segmento neopentecostal. A fim de descobrir quais igrejas alugam mais horários nos canais

de TV contemplados no mapeamento realizado pelo OCA, realizamos um levantamento a partir das informações contidas nas grades de programação dos canais que estão disponíveis em seus sites oficiais na internet. Constatamos que a IURD é a igreja com a maior expressão em termos de horas de exposição na TV. A igreja aluga 94 horas semanais em quatro diferentes canais para disseminar seus programas religiosos. Além de pagar pelo espaço que utiliza durante a madrugada em sua própria emissora, a Record, a IURD compra espaço na Rede TV!, na Band, na TV Gazeta e Rede CNT. A Igreja Internacional da Graça de Deus, IIGD, ocupa o segundo lugar em compra de horários com quase 37 horas semanais de exposição que se concentram em dois canais: Rede TV! e Band. A igreja aluga o horário nobre das 20h na Band para a transmissão do programa Show da Fé que é apresentado pelo líder da igreja, missionário R.R. Soares. A igreja presidida por Malafaia, a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, ADVEC, compra 2 horas semanais para veicular o programa Vitória em Cristo. Para facilitar a compreensão a respeito das igrejas que compram espaço nos canais de TV aberta em rede nacional procuramos demonstrar esses dados graficamente em termos de horas semanais que estão representados na Figura 3.

Gráfico 2 – Aluguel do espaço televisivo pelas igrejas



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme é possível observar na figura acima, a compra de espaço nos canais de TV aberta é feita majoritariamente pelas igrejas pentecostais e neopentecostais. As igrejas que também alugam espaço na grade de programação dos canais e não pertencem a esses segmentos religiosos são: a Igreja Católica, a Igreja Presbiteriana e a Igreja Batista. Muitos

canais também alocam espaço em sua grade de programação para a transmissão de programação local produzida por suas emissoras afiliadas e transmitida apenas localmente. Algumas igrejas, como é o caso da ADVEC, também compram horários nessas emissoras locais. Porém, optamos por demonstrar em nossa pesquisa apenas a compra de horários pelas igrejas a nível nacional pois julgamos que essa exposição tem o potencial para atingir um número maior e mais variado de telespectadores. Os gráficos contendo nosso levantamento das informações das grades de programação dos canais de TV aberta detalhado por emissora estão incluídos nos anexos.

Muitas igrejas também têm seus próprios canais de televisão na TV aberta exercendo total controle sobre a grade de programação. Algumas igrejas como é o caso da IURD, da IIGD, da Igreja Católica, da AD, por exemplo, possuem redes de televisão que abrigam várias emissoras distribuídas por todo o território nacional que transmitem apenas o conteúdo produzido pela igreja. Na figura abaixo estão representados os canais de televisão que possuem uma relação com igrejas ou que exibem conteúdo exclusivamente religioso, quer sejam canais comerciais arrendados por igrejas, canais comerciais que pertencem a igrejas ou canais exclusivamente religiosos.

Figura 2 – As igrejas no teleespaço público

	IGREJA	TVABERTA	TV POR ASSINATURA	PARABÓLICA
REDE SUPER	BATISTA DA LAGOINHA	X	X	X
TV NOVO TEMPO	IASD	X	X	X
REDE BOAS NOVAS	AD	X	X	X
TV MUNDO MAIOR	ESPÍRITA	X		X
BOA VONTADE TV	ESPÍRITA	X	X	X
REDE GOSPEL	IRC	X	X	
RIT	IIGD	X	X	X
CANAL DA JUVENTUDE CRISTÃ	IIGD	X	X	
REDE FAMÍLIA	IURD	X	X	X
REDE GÊNESIS	SNT	X	X	X
REDE FONTE TV	IAFV	X		X
IDEAL TV	IMPD		X	X
REDE 21	IURD	X	X	X
CNT	IURD	X	X	X
RECORD	IURD	X	X	X
RECORD NEWS	IURD	X	X	
REDE BRASIL	IRC	X	X	
TV APARECIDA	IC	X	X	X
TV CANÇÃO NOVA	IC	X	X	X
REDE VIDA	IC	X	X	X
TV SÉCULO 21	IC	X	X	X
NAZARÉ TV	IC	X		

Legenda:

Protestantes de Missão	Azul
Pentecostais	Verde
Neopentecostais	Laranja
Espíritas	Amarelo
Emissoras Arrendadas	Vermelho
Emissoras Comercias	Marrom
Católicos	Roxo

Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível observar, as igrejas que possuem o maior número de canais de televisão são as pertencentes ao segmento neopentecostal. É possível também notar que os canais religiosos estão concentrados nas mãos dos neopentecostais e católicos. A maior parte das igrejas representadas no gráfico também estão nos pacotes de TV por assinatura.

Ao concluirmos este capítulo podemos entender que da inserção das igrejas no espaço televisivo foi motivada pela divulgação da doutrina cristã. Contudo a mudança de compreensão dos religiosos a respeito do meio, acabou por transformar o televangelismo, que é a divulgação do evangelho através da televisão, em uma forma de alavancar uma conquista de espaço para igrejas e de poder para os líderes religiosos. No próximo capítulo apresentamos as características técnicas do programa Vitória em Cristo.

3 VITÓRIA EM CRISTO

Este capítulo apresenta uma visão geral do programa Vitória em Cristo abordando elementos de sua estrutura, formato e alcance. Fazemos uma breve recapitulação do histórico do programa e o descrevemos em detalhe. Mostramos as maneiras como o programa Vitória em Cristo por intermédio do apresentador Silas Malafaia e de outras personagens ligadas ao meio evangélico se inserem no telespaço público fazendo do programa um espaço que se divide entre proselitismo religioso e divulgação de produtos.

3.1 Histórico do programa

Como já vimos, Vitória em Cristo é o nome do programa apresentado por Silas Malafaia. O programa gira em torno da figura do pastor, quer seja no momento da preleção, quer seja no espaço em que fala do estúdio e se dirige diretamente ao telespectador em casa.

De acordo com Fonseca (2003), o programa passou a ter esse nome em 1999 com a criação da Associação Vitória em Cristo, esta é a entidade religiosa, presidida por Silas Malafaia, que coordena o seu empreendimento evangelístico Escola de Líderes da Associação Vitória em Cristo (ESLAVEC). Para Fonseca, o Vitória em Cristo é a evolução do programa Impacto, posteriormente batizado como Renascer. Originalmente o programa tinha 15 minutos de duração, era exibido no Rio de Janeiro e transmitido em canal aberto pela antiga TV Record (atual CNT). Em 2004 o programa passou a ter 1 hora de duração e começou a ser exibido também pela Rede TV!⁷. Em junho do mesmo ano, o programa legendado em inglês começou a ser exibido nos Estados Unidos, Europa e Ásia pela rede de televisão evangélica Daystar. Em 2005, passou a ser transmitido pela Inspiration Network e WhT TV via satélite para a Europa e a África.

Já em 2007, o programa Vitória em Cristo começou a ser exibido semanalmente em rede nacional pela TV Bandeirantes, aos sábados, na faixa horária do meio dia. Atualmente, o programa é exibido no Brasil em canal aberto, uma vez por semana, pela Rede Bandeirantes,

⁷ Disponível em: <www.vitoriaemcristo.org>. Acesso em 8. dez.2014.

no horário de 12h00 às 13h00, e pela Rede TV! das 9h às 10h. O programa também vai ao ar diariamente das 8h00 às 9h00 na Rede Brasil.

3.2 O Formato do Programa

O programa *Vitória em Cristo* segue uma sequência básica que se resume em: abertura, apresentação musical, sermão, promoção de produtos religiosos e oração.

A jornalista Daniela Pinheiro (2011, p. 26) descreve o “*Vitória em Cristo*” como “um longo comercial da Polishop”, pois o programa intercala a venda de livros, CDs e DVDs da editora e da gravadora Central Gospel a sermões bíblicos e de autoajuda de matriz norte-americana.

Neste ponto é interessante lembrar como os pesquisadores de comunicação Arlindo Machado e Maria Lucía Vélez (2007, p. 3) elaboram a definição de programa de televisão:

Podemos definir o programa de televisão como qualquer série sintagmática, sequência de imagens e sons eletrônicos, que possa ser tomada como uma singularidade distintiva às outras séries sintagmáticas da televisão. Pode ser uma peça única como um telefilme ou um especial; uma série ou minissérie apresentada em capítulos; um horário reservado como um gênero específico (seriado, telejornal, *talk show*, etc.), que se prolonga durante anos sem previsão de finalização; ou até mesmo uma programação inteira no caso de emissoras em rede “segmentadas” ou especializadas, que não apresentam variação de blocos.

Segundo o autor, a noção de programa tem sido questionada nas últimas décadas pelo fato de a televisão borrar os limites entre os programas, inserindo um programa dentro do outro e introduzindo elementos que tornam complexa a distinção entre os tipos possíveis. O *Vitória em Cristo* enquadra-se no gênero religioso, mas apresenta uma porção farta de publicidade e propagandas amalgamadas em seu bojo.

O teórico da comunicação Ciro Marcondes Filho (2002, p. 40-41) discorrendo sobre o fazer televisivo, diz:

A característica principal dos produtos de televisão é que eles seduzem, fascinam e absorvem não só pelos conteúdos – histórias, notícias, emoções, magia – mas também pela sua *estrutura*. São produtos monopolistas, pois estabelecem no mundo inteiro as mesmas coordenadas, feitas segundo uma matriz, uma espécie de fôrma para fabricação de programas. Como exemplo

temos: a exposição do poder, isto é, a possibilidade de estar perto do poder, de ver os poderosos em sua intimidade, de estar perto dos símbolos de status; da chance de conhecer o secreto e da fugaz ruptura com o cotidiano.

A explicação interessa, pois verificamos que a estrutura do *Vitória em Cristo* contribui para o modo como o conteúdo é assimilado. O programa mistura o oferecimento de bens simbólicos e bens materiais: os clipes musicais se intercalam com propagandas dos CDs dos cantores; o sermão é comprimido por blocos de anúncios, no entremeio do proselitismo religioso, entra a pregação política do televangelista sob a forma de alertas, explicações, instruções e denúncias.

A vinheta

As vinhetas de abertura fornecem literalmente a primeira imagem de um programa. Rogério Dorneles (2011, p. 51), as chama de “embalagens para os programas”. A vinheta de abertura é a primeira exposição, gera a primeira impressão, serve para preparar o público e assim sendo, pode servir para transmitir de forma condensada o conceito do programa através das imagens e sons.

A vinheta do programa *Vitória em Cristo* parece ter sido montada sobre um modelo que se assemelha a abertura de um telejornal ou um programa de finanças. A trilha sonora é uma música orquestrada, grandiosa, que vai crescendo em tom triunfal preparando a audiência para o anúncio feito por uma grave voz masculina em off: “*Vitória em Cristo*, com o pastor Silas Malafaia”.

A primeira imagem é do globo terrestre azul inserido na galáxia escura com pequeninos pontos luminosos. Da parte externa do globo emanam semicírculos azuis como se fossem ondas de um radar. O nome *Vitória em Cristo* surge do centro do globo, uma palavra por vez. Ele gira rapidamente se agigantando na tela, enquanto as palavras também se expandem em close. O globo não é uma figura sólida. Ele é vazado, e a impressão que se tem é de que os continentes estão em suspenso na galáxia, pois deles só se percebe o contorno. Essa imagem do globo terrestre é novamente exibida, por cinco segundos, nos intervalos entre os blocos, como vinheta de passagem.

Logo após a apresentação da vinheta de abertura, o filho de Silas Malafaia, o também pastor Silas Malafaia Filho, entra em cena para abrir o programa anunciando o momento do sermão e oração.

Apresentações musicais

Quanto às apresentações musicais que exibem os cantores e bandas contratados pela gravadora Central Gospel, estas são gravadas em formato de vídeo clipes, ou extraídas de momentos de louvor dos eventos da igreja. O número da central de televendas da gravadora é veiculado simultaneamente à apresentação musical. A propaganda do CD do artista aparece logo após a apresentação musical.

O Sermão

Os sermões apresentados no programa “Vitória em Cristo” por Silas Malafaia são temáticos, ora pautados pelas histórias bíblicas, ora pendendo para o lado das palestras motivacionais. Essas se inserem no proselitismo religioso do televangelista, conforme elaborado no capítulo 2.

Em sua tese de doutoramento a pesquisadora Letícia Storto (2015, p. 100-101) estabelece uma distinção entre sermão e pregação no que tange ao propósito subjacente ao discurso. Segundo a autora, o sermão seria uma espécie de fala, de conversa, cujo objetivo é a edificação dos crentes, enquanto a pregação visa conquistar não crentes ao evangelho. Ou seja, no sermão o orador procura estabelecer um elo com os membros de sua comunidade de fé enquanto na pregação o alvo é a divulgação da mensagem para além das portas da igreja.

Embora a diferença seja sutil e nem sempre explícita na fala dos oradores, quer sejam padres, apóstolos ou pastores, a distinção estabelecida por Storto nos permite concluir que o conteúdo bíblico do programa Vitória em Cristo é apresentado no formato de sermão. Primeiro pela temática das mensagens que são voltadas para estimular o crescimento pessoal dos indivíduos e da comunidade de fé, e não necessariamente para a conversão de pessoas. Segundo pelo fato de o orador se dirigir a um público específico, nesse caso, os evangélicos, que embora pertençam a diferentes denominações, já seriam, ao menos em princípio, fiéis.

A parte do programa Vitória em Cristo destinada ao sermão é extraída de gravações nas quais Silas Malafaia fala à congregação de fiéis do púlpito de sua igreja no Rio de Janeiro, ou nos congressos e campanhas evangelísticas realizados ao redor do país, ou ainda nos cursos de liderança ministrados por ele.

No sermão é o momento em que Silas Malafaia transmite o conteúdo religioso. O apresentador tece para seus fiéis argumentos sobre assuntos que envolvem como identificar quem possui a autoridade espiritual, o crescimento na vida cristã, a maneira de vencer pecados e dilemas da vida cotidiana, e outros. Percebe-se que alguns sermões podem ter sido gravados em anos anteriores.

Propagandas e Anúncios

Há também o oferecimento de produtos religiosos. Nesse momento o apresentador dirige-se ao telespectador em casa promovendo a venda de livros, Bíblias, cursos de teologia, cursos de liderança e também divulgando sua agenda e os congressos dos quais participa. Os anúncios são narrados em off e ilustrados com imagens estáticas. Eles funcionam como um boletim informativo para comunicar a agenda do pastor e os eventos promovidos pela igreja.

Os produtos e serviços oferecidos no Vitória em Cristo servem em geral para promover as empresas de Malafaia, a editora Central Gospel, a gravadora Central Gospel, e a escola de líderes da igreja a Escola de Líderes da Associação Vitória em Cristo, a ESLAVEC, através da divulgação de livros, CDs e cursos em linguagem e formato publicitário. O apresentador aproveita este momento para emitir suas opiniões sobre questões políticas e transmitir orientações no tocante ao processo eleitoral.

A Oração

O fechamento do programa se dá com uma oração com a qual o apresentador diz abençoar os telespectadores.

3.3 A Estrutura do Programa

O Vitória em Cristo tem uma hora de duração. Os segmentos são distribuídos da seguinte maneira: mais ou menos 20 minutos de sermão, inserido entre os dois grandes blocos de propaganda que juntos somam 40 minutos.

O quadro abaixo mostra a estrutura do programa elencando a sequência de eventos na ordem em que aparecem no vídeo e seu tempo médio de duração.

Quadro 4 – Estrutura do Programa

Programa Vitória em Cristo	
Sequência de eventos	Tempo de duração
Vinheta de abertura	30''
Abertura/Introdução do tema	1'50''
Vinheta de passagem	5''
Propagandas e comerciais	6'
Vinheta de passagem	5''
Anúncios	1'30''
Música	6'
Sermão	22'
Oferecimento de produtos	20'
Oração final	2'

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 4 mostra a sequência de eventos em ordem cronológica. O tempo de duração dos segmentos sofre pequenas variações de episódio para episódio. O programa foi desmembrado em minutos (') e segundos (') para facilitar a visualização do tempo destinado no programa à prática do proselitismo religioso e à promoção de produtos. Considerando o sermão e as músicas como práticas proselitistas, verificamos que o programa está dividido equitativamente entre religião e comércio.

3.4 As Gravações

O programa Vitória em Cristo se divide em gravações feitas em estúdio e gravações externas, os cenários, por sua vez variam conforme as locações. O cenário do estúdio, por exemplo, é disposto em formato de L, composto por dois ambientes, em uma sala de estar e um escritório.

A sala de estar é composta de um painel ao fundo pintado de azul com nuvens brancas simulando o céu; uma fonte de água que jorra pela parede; plantas penduradas em pilares e em vasos pelo chão; quatro sofás brancos, um sofá grande ao centro e duas poltronas, uma mesa pequena lateral ao lado de sofá central um tapete colocado entre os sofás sob um piso de madeira.

O escritório é composto de uma grande janela arredondada com um painel azul ao fundo; uma parede de estantes com livros, cujos títulos identificados são publicados pela editora Central Gospel); uma escrivaninha de madeira escura com detalhes em branco e uma cadeira de escritório.

Já as gravações externas cumprem duas funções: a primeira de registrar os sermões e a segunda de gravação dos clipes musicais. Nessas gravações acontecem os sermões de Malafaia pronunciados em igrejas, estádios ou arenas, tendas ou auditórios, e também ao ar livre.

Nos sermões gravados na nova sede da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, ADVEC, uma igreja-estúdio construída em um auditório moderno de dois andares preparado com equipamento de iluminação e câmeras profissionais, encontramos os seguintes elementos:

- uma ampla plataforma com aspecto de palco;
- uma escada de mármore de 7 degraus separando a plataforma do auditório;
- dois telões pendurados nas paredes ao lado plataforma;
- um painel neutro ao fundo da plataforma iluminado com luz lilás; um púlpito transparente com o logo da igreja ao centro da plataforma;
- três grandes clarabóias amarelas afixadas ao teto.

Nos outros ambientes onde ocorrem gravações de sermão, verificamos o uso de um grande telão de LED colocado no placo atrás do pregador onde aparece o nome do programa.

A abertura e o fechamento são gravados em estúdio enquanto os sermões são gravados em templos da Assembleia de Deus Vitória em Cristo e em eventos realizados por Silas Malafaia ao redor do Brasil. Disso depreende-se que o programa não é uma gravação feita em um só lugar, e sim montado a partir da junção de peças gravadas em diferentes momentos, locais e épocas.

3.5 O alcance do programa

O programa Vitória em Cristo é transmitido em rede nacional pela TV Bandeirantes, Rede TV! e Rede Brasil e retransmitido para diversos estados através de emissoras locais. Para demonstrarmos a abrangência do programa em termos de sua presença nos canais de

televisão em todo o país, listamos as emissoras e os locais onde o programa é veiculado conforme apresentado a seguir no Quadro 5.

Quadro 5 – Exibição do Programa Vitória em Cristo

Exibição Nacional do Programa Vitória em Cristo			
Emissora	Abrangência	Dia da semana	Horário
Band	Nacional	Sábado	12h - 13h
Rede TV!	Nacional	Sábado	9h - 10h
Rede Brasil	Nacional	Segunda a domingo	8h - 9h
SBT	Santa Catarina	Sábado	8h30 às 9h30
TV Barriga Verde	Santa Catarina	Sábado	8h - 9h
Band	Bahia	Sábado	8h - 9h
Band	Maranhão	Sábado	8h - 9h
TV Porto Visão	Rio Grande do Sul	Sábado	8h - 9h
Rede Goiania	Goiás	Sábado	8h - 9h
TV Pontengi	Rio Grande do Norte	Sábado	8h30 - 9h30
TV Capixaba	Espírito Santo	Sábado	8h45 - 9h45
TV Santos	São Paulo	Sábado	9h - 10h
Band	Brasília (DF)	Sábado	9h30 - 10h30
Band	Tocantins	Sábado	9h30 - 10h30
TV O Norte	Paraíba	Sábado	9h30 - 10h30
TV Estado/CNT	Paraíba	Segunda a sábado	16h00 - 7h00
TV Mais	Fortaleza	Segunda a sexta	23h00 - 0h00
TV Jangadeiro/Band	Fortaleza	Sábado	9h - 10h
TV Cultura	Pernambuco	Sábado	8h - 9h
5 Bandeirantes	Rio Grande do Norte	Sábado	8h - 9h

Fonte: Website do programa Vitória em Cristo⁸.

Neste quadro também podemos observar os dias e horários em que os episódios do Vitória em Cristo são exibidos pelas diferentes emissoras locais ao redor do país. Dentre as emissoras listadas a TV Bandeirantes é a que tem a maior audiência em potencial possuindo uma cobertura que abrange 90% do território brasileiro.

Também procuramos apontar o alcance do programa em termos de audiência para se ter uma ideia de quantas pessoas assistem de fato ao Vitória em Cristo. Coletamos as informações contidas no quadro a seguir do serviço de medição de audiência oferecido pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, IBOPE, aos seus assinantes. Para realizar

⁸ Disponível em: <http://www.vitoriaemcristo.org/_gutenweb/_site/gw-programa-de-tv/>. Acesso em: 28 maio 2015.

a medição da audiência, o IBOPE utiliza aparelhos instalados na casa dos telespectadores, os Peoplemeters, que registram o número de televisores ligados num determinado canal, numa determinada faixa de horário. A medição é feita em períodos sequenciais de 30 minutos, ou seja, a cada meia hora o IBOPE aponta a quantidade de novos televisores que foram ligados durante aquele período. Os dados fornecidos nessa medição indicam os números reais de aparelhos ligados, isto é, as casas que realmente estavam assistindo à programação de um dado canal, num dado horário. Porém, como é possível que mais de uma pessoa esteja assistindo àquela programação registrada pelo Peoplemeter, o IBOPE indica que os números coletados em sua medição sejam multiplicados por 1000 para se obter a informação da audiência total. O Quadro 6 apresenta os dados registrados pelo IBOPE durante a faixa horária de exibição do programa Vitória em Cristo pela TV Bandeirantes. A medição foi feita entre 04 de abril e 25 de abril de 2015.

Quadro 6 – Audiência do Programa Vitória em Cristo

Dados do IBOPE TV Bandeirantes				
Data de exibição	Primeira medição 12h00 - 12h30	Segunda medição 12h30 - 13h00	Total/hora	Total x1000
04/04/2015	226.65	365.22	591.87	591.870
11/04/2015	199.06	275.72	474.78	474.780
18/04/2015	265.06	311.17	576.23	576.230
25/04/2015	249.53	388.48	638.01	638.010

Fonte: Ibope, 2015.

O programa também possui uma versão dublada em inglês, o *Victory in Christ*, transmitido via satélite para 200 países na América do Norte, Europa e África. Na internet o Vitória em Cristo pode ser assistido nos seguintes endereços oficiais: o site da Associação Vitória em Cristo: www.vitoriaemcristo.org e os canais prmalafaia e Silas Malafaia Oficial disponibilizados pela plataforma YouTube.

À guisa de conclusão deste capítulo constatamos que o programa Vitória em Cristo mistura, em seu formato e estrutura, religião e comércio burlando a distinção entre bens simbólicos e produtos.

4 O PROFETA NA INSTÂNCIA DA IMAGEM AO VIVO

Neste capítulo empreendemos a análise da figura do apresentador Silas Malafaia. Apresentamos sua biografia, destacamos a repercussão do pastor na imprensa através de reportagens que noticiaram sua atuação na cena pública e sua participação em programas outros programas de televisão. Exploramos a figura do profeta com base nos conceitos de Weber (1993) e Heschel (2001) para entendermos como essa personagem, cujos predicados o apresentador toma para si, se agrega à figura do apresentador.

4.1 Biografia do apresentador

Silas Malafaia nasceu em 14 de setembro de 1958 na cidade do Rio de Janeiro, filho de uma diretora de escola e de um militar da Aeronáutica, que posteriormente tornou-se pastor da Assembleia de Deus. Malafaia formou-se em teologia em 1980 pelo Instituto Bíblico Pentecostal e iniciou sua carreira como pastor auxiliar da Assembleia de Deus, igreja a qual frequenta desde que nasceu. Em 2006 formou-se também em psicologia na Universidade Gama Filho. O carioca de origem grega é casado com Elizete Malafaia com quem tem três filhos.

O jornalista José Roberto Costa (2012, p. 15) relata que a influência dos pregadores pentecostais norte-americanos Rex Humbard, Pat Robertson e Jimmy Swaggart, que já tinham seus programas exibidos no Brasil desde o final da década de 1970, foi decisiva para que Malafaia visse na televisão uma oportunidade se abria para o evangelismo.

O apresentador apareceu na televisão pela primeira vez em 1982. Com 23 anos de idade e, recém-ordenado ao ministério pastoral, ele estreou apresentando um programa de quinze minutos intitulado Impacto que posteriormente se converteria no programa Vitória em Cristo.

Naquela ocasião, disposto a conseguir seu próprio espaço profissional telerreligioso sob os holofotes, Malafaia teria vendido o carro, pedido dinheiro emprestado, e contado com o patrocínio do empresário evangélico Sotero Cunha para produzir e veicular seu primeiro programa, relata Pinheiro (2011, p. 28).

Convidando atrações musicais para participarem do programa e palpitando sobre qualquer assunto, o apresentador Malafaia dirigia-se a duas câmeras paradas por detrás de uma mesa, conforme escreve Pinheiro (2011, p. 27), em matéria publicada pela Revista Piauí.

Malafaia é um orador persuasivo e eloquente que sabe movimentar os ânimos de sua plateia. Tem um forte sotaque carioca e modula a voz indo dos gritos às imitações humorísticas para marcar a sua fala. É dinâmico, gesticula com as mãos e caminha de um lado para o outro durante as pregações e quase não usa o púlpito. Ele não lê seus sermões e parece falar sempre de improviso. Possui uma Bíblia que o acompanha seja no púlpito, seja no estúdio, mas também recita passagens bíblicas inteiras de cor. Seu semblante é fechado na maior parte do tempo, vez por outra esboça sorrisos, porém tem um senso de humor satírico.

Em seu programa semanal *Vitória em Cristo*, o apresentador veste-se de maneira formal, usa terno e gravata em tons sóbrios e o cabelo com gel penteado para trás. Na mão esquerda usa aliança e relógio dourados, na direita um anel de ouro.

Com a morte do sogro – pastor José Santos – em 2009, Malafaia herdou a AD Penha, uma congregação de 17 mil fiéis e 104 templos e virou pastor. (PINHEIRO, 2011). Até então tinha sido apenas pastor auxiliar além de apresentador de TV, empresário e conferencista. Assim que assumiu a igreja batizou-a com o nome de seu programa de televisão, *Vitória em Cristo*.

O pastor também é empresário. Ele é dono da editora e gravadora Central Gospel, cujo catálogo de produtos chega a quase 600 títulos, entre livros, CDs, e DVDs. Malafaia lança de a média de quatro livros por ano de sua autoria. A Central Gospel é a segunda editora que mais vende livros evangélicos no Brasil, cerca de 1 milhão de exemplares por ano. (PINHEIRO, 2011).

Em janeiro de 2011 Malafaia publicou na revista *Fiel*, publicação interna da ADVEC com a qual o pastor se comunica com seus doadores e fiéis, dois novos motivos pelos quais deveriam orar: a transmissão do programa *Vitória em Cristo* na Rede Globo e a transmissão do programa no horário nobre na Band ou no SBT. (COSTA, 2012).

No dia 17 de junho de 2012, Malafaia foi apresentado pelo jornalista Ricardo Bruno, âncora do programa *Jogo do Poder* exibido pela rede CNT, como “talvez o mais importante líder evangélico do Brasil”. O programa abordou assuntos polêmicos em que o pastor marca sua posição notadamente radical, porém frisou a postura política do líder religioso.

Nesse programa, Malafaia afirmou que jamais pretende disputar uma eleição, mas disse que quer “influenciar”. Durante a entrevista, o âncora do jornal mencionou uma conversa que teria ocorrido entre Malafaia e o empresário João Roberto Marinho, vice-

presidente das organizações Globo. O jornalista perguntou qual teria sido o propósito da conversa, pois havia boatos de que Malafaia sempre quis ter um programa na TV Globo. O pastor respondeu ser um sonhador, mas que não tinha sido dessa vez que conseguira um espaço na TV Globo e que foi procurado por João Roberto, pois o empresário queria saber mais sobre como é a comunidade evangélica.

Em 3 de fevereiro de 2013, Malafaia participou do programa *De frente com Gabi*, conduzido pela jornalista Marília Gabriela, exibido pelo SBT. O texto narrado pela jornalista na abertura do programa, uma biografia do entrevistado, confirma nossa ideia de que como agente da instância da imagem ao vivo, Malafaia teria contribuído para que a pauta religiosa permeasse a agenda política dos candidatos à eleição, bem como para que a temática política se intensificasse no cenário religioso dos evangélicos. A entrevista durou 45 minutos.

Malafaia foi o convidado do programa *Super Pop* da Rede TV! no dia 15 de abril de 2013. Na chamada do programa, Luciana Gimenez o apresenta como “um dos pastores mais influentes do Brasil” e estabelece a razão de ele estar ali: “falar de assuntos polêmicos”. Na sequência, a apresentadora acrescenta: “Diz que ele fala do jeito dele, mas que fala tudo, eu também falo tudo então o negócio vai pegar fogo”. A entrevista com o pastor teve duração de 1 hora e 15 minutos

4.2 A midiaticização da religião

O teórico dinamarquês Stig Hjarvard (2012) trabalha o conceito de midiaticização para explicar os novos contornos assumidos pelas instituições sociais e as transformações ocorridas nos processos culturais que, segundo ele, tiveram que adequar seu caráter, função e estrutura em resposta à onipresença dos meios de comunicação. O autor também explica que “a midiaticização em si é caracterizada por uma dualidade: ela intervém na interação humana em diversos contextos institucionais, ao mesmo tempo em que institucionaliza a mídia como uma entidade semiautônoma com sua lógica própria”. (HJARVARD, 2012, p. 68).

Isso significa que, ao mesmo tempo em que as relações institucionais passam a ser mediadas pelos meios de comunicação, a mídia, por sua vez, se torna uma instituição que submete outras instituições como partidos políticos, empresas privadas, governos, igrejas, etc., a seu modo peculiar de operar. Nesse caso, a inclusão da mídia nas práticas institucionais acabou por alterar as relações a tal ponto que algumas interações ficam inviáveis sem a

presença dos meios de comunicação. As instituições se tornaram verdadeiramente dependentes da mídia, que de ferramenta para servir aos objetivos das entidades transformou-se em um dos seus principais alvos. Sob a perspectiva da midiaticização o que importa não é encontrar uma maneira de encaixar a mídia nos planos, mas planejar maneiras de estar na mídia.

Hjarvard (2012) ainda estende o conceito para abordar as consequências da midiaticização na religião explorando a intersecção entre as duas instituições e as mudanças sofridas pela religião em decorrência do uso dos meios de comunicação e também devido à reprodução midiática de assuntos religiosos. Disso depreende-se que a mídia detém a prerrogativa de moldar a visão de mundo nos dias de hoje, premissa anteriormente assumida pela religião. Portanto, Hjarvard afirma que a maneira como a religião é entendida pela sociedade depende do enquadramento dado pela mídia, isto é, no mundo ocidental, o imaginário sobre o universo religioso é tecido pelas informações disseminadas pela mídia, que, além disso, tem mais proeminência sobre a circulação do conhecimento que diz respeito à religião do que as instituições religiosas.

4.3 O apresentador na imprensa

Silas Malafaia é um dos pastores que tem atraído a atenção da imprensa nos últimos anos. Com posicionamento polêmico contra a causa homoafetiva seu discurso político com viés de militância, Malafaia tem sido assunto da imprensa nacional e internacional.

Pinheiro (2011) dedicou sete páginas para apresentar o perfil do pastor na seção “anais da religião” da revista Piauí. A matéria intitulada “Vitória em Cristo” amarra a ideia de que a proeminência atingida pelo televangelista se deve ao caráter aguerrido de sua pregação, que convoca os fiéis a batalhar pela vitória e superação tanto na vida material como na vida espiritual, e pelo fato de o pastor engalfinhar-se em questões contraditórias.

Simon Romero (2011), escrevendo para o The New York Times, publicou um perfil de Malafaia em 25 de novembro de 2011, na seção semanal “Saturday profile”. O perfilado aparece como uma figura que desponta nas guerras culturais travadas no Brasil as quais envolvem temas como a legalização do aborto, da maconha e os direitos dos homossexuais. Um dos entrevistados por Romero, o especialista no fenômeno religioso latino-americano Andrew Chesnut, ao referir-se ao pioneirismo do líder religioso em defender o direito dos

evangélicos à participação na esfera política nacional comparara Malafaia ao pastor norte-americano conservador Pat Robertson. Durante a entrevista, Malafaia comentou a matéria publicada pela revista *Época* sobre a intolerância contra os ateus, de autoria da jornalista Eliane Brum e a chamou de “vagabunda”. Brum respondeu à ofensa em um artigo publicado no site da revista *Época* dizendo: “A afirmação do pastor é autoexplicativa: ao atacar minha honra por discordar de minhas ideias, ele proporciona a maior prova do acerto e da relevância do meu artigo”. Posteriormente, o pastor se desculpou publicamente através de sua rede social Twitter dizendo ter escrito um email particular à jornalista afirmando não ter tido a intenção de ofender sua honra e que usou a palavra “vagabunda” para se referir à reportagem e não à pessoa.

No dia 2 de junho de 2012, a revista *VEJA* trouxe uma entrevista com ele, sob o título: “O Brasil não é homofóbico”. (LEITE, 212). Malafaia respondeu a perguntas sobre o crescimento dos evangélicos no Brasil, as razões pelas quais os fiéis dão dízimos e ofertas, a diferença que estabelece entre homossexuais e ativistas gays, seu capital financeiro, seu capital de influência e sua postura política.

No dia 14 de junho de 2012, o jornalista Ricardo Noblat, colunista do jornal *O Globo*, publicou em seu blog o comentário do cientista político Murilo Aragão sobre entrevista à *Veja*. Nas considerações de Aragão:

Com o destaque ganho na seção Páginas Amarelas, Malafaia comprova ser uma das personalidades mais influentes do país nos dias de hoje. E, ao usar essa sua influência para abdicar da possibilidade de ser candidato, prepara-se para ser um poderoso cabo eleitoral. Talvez o mais influente de todos para as eleições de 2014 dentro do mundo evangélico. (ARAGÃO, 2012).

As previsões do autor parecem ter se confirmado. Em 2014, Malafaia transformou-se em uma espécie de *hub*, atraindo a atenção da imprensa quando o assunto era evangélicos e política.

Escrevendo para a revista *Forbes* em 17 de janeiro de 2013, o jornalista Anderson Antunes (2013) citou Malafaia como um dos pastores mais ricos do Brasil ao lado de Edir Macedo, Valdemiro Santiago, R.R. Soares e o casal Sônia e Estevam Hernandes. A revista avaliou o patrimônio de Malafaia em 150 milhões de dólares. Sua gravadora, Central Gospel, estaria entre as quatro maiores do gênero gospel no país e a sua editora do mesmo nome seria a segunda maior editora gospel brasileira, com um faturamento anual estimado em 25 milhões de dólares. A informação foi contestada pelo pastor, conforme noticiou o jornalista Marco Prates (2013) em matéria publicada pela revista *Exame* em 22 de janeiro de 2013. Segundo o

autor, Malafaia teria se manifestado virulentamente contra os autores da publicação dizendo que entraria na Justiça para “ferrar” com a revista. De acordo com nota publicada por Felipe Patury (2013), no site da revista *Época*, Malafaia afirmou que seu patrimônio é de 6 milhões de reais e diz ter sido prejudicado pela informação divulgada. Ele foi o único dos seis pastores mencionados que se pronunciou a respeito da publicação.

As matérias publicadas pelo jornal *O Globo* no período da campanha eleitoral de 2014 enfatizaram ainda o estremecimento causado no Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) devido ao apoio de Malafaia ao pré-candidato a deputado federal Jeferson Barros, que se lançaria pela legenda. (FERREIRA, 2014). Os embates entre Malafaia e a então candidata à presidência Dilma Rousseff nas redes sociais foram descritos por Ana Carolina Pinto (2014) e publicados pelo jornal *Extra* e *O Globo*.

A controvérsia envolvendo Malafaia e Marina Silva foi destaque no jornal *O Estado de São Paulo* durante a campanha eleitoral de 2014. Primeiramente pelo fato de o pastor ter se tornado figura central no debate envolvendo a alteração no plano de governo da candidata, modificado, coincidentemente ou não, após as duras críticas feitas por ele nas redes sociais. (CARDOSO, 2014). O primeiro plano divulgado pelo partido de Marina Silva contemplava reivindicações feitas pela comunidade LGBT, considerado item inaceitável pelo pastor. Posteriormente, a mesma jornalista Daiene Cardoso (2014 B) registrou a defesa do pastor em favor da candidata após a ameaça feita à Marina por João Pedro Stédile, líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), caso a candidata optasse pela privatização das estatais. José Roberto Castro (2014) assinalou a movimentação de Malafaia nas redes sociais em prol de Marina. Segundo o jornalista, o pastor chegou a promover um “tuitaço”, uma manifestação virtual através da rede de relacionamento Twitter, usando a frase #MARINAresistentevaiserPRESIDENTE. Mas, já às vésperas da eleição, o jornalista Sílvio Barsetti (2014), divulgou a entrevista em que Malafaia afirmou que Marina pagaria por sua soberba se recusando a apoiar o candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) Geraldo Alkmin ao governo de São Paulo.

José Marques (2014) escrevendo para o jornal *Folha de S.Paulo* em 30 de agosto de 2014 também noticiou a atuação de Malafaia e sua influência no desenrolar da campanha de Marina Silva. A troca de farpas entre o pastor e a candidata Dilma Rousseff nas redes sociais foi comentada por Ygor Salles (2014) no blog do jornal. Morris Kachani (2014) publicou em 10 de setembro de 2014, em seu blog abrigado pelo site do jornal uma entrevista com o pastor que aborda temas controversos como a participação dos evangélicos na política, a corrupção no PT, a questão do homossexualismo e o ativismo LGBT.

A matéria de Daniela Lima (2014), publicada na versão online da Folha no dia 19 de agosto de 2014, possui um link para o vídeo da propaganda em que Malafaia aparece sorridente, usando uma camisa polo e dizendo “Para um Brasil forte, precisamos de famílias fortes”. No final, ele pede votos ao candidato do PSC. O jornal também registrou o arrendamento da emissora Central Nacional de Televisão, CNT, por Edir Macedo, fundador da IURD. A monopolização do canal pela IURD acarretou a perda do espaço que Malafaia ocupava na CNT.

Em 28 de julho de 2014, a revista Carta Capital publicou uma nota sobre o vídeo em que Malafaia aparece declarando seu apoio ao pastor Everaldo e conclamando os evangélicos a se unirem na ocorrência de um segundo turno para que pudessem pressionar os candidatos a assinar acordos condizentes com os preceitos morais adotados pela comunidade. A reportagem da revista de 6 de agosto de 2014 explorou o poder evangélico na mídia e na política. Malafaia figura entre os líderes retratados na capa (uma montagem que também usa as imagens de Edir Macedo, do presidenciável pastor Everaldo e do deputado federal Marco Feliciano). Nessa edição, os jornalistas Piero Locatelli e Rodrigo Martins (2014) escreveram sobre a ação dos líderes de igrejas neopentecostais que visam aumentar sua influência para além dos limites da esfera religiosa.

A revista Época na edição de 6 de setembro de 2014 abordou a questão do voto evangélico. Nessa mesma edição, Silas Malafaia foi o escolhido para a seção de entrevistas. Na edição em que elegeu os 100 brasileiros mais influentes do ano. Malafaia foi o único pastor evangélico destacado. De acordo com informações publicadas no site da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Malafaia também esteve no ranking da revista em 2011 e 2012.

A um mês das eleições, no dia 7 de setembro de 2014, a revista também publicou um texto assinado pelo jornalista Ricardo Alexandre que trata do assunto:

Homofóbicos, cortejados pela presidente, fundamentalistas. Massa de manobra de Silas Malafaia, conservadores, determinantes no segundo turno das eleições. De tanto que se falou sobre os evangélicos nas últimas semanas, nos jornais e nas redes sociais, talvez caiba uma pergunta: afinal, quem são “os evangélicos”? A resposta mais honesta não poderia ser mais frustrante: os evangélicos são qualquer pessoa, todo mundo, ou, mais especificamente, ninguém. São uma abstração, uma caricatura pintada a partir do que vemos zapeando pelos canais abertos misturado ao que lemos de bizarro nos tabloides da internet com o que nosso preconceito manda reforçar. Dizer que “o voto dos evangélicos decidirá a eleição” é tão estúpido quanto dizer a obviedade de que 22,2% dos brasileiros decidirão a eleição. Dizer que “os evangélicos são preconceituosos”, significa dizer que o ser humano é preconceituoso. É não dizer nada, na verdade. (ALEXANDRE, 2014).

A maneira como Malafaia foi introduzido pelos apresentadores nos programas em que participou reforça a ideia de um personagem polêmico, ousado e combativo. Isso pode ter contribuído para aumentar sua influência política no telespaço público. Sob o prisma teórico da instância da imagem ao vivo, as janelas abertas pelas diferentes emissoras serviram para conferir ao pastor um *status* de notoriedade e poder.

Em uma entrevista concedida ao jornalista Raphael Kapa, publicada pelo jornal O Globo no dia 02 de setembro de 2014, Malafaia explicitou a lógica que articula seu engajamento político:

Em uma sociedade livre, as pessoas podem buscar suas convicções políticas em qualquer lugar. Essa ideia, por exemplo, de estado laico, que nós apoiamos, é um jogo muito malandro da esquerda. Nosso modelo ocidental é judaico-cristão. Tudo nele é judaico-cristão. Uma coisa é a religião, outra coisa é a ideologia. É um jogo ideológico de oposição poderoso. Quem disse que Marx é melhor que Jesus? Nós vamos eleger a maior bancada evangélica da história. Os ativistas gays que elejam seus representantes para que estas questões sejam discutidas lá (no Congresso).

A afirmação corrobora nossa perspectiva de pesquisa sobre o pastor que se propõe a exercer sua influência como líder religioso a fim de ganhar espaço direta e indiretamente na esfera pública política. De maneira direta, Malafaia oferece sua imagem e prestígio para ajudar a eleger candidatos, e de maneira indireta, faz um movimento político quando permanece em evidência no telespaço público.

No Programa Raul Gil, do SBT, no quadro “para quem você tira o chapéu” exibido no dia 22 de novembro de 2014, o apresentador introduziu Malafaia elencando as seguintes características: “inteligente, sabe tudo, conhece a Bíblia do começo ao fim, fala muito bem, passa as palavras escritas ali na Bíblia com a maior força, a maior autoridade”. (SBT Online, 2014). O quadro mesclou entrevista e testemunhais em homenagem ao convidado, com 55 minutos de duração.

Mas é no popularesco Programa do Ratinho, também exibido pelo SBT, que Malafaia é visto com mais frequência. Ele esteve no programa em 2010, 2012, 2013 e 2015. Em sua última aparição no dia 05 de fevereiro de 2015, Malafaia participou do quadro “Dois Dedos de Prosa” com o apresentador Carlos Massa, o Ratinho, que se referiu ao seu convidado como “meu amigo”. Em seguida perguntou: “você é muito briguento?” e o convidado respondeu, que no meio evangélico, ele era conhecido como Ratinho Evangélico. (MASSA, 05.02.15, 2min.59s.).

Malafaia foi chamado a participar do programa Na Moral apresentado pelo jornalista

Pedro Bial, em 23 de abril de 2015. O programa discutiu como a moral da época se reflete na TV, e se a TV corre atrás ou à frente da moralidade pública. O pastor foi um dos debatedores, ao lado do autor de novelas Silvio de Abreu, da desembargadora Maria Berenice Dias e do apresentador de TV Jô Soares.

4.4 Silas Malafaia: o comunicador, pastor e “profeta”

Em seu programa Malafaia, aparece em cena sentado atrás de uma mesa de escritório, com semblante sereno, vestindo camisa e gravata e paletó, e, por vezes, um lenço colorido no bolso superior. O movimento de câmera simula um passeio suave pelo ambiente do estúdio até enquadrar o apresentador. No último bloco do programa, Malafaia está sozinho no estúdio. A atmosfera da igreja é substituída por um cenário de televisão. Nesse momento não há plateia, nem púlpito e o pregador assume a função de apresentador. A cena nos remete à imagem de um telejornal. Porém a Bíblia em cima da mesa já dá pistas a respeito do tipo de conteúdo a ser transmitido. Esse é de fato o momento do programa dedicado à divulgação de informações e de produtos também. Mas se nos blocos anteriores a divulgação era feita através de propagandas, agora, o próprio pastor é quem se encarrega de passar as informações ao telespectador, como se fosse um âncora de telejornal.

O jornalista e filósofo francês Régis Debray (1994, p. 253, tradução nossa) apresenta-nos à figura do âncora:

Olhos com olhos, cara com cara. Nosso âncora (ou nossa âncora) olha a quem o olha, como o Salvador de Rubinov. Simula então ler o teleprompter, mas o efeito está nisso: um olho nos olha fixamente sem nos ver, nos interpela diretamente, como um índice apontando para as pessoas de acordo com o esquema althusseriano da “interpelação ao sujeito” própria da invocação ideológica ou catequista (*America wants you*). Ninguém viu Jesus Cristo de costas. Tampouco a Poivre d’Arvor e Dan Rather. Eles são por natureza Seres de frente, capa sem contracapa, corpos gloriosos, sem coxas, nem nádegas ou nuca: subjetividade pura não objetivável. Esses homens troncos não são o Verbo mas o Real encarnado, ou seja, o Acontecimento em

sua verdade luminosa⁹.

A descrição do autor expressa a maneira como o âncora é percebido pelo telespectador. Os sujeitos que aparecem por detrás da bancada são retratados por Debray quase como mitos com bustos recobertos pela aura artificial das luzes do estúdio, esses monumentos de carne e osso, exibidos na galeria do espaço televisivo, podem ser contemplados sem que o telespectador precise sair da casa. Debray menciona o jornalista francês Patrick Poivre d'Arvor, que atuou como âncora de telejornal na TV francesa por 30 anos e o jornalista norte-americano Dan Rather, âncora do noticiário noturno da rede CBS por 24 anos, para traçar um paralelo a respeito do ângulo como são enquadradas as figuras sobre-humanas. É de frente que Jesus Cristo aparece retratado, nunca de costas, diz o autor. O mesmo é verdade para os âncoras de telejornal. O ângulo que revela o rosto e nunca a nuca transmite a ideia de que a face que ali está é verdade pura, alguém sem avesso, sem reverso, sem contradição. Mas para o autor, o olhar do apresentador que interpela o telespectador é o grande responsável por causar uma espécie de efeito magnetizante capaz não apenas de prender a atenção, mas de fazer com que o telespectador se abra para receber o apresentador.

Em uma análise sobre o telejornal enquanto forma televisiva a pesquisadora Juliana Gutmann (2009, p. 4) comenta que o “olho no olho” que se estabelece na relação entre apresentador e telespectador além de contribuir para a credibilidade do enunciado é a marca que identifica o discurso informativo na TV. Segundo a autora, o contato e a confiança se fundam nesse jogo enunciativo regido pelo olhar.

A perspectiva dos autores nos conduzem ao pensamento de que na figura do apresentador está o potencial para a constituição de um elo de familiaridade devido ao efeito que sua presença, tornada possível por meio da imagem televisiva, é capaz de gerar em quem assiste. Afinal, o apresentador é o forasteiro que entra na casa do telespectador via controle remoto e lhe faz companhia na intimidade cotidiana da vida privada. O apresentador é a “visita” que chega sempre no horário previsto dizendo “bom dia”, “boa tarde” ou “boa noite”.

⁹ Ojos con ojos, con cara con cara. Nuestro anchorman (o anchrowoman) mira quien le mira, como el Salvador de Rubinov. Simula pues leer un prontuario, pero el efecto está ahí: un ojo nos mira fijamente sin vernos, nos interpela directamente, como un índice apuntando a las personas de acuerdo con el esquema althusseriano de la “interpelacon al sujeto” propia de la convocación ideológica o catequista (*America wants you*). Nadie ha visto Jesucristo de espaldas. Poivre d'Arvor y Dan Rather, tampoco. Son por naturaleza Seres de frente anversos sin reversos, cuerpos gloriosos, sin pantorrillas, nalgas o nuca: pura subjetividades no objetivables. Esos-hombres trancos no son el Verbo sino lo Real encarnado, o sea, el Acontecimiento en su luminosa Verdad.

Seu rosto é conhecido, sua voz também e nesse estranho tão familiar o telespectador é capaz de depositar sua confiança para receber as informações que julga importante.

O teórico da comunicação Jesús Martín-Barbero (1987) diz que o apresentador é um facilitador no trânsito entre a realidade do dia a dia e o espetáculo ficcional. Como mediador, o apresentador é quem faz a ponte entre o que é notícia no mundo e o mundo particular de quem está em casa. Ao interpelar o telespectador em tom coloquial, o apresentador simula um diálogo e contribui para manter a sensação de proximidade desencadeando um mecanismo de identificação com o cotidiano, no que o autor denomina simulação do contato. Para Martín-Barbero (1984), a sensação de proximidade também se estabelece devido a concomitância temporal presente na iminência da imagem ao vivo. Segundo o autor, a televisão opera através de uma aproximação dos personagens e dos acontecimentos produzindo “um discurso que *familiariza* tudo, torna ‘próximo’ até o que houver de mais remoto e assim se faz incapaz de enfrentar os preconceitos mais ‘familiares’”. (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 295).

Retomando Gutmann (2009), os apresentadores personificam o que a autora explica como a vocação performática dos mediadores, que se trata da autoridade reivindicada pelos jornalistas televisivos de agirem como representantes da sociedade civil. Segundo a autora, essa característica se torna ainda mais evidente através da convocação simultânea do ao vivo. Ao interpelarem diretamente a audiência os apresentadores se tornam os condutores centrais da enunciação. Para Gutmann (2009, p. 11),

os apresentadores são os protagonistas da cena, os “donos da informação”, os que sabem, atestam, desaprovam ou aprovam, os que aconselham, vigiam, enfim, os que têm autoridade para apresentar à população os principais fatos do dia do lugar da produção, ainda que, enquanto delegados do discurso do telejornal, eles também se coloquem como delegados do discurso da própria audiência.

Segundo a autora, do lugar autorizado da fala, na posição de delegados do discurso, os apresentadores se valem da prerrogativa de dizer à audiência o que é supostamente mais relevante, mais importante. Entendemos a partir da perspectiva dos autores que como participantes da cena televisiva, inseridos na instância da imagem ao vivo, os apresentadores se tornam autoridades capazes de pronunciar a última palavra a respeito de um determinado assunto sendo elevados à condição de atores políticos no teleespaço público.

No programa Vitória em Cristo observamos que Malafaia utiliza-se do papel de apresentador de televisão e não da função de televangelista para transmitir as orientações sobre o processo político, que são feitas no espaço dedicado aos anúncios e não durante o

sermão. O apresentador dispõe nesse momento dos recursos próprios de uma gravação feita em estúdio tais como cenário, iluminação e enquadramento de câmeras que fornecem os elementos necessários para que o programa adquira um caráter mais pessoal. Essa estrutura permite que o apresentador olhe diretamente para as câmeras ao invés de fitar a plateia, como ocorre no momento do sermão. Ao interpelar o telespectador, a impressão que se tem é que Malafaia conversa apenas com uma pessoa o que facilitaria a criação e a manutenção dos vínculos de proximidade e credibilidade. Ao contrário do momento do sermão, que mais se assemelha a um culto gravado quando Malafaia parece devotar sua atenção mais aos fiéis na plateia do que ao telespectador em casa, a impressão que se tem é de que na parte do programa gravada em estúdio o apresentador toma conta do espaço para ocupar seu lugar como ator político. Durante essa parte do programa Malafaia assume a vocação performática do mediador e se coloca como representante dos evangélicos se valendo de sua posição de autoridade como apresentador para explicar a temática do processo eleitoral.

Preste atenção, no primeiro sábado de setembro eu vou ensinar a você. Meu filho, o meu povo perece porque falta conhecimento. Eu vou te ensinar pra você não ser enganado por uns malandros que são infiltrados na seara evangélica, no meio evangélico. Eu vou te ensinar como é que se elege um deputado federal e um deputado estadual. Você pode tá votando em um e elegendo outro, sabe por que? Porque a eleição de deputado federal e estadual não é só o voto do candidato, é quociente eleitoral. Eu vou te explicar como é que os malandros infiltram gente no nosso meio e você tá crente que tá elegendo um irmão e acaba elegendo um vagabundo de um ímpio que vai contra todos os nossos princípios e valores. (MALAFAIA, 30.08.2014, 50min.22s).

Nessa citação podemos notar que o apresentador assume a postura não apenas de mediador e representante do telespectador em uma circunstância em que esse não pode se fazer presente, como ocorre quando os repórteres e âncoras de telejornais incorporam a vocação performática dos mediadores tomando o lugar de representantes da sociedade civil. Em sua fala, Malafaia se coloca tanto na posição de enviado de Deus para ensinar o povo, que não deve perecer por falta de conhecimento, como na função de defensor dos evangélicos munindo-os de informações para que possam se defender dos enganos disseminados pelos profissionais da política.

Ao papel do apresentador, que desfruta do direito de emitir comentários e explicar contextos e circunstâncias, soma-se a da figura do pastor cuja função envolve o esclarecimento e elucidação dos assuntos bíblicos. Malafaia afirma sua autoridade religiosa logo no início fazendo menção ao texto bíblico registrado no livro de Oseias, no capítulo 4, verso 6. Nessa passagem Deus declara por intermédio do profeta: “Meu povo foi destruído

por falta de conhecimento. Uma vez que vocês rejeitaram o conhecimento, eu também os rejeito como meus sacerdotes [...]”. Ao citar a passagem da Bíblia, o apresentador evoca o contexto religioso remetendo o fiel à figura que constitui a autoridade máxima em sua regra de fé. Malafaia revela não apenas conhecer a Bíblia, mas também demonstra saber como aplicá-la ao cenário atual. O apresentador usa de um artifício sutil para entrelaçar o trecho de Oseias às orientações que oferece. Ao associar o episódio bíblico em que o povo de Israel sucumbiu por rejeitar o conhecimento de Deus às circunstâncias atuais que, sugere em sua fala, podem acarretar prejuízos aos evangélicos caso desprezem o conhecimento que ele oferta acerca do processo político. Ou seja, fica subentendido que para não perecer como aconteceu com o povo de Deus no passado, o povo de Deus hoje deve ouvir e acatar as instruções de Deus por meio de seus representantes, no caso os líderes religiosos. Mas se enquanto no primeiro caso o povo pereceu por rejeitar o conhecimento acerca de Deus, no segundo parece claro que o apresentador busca despertar os fiéis para um conhecimento que destoa da temática religiosa. Porém ao traçar esse paralelo é como se o apresentador fizesse a ligação direta entre o saber político e o conhecimento acerca de Deus no que tange à consequência que a negligência do conhecimento pode trazer ao fiel. Ou seja, a escolha desse paralelo pode indicar que o apresentador busca transmitir a ideia de que o fiel pode não somente sofrer os efeitos danosos de sua escolha ao desprezar o conhecimento de Deus como o mesmo será verdade caso rejeite o conhecimento acerca da política. Ademais essa pode ser uma tentativa de Malafaia dar a entender que o que ele tem a dizer a respeito do processo político eleitoral trata-se de algo que vem da parte de Deus para evitar o sofrimento de seu povo.

Nessa passagem o apresentador também utiliza o recurso televisivo que provoca a expectativa. Ao anunciar a data em que vai abordar a questão eleitoral, Malafaia prepara o telespectador sugerindo que o mesmo se organize para comparecer diante da televisão no momento do programa. Em seguida o apresentador cria um suspense a respeito do conteúdo que pretende abordar que não se trata apenas de um aprendizado a respeito do processo eleitoral, mas de uma medida de prevenção para que os evangélicos não sejam ludibriados por conta de sua credulidade e ingenuidade, potencializadas pela escolha dos fiéis de se absterem dos assuntos relacionados à política. Portanto, o que o apresentador coloca em pauta é a oportunidade de o fiel não ser enganado conquanto deposite sua confiança nele e siga suas instruções.

A figura do inimigo e malfeitor, da vítima e do herói também aparecem nessa fala do apresentador de maneira explícita e implícita. Essas personagens que figuram tanto no contexto ficcional televisivo como na temática das histórias bíblicas sob o pano de fundo da

luta entre o bem e o mal encontram-se fortemente engastadas no universo simbólico do fiel. Malafaia apresenta explicitamente dois tipos inimigos: o profissional da política e o candidato que vai contra os interesses dos evangélicos (ou seria alguém contrário a seus próprios interesses?). No papel da vítima estariam os próprios evangélicos que deixados à mercê das circunstâncias aparecem como presas fáceis para os “velhos lobos” da política que se disfarçam em “pele de cordeiro” para roubar-lhes a confiança e os votos. Logo não é difícil perceber que o lugar do herói é ocupado pelo próprio apresentador que abre mão do seu espaço televisivo fazendo tudo o que está a seu alcance para salvar suas ovelhas através de seus conselhos, alertas, informações e explicações. Ao trabalhar a expectativa e o imaginário do fiel o apresentador transforma o programa em um evento imperdível e eleva suas orientações políticas ao status de informações preciosas. Ele insinua que o bem-estar dos evangélicos está vinculado ao acatamento dos conselhos que transmite.

Como apresentador, Malafaia também oferece conselhos se valendo de sua trajetória televisiva para enfatizar a importância da participação do fiel no processo eleitoral e justificar a atenção que dispensa ao tema da política.

Eu quero dar aqui um conselho a todo o povo de Deus. O momento é um momento muito especial. Eu estou há 32 anos aqui nesse programa. Deus me colocou aqui. Porque eu só tô na TV pela graça, porque eu não tenho nenhuma condição de estar em programa em rede nacional, rede mundial. Eu não tenho condição nenhuma pra isso. É a boa mão de Deus tocando em corações. Eu quero dar um conselho porque o tempo vai passar, gerações virão e eu não quero que o futuro diga que teve pastores covardes nesse tempo. Eu não sou e não vou ser contato entre eles. (MALAFAIA, 16.08.2014, 51min.38s.).

Malafaia parece salientar seus anos como apresentador de televisão de modo a estabelecer sua credibilidade como “conselheiro” com base em sua experiência. Isso pode demonstrar a tentativa por parte do apresentador de ganhar a confiança irrestrita de quem o assiste, afinal, quem interpela o telespectador não se trata de um ingressante, mas de alguém que lhe faz companhia há três décadas, alguém digno de crédito. Uma vez mais percebemos que Malafaia se apropria de seu papel como apresentador para reforçar sua autoridade como alguém capaz de prover conselhos falando do lugar de fala autorizado.

O apresentador diz que seu programa de televisão é uma dádiva divina e isso pode sugerir outra forma de Malafaia exercer sua autoridade dessa vez no âmbito espiritual ao apresentar ao fiel a dimensão do próprio favor perante Deus. A longevidade do programa pode significar que a benção divina é perpetuada sobre o apresentador enquanto a expansão do programa a nível nacional e mundial pode ser um indicativo da confirmação dessa benção,

que não se restringe a um só estado ou país, mas que se alastra pelo mundo de modo a alcançar mais e mais pessoas. A operação simbólica que se engendra nesse jogo enunciativo não é apenas a que eleva o apresentador ao status de autoridade devido a sua inserção na cena televisiva, mas a que identifica o apresentador como o escolhido de Deus para estar nesse lugar como modo de Deus efetivar sua atuação no teleespaço público.

O apresentador então parece fundamentar a lógica para expor publicamente sua posição política no fato de não poder se omitir ou se acovardar diante da tarefa de esclarecer o povo de Deus no tocante à política. Malafaia deixa subentendido que a coragem é a virtude daqueles que como ele não fogem à responsabilidade de seu chamado mesmo que isso resulte em rejeição pública. Ao afirmar-se como destemido o apresentador remete-nos uma vez mais à figura do herói na dimensão ética, já que na dimensão estética ele ocupa a posição do âncora descrita por Debray (1994). Malafaia parece se colocar no lugar do salvador para submeter o fiel ao papel de devedor. Em sua apologia à coragem o apresentador faz um movimento que pode indicar uma maneira de distinguir-se tanto de seus concorrentes do ramo da telerreligião, como também do próprio telespectador. Ao fazer questão de se pronunciar a respeito de questões políticas ele se coloca num patamar superior, como uma espécie de modelo de cidadão no que tange a articulação e expressividade política.

A ideia da “senioridade” televisiva é repetida no episódio que foi ao ar no dia 30 de agosto, porém dessa vez o enfoque parece ser outro. Quando o apresentador diz “Querido, querida, escuta o que eu vou te dizer. Eu venho dando alertas aqui, e eu não faço isso agora, eu já faço isso há 30 anos! Trinta anos que eu dou alertas sobre a nossa cidadania”, ele imprime na voz um tom de ironia para realçar o fato de que não é de agora que aborda a questão política. A impressão que se tem é que Malafaia parece querer reafirmar sua idoneidade e com isso fornecer um antídoto ao fiel para que possa primeiro se proteger das reprovações que possa sofrer pelo fato de acreditar nele e segundo rebater as críticas que possam surgir em relação à pessoa do apresentador que o associem à ideia de alguém que usa a campanha eleitoral para se promover. Em seguida, quando reitera o período que vem falando sobre cidadania na TV o apresentador demonstra-se contrariado como se há tanto tempo falasse de algo tão importante e há tanto tempo não lhe dessem ouvidos. Ao escolher as palavras “alertas sobre cidadania” o apresentador parece sugerir que o que faz em seu programa deve ser entendido como prestação de serviço. Em outras palavras, Malafaia parece querer eliminar da mente do fiel a ideia de que suas orientações possam ser caracterizadas com oportunismo eleitoral ou como propaganda em favor de algum candidato sob o pretexto de usar seu espaço televisivo há tanto tempo para prestar um serviço útil ao cidadão.

Os gêneros discursivos utilizados pelo apresentador também demonstram a adequação do conteúdo aos parâmetros da instância da imagem ao vivo e indicam a posição do apresentador na ocupação do teleespaço público. As orientações políticas aos fiéis aparecem sob a forma de alertas, informações, ensinamentos, explicações, avisos, conselhos e denúncias. A administração da urgência e da gravidade das coisas, a disseminação de notícias, a prestação de serviços e esclarecimentos, a divulgação de informações em geral são prerrogativas assumidas pela televisão. A televisão informa através dos telejornais, orienta com relação ao clima, ao trânsito, as novas tendências da moda e da tecnologia, a televisão ensina a fazer receitas culinárias e explica até como se constrói um avião. Ou seja, a televisão é a referência, a bússola, uma espécie de Cruzeiro do Sul que orienta a vida do cidadão da era do teleespaço público desde as coisas mais banais até as mais importantes.

O apresentador do programa *Vitória em Cristo* não foge a regra imposta a todas as personagens inseridas na redoma do teleespaço público. Portanto, utiliza-se das marcas características da instância da imagem ao vivo tais como a ênfase na instantaneidade e na urgência das coisas e a supervalorização de um tipo de saber que é tido como mais importante pelo fato de estar na televisão como é possível observar nos exemplos a seguir.

- “Fala na tua igreja: “o pastor Silas vai ensinar que você pode votar em um e eleger outro, pra você não jogar teu voto fora. Lógico, você é livre pra votar em quem você quiser, é apenas uma instrução”. (MALAFAIA, 30.08.2014, 51min.22s).
- “Daqui a pouco algo grave, muito grave. Eu quero dar um alerta aos evangélicos desse país, uma coisa séria”. (MALAFAIA, 19.07.2014, 39min.46s.).
- “Eu quero pedir pra você, me acompanha meu irmão! Não dá pra ficar esperando de um sábado pra outro aqui não, vai por mim. E acompanhe também: verdadegospel.com. Tem três vídeos lá dentro que você tem que assistir!” (MALAFAIA, 20.09.2014, 57min.).
- “A minha denúncia é gravíssima”. (MALAFAIA, 26.06.2014, 47min).

A lógica instaurada pela instância da imagem ao vivo torna imperativo que algo apareça na tela da tevê para que tenha algum tipo de relevância perante os cidadãos que vivem no mundo engendrado pelo teleespaço público. Bucci (2009, p. 33-34) assevera que “o que não aparece na TV não acontece de fato”, “o que não é visível não existe. O que não tem visibilidade não tem cidadania”. Seguindo o raciocínio do autor, os “alertas”, as “denúncias”, os “avisos”, transmitidos pelo apresentador do programa aos fiéis, podem ser considerados ainda mais dramáticos, “as orientações”, as “informações” e os “ensinamentos” ainda mais

importantes e as “explicações” e “conselhos” ainda mais esclarecedores. É possível também observar que a instância da imagem ao vivo contribui para o transbordamento e a ramificação da influência dos atores políticos do telespaço público para outros suportes comunicativos como é o caso da internet. Através da pessoa do apresentador o programa de televisão também se prolonga para as páginas eletrônicas e redes sociais como o microblog Twitter citado pelo apresentador.

Porém há um outro elemento que complexifica essa equação, o apresentador é um pastor que fala em nome de Deus, e, portanto, tem o discurso religioso a seu favor. Seu dever como pastor é zelar por suas ovelhas. O bom pastor, segundo o critério de Jesus “dá a vida por suas ovelhas” (João 10:11). Weber (1993, p. 75) explica que a ideia do cuidado pastoral revolve em torno da compreensão de que a figura do pastor é entendida pela comunidade de fé como alguém que consulta a divindade. Alertar, admoestar, advertir, e esclarecer fazem parte do ofício do líder religioso que zela pelos seus fiéis. Portanto, esta posição de fala permitiria ao apresentador a possibilidade de prestar as orientações como forma de cumprir com sua obrigação moral. O papel do pastor é instruir os indivíduos a respeito das obrigações religiosas. Portanto, os fiéis estão acostumados a receber de seus líderes ensinamentos tanto a respeito de assuntos do mundo espiritual como da aplicabilidade dos ensinamentos bíblicos no dia a dia.

Assim, entendemos que o lugar de onde fala o apresentador no telespaço público somado à função religiosa que desempenha são elementos que possuem a capacidade de aumentar a carga política das orientações oferecidas.

4.5 O profeta como porta-voz das verdades de Deus

No universo religioso os papéis de autoridade são exercidos de formas variadas e complexas. Indivíduos, instituições e até objetos podem ser depositários do respeito, da confiança, do temor e até mesmo da reverência dos fiéis, conforme explica Weber (1993). Na religião, a questão da autoridade está relacionada ao acesso ao sagrado. Quando o fiel assume que quem está diante dele detém algum tipo de poder carismático ou de alguma forma está mais próximo do sagrado, julga que esse líder é capaz de conduzi-lo numa experiência que o leve à presença de algo maior. Portanto, se submete à autoridade. As autoridades religiosas para Weber são responsáveis por orientar, aconselhar e oferecer normas de comportamento e

conduta pelas quais os fiéis pautam suas vidas. O autor cita as figuras do profeta, do sacerdote e do guru como guias espirituais distintos. Embora consideramos importante mencioná-las nesta pesquisa, nossa preocupação foi a detalhar em maior profundidade as características do profeta de modo a explorar a posição assumida pelo apresentador do programa Vitória em Cristo no aconselhamento dos fiéis quanto às práticas políticas.

O teólogo e pesquisador norte-americano Robert Harris (1998, p. 905) apresenta em seu Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento o termo hebraico *nābî* como raiz da palavra “profeta”, que em seu significado original quer dizer porta-voz, orador. O autor explica que a palavra profeta traduz a ideia de porta-voz autorizado ou oficial.

Weber (1993, p.46) compreende o profeta como “um portador de carisma puramente individual, que, em virtude de sua missão proclama uma doutrina religiosa ou mandamento divino”¹⁰. (WEBER, 1993, p. 2, tradução nossa). Para o autor, o carisma é um tipo de “poder extraordinário” inerente a certos indivíduos ou objetos. Logo, o carisma possui uma estreita relação com poderes que não se explicam por intermédio da razão, pois é considerado um atributo místico e possui uma conotação mágica. O sentido original de carisma para Weber está associado a ideia de dom natural impossível de ser adquirido por outras maneiras. Contudo o autor assevera que o carisma pode ser produzido artificialmente em uma pessoa ou objeto através de meios extraordinários. Mas acrescenta: “Mesmo assim, presume-se que a potência carismática possa ser desenvolvida apenas em pessoas ou objetos, nos quais seu germe já exista, mas que permaneceria adormecido caso não fosse evocado por algum místico ou outro regime”¹¹. (WEBER, 1993, p. 2, tradução nossa). A partir do pensamento do autor, entendemos que é possível despertar, realçar e trabalhar uma competência usando de artifícios que forneçam ao indivíduo uma espécie de “cosmética do carisma” que o capacitaria a exercer os poderes e a influência carismática sem que seja possível distinguir a fonte de seu carisma.

A distinção entre o ofício do profeta e do sacerdote para Weber (1993, p. 46) se evidencia através do fator econômico e em virtude da entidade que legitima a autoridade. De acordo com o autor, o profeta reivindica sua autoridade com base na revelação pessoal, equanto o sacerdote recebe seu mérito em virtude de servir numa tradição sagrada. O sacerdote tem autoridade para repartir a salvação tão somente por conta da função que exerce.

¹⁰ A purely individual bearer of charisma, who by virtue of his mission proclaims a religious doctrine or divine commandment.

¹¹ Even then, it is assumed that charismatic powers can be developed only in people or objects in which the germ already existed but would have been dormant unless evoked by some ascetic or other regimen.

Assentado sobre bases institucionais, o sacerdote está submetido ao sistema hierárquico que o habilita a integrar o que Weber chama de “empreendimento corporativo de salvação”. O profeta por sua vez, exerce seu poder pura e simplesmente através de seus dons pessoais, sendo comparado pelo autor nesse aspecto ao mágico. Porém ao contrário do mágico, Weber diz que o profeta afirma-se sob a égide de revelações precisas e tem como foco de sua missão o mandamento ou a doutrina e não a mágica. Weber (1993, p. 48, tradução nossa) enfatiza que “o profeta típico propaga ideias pelo mérito que elas contêm e não pelo pagamento, ao menos não de forma óbvia ou regulada”¹². De acordo com o autor, os profetas do antigo oriente também faziam adivinhações, curas mágicas e davam conselhos, mas seu trabalho era totalmente gratuito. Já o sacerdote, via de regra, era mantido pelos donativos feitos pelos fiéis, que são entregues a ele diretamente, ou via instituição religiosa, como no caso dos dízimos que são recebidos pela igreja e se destinam ao pagamento dos clérigos.

Mas é na figura do guru que o autor observa a mais completa expressão de sujeição na relação entre discípulo e mestre. Segundo Weber, o guru possui poder absoluto sobre seus encarregados que lhe prestam obediência irrestrita. Mas segundo Weber, o guru transmite apenas conhecimento adquirido, enquanto o profeta reivindica que o conhecimento que propaga se trata de uma revelação. O autor também compara a figura do profeta ao filósofo no que tange a preocupação com a promoção de reformas éticas e sociais. Porém para Weber, a grande diferença entre ambos estaria no caráter emocional que o profeta imprime em seus discursos e que falta ao filósofo em seu discurso. O autor assevera que o profeta se assemelha mais ao orador popular, ao demagogo e ao publicista político em seu empreendimento do que a um mestre.

O rabino polonês Abraham Joshua Heschel (2001) defendeu sua tese de doutorado na Universidade de Berlim poucas semanas antes de Hitler assumir o poder. Seu estudo abordava especificamente a temática dos profetas. No entanto precisava ter seu trabalho publicado para receber o título, o que se tornou impraticável para um estudante judeu à época.

Quando publicada nos Estados Unidos em 1962¹³, essa obra revelou uma profunda reflexão sobre os profetas, figuras emblemáticas que permearam toda a história e cultura do antigo oriente. Heschel sustenta o pensamento de que os profetas eram tidos em consideração mais elevada do que os reis e do que os sacerdotes. Os profetas podiam não apenas prever,

¹² The typical prophet propagates ideas for their own sake and not for fees, at least in any obvious or regulated form.

¹³ A primeira publicação em alemão data de 1935.

mas sobretudo interpretar o tempo. Eles eram uma espécie de ponte com o sobrenatural, ouviam e falavam em nome dos deuses, eram os porta-vozes das divindades. O autor dedicou-se a examinar os profetas bíblicos apresentados no Antigo Testamento.

Conforme Heschel (2001) na tradição judaica, os profetas de Israel em autoridades e desfrutavam de liberdade e independência. Não estavam associados a nenhuma instituição de poder. Não tinham amarras nem com trono, nem com templo. Não obstante, eram os profetas que ungiam reis, censuravam-nos, repreendiam-nos e rejeitavam-nos. Uma vez que a instituição religiosa se tornara algo puramente cerimonial e mecânico, Deus fazia sua mensagem chegar ao povo através dos profetas. Eles eram veículos humanos da comunicação entre Deus e os homens.

O profeta bíblico é aquele que fala em nome de Deus. Ele não ocupa uma posição na estrutura política, como o rei, por exemplo, mas é ele quem unge o rei, quem traz a palavra de Deus para o rei. Heschel nos explica que o conceito de deus e rei estão intimamente tecidos no pensamento do antigo oriente. Os reis dos egípcios, dos assírios, e dos fenícios desempenhavam funções de sacerdote. Em Roma, o governante era o *pontifex maximus*, mas em Israel o rei não era o sacerdote. “O rei não é nem o filho, nem a encarnação, nem o representante de Deus. [...] O coração da ordem social não era nem o sacerdote, nem o rei, mas a aliança entre Deus e o povo”¹⁴. (HESCHEL, 2001, p. 610). Para o autor, o Deus de Israel é um Deus pessoal que procura envolvimento e não o papel de espectador, por isso procura maneiras de se comunicar com seu povo. Heschel (2001) sustenta que um dos modos de Deus falar com o homem é através da profecia que narra o que aconteceu com Deus e anuncia o que acontecerá aos homens. Mas o autor ressalta que o profeta não é um mero portador dos recados divinos, ele é alguém que se põe na presença de Deus e participa de seu conselho. O profeta para Heschel é mais do que um mensageiro, ele é uma testemunha, e como tal, deve ser ele mesmo um testemunho de que a palavra, da qual é portador, é divina. Para o autor, a coerência profética não está apenas no que o profeta diz, mas sobre quem ele fala. De acordo com Heschel, o objetivo maior do profeta é revelar a Deus. Sobre a incumbência do profeta o autor assevera: “Na verdade, nem mesmo a palavra de Deus é o objeto final e tema de sua consciência. O objeto final e tema de sua consciência é Deus, cuja

¹⁴ The king is neither the son, nor an incarnation, nor a representative of God. (...) The heart of social order was neither king nor priest, but the covenant between God and the people. (HESCHEL, 2001, p. 610)

misericórdia, o profeta sabe, que está acima de seu julgamento e sua ira”¹⁵. (HESCHEL, 2001, p. 28). A partir do pensamento do autor entendemos que o profeta não deve buscar atrair atenção para si, mas ao contrário, deve fazer com que outros possam enxergar a Deus através de suas palavras. Assim, suas mensagens não se destinam a espalhar medo ou terror, mas converter o coração dos homens a Deus. No tocante ao relacionamento entre Deus e o homem, o profeta deve ser tido apenas como coadjuvante. Por isso Heschel argumenta que o termo “carisma” não é adequado para descrever o profeta, cujo foco não deve estar no fato de ter sido dotado com um tipo especial de poder, mas no poder recebido para afetar a vida de pessoas.

A alusão a figura do profeta é recorrente nas pregações de Malafaia. Em diversos sermões ele se autointitula “profeta de Deus”. Esse fato nos chamou atenção desde o começo de nossa pesquisa, pois visualizamos uma relação entre a utilização do termo e a posição que o apresentador assume para legitimar sua postura política na ocupação do teleespaço público.

Na tradição judaico-cristã, a palavra profeta é tecida com as fibras simbólicas que remetem os fiéis aos profetas bíblicos tais como Jonas, Daniel, Isaías, Ezequiel e Jeremias, por exemplo. Conforme observamos em Heschel o profeta é aquele que fala com Deus e por Deus. É ele quem traz a mensagem sobre os juízos de Deus ao povo. O povo por sua vez deve dispor-se a escutar o profeta para evitar sua própria destruição. É assim que o programa projeta o seu apresentador profeta. Observamos que o uso do termo pelo apresentador poderia estabelecer um vínculo com o papel do profeta, e conseqüentemente condicionar o modo como sua mensagem é recebida pelos fiéis. É comum que o fiel assembleiano utilize a palavra “profeta” quando alguém lhe traz uma mensagem que este entende ser da parte de Deus. Ou seja, o profeta não necessariamente seria o portador de uma profecia como no caso dos profetas bíblicos. Entendemos que a menção da palavra “profeta” pelo apresentador pode ser mais uma questão de uma apropriação de terminologia, ou até mesmo do jargão religioso, do que a reivindicação da função do profeta.

Contudo, uma observação mais minuciosa veio a confirmar nossa primeira impressão de que o apresentador toma para si o lugar do profeta como posição legitimadora de sua articulação política no teleespaço público.

¹⁵ Indeed, not even the word of God is the ultimate object and theme of his consciousness. The ultimate object and theme of his consciousness is God, of Whom the prophet knows that above His judgment and His anger stands His mercy. (HESCHEL, 2001, p.28)

O interessante é que ele constrói essa imagem durante o sermão, isto é, no momento do programa que aciona mais intensamente a chave simbólica da religião. Entendemos que durante a pregação os fiéis estão predispostos a receber instruções da palavra de Deus. Portanto, se a imagem do profeta é construída no momento do sermão a distinção entre o que é bíblico e o que faz parte do discurso do próprio pastor ficaria muito mais complexa. Uma vez estabelecida a relação entre o apresentador e a figura do profeta, isso poderia elevar as orientações políticas a uma outra dimensão, pois poderiam ser entendidas como parte de uma comissão profética.

O apresentador associa-se a figura do profeta durante o sermão que fez na Marcha para Jesus-Rio, no dia 31 de maio de 2014. O programa foi exibido no dia 7 de junho de 2014. O evento relembra o cenário de um comício no qual o pastor discursa de um palco montado a céu aberto para uma multidão aglomerada ao lado da câmara municipal do Rio de Janeiro, na Cinelândia. Bandeiras são agitadas, mas ao invés da sigla de partidos vê-se a inscrição JESUS. Malafaia imprime um tom enérgico e enfático durante toda sua fala. No contato pessoal com a multidão de espectadores, o pastor parece querer convencê-los de duas coisas: primeiro que os fiéis devem escutá-lo e segundo, que eles devem obedecê-lo.

Eu quero dizer uma palavra pra você aqui, a Bíblia diz assim: “crede no Senhor vosso Deus e estareis seguros, crede nos vossos profetas e prosperareis”. Eu quero dar um alerta ao povo evangélico. Eu já tenho dado na tevê, eu tô dando mais uma vez, isso aqui vai pra tevê, pra você que está aqui escute o que eu vou te dizer e aguça o teu ouvido. Há um jogo político do inferno pra nos desqualificar da nossa cidadania. Você não é cidadão de segunda classe, você é cidadão brasileiro pra fazer a diferença! (MALAFAIA, 07.06.2014, 21min.57s.)

Nessa passagem Malafaia menciona um texto bíblico para tecer a ligação entre o papel do profeta e o que ele está fazendo. O verso citado encontra-se no livro de 2 Crônicas no capítulo 20, verso 20. O texto narra o enfrentamento entre o povo de Judá, o povo de Deus, e os amonitas e moabitas, os inimigos de Deus. Na história, Josafá, rei de Judá, sente-se acuado pelo exército inimigo pois sabe que é incapaz de vencê-lo. Então, o rei consulta a Deus e declara um jejum para todo o povo.

Malafaia parece afirmar sua posição de ativista político na ocupação do telespaço público ao mesclar histórias da bíblia com o contexto sociopolítico atual. Como profeta na instância da imagem ao vivo, ele dá alertas na tevê, e enfatiza a televisão como algo que corrobora para a relevância de seus alertas, e mais, reforça a ideia de que a televisão é ferramenta indispensável para a pregação do evangelho. Ao mencionar que aquele evento vai

para a televisão pode ser uma maneira de atestar que aquele momento foi real, que se inscreve na arena do espaço público. A menção pode também indicar uma estratégia de atrair mais e mais pessoas para o programa Vitória em Cristo.

Sua fala sugere que ele sabe mais coisas do que o público, que sabe de coisas ocultas que circulam nos bastidores do poder. Detalhes que ele precisa divulgar imediatamente, caso contrário pode ser tarde demais caso venham à tona de outro modo. Por isso Malafaia assume a função de alertar o povo para que se posicione, para que não se permita ser excluído do processo social.

Malafaia acrescenta o elemento espiritual à circunstância político-social em sua fala “existe um jogo político do inferno para nos desqualificar”. Ele eleva a questão ao nível de uma guerra entre as forças do bem e as forças do mal. No momento em que diz “nos desqualificar”, o apresentador traz as mãos junto ao peito numa postura gestual que pode indicar “me desqualificar” ao contrário de nos desqualificar.

Por fim o pastor sugere a ideia de cidadão de segunda classe talvez como forma de evocar o complexo de inferioridade dos evangélicos como um subpovo e talvez provocar uma reação. Assim, ele desconstrói a ideia de um povo alheio ao processo político para construir uma ideia costurada na identidade nacional de um povo que participa da política do país só que em nome de uma causa maior, a causa de Cristo.

Malafaia também se afirma como uma voz profética da seguinte maneira: *“Eu tô aqui, meu irmão, como uma voz profética, okay? Como um pastor preocupado de que eu estou aqui nessa terra, e o reino de Deus é pra ser implantado aqui, não é no céu não, é na minha vida e aqui nessa terra”*. (MALAFAIA, 13.09.2014, 57min.34s.).

A figura do profeta é ratificada nessa fala, mas desta vez, Malafaia interpela o telespectador no momento dedicado ao oferecimento de produtos religiosos. O apresentador exhibe a faceta da inquietação ao se demonstrar preocupado pelos rumos que a nação pode ter caso o telespectador não dê ouvidos à sua palavra profética. Em seu discurso, Malafaia parece sugerir uma mudança de postura do fiel com relação a participação no processo político ao amarrar dois argumentos distintos em sua fala. No primeiro ele dissocia a vida espiritual da vida secular para estabelecer o pensamento de que vivendo neste mundo, e não no mundo espiritual, o crente deve agir conforme as regras desse mundo. No segundo, Malafaia puxa o contexto espiritual como a base que deve legitimar as decisões do crente nessa terra. Subjacente ao discurso está o fato de que o crente não deve viver sua vida pautada na esperança de um novo reino futuro pois o reino de Deus deve ser implantado nesta Terra. Portanto, ao invés de simplesmente cumprir o seu dever cívico o fiel deve participar

ativamente no processo político pois esta pode ser uma das maneiras de implantar o reino de Deus nesse mundo.

A ligação entre o papel do apresentador e do profeta parece se estreitar ainda mais na seguinte fala:

Vocês viram o que tá acontecendo hoje no Brasil? ACORDA LÍDERES! ACORDA POVO DE DEUS! Hoje muitas escolas estão abolindo dia dos pais e dia das mães. E aí eu fico vendo na internet, “pôxa, o pastor Malafaia, pôxa, para de falar em gay pastor”, “pôxa, o pastor Malafala fala mais em gay do que em Jesus...” Tu tá precisando ler mais a Bíblia! Os profetas desse livro aqui, falavam mais contra o pecado do que em Deus. Vai lê! Vai lê meu filho, vai ler a Bíblia! Vai ler Jeremias, vai ler Ezequiel, vai ler Isaías, Amós, Oseias. Vai ler, eles falavam mais contra o pecado do que em Deus. Deixa de besteira! Eu não tenho nada contra pessoas. Eu separo homossexuais de ativistas gays. Eles estão trabalhando pela a desconstrução da heteronormatividade. Eles estão trabalhando para a ideologia de gênero, acabar com masculino e feminino. Eles estão trabalhando para ensinar homossexualismo nas escolas pra criança! E a criança, isso é ciência, não sabe discernir entre ordenança, informação e sugestão. Nós tamo calados. Hã? Tem mais de 800 projetos! Você vai votar em quem pra deputado federal? Você vai votar em quem pra deputado estadual? Você não pode negociar esse voto meu irmão! Você não sabe, eu já ensinei aqui que o voto é quociente eleitoral, vote em quem tem chance de chegar lá. O irmãozinho aí da tua igreja que é candidato infiltrado por um bandido pra poder juntar o quociente, o cara vai ter 500 votos não vai ser eleito. O outro tem mil, o outro tem 2 mil, o outro 3 mil, não vai ser eleito! Porque isso aí não elege deputado federal nem estadual. Acorda povo de Deus! Acorda líderes! Acordem! (MALAFAIA, 27.09.2014, 52min.58s.)

Nessa passagem, o apresentador parece evidenciar sua relação com a figura do profeta de duas maneiras: primeiro apelando para que os evangélicos despertem para a participação no processo político e depois apoiando-se em referências bíblicas para justificar sua postura como defensor das causas morais.

Ao apelar para que os evangélicos acordem o apresentador dá a impressão de retomar a função do profeta no sentido de clamar ao povo amortecido que desperte de seu torpor antes que a destruição venha. O trabalho do profeta bíblico não era apenas ser um porta-voz de Deus. Sua missão incluía uma profunda identificação tanto com Deus, que desejava salvar o povo mas não podia compactuar com o pecado, como com o povo, que deveria arrepender-se de seus caminhos para não ser destruído. Assim, o profeta buscava por meio de apelos, súplicas e alertas convencer o povo a voltar-se para Deus de modo a ser poupado. Contudo, o que estava em jogo para o profeta bíblico não era o afirmar-se como soberano mensageiro da verdade, mas ser um instrumento de salvação para o povo.

Porém, o apelo de Malafaia possui um estilo autoritário e certo viés de desespero. Este episódio foi o último em que o apresentador ofereceu orientações aos telespectadores quanto

ao processo eleitoral antes da votação. Portanto, é como se o programa exibido no dia 27 de setembro fosse sua última cartada.

Sua súplica é feita aos berros ao passo que gesticula enfaticamente levando as duas mãos próximas da boca como quem quer amplificar a voz. Seu clamor é uma ordem e sugere que caso não seja ouvido e obedecido, o povo evangélico corre perigo. O tom despótico impresso em sua fala dá entender que o apresentador não admite ser contestado. Lembrando do que nos diz Gutmann (2009), os apresentadores são os donos da informação, os delegados da audiência. Ademais Bucci (2002, p. 113) nos diz que “a função de dar a última palavra (ou imagem para o estabelecimento de significados, aquela que decide a interpretação do mundo, coube à mídia como instituição”. Logo, percebemos que o discurso do apresentador aliado à potência arbitrária da televisão entrega ao público uma espécie de pacote totalitário.

Ao traçar um paralelo entre o papel que desempenha no contexto social contemporâneo e os profetas bíblicos subentende-se que Malafaia procura igualar-se a estes no sentido de legitimar o próprio discurso moralista. O apresentador chega a segurar a Bíblia com uma das mãos, batendo no livro com a outra quando diz que os profetas falavam mais no pecado do que em Deus. Nesse momento, Malafaia parece furioso e indignado com seus críticos que não entendem nem as narrativas bíblicas nem o motivo pelo qual ele mesmo se dedica a causas de cunho moral.

Depois de elencar a movimentação política do ativismo gay, o apresentador parece condenar o silêncio dos evangélicos. Na sequência, sua fala pode indicar que a eleição de parlamentares que representam o segmento evangélico é a solução para conter o avanço dos projetos defendidos pelos ativistas da causa homoafetiva. Nesse momento, a pregação religiosa se funde ao proselitismo político ficando impossível discernir se o apresentador advoga pelo engajamento político por causa de motivos religiosos ou se a religião é um pretexto para validar seu ativismo político.

Entendemos que, ao assumir a posição de fala do profeta, Malafaia busca através da construção simbólica associada à esta figura afirmar sua postura política. Porém, entendemos que não é apenas o que ele diz, mas sim o lugar de onde fala, como ator religioso e mediático inserido no telespaço público que coopera para a legitimação de suas palavras. Sua influência, advém não apenas de sua posição como líder religioso, mas da “aura” da qual é revestido pela imagem televisiva. Mas se nas narrativas bíblicas a autoridade do profeta era chancelada por Deus, na instância da imagem ao vivo é a televisão que lhe confere esse atributo.

4.6 O caráter persuasivo do discurso político-religioso do apresentador pastor profeta

Nesse ponto, precisamos explorar as estratégias persuasivas embutidas nas orientações de Malafaia que constituem um outro tipo de proselitismo que pode ser observado no programa Vitória em Cristo: a pregação política do apresentador. Entendemos que a eficácia de sua persuasão pode ser fruto de uma receita que combina: a multiplicidade de papéis incorporados pelo apresentador, um discurso miscigenado que engloba elementos próprios do discurso religioso, do discurso publicitário e os movimentos do discurso político e a autoridade conferida ao apresentador que se deve à inserção na instância da imagem ao vivo.

A combinação de múltiplos papéis exercidos simultaneamente por um só indivíduo, como é o caso do apresentador do programa Vitória em Cristo, tem o potencial de complexificar ainda mais a relação do telespectador com as personagens que aparecem na televisão. Além de apresentador, Malafaia é pastor e revela uma tendência para uma espécie de autointitulada “vocação profética” conforme verificamos na parte que discorremos sobre o profeta como porta-voz de Deus.

O discurso religioso

Nas denominações cristãs, o pastor ocupa a posição do sacerdote descrita por Weber. Ele possui a autorização institucional e o reconhecimento da comunidade de fé, que o compreende como alguém habilitado a empregar o discurso religioso oficialmente. Segundo a definição da analista do discurso Eni Orlandi (1987, p. 243), “o discurso religioso é *àquele em que fala a voz de Deus*: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus”. De acordo com a autora, o pastor seria mais do que um porta-voz de Deus, é como se ele fosse a voz de Deus audível.

Citelli (1994, p. 61) acrescenta:

O discurso religioso realiza uma tarefa *sui generis* enquanto mecanismo de comunicação, pois, se os demais discursos autoritário-persuasivos podem vir a revelar a voz do sujeito falante, nele resta apenas a noção de dogma. Não deixa de ser uma situação curiosa estar diante da mais visível forma de persuasão e do mais invisível eu persuasivo! Deus não fala, dado ser uma realidade imaterial; quem fala em seu nome não é dono do discurso: o pastor é apenas veículo, porta-voz, no máximo um “interpretador” da palavra do Senhor.

A citação corrobora nosso pensamento de que o discurso religioso opera no fiel um mecanismo que o torna susceptível a aceitar a palavra do pastor, ou do líder religioso, como se fosse a palavra do próprio Deus, como se fosse a revelação da vontade de Deus. A partir da definição dos autores é possível dizer que o discurso religioso propicia ao pastor uma posição ambígua. Se por um lado, na posição de porta-voz de Deus sua palavra é tida como irrefutável, por outro, o fato de não ser Deus, “o autor do discurso”, permite ao pregador não assumir a responsabilidade plena pelo que diz. O pastor pode sempre se esconder debaixo do guarda-chuva da “Palavra de Deus”. Logo, o discurso religioso permite uma espécie de limbo ético pois quem dele se mune pode utilizá-lo para quaisquer finalidades com a possibilidade de permanecer incólume, imune ante certas demandas da jurisdição humana.

Porém, enquanto o discurso religioso aparelha o pastor outorgando-lhe a capacidade de falar em nome de Deus, outros fatores como conhecimento bíblico, eloquência, aparência e carisma podem servir como distintivos para afirmar sua credibilidade.

Storto (2015) analisou o discurso religioso de quatro expoentes do televangelismo brasileiro, os pregadores: Silas Malafaia, Edir Macedo, R.R. Soares e Valdemiro Santiago. A autora verificou que Malafaia é quem mais utiliza a Bíblia em suas preleções. Observamos em nossas análises que o apresentador do programa Vitória em Cristo manuseia e lê a Bíblia durante seus sermões. Malafaia cita trechos bíblicos inteiros de memória mencionando inclusive a referência. Isso poderia transmitir a ideia de que o pastor possui uma intimidade tamanha com a Bíblia a ponto de saber de cor as passagens do livro sagrado para os fiéis. O fato de Malafaia utilizar a Bíblia em seus sermões poderia suscitar o tipo de pensamento expresso pelo apresentador Raul Gil em seu programa quando disse que Malafaia é o pastor que mais entende da Bíblia.

Retomando Citelli (1994), podemos observar que o discurso religioso está imerso no que o autor chama de discurso dominante. No discurso dominante é como se o enunciador fosse precedido em sua fala por um outro discurso. No caso das religiões, o discurso de um pregador cristão ou de um líder religioso muçulmano, por exemplo, é precedido pelo discurso que está posto pelos livros sagrados, a Bíblia e o Alcorão, respectivamente. Citelli (1992) diz que o discurso dominante põe em marcha um complexo jogo dialógico em que em seu discurso, o enunciador é capaz de acessar temas, pré-conceitos e valores através do uso de algumas palavras, referências ou outras construções atreladas ao universo simbólico próprios do discurso dominante sobre o qual o enunciador se apoia. A explicação do autor corrobora nosso pensamento de que o uso do termo “profeta” pelo apresentador em seu programa de televisão além de servir como plataforma simbólica sobre a qual Malafaia se ergue para

ocupar espaço através de um ativismo político, pode também servir para que os fiéis associem a manifestação pública do apresentador a respeito de assuntos de cunho político e social ao papel exercido pelos profetas bíblicos.

O discurso publicitário

Citelli (1994, p. 59-60), menciona como traços do discurso publicitário o uso de estereótipos, a substituição de nomes, a criação de inimigos, o apelo à autoridade e a certeza. As pregações políticas de Malafaia evidenciam a presença desses elementos. O apresentador utiliza o estereótipo que retrata o evangélico como inocente, ingênuo e ludibriável como um dos pilares de sustentação de seu discurso. Ele diz querer instruí-los, alertá-los e explicar como são as coisas no universo da política para “descortinar-lhes os olhos” para a malícia existente no jogo político. A substituição de nomes no programa Vitória em Cristo está relacionada à criação de inimigos. Nessa categoria Malafaia inclui os “esquerdopatas”, “os facínoras” os que empreendem uma “perseguição pior que a nazista”, “o ativismo gay”, os crentes “otários que fazem o jogo dos ímpios”, os pastores “corruptos” que aceitam suborno dos políticos “bandidos”, os políticos “corruptos”, “safados”, “ladrões”, os profissionais da política “malandros” e os “ímpios”. Em seu apelo à autoridade o apresentador recorre à Bíblia, à Constituição Federal, cita os projetos de emendas constitucionais, e menciona até um cientista de Harvard que afirma que os temas morais são bem-vindos no debate político. A certeza parece ser um dos grandes distintivos do discurso do pastor. Ele utiliza expressões como: “ninguém vai cercear a nossa cidadania”, “eu sei do que eu tô falando”, “eu não tenho medo” e chega ao ponto de dizer: *“Eu to declarando aqui, vai cair, quem se levantar contra a igreja de Jesus vai cair. Vai cair, vai cair em nome de Jesus”*. (MALAFAIA, 7.06.2014, 32min. 57s.). Constatamos que o apresentador dissemina seus bens simbólicos religiosos e políticos apoiado sobre esses eixos tão peculiares da propaganda.

Citelli (1994) considera os discursos religioso e publicitário como discursos persuasivos. Conforme apontado no capítulo que trata do proselitismo religioso, a persuasão se caracteriza pela tentativa de convencer alguém a mudar de ideia por meio do uso da argumentação.

O discurso político

O discurso político também é citado pelo autor como um discurso persuasivo. Nesse discurso, o enunciador busca conquistar a confiança e a aprovação do público para suas propostas e sua bandeira ideológica. Percebemos que no programa Vitória em Cristo o

apresentador combina o discurso religioso e o discurso político. Malafaia também acrescenta elementos do discurso publicitário às suas orientações quanto ao processo eleitoral. Entendemos que a eficácia do discurso do apresentador pode estar relacionada a essa combinação de papéis e discursos que são robustecidos quando inseridos na instância da imagem ao vivo. Portanto, é preciso discorrer sobre esses outros discursos de modo a identificar a maneira como se mesclam nas orientações políticas do apresentador.

Citelli (1994) explica que o discurso político elabora três grandes movimentos estratégicos: a divulgação, a adesão e as justificativas/explicações. Na divulgação as instituições políticas, os partidos ou os candidatos objetivam angariar novos adeptos. No momento da divulgação esses agentes políticos transmitem seus ideários, propósitos e objetivos. Portanto, as informações que fornecem a respeito de quem são, de onde vem e o que pretendem são imprescindíveis para conseguirem o assentimento do público e a aceitabilidade das ideias. Citelli (1994) ressalta, que durante a divulgação esses agentes disseminam em seus discursos políticos palavras de ordem e símbolos que servem como elementos para identificar as instituições que representam. Já a adesão é considerada pelo autor como o movimento feito para garantir que as mensagens transmitidas resultem na fidelização do público e conquista de novos adeptos e simpatizantes. Contudo Citelli (1994) explica que a aceitação dessas entidades políticas pelo público não é uma condição perpétua. A manutenção e continuidade do poder e influência desses agentes políticos depende de capacidade de explicação e justificativa de suas ações.

Embora o apresentador não seja um candidato e nem manifeste em seu programa sua filiação a qualquer partido político específico, podemos observar como se utiliza do discurso político para militar em favor da “causa evangélica”, isto é, do direito dos religiosos à participação no poder público. Vejamos como o apresentador trabalha os movimentos do discurso político no que tange a divulgação, adesão, justificativa/explicação de sua argumentação feita em prol da participação dos fiéis no processo eleitoral.

A divulgação da causa evangélica assume diferentes contornos durante o programa. Porém, percebemos que o apresentador mescla discurso religioso e discurso político no sentido de conquistar novos adeptos à suas ideias políticas de duas maneiras bem pontuais: através de sua participação na Marcha pra Jesus, exibida durante o programa Vitória em Cristo e através das palavras de ordem que pronuncia durante suas orientações. A Marcha para Jesus é um evento cristão que acontece em várias cidades do mundo e reúne evangélicos de diferentes denominações que se unem numa caminhada para demonstrar seu comprometimento com a causa de Cristo. O evento foi criado em Londres em 1987 e chegou

ao Brasil em 1993 através dos líderes da Igreja Renascer em Cristo, IRC, Estevan e Sônia Fernandes. Durante a Marcha, os fiéis vestem camisetas com a logomarca, e o slogan do evento, usam faixas na cabeça com dizeres e símbolos evangélicos, carregam cartazes e bandeiras identificando suas comunidades de fé. Eles declaram o orgulho de sua crença através de músicas e orações. Ao final do evento, os participantes assistem a um show em que se apresentam os astros da música evangélica. O show é patrocinado pela organização do evento. O apresentador do programa Vitória em Cristo também é o responsável pela Marcha Rio. Malafaia é o presidente do Conselho de Ministros Evangélicos do estado do Rio de Janeiro, COMERJ, entidade que organiza o evento na cidade.

O palco do show serviu de palanque para o sermão político proferido por Malafaia aos fiéis no dia 31 de maio de 2014 durante a Marcha Rio. O sermão foi exibido no programa que foi ao ar no dia 07 de junho de 2014. A imagem relembra o cenário de um comício, no qual o pastor discursa de um palco montado a céu aberto para uma multidão de pessoas aglomeradas ao lado da câmara municipal do Rio de Janeiro, na Cinelândia.

Bandeiras são agitadas, mas ao invés da sigla de partidos vê-se a inscrição JESUS. Nesse momento, a distinção entre as denominações religiosas se dissipa na massa de fiéis. No contato cara a cara com a multidão de espectadores, Malafaia parece querer convencê-los de duas coisas: primeiro que os fiéis devem escutá-lo e segundo, que eles devem obedecê-lo. Malafaia não se trata de um estranho, ele já é conhecido dos evangélicos e na divulgação de sua causa, não precisa dizer quem é, nem de onde vem. Na Marcha pra Jesus, Malafaia é o “dono” do evento, mas também a autoridade religiosa, e o astro de televisão.

Como autoridade triplamente qualificada, Malafaia imprime um tom enérgico, e enfático durante toda sua fala. Suas palavras de ordem se inscrevem no discurso dominante quando por meio de uma paráfrase do texto bíblico de Romanos 8:37 o apresentador diz: *“Há um movimento na surdina para nos atingir! Só que eles se esquecem de que até quando nós somos derrotados, nós somos mais que vencedores”*. (MALAFAIA, 07.06.2014, 23min.30s). O apresentador remete os fiéis ao discurso de Paulo, considerado pelos cristãos o grande apóstolo da fé, uma espécie de herói da causa do Cristianismo. Contudo, Malafaia aplica o texto para contrapor “fiéis” e “infiéis”. O apresentador não menciona o nome de quem quer atingir os evangélicos, mas cita a ideologia marxista como responsável por influenciar quem milita em favor da implantação legal de uma ideologia de gênero que resulta na destruição da família e dos valores cristãos. Nesse contexto, o discurso de Malafaia, precedido pelo discurso dominante do apóstolo Paulo, poderia aflorar nos fiéis uma espécie de militância e até de “sacrifício” em favor de candidatos que apoiem os evangélicos e contra candidatos que

defendam a ideologia marxista. O apresentador também parece fazer um movimento no sentido de conquistar fiéis para sua causa política conclamando os evangélicos a se afirmarem como um povo, como segmento social e força política: *“Nós estamos aqui para marcar a nossa posição e nós vamos marcar, ninguém vai cercear a nossa cidadania”*. (MALAFAIA, 07.06.2014, 34m 25s). Nessa passagem, ao dar a voz de comando, o apresentador se inclui na ação. Isso sugere que Malafaia talvez esteja tentando se afirmar como líder dos evangélicos, como se fosse o seu grande representante e protetor.

O apresentador também usa palavras de ordem em seu programa de estúdio. Ao finalizar o episódio do dia 27 de setembro de 2014, quando usou 18 minutos do programa para transmitir orientações políticas, Malafaia olha para a câmera e diz: *“Repete aí comigo: O Brasil é do Senhor Jesus! Após a minha palavra, o Brasil é do Senhor Jesus”*. (MALAFAIA, 27.09.2014, 59m.20s.). A sugestão/ordem do apresentador pode representar uma declaração de fé, mas também se assemelha a um slogan que pode indicar uma estratégia em que Malafaia se apoia na religião para promover a ocupação do espaço público político.

Malafaia parece ter um público cativo, pois seus números de audiência se mantêm relativamente estáveis, como é possível observar nos dados do IBOPE já apresentados no capítulo três. Assim, constatamos que no programa Vitória em Cristo, o movimento de adesão descrito por Citelli (1994) é feito de modo a manter o telespectador fiel não só ao programa, mas ao ideário político do apresentador. O apresentador menciona dois grupos diferentes ao disseminar suas orientações: os fiéis e os líderes. Acreditamos que Malafaia se dirige aos dois grupos pois enquanto se considera “O” pastor do rebanho dos fiéis telespectadores também reconhece a influência que cada pároco exerce sobre sua igreja. Portanto, o apresentador visa garantir a adesão dos líderes para estender sua influência para as suas comunidades. Para tanto, Malafaia se apresenta como pastor e como “filho” da comunidade evangélica. Seu público alvo são os evangélicos pentecostais, principalmente os fiéis da igreja Assembleia de Deus.

Eu tô dando um alerta ao povo evangélico e a liderança evangélica. (MALAFAIA, 24.05.2014 53m.17s.).

Eu quero dar um conselho a todo o povo de Deus, o momento é muito especial. (MALAFAIA, 16.08.2014, 51m.38s.).

Eu sou cria da Assembleia de Deus, uma família tradicional. O meu pai tem 93 anos, tá vivo. Um homem de muita influência no seu tempo dentro da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. (MALAFAIA, 27.09.2014 40min.25s.).

Malafaia faz questão de estabelecer seu vínculo identitário como membro e pastor da igreja Assembleia de Deus, a maior denominação evangélica segundo o Censo 2010 e também a que possui o maior número de parlamentares em âmbito federal. Como a Assembleia de Deus é uma denominação praticamente formada por igrejas autônomas e ministérios independentes que carregam apenas a “marca” Assembleia de Deus, percebemos que Malafaia usa de outros artifícios que fazem parte da cultura da igreja para indicar sua autoridade dentro da denominação. Ao mencionar o pai, já avançado em idade, ele reforça a ideia da cultura patriarcal e do respeito pela senioridade. Ao citar a influência do pai dentro da Convenção Geral das Assembleias de Deus ressalta o compromisso e a proeminência do pai na entidade mais próxima que a denominação tem de um órgão regulador. Ao dizer que vem de uma família tradicional, ele pode estar indicando tanto uma origem familiar não-liberal, como a sucessão de atributos e funções em sua própria família. Assim, entendemos que além de um elo de identidade, o apresentador procurou estabelecer diretrizes de respeito e poder. Já a abordagem “todo povo de Deus” sugere um movimento feito pelo apresentador no sentido de atrair tantos adeptos quanto possível, independentemente de serem assembleianos, evangélicos ou católicos. Entendemos que a temática do Vitória em Cristo, a postura de Malafaia e o tom moralista e firme impressos pelo apresentador em seus discursos podem ser aspectos com os quais cristãos tradicionais de diferentes vertentes se identifiquem.

Malafaia também justifica e explica sua articulação política: ele diz não querer que os evangélicos sejam “alijados” do processo político, que sejam “enganados” pelos profissionais da política, que continuem sendo ingênuos, “tolos”, “trouxas”, escolhendo não se envolver com o fazer político pelo fato de serem religiosos. Vejamos algumas justificativas apresentadas pelo apresentador:

Irmãos, não vamos ser ignorantes e tolos, ímpios querem nos alijar! (MALAFAIA, 16.08.2014, 54min.).

É isso o que eu to falando aqui, to dando consciência e que tem muita gente que me odeia e quer me destruir. Vocês sabem do que eu to falando, não posso falar mais por causa de lei eleitoral, tá? Não posso falar mais, sabe? Porque querem que os evangélicos fiquem alienados, alijados do processo democrático. Vamo deixar de ser “troxa” meu irmão! (MALAFAIA, 11.10.2014, 51min.48s.).

Sabe qual é o jogo, eu tô te ensinando, o jogo é esse aqui: o estado é laico. Novidade. E quem disse que nós não queremos que seja? Estado laico é aquele que não tem religião como preferência, é aquele que trata todas as religiões do mesmo jeito e não há interferência da religião. Tô de acordo! Aqui é que tá o jogo, eu não “tô” falando da fé dos evangélicos, eu “tô” falando da ideologia cristã. (MALAFAIA, 27.09.2014, 45min 15s.).

Ao assumir o papel de protetor e defensor de “seu” povo, o apresentador afirma sua autoridade como líder político transmitindo a ideia de alguém que zela pelo bem-estar da comunidade, que merece a confiança dos fiéis e que, portanto, deve permanecer como seu guia pois conhece as regras do jogo político sendo capaz de conduzi-los a escolhas acertadas.

A persuasão pela imagem

O termo “televangelismo”, utilizado para descrever a propagação do evangelho feita via televisão, parece receber seu significado adequado na instância da imagem ao vivo. O termo grego *tele* transmite a ideia de distância, portanto, televisão seria a imagem à distância. (TIBURI, 2011, p. 29). Logo, a pregação do evangelho via televisão é o evangelismo feito à distância, o evangelismo feito para os olhos, uma espécie de “antiproselitismo” em que o foco parece ter se deslocado da Palavra para a imagem.

Ellul (1985, p. 32) enxerga um perigo nessa mudança de paradigma. O filósofo argumenta que a imagem pertence ao domínio do real enquanto a palavra ao domínio da verdade. Para Ellul (1985, p. 33), uma imagem é incapaz de transmitir qualquer tipo de verdade, isso seria uma das possíveis razões para explicar o fracasso dos filmes “religiosos”. O autor comenta que toda vez que um conteúdo espiritual é retratado através de imagens, o resultado é a percepção de algo que sempre difere da verdade e ressalta:

Imagens podem transmitir ritos, e, portanto, as pessoas tendem a confundir verdades religiosas com ritos religiosos. Em um mundo obcecado por imagens e onde estatísticas são imprescindíveis, as pessoas têm a necessidade de entender a “religião” por seus ritos, por não poderem entendê-la de outra maneira. Desta forma as pessoas têm a impressão de terem ao menos entendido as manifestações de fé, no entanto, o que compreenderam foram apenas alguns aspectos de uma realidade que obrigatoriamente se choca com a verdade. (ELLUL, 1985, p. 32, tradução nossa).¹⁶

O autor enfatiza a primazia da palavra sobre a imagem no universo espiritual pois compreende que o relacionamento com o Deus da Bíblia só é possível através da palavra, afinal, “o Deus bíblico fala, e nada mais”. (ELLUL, 1985, p. 85).

¹⁶ Images can convey a rite, and thus people have a tendency to confuse religious truth with religious rites. In a world obsessed with images and where statistics are necessary, people feel a need to grasp “religion” by its rites, since it cannot be understood any other way. In this manner people get the impression that they have at least grasped the expressions of faith whereas they have grasped only some aspects of a reality which of necessity clashes with the truth.

Na era visual, a equação que relacionava palavra e verdade e imagem e realidade foi alterada. A palavra foi deposta, ou, para usarmos a expressão de Ellul, a palavra foi “humilhada” e a imagem ocupou seu lugar como soberana. Debray (1994, p. 304) propõe uma nova equação para essa era: “Visível = Real = Verdadeiro”. Para o autor, “somos a primeira civilização que pode julgar-se autorizada por seus aparelhos a acreditar em seus olhos”. (DEBRAY, 1994, p. 304). No pensamento de Debray, o que se torna “visível” passa necessariamente pelos aparelhos produtores e transmissores de imagem. Sob essa lógica, uma imagem será crível na medida em que o aparelho que a produz for confiável. Conforme o autor, são os aparelhos que legitimam a confiança nos olhos. A evolução da técnica permitiu à imagem ser não apenas a representação de algo que existe, mas até mais verdadeira do que a própria coisa representada. Elevadas ao *status* de verdade, as imagens tomaram o lugar da argumentação, fazendo com que o convencimento e a conversão também passem a acontecer pela visão. Debray (1994, p. 300, tradução nossa) descreve o desencadeamento desse processo:

Uma foto será mais “crível” que uma figura, e uma fita de vídeo mais que um bom discurso. Nos gostos e cores, nos métodos e ideias, cada um tem sua opinião. Mas diante da tela todos se calam. Visualizar é explicar. Na linguagem atual, “eu vejo” substituiu o “eu entendo”. “Tudo está visto” significa que não há nada a acrescentar. Ontem, “isso é verdade, eu li no jornal”. Hoje: “Eu creio, porque eu vi na TV” (diz vítima de um curandeiro televisivo). Já não cabe opor um discurso a uma imagem. A visibilidade não se refuta com argumentos. Se substitui por outra.¹⁷

O pensamento do autor revela a imagem também como o critério para crença no panorama das telereleções. Quando Jesus disse: “Bem-aventurados os que não viram e creram”, suas palavras registradas na Bíblia, no evangelho de João, capítulo 20 verso 29, eram dirigidas a Tomé, o discípulo da dúvida. É sobre os seus ombros que repousa o estigma da incredulidade. Não porque lhe faltasse fé. Pelo contrário, Tomé cria, mas cria no que via. “Por que me viste, creste”? foi a pergunta do mestre ao discípulo desconfiado. A crença de Tomé

¹⁷ La videosfera: “Sobre todo no en las Ideas ni en cualquier método, la regla y el compás, siempre que vuestras imágenes sean buenas”. Una foto será más “creíble” que una figura, y una cinta de vídeo más que un buen discurso. En gustos y colores, en metodos e ideas, cada uno tiene su opinión. Pero delante de la consola de visualización uno se calla. Visualizar es explicar. En la lengua corriente, “yo veo” ha sustituido a “yo comprendo”. “Todo esta visto” significa que no hay nada que añadir. Ayer: “eso es verdad, yo he leído en el periodico”. Hoy: “me lo creo, porque lo he visto en la television” (dice la víctima de un curandero televisivo). Ya no vale oponer un discurso a una imagen. Una visibilidad no se refuta con argumentos. Se reemplaza por otra.

era aferida pelo olhar. Ele precisava “ver para crer”.

A autora britânica Karen Armstrong (1993, p. 4), em seu livro *Uma História de Deus*, explica que uma das razões pelas quais a religião parece irrelevante em nossos dias se dá devido a perda da percepção de que estamos cercados pelo invisível. Eis a nota tônica desta geração: cremos porque vemos, e não somente porque a religião se fez imagem, mas porque passamos a consumir tudo ao nosso redor com os olhos. Nesse ponto, gostaríamos de resgatar os dizeres de Vilém Flusser (2002) sobre o propósito das imagens.

Imagens são mediações entre o homem e o mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo interpõe-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passaram a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria. Para o idólatra – o homem vive magicamente -, a realidade reflete imagens. Podemos observar hoje, de que forma se processa a *magicização* da vida: as imagens técnicas, atualmente onipresentes, ilustram a inversão da função *imagética* e *remagicizam* a vida. (FLUSSER, 2002, p. 9).

O pensamento do autor é antagônico a ideia de progresso decorrente do processo desencadeado pelo avanço da técnica que culmina na máxima descrita por Debray em que o visível se iguala ao verdadeiro. Para Flusser a imagem, e mais precisamente a imagem que é fruto da técnica, ao invés de produzir esclarecimento e pensamento, obtura esses canais da mente por conta de sua natureza que é sempre mágica e produz uma espécie de efeito enfeitiçante.

Tiburi (2011, p. 96), diz que o olho é o órgão da fascinação, nesse aspecto seu ponto de vista concorda com o pensamento de Flusser. Contudo, a autora propõe que olho também é o órgão da crença já que “a história do olhar se confunde com a história da crença, tanto quanto com a história do ceticismo. É o olhar que prova o in-crível para torna-lo crível”. (TIBURI, 2011, p. 94).

Com base no pensamento dos autores, podemos entender um programa de televisão como o espaço onde são tecidas as verdades de nossa era. Logo, quando o apresentador usa seu espaço televisivo para disseminar suas pregações políticas, ele faz um movimento no sentido de tornar o fiel indesculpável por permanecer em sua ignorância política. Essa ideia se repete nas falas do apresentador:

Eu to sempre dizendo aqui, depois não diga que eu não alertei. (MALAFAIA, 20.09.2014, 57m.44s.).

Eu tô apenas te aconselhando pra depois não dizer que ninguém te avisou nada. (MALAFAIA, 16.08.2014, 56m.34s.).

Não diga que eu não avisei! Você está inescusável. Líder que tá me assistindo, não diga que não foi avisado. (MALAFAIA, 27.09.2014, 54m.53s.).

Nesse caso, a imagem ao vivo é tomada pelo apresentador tanto como critério de verdade para validar seus argumentos, como testemunha de seu esforço pessoal em prol do ensino dos fiéis sobre as questões de cidadania. Um resultado diferente daquele proposto pelo apresentador em suas orientações televisivas poderia ser interpretado como negligência e omissão dos fiéis em participar dos processos que poderiam gerar os direcionamentos políticos.

À guisa de conclusão, apoiamo-nos no pensamento dos autores para ressaltar que o caráter persuasivo do discurso do apresentador do programa Vitória em Cristo não pode ser avaliado apenas pelos elementos presentes em sua fala. Entendemos que convencimento dos fiéis não está condicionado à uma certa estratégia argumentativa em particular elaborada pelo pastor. A combinação de papéis e discursos somada imagem ao vivo persuadem, convencem, convertem.

5 O REINO DE DEUS NO TELESPAÇO PÚBLICO

Este capítulo aborda o surgimento da política como atividade originada a partir da separação dos poderes: econômico, militar e religioso sob a perspectiva de Chaui (2012). Observamos os motivos que conduziram o deslocamento da religião para a esfera privada na modernidade e o retorno da religião à esfera pública na contemporaneidade. Apresentamos um breve percurso dos evangélicos na política brasileira, o posicionamento político do apresentador do programa *Vitória em Cristo* e nossas análises das orientações políticas transmitidas por Malafaia.

5.1 A religião entre as esferas pública e privada

Antes de cedermos à tentação de imaginar o imbricamento entre televisão e religião como uma oportunidade para os líderes religiosos operarem uma massa de manobra política, apoiamos nosso pensamento em Freston (2006, p. 9) para quem “a política não deve ser meio de fortalecer uma religião em detrimento de outras, mas dizer que a religião em si nada tem a ver com a conduta da política é lógica e historicamente falso”.

O historiador inglês Christopher Hill (1987, p. 104) diz que o papel da Bíblia e a Bíblia impressa foram fundamentais na reorganização política do mundo pós-medieval. A erudição protestante desmascarou muitas superstições católicas uma vez que até a Reforma, a Igreja administrava as porções da Bíblia que fornecia ao povo.

A Igreja determinava a ocasião, a maneira e a dimensão do conteúdo das Escrituras que eram expostas aos fiéis. Isto permitia à Igreja manipular os textos para satisfazer seus interesses, pois era soberana no tocante à interpretação dos mesmos. Consequentemente, apenas a Igreja tinha o poder de determinar a explicação dos textos proféticos que, por sua vez, pressupõe tanto o prenúncio como a explicação da intervenção divina no tempo e na vida dos homens. Dito de outra forma, entendia-se que aquele que fosse capaz de dominar o saber profético, teria o poder de prever os acontecimentos futuros.

Ao reinstaurar o conceito bíblico do sacerdócio de todos os crentes, baseado no capítulo dois da primeira carta de Pedro, a Reforma solapou esta prerrogativa da Igreja conferindo ao

homem comum o direito de ler, pesquisar e interpretar as Escrituras sem a necessidade da legitimação do clero.

A Reforma, a despeito de sua hostilidade à magia, estimulava o espírito de profecia. A abolição dos intermediários entre o homem e a divindade, bem como a ênfase na consciência individual, deixavam Deus falar diretamente a seus eleitos. Era obrigação destes tornar conhecida a Sua mensagem. E Deus não fazia acepção de pessoas: preferia falar a John Knox do que à sua rainha, Maria Stuart da Escócia. O próprio Knox agradeceu a Deus ter-lhe dado o dom de profetizar, que assim estabelecia que ele era um homem de boa-fé. O homem comum, conforme mostraram Lutero, Calvino e Knox, podia refazer a história, caso reis e príncipes não cumprissem sua tarefa. (HILL, 1987, p. 103).

Os protestantes se dedicaram ao estudo dos livros proféticos no intuito de dar base racional à ciência da profecia. Eles acreditavam que se a Bíblia fosse entendida corretamente, as pessoas poderiam ser libertas do destino e da predestinação. Eles não advogavam pelo fim do transcendente, pelo contrário, procuravam afirmá-lo, porém através do uso da razão. Até então, a Igreja o fazia pelo uso de rituais e da imagem apelando diretamente à emoção. A avidez, não apenas para estudar, mas para disseminar ideias e conceitos das interpretações das profecias bíblicas, foi um dos fatores que impulsionou a imprensa. Com o fim da censura, em 1640, houve uma explosão do meio. Jornais, livros e panfletos começaram a ganhar a Inglaterra, ao passo que as pessoas comuns ganharam acesso à imprensa. “Depois de 1640, qualquer pessoa poderia ter seus textos publicados caso persuadisse o editor que sua ideia valia dinheiro”.¹⁸ (HILL, 1991, p. 96). Quando o autor examina as transformações políticas ocorridas na Inglaterra nos séculos XVI e XVII, diz que o conceito bíblico do milênio foi determinante para promover o pensamento revolucionário no país.

Em meados do século XVII parecia haver-se alcançado um consenso, segundo o qual acontecimentos notáveis se produziram na metade da década de 1650: a queda do Anticristo, e talvez a volta de Cristo e o advento do Milênio. Essa convicção sustentava a energia, a confiança e o utópico entusiasmo dos pregadores puritanos em começos da década de 1640. Com um otimismo ingênuo (como eles mesmos mais tarde reconheceram), apelaram então ao povo comum da Inglaterra para que travasse as batalhas do Senhor contra o Anticristo. (HILL, 1991, p. 107).

¹⁸ “After 1640 *anyone* could get into print who could persuade a printer that there was money in his or her idea.” (HILL, 1991, p.96). Tradução nossa.

Os ingleses viam um paralelo entre a profecia bíblica e o momento em que viviam. Enxergavam, nas figuras de poder tanto político, como religioso, a figura do Anticristo e legitimaram suas batalhas a partir da compreensão religiosa. Por fim, a Revolução logrou instituir o Parlamento como estrutura de poder, destituindo a monarquia do seu trono absoluto. Nem a religião, nem a Bíblia foram a causa da Revolução. Mas “a Bíblia infalível contribuiu em grande parte para que a Revolução acontecesse” afirma Hill (1991, p. 107). A vítima da Revolução, conforme o autor, foi a supremacia bíblica que teve sua infalibilidade revogada no processo. Afinal, o mesmo espaço que foi aberto através da imprensa para que esta fosse comentada, também permitiu que fosse questionada.

Comparato (2011, p. 167) diz que a “Reforma Protestante foi, incontestavelmente, a primeira revolução social do mundo moderno”. Ao proporcionar aos fiéis a oportunidade de examinar a Bíblia por si mesmos, em seu próprio idioma, a Reforma engatilhou o espírito de unidade nacional rompendo de vez com a aspiração de dominação global do catolicismo romano que caracterizou toda a Idade Média. O fim do ideal de um império religioso foi sacramentado com a assinatura da paz de Westfália em 1641, marco inicial do sistema moderno de Estado Nação, que legava a cada Estado a prerrogativa de determinar como a religião seria praticada em seu território, *cujus régio, eius religio*.

O deslocamento da religião para a esfera privada remonta ao pensamento filosófico de John Locke (1632-1704), que buscava justamente promover a não interferência do Estado na liberdade de escolha dos cidadãos de uma religião. Locke era contrário à ideia então vigente de que o monarca detinha o poder de interpretar as Escrituras e impor sua fé aos súditos. No exílio, Locke escreveu em 1685, sua “Carta sobre a tolerância” em que diz que “a religião pertence à órbita das escolhas individuais não cabendo ao Estado interferir nesta órbita”. (LOCKE apud BUCCI, 2009, p. 211). Desde então, a religião pertence aos domínios da esfera privada prevalecendo o ideal moderno de Estado laico, que prevê que o governo não pode interferir na liberdade de culto dos cidadãos ao passo que a religião também não pode intervir em decisões governamentais de ordem pública.

O retorno da religião à esfera pública é avaliado pela filósofa Marilena Chaui (2012) como uma combinação de fatores associados ao esfacelamento do projeto moderno. A autora considera o concílio ecumênico Vaticano II como um dos símbolos desse retorno. O concílio iniciado em 1962 pregava o *aggiornamento* e atualização da Igreja aos parâmetros da modernidade e colocava o discurso religioso como um instrumento auxiliar da política. A partir de então, a Igreja passou a pregar ideais de justiça, direito, desenvolvimento, progresso e liberdade. Em 1975, surge uma nova militância religiosa formada por jovens universitários

que se apropriam “do vocabulário das ciências sociais e do marxismo para criar outra sintaxe conceitual com que expor a exigência do vínculo religioso como fundamento do sistema social”. (CHAUI, 2012, p. 97). Sua ideia consistia em mudar o curso do Estado por meio da retomada de seu fundamento religioso e promulgava um novo mundo fundamentado nos textos sagrados. Esse fenômeno não foi uma manifestação exclusiva do cristianismo. O mesmo ideal se estendeu ao judaísmo e ao islamismo.

A autora diz que em 1979, os eleitores evangélicos norte-americanos se organizaram em uma instituição político-religiosa denominada Maioria Moral, com o intuito de restaurar os valores morais e cristãos para salvar os Estados Unidos do caos social.

Muitos dos pregadores eletrônicos norte-americanos que chegaram ao Brasil no final da década de 1970 e início da década de 1980 compartilhavam dos ideais defendidos pela Maioria Moral, como já observamos no capítulo dois. O televangelismo norte-americano é marcado por esse sincretismo de valores político-religiosos, sendo inclusive considerado por Assmann (1986) como uma estratégia política utilizada na época para estancar a ebulição de ideias comunistas e socialistas na América Latina.

Retomando Chauí (2012), a autora explica que a política nasce quando consegue separar o poder econômico, o poder militar e o poder religioso, até então consolidados numa chefia única na pessoa do rei ou imperador. Através da criação de instituições públicas de deliberação e decisão (as assembleias e os senados) e da afirmação de um poder público por meio da invenção do direito e da lei, a política fornece os instrumentos que passam a reger a conduta pública dos cidadãos. Nas palavras da autora,

A política nasceu, portanto, quando a esfera privada da economia, a esfera da guerra e a esfera do sagrado ou do saber foram separadas e o poder político, na expressão de Claude Lefort, foi desincorporado, isto é, deixou de identificar-se com o corpo místico do governante como pai, comandante e sacerdote, representante humano de poderes divinos transcendentais. (CHAUI, 2012, p. 113).

Seguindo a lógica expressa pela autora, seria impossível a concepção do racional que prega uma teologia política, uma vez que a condição para o surgimento do político propõe justamente o distanciamento com relação ao sagrado e à religião. Mas o fato é que cada vez mais as demandas religiosas parecem pautar o debate público de modo a intervir nas decisões políticas. Segundo a autora, os efeitos do retorno de um poder teológico-político podem significar que estamos diante “do risco do fim do político” em seu sentido moderno.

Chauí (2012) argumenta que o medo sob a forma da incerteza, da solidão, da

insegurança, da exclusão, da dúvida e da violência, tão presentes na experiência contemporânea, possibilitou o ressurgimento dos fundamentalismos religiosos tanto na esfera privada como na esfera pública. Nos rementendo ao pensamento filosófico de Espinosa, a autora diz que não há um meio mais eficaz de dominar os homens do que mantê-los medo e na esperança. “Por conseguinte, os que ambicionam dominar os homens precisam estabilizar as causas, as formas e os conteúdos do medo e da esperança. Essa estabilização é feita por meio da religião”. (CHAUI, 2012, p. 117). Por intermédio da crença religiosa, o medo é aplacado e substituído pela esperança de que tudo está sob o controle de um poder transcendente. Segundo a lógica espinosiana, a afirmação do transcendente validaria a ideia da teocracia, que prescreve que o poder é ordenado pela vontade divina. E se por um lado o filósofo Carl Schmitt defende o pensamento de que a política moderna é a teologia secularizada, por outro, Espinosa insiste na ideia de que *“a política não é religião ou teologia secularizada; ao contrário, a religião e a teologia são a política sacralizada”*. (CHAUI, 2012, p. 123).

De acordo com Chauí (2012), as ideias de Schmitt se refletem no pensamento de Leo Strauss que afirma que toda a sociedade precisa de uma ortodoxia pública que define o bem e o mal, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o nobre e o ignóbil. A coesão da sociedade dependeria da assimilação dessa ortodoxia que só pode ser viabilizada por meio de uma religião oficial.

Por que a religião? Porque ela estabelece o vínculo da ordem política com a verdade, isto é, com a realidade última, de maneira a dar a essa ordem uma sacralidade e uma santidade tais que os cidadãos queiram lutar, matar e morrer para defendê-la. Em suma, a religião traz para a política algo que lhe é essencialmente necessário: a transcendência da origem do poder. *A teologização do poder é o único recurso eficaz contra a modernidade.* (CHAUI, 2012, p. 131).

As reflexões apresentadas pela autora, expandem nosso pensamento para entendermos a questão do retorno da religião à esfera pública, a aproximação entre líderes religiosos e políticos e a militância política empreendida pelos religiosos. Assumimos que o retorno da religião à esfera pública, não só se evidencia, mas também se pontencializa devido a inserção das igrejas e de líderes religiosos como Silas Malafaia na instância da imagem ao vivo.

Arendt (2002, p. 69), concorda que o medo é um dos instrumentos mais eficazes para persuadir as massas. Sua instrumentalização, contudo, não advém de uma estratégia da religião, ela se deu pela propagação da ideia do Inferno gestada na doutrina platônica sendo, portanto, um instrumento político, criado com fins políticos. O medo do inferno é antes de

tudo o medo da punição e tormento eterno, por isso se torna um argumento infalível no convencimento das massas.

Para Arendt o retorno da religião à esfera pública está relacionado ao aparecimento do ateísmo e do comunismo, consideradas religiões ideológicas, que foram responsáveis por trazer a “religião” de volta à esfera dos assuntos públicos-políticos de onde fora banida desde a separação entre Igreja-Estado. Mas a autora aponta uma distorção quanto à natureza da secularidade e do mundo secular e diz que

O conceito de liberdade (e essa é basicamente uma luta entre o mundo livre e o totalitarismo) não possui certamente origem religiosa. Para justificar uma interpretação da luta pela liberdade como de natureza basicamente religiosa não seria suficiente demonstrar apenas que a liberdade é compatível com nosso atual “sistema religioso”, mas seria preciso mostrar também que um sistema baseado na liberdade é religioso. E isso será de fato muito difícil, a despeito da “liberdade de homem cristão” de Lutero. A liberdade que o cristianismo trouxe ao mundo significava estar livre da política, uma liberdade de estar e permanecer fora do domínio da sociedade secular como um todo, algo de que jamais se ouvira no mundo antigo. Para que um escravo cristão, sendo cristão, permanecesse um ser humano livre, bastava que se mantivesse livre de envolvimento seculares. (Essa é também a razão pela qual as igrejas cristãs puderam permanecer tão indiferentes à questão da escravidão, ao mesmo tempo em que tanto se apegavam à doutrina da igualdade entre os homens diante de Deus.) Nem a igualdade nem a liberdade cristãs poderiam, portanto, ter levado por si mesmas ao conceito de “governo do povo, pelo povo e para o povo”, ou a qualquer outra definição moderna de liberdade política. O único interesse que tem o cristianismo no governo secular é proteger sua própria liberdade, é garantir que os que estão no poder permitam, entre outras liberdades, que se esteja livre da política. O que a liberdade significa para o mundo livre não é, entretanto, “A César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, mas sim o direito assegurado a todos de tratar dos assuntos que um dia foram de César. O próprio fato de que nós, no que diz respeito à nossa vida pública, nos importamos mais com a liberdade do que com qualquer outra coisa prova que não vivemos publicamente em um mundo religioso. (ARENDR, 2002, p. 59- 60).

O pensamento da autora auxilia-nos na compreensão da militância dos telereleigosos como um desvio de curso da religião em sua interação na esfera pública. A ideia de Arendt nos ajuda a enxergar que o cristianismo que se insere na esfera pública aparece revestido de uma armadura belicista cujo objetivo é combater o comunismo e o ateísmo, citadas pela autora como outras formas de religião. Ou seja, o cristianismo que adentra a esfera pública é esvaziado de seu fundamento cristão que em sua essência dispensa o imperativo da visibilidade pública e renuncia aos projetos de poder. As denominações cristãs que buscam participar dos negócios de César militam por uma ideologia que objetiva a conquista do espaço e do poder.

5.2 Os evangélicos na política brasileira

Por muitos anos o lema “crente não se mete em política” foi disseminado no meio protestante ditando os parâmetros ético e político das comunidades de fé. Para aqueles que acreditavam no retorno do Messias e se empenhavam como missionários do evangelho anunciando a notícia da breve volta de Jesus, o foco principal deveria estar nos assuntos eternos, não na ocupação com coisas de ordem temporal. Esse racional que operou como a mola propulsora do trabalho das missões protestantes, não apenas no Brasil, mas em todo mundo, pode ser considerado também um fator da demora no envolvimento dos evangélicos com a política.

Não obstante, a trajetória dos protestantes na política em outros países é muito distinta da realidade brasileira. A matriz religiosa protestante norte-americana e a influência da Reforma em países como a Alemanha, Inglaterra, Holanda e Suíça foram preponderantes inclusive na construção política destas nações como Estados modernos.

Contudo, segundo as observações do sociólogo Antônio Flávio Pierucci (1996) é possível notar que a política evangélica brasileira é antes de tudo uma política católica. Em primeiro lugar porque a matriz religiosa e política brasileira está firme e indissociavelmente arraigada no catolicismo. Em segundo, porque no começo, o envolvimento dos evangélicos na política caracterizou-se por uma luta contra os poderes da Igreja. Finalmente, porque os parlamentares evangélicos tomaram para si a prerrogativa de ser “a voz do povo”, usurpando a posição e emulando a postura originalmente assumida pela Igreja Católica.

Freston (1994, p. 149-150) comenta que a Constituição de 1824 permitiu aos protestantes realizar seus cultos em casa, nivelando o protestantismo a outras religiões não-católicas. Porém, a admissão dos cidadãos aos cargos públicos, conforme prescrevia o artigo 179, no parágrafo 14, rezava que estes deveriam jurar manter a religião católica.

O engajamento dos evangélicos na esfera pública brasileira é um fenômeno um tanto recente, conforme demonstra Pierucci (1996, p. 164). O sociólogo dedicou-se a analisar as estratégias de inserção dos religiosos tanto na política como na mídia. Ele aponta a Assembleia Constituinte eleita em 1986 como um divisor de águas na atuação dos evangélicos na política.

Não que antes disso não houvesse parlamentares protestantes, mas como explica Freston (1994, p. 155) a representação era quase irrisória. O autor recapitula os principais momentos da história política brasileira para pontuar a participação dos políticos protestantes. Os registros que datam da República Velha revelam que, à época, três senadores professavam ser protestantes. O pastor metodista Guaracy Silveira foi o único Constituinte protestante em 1933-34 e em 1946. Porém em 1950, pela primeira vez, os protestantes conseguiram eleger mais de um deputado federal. Em 1962 atingiram a marca de 10 deputados, número que se manteve praticamente estável, oscilando entre 9 e 13 parlamentares por mais de 20 anos.

Freston faz uma retrospectiva da presença protestante na política brasileira provendo argumentos que explicam a postura de distanciamento da política originalmente adotada pelos religiosos, bem como a evolução do pensamento e atuação dos evangélicos quanto ao tema que culmina com sua efervescente aparição no cenário político de redemocratização do país.

O salto da participação protestante nesse cenário ocorreu nas eleições de 1986 quando este número triplicou. A partir de então estes deputados formavam um bloco e não mais podiam ser ignorados nem pelos outros políticos, nem pela grande mídia. O bloco logo recebeu seu nome de batismo: a bancada evangélica.

Pierucci descreve como veio ao mundo a recém-nascida bancada evangélica.

O número exato é 33. Número que fez deles como ressaltou a revista *Veja*, a quarta maior bancada do Congresso Constituinte, atrás apenas do PMDB, do PFL e do PDS. Sua presença numericamente expressiva, na esfera pública política num momento decisivo da vida nacional alterava assim, antes de mais nada, seu modo de comparecimento na esfera pública *midiática*. Não mais circunscritos a seus próprios meios confessionais de comunicação de massa (jornais, revistas, rádios e programas de TV), eles passaram, desde janeiro de 1987, a ter presença mais constante e destacada na grande imprensa laica, no Diário da Constituinte pelo rádio e pela televisão, e em outros noticiários radiofônicos e televisivos de grande audiência. Numa palavra, viraram notícia a partir do início de 1987. (PIERUCCI, 1996, p. 168).

Em sua narrativa, o autor toca no ponto chave no que tange a dimensão e significado desse momento: os evangélicos passaram a ser vistos pela imprensa e conseqüentemente pela sociedade. Pierucci expande a ideia:

O evangelismo conservador, hoje, quer a publicidade. E quer a publicidade em dois sentidos: 1) procura a visibilidade para si diante da opinião pública, ou seja notoriedade e popularidade, presença marcante na esfera pública *midiática*; 2) parte para uma presença ativa na esfera pública propriamente dita, na esfera pública *política*. (PIERUCCI, 1996, p. 167).

Sob essa ótica é possível dizer que o Congresso Constituinte de 1987 marcou a conquista da visibilidade pública pelos evangélicos.

O autor nota que deste momento em diante o termo “protestante” caiu em desuso. Os deputados passaram a se apresentar como “evangélicos”, imprimindo assim “uma nova *imagem de marca* na opinião pública”, conforme Pierucci (1996, p. 173). O termo convenientemente ofuscava as diferenças doutrinárias, privilegiando a ideia de união a despeito da divisão de igrejas. A imprensa assimilou e propagou a nova classificação. Logo a palavra “evangélico” passou a designar de forma indiscriminada não apenas os parlamentares protestantes, mas a massa de cristãos não católicos.

Contudo o autor ressalta que a atuação dos protestantes na política não foi homogênea nem neste momento, nem noutras circunstâncias. Alguns parlamentares assumiram inclusive posições contrárias à bancada evangélica desmistificando a ideia de que os evangélicos pensam igual e conseqüentemente votam em bloco.

O pentecostalismo foi a vertente protestante que mais elegeu parlamentares ao Congresso Constituinte em 1986: 18 dos 33 deputados eram pastores ou membros de diferentes igrejas pentecostais. Os batistas, pertencentes ao grupo dos protestantes de missão, ficaram em segundo lugar com 8 parlamentares.

Dentre os pentecostais, a Igreja Assembleia de Deus tomou a dianteira elegendo 14 deputados, a segunda colocada foi a Igreja do Evangelho Quadrangular que elegeu 2 deputados, a Igreja Cristã Evangélica e a Igreja Universal do Reino de Deus elegeram 1 deputado cada. Digno de nota é o fato de que a IURD conseguiu eleger seu primeiro parlamentar com apenas nove anos de existência. Fica evidente que desde o início a igreja possuía um projeto político. O feito Iurdiano se ressalta principalmente se considerarmos que a AD já estava organizada há 75 anos no Brasil e possuía igrejas espalhadas do norte ao sul do país.

Passadas aproximadamente três décadas, os caminhos dos evangélicos na política se firmaram e se expandiram. Nas eleições de 2014 foram eleitos 72 deputados federais e três senadores evangélicos. O crescimento em relação à legislatura anterior foi de 3% mas passou longe das expectativas e profecias de integrantes do grupo que chegaram a cogitar um aumento de até 30% no número de parlamentares evangélicos.

Publicado originalmente no blog *Mídia, Religião e Política*, MIRE, que se dedica ao monitoramento e exame da ação de religiosos nestes domínios, o gráfico abaixo apresenta a configuração dos deputados eleitos por igreja.

Gráfico 3 – Deputados/as evangélicos/as eleitos/as por igrejas



Fonte: Cunha, 2014.

Como é possível constatar, a presença evangélica no Congresso continua sendo capitaneada pelos assembleianos, correligionários doutrinários de Malafaia. Se compararmos as eleições de 2014 com a alavancada histórica de 1986, observamos que em 2014 a igreja elegeu exatamente o dobro de deputados. Já a igreja batista, que então ocupava o segundo lugar, perdeu sua posição para a IURD. A igreja de Edir Macedo conta hoje com 11 representantes na Câmara Federal além do senador Marcelo Crivella, bispo da igreja e sobrinho de Macedo. Os batistas ficaram em terceiro lugar.

Quando o pesquisador Ari Pedro Oro (2003, p. 4) analisa a presença da IURD na política, explica que quando a igreja escolhe seus candidatos, eles “têm que ser *‘pastores que atuam na mídia’*, ou seja, não seriam recém-chegados na Igreja e nem totalmente desconhecidos dos fiéis”.

Oro sugere que o sucesso da igreja nas eleições, tem provocado um efeito mimético em outras igrejas evangélicas que começam a se engajar no processo político eleitoral. Isto nos leva a crer que este pode ser um dos motivos que tem contribuído para alterar o discurso de Malafaia. A IURD, o maior expoente do neopentecostalismo, possui, segundo Oro (2003), um sistema sofisticado de fazer político que vai do cadastramento de eleitores nas igrejas à construção de um discurso simbólico por parte dos pastores que conclamam os crentes a

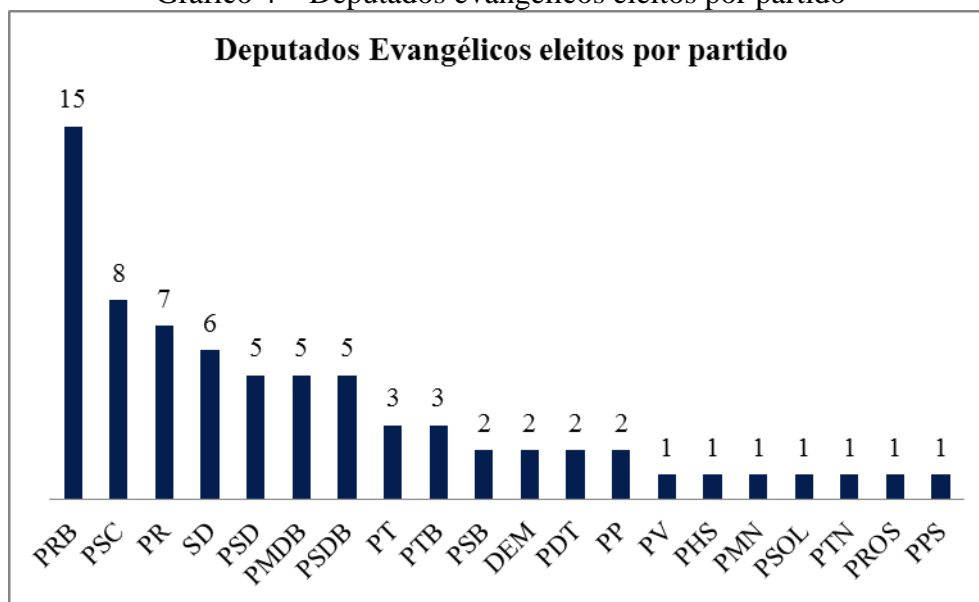
libertarem o país das garras do demônio com a eleição de “homens de Deus”.

A supremacia política pentecostal emergiu como tendência desde o princípio e sua predominância se confirmou com o passar do tempo. Em 1986, os constituintes evangélicos pertenciam a nove igrejas diferentes, seis delas eram pentecostais. Atualmente 15 igrejas estão representadas na Câmara Federal, 11 são pentecostais. Porém, vale ressaltar que metade dos representantes evangélicos estão ligados a apenas duas denominações: a AD e a IURD.

Em 2014, o Partido Republicano Brasileiro, PRB, dirigido por integrantes da IURD, elegeu 21 deputados, 15 são evangélicos. O partido teve o deputado mais votado da eleição e o segundo da história, Celso Russomano (PRB-SP), que somou 1.5 milhão de votos e acabou elegendo outros quatro deputados pela legenda do partido. O PRB cresceu 262% comparado a eleição anterior. Em 2010, apenas cinco anos depois de receber o registro definitivo, o partido elegeu oito deputados e um senador.

O gráfico abaixo apresenta a distribuição dos deputados evangélicos eleitos em 2014 por partido. O PRB foi o partido que mais elegeu evangélicos, seguido pelo Partido Social Cristão, PSC, do pastor Marco Feliciano (PSC-SP), reeleito com 390 mil votos. Vinte dos 28 partidos representados na câmara elegeram evangélicos.

Gráfico 4 – Deputados evangélicos eleitos por partido



Fonte: Cunha, 2014.

Em 2014, pela primeira vez na história, dois candidatos evangélicos, Marina Silva e Everaldo Pereira ambos filiados à AD, disputaram a vaga a presidência da República no

Brasil. Everaldo Pereira, candidato do Partido Social Cristão (PSC) e um dos líderes da AD de Madureira, se aproveitou sem constrangimentos de suas credenciais religiosas participando do pleito utilizando a inscrição: “pastor Everaldo”.

Mas, se por sua vez o pastor Everaldo não conquistou sequer 1% dos votos válidos, Marina foi considerada o elemento surpresa da corrida eleitoral. Às vésperas do primeiro turno chegou a ser apontada pelas pesquisas como a candidata que enfrentaria Dilma Rousseff no segundo turno podendo até ganhar a eleição. Porém as previsões não se confirmaram e Marina acabou em terceiro lugar acumulando 21 por cento dos votos válidos.

Diversos analistas tentaram prover explicações para o que poderia ter derrubado a candidata do Partido Socialista Brasileiro, PSB. Em entrevista à jornalista Talita Abrantes publicada pela revista Exame em 01 de outubro de 2014, o professor de marketing político da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) Emmanuel Publio Dias explicou que vários fatores influíram para que a “onda Marina” se confirmasse como um momento de euforia passageira. A racionalização do voto, que significa votar em quem tem a melhor chance de ganhar, teria, segundo ele, definido o resultado nas urnas.

Porém, entre os muitos fatores apontados por outros analistas e também pela imprensa constavam: a forte propaganda empreendida pelo PT contra Marina e a alteração de última hora feita no projeto de governo pela equipe de campanha da candidata no tocante as propostas para a comunidade LGBT. A mudança foi associada ao fato de Marina pertencer à uma igreja tradicional que prega uma postura conservadora a respeito do assunto. Celebrado pelas lideranças evangélicas que interpretaram a decisão como um gesto de firmeza por parte da fiel assembleiana, a mudança teria irrompido um misto de desapontamento e desconfiança que contagiou não apenas a comunidade LGBT, mas se alastrou pela imprensa e sociedade sob a forma de temor. O medo era de que a presidenciável estivesse a serviço de uma agenda religiosa ou que de certa forma assumisse uma postura de “cordeiro” ante as demandas de influentes pastores. A mudança no plano de governo da presidenciável foi feita após ser criticado duramente por Silas Malafaia. Crítico ferrenho do homossexualismo e do ativismo LGBT, o pastor assembleiano usou seu espaço na rede social Twitter para expressar seu repúdio dizendo que o programa de governo de Marina era “uma vergonha” e “apoia descaradamente o casamento gay”.¹⁹ Entrevistado pelo jornal Folha de São Paulo em 30 de

¹⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/08/1508640-melhorou-muito-diz-malafaia-apos-revisao-de-trechos-do-programa-do-psb.shtml>>. Acesso em: 9 out. 2014.

agosto de 2014, mesmo dia em que a equipe de Marina divulgou o plano editado, Malafaia disse: “Ela não fez essa correção por causa das minhas críticas, eu sei que não. Não sou falso humilde nem besta soberbo. Ela fez porque sabe que não pode contrariar o povo evangélico”. (MARQUES, 2015, s/p.). O comentário de Malafaia demonstra a perpetuação do imperativo moral e moralista característico da ética parlamentar evangélica instaurada sob o viés de governança política a partir de 1986.

5.3 O posicionamento político de Silas Malafaia

Quem testemunha os discursos inflamados de Silas Malafaia através do programa *Vitória em Cristo* ou de outros vídeos gravados pelo apresentador e disponibilizados em seus sites na internet falando contra o atual governo do país pode ter certa dificuldade de imaginá-lo integrando o que os sociólogos Ricardo Mariano e Antônio Flávio Pierucci (1996, p. 2000) chamaram de “esquerda evangélica”. Os autores contam que em 1989, durante as eleições que marcaram o retorno do voto direto para Presidente da República no Brasil, a polarização da corrida presidencial entre os candidatos Luís Inácio Lula da Silva, do PT, e Fernando Collor de Mello candidato do Partido da Reconstrução Nacional, PRN, fez com que líderes evangélicos e fiéis se posicionassem majoritariamente ao lado de Collor. Os religiosos temiam que o candidato do PT deflagrasse uma perseguição religiosa e cerceasse a liberdade de culto por conta de suas raízes comunistas. Os autores relatam que poucas lideranças religiosas tomaram partido em favor de Lula. Nessa ocasião, Malafaia demonstrou publicamente sua escolha pelo candidato do PT chegando a criticar “aqueles que usavam de boatos de que Lula era marxista e iria acabar com as igrejas”. (MARIANO; PIERUCCI, 1996, p. 2001).

Pinheiro (2011, p.31) relata que Malafaia sempre foi brizolista, votou duas vezes em Luís Inácio Lula e apoiou José Serra por duas vezes. O próprio Malafaia disse em entrevista ao jornalista Pedro Leite (2012) que votou duas vezes em Lula e duas vezes em Fernando Henrique Cardoso. Em 2014, fez campanha para o pastor Everaldo e no segundo turno apoiou o candidato do PSDB Aécio Neves.

Campos (2010) tece uma análise a respeito do posicionamento político do apresentador, e do capital de votos que os líderes evangélicos representam,

Silas Malafía é um conhecido “atirador para todos os lados em que o vento soprar” alavancado pelo dinheiro. Malafaia e o pastor Caio Fábio sempre estiveram digladiando em nome da “verdadeira fé evangélica”. Agora que o Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), está ao lado do PT, Malafaia entrou em rota de colisão com ele. Em outras épocas, segundo Caio Fábio, a retórica de Malafaia, favorável à IURD e à “liberdade do povo de Deus” (durante a campanha de Collor, de FHC e após o “chute na Santa”), foi estimulada por milhares de reais para os cofres de seu movimento que está inclusive se tornando autônomo em relação a Assembleia de Deus brasileira. Penso que o apoio de Malafaia a Serra não ajuda tanto quanto um posicionamento de Edir Macedo ou de outros líderes neopentecostais a Dilma e ao PT. Mesmo em relação a Assembleia de Deus (um conglomerado de igrejas com cerca de 10 milhões de fiéis) o apoio de Silas Malafaia não carrega tantos votos como ele imagina. A questão é quem detém um capital religioso maior e um maior domínio das massas. Parece que, Macedo e outros pentecostais favoráveis a Dilma, representam a maioria dos votos “de cabresto” (CAMPOS, 2010).

5.4 As orientações políticas

A seguir apresentamos as orientações políticas transmitidas pelo apresentador divididas por categorias.

Base bíblica

Observamos a necessidade e a importância do fundamento bíblico para sustentar a argumentação política do apresentador. Assumimos que pelo fato do Vitória em Cristo ser um programa religioso, direcionado para um público que procura os bens simbólicos da religião, o Vitória em Cristo precisa necessariamente ter todo seu conteúdo recoberto pelos vestígios do sagrado. A teia simbólica que envolve o universo do fiel com os filamentos de matéria religiosa, a qual Alves (1981) se refere, vai sendo tecida ao longo de todo o programa através da menção de personagens bíblicos, da inclusão de vocabulário místico, de amuletos em forma de CDs, Bíblias, e livros, e das demais construções discursivas que projetam o telespectador para além da realidade temporal.

A tradição Protestante conforme vimos em Campos (2008) requer um raciocínio pautado e provado pela Bíblia. Como regra de fé, a Bíblia deve ter a última palavra na vida do fiel, afinal é a Palavra de Deus. Ademais, a origem denominacional de Malafaia pressupõe uma base doutrinária de correspondência bíblica como explicam Alencar (2012) e Correa (2012). Portanto, entendemos que o respaldo da Bíblia é necessário para garantir a

plausibilidade da argumentação voltada para a promoção do engajamento político. No contexto evangélico, a Bíblia é um elemento capaz de conferir credibilidade ao discurso político. Vejamos como o apresentador se serve dos textos bíblicos para embasar sua argumentação política.

Querido eu tô te dando um conselho. Jesus não anulou a cidadania terrena: “Dai a César o que é de César, dai a Deus o que é de Deus”. Paulo também diz em Romanos 13:7: “A quem tributo, tributo, a quem imposto, imposto”. Isso é cidadania terrena. (MALAFAIA, 16.08.2014, 53min.48s.).

O discurso persuasivo conforme vimos em Citelli (1994), se caracteriza sob o sutil formado do conselho. Porém, não se trata de qualquer conselho. Neste caso estamos diante de um conselho que procede de ninguém menos do que a figura central do Cristianismo: Jesus. O apresentador não se apoia na Bíblia em geral para validar sua fala. Malafaia se ampara nos dizeres de Jesus e do apóstolo Paulo para constituir a base bíblica de sua argumentação política. O apresentador parece utilizar as duas personagens mais marcantes do Novo Testamento propositadamente para corroborar seu discurso.

Eu estou batendo na mesma tecla, irmão. Jesus não desprezou a cidadania terrena: “Dai a César o que é de César, dai a Deus o que é de Deus”. Paulo também não desprezou: “A quem tributo, tributo, A quem imposto, imposto”. (MALAFAIA, 30.08.2014, 50min.08s.).

Malafaia repetiu as mesmas citações bíblicas em seis dos 12 episódios que continham orientações políticas. Ele mencionou os textos durante o sermão que fez na Marcha pra Jesus, exibido durante o episódio que foi ao ar no dia 7 de junho, no programa do dia 16 de agosto, no dia 30 de agosto, em 13 de setembro, (quando explicou sobre o quociente eleitoral), no dia 27 de setembro, último episódio em que deu orientações antes do primeiro turno da eleição e no dia 11 de outubro último dia em que falou sobre o processo eleitoral antes da votação do segundo turno.

Entendemos que a utilização da fundamentação bíblica também pode ter sido utilizada de modo estratégico. A Marcha para Jesus é uma oportunidade de Malafaia falar face a face para um público multi-denominacional e provê o cenário de multidão.

Malafaia usa o episódio em que Jesus é interpelado pelos discípulos dos fariseus, que representavam os oficiais da religião e pelos herodianos, representantes do governo romano, que o interrogavam quanto ao pagamento de impostos. A história é narrada na bíblia no livro

de Mateus, capítulo 21 do verso 16 ao 22. No verso 21 Jesus faz a afirmação repetida pelo apresentador.

Jesus fez uma declaração: “Dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus”. O que é que Jesus está querendo dizer com isso? Eu te explico, que a cidadania celeste não elimina a cidadania terrestre e que a cidadania terrena não anula a celeste. Você como cidadão do céu, obedeça a Palavra, participe na Igreja de Cristo, dê testemunho de Jesus. Cidadania celeste. Cidadania terrena, vote. Cidadania terrena tenha o direito de votar e ser votado. Você tem o direito de saber quais leis envolvem a mudança de paradigmas da sociedade. (MALAFAIA, 7.06. 2014, 27min. 35s).

O contexto da narrativa parece revelar uma postura desengajada da parte de Jesus em relação aos assuntos que dizem respeito ao governo e não um envolvimento político como propõe o apresentador. Parece haver uma linha muito tênue quanto à explicação. Ao passo que Jesus não negligenciou a cidadania terrena, sugerindo o pagamento de impostos como forma do adepto ao cristianismo cumprir seus deveres como cidadão, ele tampouco parece dar ênfase à importância do envolvimento de seus discípulos com cargos políticos, conforme sugere Malafaia. O apresentador parece usar a dicotomia Deus e César para estabelecer seu raciocínio de forma a legitimar uma outra dicotomia: a da cidadania celeste e da cidadania terrena. Ou seja, ele parece estar dizendo: “você pode ser cristão e candidato, você pode ser cristão e eleitor, uma coisa não anula a outra. E tem mais, você não vai para o inferno se proceder assim. Até porque Jesus mesmo disse que precisamos ser cidadãos e cidadania inclui votar e ser votado!” Seu discurso dá a impressão de causar uma cisão entre cristianismo e cidadania de modo a fortalecer a ideia da cidadania terrestre. A antiga lógica de que o bom cristão era um bom cidadão parece se inverter dando lugar à lógica do teológico-político, como explica Chauí (2012), onde quem adere aos ideais e às práticas políticas prova quem ser o bom religioso.

Por um lado, o discurso persuasivo em forma de “conselho pastoral” pode ser um incentivo para descortinar a visão dos fiéis que encaram este mundo apenas como uma passagem e renunciam a muitos de seus direitos de cidadão por priorizarem a vida futura no céu. Por outro, parece revelar a franca adesão de Malafaia ao pensamento dos integrantes da Maioria Moral norte-americana e de televangelistas como Pat Robertson que defendem o direito dos cristãos de participar nas decisões políticas e no governo, conforme vimos na avaliação de Chesnut em entrevista a Romero (2011).

Entendemos que ao usar a base bíblica como pretexto para o exercício da cidadania, o apresentador transforma o dever cívico em obrigação moral para os fiéis. O discurso apoiado

na Bíblia indica um modo do apresentador ganhar a confiança dos fiéis para que possa conduzir sua argumentação na direção de quaisquer outros fins eleitorais.

Igualdade de direitos

Percebemos que uma vez estipulada a ideia de que o exercício da cidadania terrestre é um dever cristão com base na Bíblia, a próxima justificativa do apresentador para o engajamento dos fiéis no processo político apela para a igualdade dos direitos dos evangélicos como cidadãos. Entendemos que a igualdade de direitos a que se refere ao apresentador passa pela questão da expressão ideológica conforme enunciado no episódio veiculado no dia 27 de setembro de 2014.

“Meu irmão, pastor, líder, povo de Deus, a ideologia cristã é tanto válida como a ideologia de Maxi. Hã? Quer dizer que Kal Maxi vale mais do que Jesus? Que conversa é essa?” (MALAFAIA, 27.09.2014, 46min.18s.).

Percebemos que Malafaia compara a ideologia marxista aos ensinamentos de Jesus na busca de um argumento que o autorize a influenciar a sociedade. A afirmação de que a ideologia cristã é tão válida quanto a ideologia de Marx pode ser um indício de que o apresentador busca promover uma espécie de orgulho da crença nos fiéis, no sentido de dizer: “não se sinta por baixo, o que você acredita vale tanto quanto a crença marxista”. Em segundo lugar, a afirmação traz embutida a ideia de que se os marxistas podem influenciar a sociedade, os cristãos também podem.

A pergunta do apresentador parece revelar sua compreensão de uma primazia de Marx sobre Jesus no atual momento sociopolítico brasileiro. O questionamento impregnado de ironia e indignação parece dizer: “quem determinou que Marx é mais importante que Jesus? Desde quando Marx é melhor do que Jesus? ” Isso pode sugerir que o apresentador pretende influenciar ideologicamente a sociedade como forma de mostrar que Jesus é tão ou mais importante que Marx.

Entendemos que o uso da comparação pode ser uma estratégia para provocar uma operação simbólica na mente dos fiéis. No episódio que foi ao ar no dia 13 de setembro Malafaia já havia apresentado o mesmo paralelo da seguinte forma: *“quer dizer que Maxi é mais importante que Jesus?”* (MALAFAIA, 13.09.2014, 56min. 38s.).

Ao evocar o nome Jesus em oposição a Marx, o apresentador remete o fiel à figura do salvador. Qualquer compromisso ou sacrifício por parte do fiel jamais pode se comparar ao gesto de Jesus de dar a vida por ele. Ou seja, o apresentador parece puxar o gatilho que provocaria o fiel a fazer qualquer coisa para defender o salvador. Ademais, Marx permanece

no imaginário da maioria dos cristãos como símbolo da corrente de pensamento que prega a extinção da religião da sociedade. Assim, a ideologia marxista deveria ser combatida a qualquer preço.

É possível perceber com base em Bonhoeffer que ao recorrer ao direito de influenciar por meio de ideologia, Malafaia torna-se agente de propaganda não se dispondo a sofrer a recusa de suas propostas. Seu discurso insinua uma batalha política que parece incitar os fiéis a se engajarem politicamente de modo a fazer valer os direitos de “Cristo” de se fazer presente na sociedade por meio da política.

Notamos também que o viés ideológico vai costurando a fala do apresentador quando compara os evangélicos a outros grupos sociais. *“Eu posso ser pastor, você é evangélico, mas você é cidadão do Brasil com os mesmos direitos e deveres que qualquer cidadão que é comunista, ateu, católico ou sei lá o que, tá?”* (MALAFAIA, 11.10.2014, 51min. 37s.).

Nessa passagem é possível perceber que primeiro Malafaia nivela os evangélicos aos outros grupos pelo critério da cidadania nacional. Depois, ele estabelece uma distinção pela crença religiosa e ideológica. Em sua fala é como se estivesse dizendo: “se nós, como brasileiros, temos que cumprir com nossas obrigações, inclusive você que é evangélico e eu que sou pastor, então, como brasileiros, temos o mesmo direito de participar politicamente. Se o católico pode, se o comunista pode, se o ateu pode, então, os evangélicos também podem.

Porém, o modo do apresentador exercer sua influência está atrelado à posição que ocupa no espaço público. Portanto, sua influência trata-se de um procedimento político com fins políticos.

Empoderamento do fiel

O apresentador busca empoderar o fiel através da disseminação de informações sobre o processo eleitoral. *“Eu não vou falar aqui de deputado nem nada. E nem a lei permite. Mas eu quero te dar uma instrução pra você entender como é esse negócio porque além de ser cidadão dos céus, você é cidadão brasileiro, você é cidadão aqui dessa terra”*. (MALAFAIA, 6.09.2014, 13min.7s.).

Malafaia parece insistir na dicotomia cidadania-celeste/cidadania-terrena de modo a romper com uma cultura de ignorância e despolitização do fiel a respeito do universo da política. Ele assume que seu telespectador é totalmente leigo no assunto. Ao investir o telespectador com as credenciais da cidadania nacional o apresentador estabelece um elo de pertencimento e responsabilidade do fiel para com o país. É como se além de fixar a ideia de

que a vida acontece aqui e agora e não no “futuro celeste”, Malafaia procurasse criar uma ligação de fidelidade dos evangélicos para com o país.

É possível que recorrendo ao apelo da cidadania nacional o apresentador pode estar apenas tentando relembrar o fiel de seus deveres cívicos. Porém, fica difícil prever se esse tipo de fidelidade para com a nação, forjada com a ajuda da religião, também não seria capaz de produzir uma espécie de nacionalismo religioso.

Mas antes de estabelecer a lealdade do fiel para com o país, o apresentador reforça a lealdade deste para com ele próprio e se posiciona como a origem de um conhecimento que o fiel não detém. Ao fornecer orientações ao telespectador sobre o processo eleitoral, Malafaia transmite ao telespectador a ideia de que pode sanar a falta de instrução dos fiéis quanto à política. Uma vez que ocupa a posição de instrutor religioso, Malafaia pode se valer desse papel para migrar também para a posição de instrutor político.

No processo de empoderamento do telespectador-eleitor, o apresentador também procura construir autoconfiança do fiel. *“Você é cidadão! Você pode fazer a diferença aqui! Presta atenção meu irmão em quem você vai votar!”* (MALAFAIA, 16.08.2014, 54min.7s.). Ao se dirigir ao telespectador usando o pronome no singular, Malafaia ressalta a relevância da participação individual e a capacidade de uma pessoa fazer a diferença. Mas em seguida ele adverte o fiel quanto ao modo de fazer a diferença. Logo, é possível deduzir que o fiel só vai fazer a diferença se souber como votar, se votar bem, ou seja, se seguir as instruções oferecidas pelo apresentador.

Percebemos que quando parece conveniente, o apresentador também se associa ao telespectador como se juntos fizessem parte de uma coligação, uma aliança fundada pelo vínculo identitário subjacente: “nós, os evangélicos”, a exemplo dessa passagem: *“Nós estamos decidindo a questão do que queremos para a nossa nação. Nós estamos decidindo qual o rumo que vai esse país”*. (MALAFAIA, 27.09.2014, 50min.41s.). Em sua fala o apresentador parece evocar o atual direcionamento político do país no sentido de dizer aos telespectadores: “é isso mesmo o que vocês querem? Se querem outra coisa, nós podemos nos unir e trocar de rumo, nós temos força para isso”.

A ideia de que os evangélicos podem fazer a diferença nas eleições se repete no apelo feito pelo apresentador durante o último programa em que falou sobre as eleições antes da votação do segundo turno. No dia 11 de outubro Malafaia disse: *“Faça o exercício da sua cidadania. Nós estamos decidindo a história do Brasil, gente. Não brinque! Olha bem o que tá acontecendo. Olhem bem! Prestem atenção!”* (MALAFAIA, 11.10.2014, 53min.54s.). A insistência do apresentador em seu alerta pode ser um indício de que ele está descontente com

o direcionamento do atual governo e busca influenciar o fiel a aderir a seu ponto de vista político. Ele parece querer inculcar no telespectador a ideia de que os evangélicos têm o poder de mudar a história do Brasil. Assim deixa transparecer sua noção de que existe o tal “voto evangélico”.

Malafaia também procura empoderar o fiel ao desconstruir a imagem dos evangélicos como um povo ingênuo: *“Vamo deixar de ser trouxa, nós não somos trouxa. Vamo deixar, okay? E tamo deixando, e vamo fazer valer a nossa cidadania”*. (MALAFAIA, 11.10.2014, 51min. 23s.). Nos dizeres do apresentador, a suposta tolice dos evangélicos passaria pela apatia e distanciamento do processo político. O apresentador parece querer construir a ideia de um povo esperto, um povo que não se deixa enganar, um povo que sabe como se posicionar no pleito eleitoral. O povo perspicaz, ao contrário do “trouxa”, é o povo que faz questão de prezar pelo direito de exercer sua cidadania. Esse povo ouve e acata as orientações do apresentador e prova que não é bobo sendo capaz de mudar o resultado de uma eleição.

A mesma ideia de “desqualificação” dos evangélicos também aparece sob o viés de uma suposta hierarquia social: *“Você não é cidadão de segunda classe, você é cidadão brasileiro para fazer a diferença!”* (MALAFAIA, 7.06.2014, 22min.41s.). A afirmação traduz a ideia de que o cidadão de primeira classe é o cidadão politizado. O apresentador deixa transparecer a ideia de que existe uma visão externa ou mesmo um complexo por parte dos fiéis de que os evangélicos são inferiores pelo fato de não serem politizados. Ao munir o fiel de estima, exaltando sua capacidade de fazer a diferença nos rumos do país, o apresentador parece fazer questão de que o fiel seja incluído na esfera pública como forma de afirmar a legitimidade da participação dos religiosos na gestão do poder público.

Força política

Outra maneira pela qual o apresentador constitui a ideia do fiel como cidadão capaz de transformar a sociedade se dá através da construção da imagem de um povo que representa uma força política. *“Eu sei que aí no teu estado tem gente com condições de chegar lá. O Brasil é muito grande, os evangélicos são grandes, os católicos praticantes são grandes! Olha bem em quem você vai votar!”* (MALAFAIA, 13.09.2014, 54min. 31s.). Ao dizer que os evangélicos são grandes, o apresentador parece se fiar ao crescimento numérico dos religiosos ocorrido na última década para enaltecer o valor dos evangélicos no que tange à quantidade de votos. Ele agrega os católicos praticantes ao grupo talvez no sentido de irmanar o povo de Deus sob a mesma bandeira para defender os mesmos ideais. Em sua fala o

apresentador usa termos que denotam exagero para transmitir a ideia de grandeza, de volume e força política.

Primeiro, eu quero dar os parabéns aqui. Meus irmãos, o povo evangélico tá tomando consciência de cidadania, tá? Deputados federais e deputados estaduais foram eleitos e deram banho de voto em vários estados do Brasil. Mas banho de voto! Nós temos que valer, nós temos que fazer valer a nossa cidadania. Podem debochar, tá, podem tentar nos ridicularizar na imprensa, mas não vão nos alijar do processo democrático. (MALAFAIA, 11.10.2014, 50min.02s).

O reino de Deus

O reino de Deus é explicado pelo apresentador como algo que se viabiliza através da ação do fiel. Malafaia milita em favor da instauração desse tal “reino de Deus” na Terra que indica ser implementado com a chegada dos evangélicos ao poder. Malafaia atualiza o conceito da implantação do reino de Deus chamando essa responsabilidade para o presente. Ou seja, este é um reino que começa aqui e agora e não no futuro celeste. Sua fala exemplifica a tendência observada nas pregações realizadas pelas igrejas neopentecostais que substituíram a divulgação do evangelho de salvação, em que o fiel é doutrinado a aceitar as circunstâncias do presente projetando suas esperanças e aspirações para o futuro, para propagar o evangelho da solução, que torna o fiel senhor de suas circunstâncias no presente e Deus uma espécie de office boy dos desejos e necessidades imediatas do crente. Malafaia também apela para o imperativo moral da fé desafiando o fiel a manifestar sua fé publicamente através da participação política. Ou seja, fica subentendido que o crente que não se manifesta politicamente, conforme o modelo de ação definido pelo pastor, deve ser considerado um indivíduo que não tem fé, que se omite do processo democrático e que, portanto, não contribui para a implantação do reino de Deus.

Escute o que eu vou te falar, na igreja você edifica a fé. No mundo, você manifesta a fé. Eu oro pra que Jesus levante entre vocês gente pra diplomacia, gente pra política, gente pra economia, gente pra área industrial, gente pra área do cinema e da televisão. Nós temos que fazer a diferença nessa sociedade implantando o Reino aqui na Terra. (MALAFAIA, 07.06.2014, 30min.19s).

O Reino de Deus é pra ser implantado aqui, não é no céu não. É na minha vida e aqui nessa terra. (MALAFAIA, 13.09.2014, 57min. 43s).

Irmãos, eu tenho visto como a igreja evangélica, como os crentes, e a culpa é da liderança, pensa que ser crente é dentro da igreja. Ei! Na igreja você edifica a fé, no mundo você manifesta a fé. (MALAFAIA, 24.05 2014, 56min. 41s.).

E aí eu fico vendo até alguns cristãos, “pastor, vai pra igreja”. Olha a mentalidade: “Pastor, fica lá na igreja”. Querido, o que é igreja? A igreja só é igreja quando ela sai das

quatro paredes, meu irmão! Abre a tua mente! Deixa de ser ignorante! A igreja só é igreja quando ela tá no mundo pra implantar o Reino de Deus. Ou você acha que o reino de Deus vai ser implantado aonde? No céu? Aonde que é? Querido, o lugar aonde você menos manifesta a vida cristã é dentro das quatro paredes! É o lugar onde você menos manifesta a vida cristã! Eu vou dizer uma frase, na igreja você edifica a fé, no mundo você manifesta a fé. (MALAFAIA, 27.09.2014, 44min. 25s.)

Oração e ação

A menção da oração durante as orientações políticas de Malafaia, bem como o próprio momento destinado à prece durante o programa parecem servir a três propósitos distintos: criticar o governo sob o viés da súplica, apelar ao imaginário simbólico dos fiéis alimentando a ideia de que Deus age através do crente que ora e reforçar a ideia da participação ativa do fiel no curso da ação política. Percebemos que Malafaia usa o momento final de seu programa destinado à oração para tecer críticas inflamadas contra os “homens maus” que detém o poder. No segundo caso, o apresentador parece dar a oração uma conotação de arma, de recurso secreto, que só o “povo de Deus”. Com isso, ele deixa subentendido que Deus prefere o povo que ora. Contudo, no último caso Malafaia parece invalidar a soberania de Deus de no curso das circunstâncias ao dizer que orar apenas não basta. Por um lado, o apresentador divulga a ideia de um Deus que é soberano, mas por outro, ele apresenta um Deus que não pode tudo sozinho, que precisa da ajuda do fiel em forma de oração. Uma vez mais é possível notar que Deus tem um papel secundário nessa espécie de ideologia política do neopentecostalismo.

Meu irmão, o momento é crucial! Não vai descer anjo, nem Deus do seu trono. Está nas nossas mãos, na nossa oração e na nossa ação. Escute o que eu to te falando! (MALAFAIA, 16.08.2014, 55min.50s.)

Nós vamos fazer o nosso papel de cidadão, marcar o nosso papel na sociedade porque orar é uma das coisas mais importantes que a gente faz, mas oração sem atitude não é nada. (MALAFAIA, 07.06.2014, 30min.)

Ei meu irmão, daqui até as eleições, eu não vou exagerar, separe cinco minutos, cada dia, você levante um clamor pelo Brasil. Essa é uma arma que ninguém tem, só o povo de Deus. (MALAFAIA, 27.09.2014, 57min. 47s.)

Vamos orar pelo Brasil. Nós temos uma arma que ninguém tem. Paulo diz: “Antes de tudo façam orações, deprecações, súplicas pelos que estão em evidência para que tenhamos uma vida quieta e sossegada que isso é bom e agradável ao Senhor”. (MALAFAIA, 13.09.2014, 53min.)

Não brinque, você é cidadão! Eu, você, nós estamos escrevendo a história desse país e você não pode ser alijado como se você fosse cidadão de segunda classe. Não faça isso! Não caia no jogo dos ímpios. Depois não venha dizer que é o diabo. Eu vou orar... orar o que? Não exerceu a cidadania, depois vai orar o que? Você quer que Deus faça o que você tem que fazer, meu irmão? Aprenda, Deus não move uma palha naquilo que nós temos que fazer. E Deus move o céu inteiro naquilo que nós não podemos fazer. Votar você pode

fazer. E depois não vem aqui reclamar, tá? Exerça sua cidadania. (MALAFAIA, 11.10.2014, 57min.23s.).

Como deve agir um cidadão

Em suas orientações políticas Malafaia procura transmitir a ideia de que o fiel deve ser um agente de transformação da sociedade. O apresentador indica que essa transformação passa pela participação no processo eleitoral. Ele transmite princípios de conduta política dizendo aos fiéis o que devem fazer e o que não devem fazer durante o processo político eleitoral.

O que fazer

Através de suas falas o apresentador deixa claro que considera seus telespectadores ignorantes e inocentes quanto ao processo político eleitoral. O pastor trabalha a questão da ingenuidade dos fiéis suscitando a desconfiança em outros agentes políticos de modo a reforçar sua posição como guia político. Ele aconselha aos fiéis que não sejam inocentes se deixando seduzir por pequenas coisas como material de campanha: panfletos, faixas e santinhos. Malafaia desencoraja e desvalida a candidatura de fiéis anônimos reafirmando a postura de que o candidato ideal é o que ele indica, o que tem chances reais de ser eleito.

O que eles fazem, os profissionais da política, os que controlam os partidos, infiltram um monte de gente que vai ter mil, dois mil, três mil votos, quatro mil votos pra poder somar, pra dar o quociente pra poder eleger os primeiros. E tem irmãozinho nosso que é tão simples e que cai nisso. Se candidata coitado, aí os malan, “não, eu vou te dar santinho, não eu vou te dar cartaz, eu vou te dar faixa, eu vou te dar placa”, o cara já sabe que ele vai ter mil, dois mil, três mil votos. E o pobre do irmão é envolvido pelo glamour. (MALAFAIA, 13.09.2014, 53min.).

Crítérios para discernir a verdade

Malafaia cita critérios para que os fiéis possam testar as orientações e argumentos de outras fontes disseminadoras de informação, quer sejam agentes religiosos, políticos ou midiáticos. O apresentador indica que até o que ele mesmo diz deve ser submetido ao teste. Seu método consiste em: duvidar, criticar e determinar qualquer informação antes de tomar uma decisão. Ao sugerir a dúvida como primeiro passo de seu método, Malafaia põe em xeque a credibilidade das fontes emissoras de informação bem como a possibilidade de que estas estejam agindo de boa-fé. Apesar de indicar que suas próprias palavras devam ser testadas pelo telespectador, o apresentador, ao contrário das outras fontes, conta com um discurso que o antecede, o discurso dominante mencionado por Citelli (1994). Como pastor,

seu discurso é precedido pela Bíblia. Por isso, como porta-voz da Palavra de Deus, a suprema fonte da verdade revelada para as denominações protestantes, Malafaia já desfruta da posição de depositário da fé dos telespectadores. Isto significa que a dúvida deve recair sempre sobre as outras fontes, mas jamais sobre o pastor.

Oh, eu vou falar aqui, tudo o que você ouvir, tudo o que você ler, faça essas três coisas: duvidar, criticar e determinar. Eu não quero que você engula de primeiro o que eu estou falando. (MALAFAIA, 19.07.2014, 55min.59s).

Tudo o que você ouvir: duvidar, criticar e determinar, tá? Tudo o que você ouvir de qualquer um não receba de primeira, tá? Hã? Duvidar quer dizer: não engole de primeira. Criticar é analisar e determinar é: aceito, rejeito, aceito parte. Faça isso! (MALAFAIA, 11.10.2014, 55min. 14s.).

Pesquisa não elege ninguém. Meu irmão, quem elege é você! Faça exercício da sua cidadania. (MALAFAIA, 11.10.2014, 56min. 26s.).

Aprender e ter atenção

O apresentador bate insistentemente na tecla do engano dos fiéis por parte de outros agentes. A repetição da mesma ideia parece demonstrar que o apresentador entende a política como um terreno sinuoso, perigoso e repleto de salteadores prontos para usurpar a fé alheia. Os “profissionais da política” descritos por Malafaia são uma espécie de indivíduos ardilosos que maquinam estratégias para conquistar a confiança de gente simples e assegurar votos em troca de um punhado de ilusões distribuídas aos fiéis. Esses agentes seriam lobos em pele de cordeiro que sorrateiramente se achegam às agremiações evangélicas de modo a devorar-lhes o direito da livre escolha na hora do voto. Seguindo essa premissa o apresentador assume a posição do pastor que zela por suas ovelhas. Ele deixa implícito que só existem dois grupos de políticos: o que ele indica, e os outros. O apresentador também usa de recursos para criar a expectativa no fiel. Segundo ele, a importância do tema é tamanha que não cabe em um só episódio. Por isso, prolonga o assunto em diversos programas de modo a estreitar os vínculos de fidelização política com seu público.

E tem um monte de profissional da política que infiltra gente nas igrejas evangélicas para serem eleitos. E você nem sabe disso! Eu vou te ensinar no sábado que vem. (MALAFAIA, 6.09.2014, 58min.02s.).

Então minha gente preste atenção. No primeiro sábado de setembro eu vou ensinar a você, meu filho, o meu povo perece porque falta entendimento! Eu vou te ensinar, pra você não ser enganado por uns malandros que são infiltrados na seara evangélica, no meio evangélico. Eu vou te ensinar como é que se elege um deputado federal e um deputado estadual. Você pode estar votando em um e elegendo outro. (MALAFAIA, 30.08.2014,

50min.22s.).

Eu vou te explicar como é que os malandros infiltram gente no nosso meio e você tá crente que tá elegendo um irmão e acaba elegendo um vagabundo de um ímpio que vai contra todos os nossos princípios e valores. (MALAFAIA, 30.08.2014, 51min.03s.).

Marcar posição

Ao apelar aos fiéis para que façam valer seus direitos o apresentador demonstra que só ele sabe das coisas, que só ele é esclarecido no tocante ao processo político. Assim, Malafaia impõe sua autoridade ante a massa não-esclarecida. Malafaia apela para a participação do fiel no processo político quase como um imperativo espiritual. Uma vez mais percebemos no discurso do apresentador essa bipolaridade de forças, (entre o que diz respeito ao tempo presente e o que tange o assunto do transcendente), que orientam o crente na tomada de suas decisões. Através das falas do apresentador é possível perceber que ele entende que a ingenuidade e inocência dos fiéis quanto ao processo político decorre justamente do fato de que os fiéis utilizam de recursos espirituais, tais como a fé na intervenção divina através da oração, para lidar com questões de ordem temporal, como por exemplo a participação em atividades políticas. No entanto, Malafaia parece liderar essa mobilização em prol do exercício da cidadania dos fiéis sob o viés da militância política, afinal, sabe que as comunidades religiosas somam números suficientes para levar a cabo seus projetos de poder.

Eu to dando alerta porque o povo de Deus espiritualiza tudo. “Vamos orar...” Vamos orar e deixa os ímpios tomar conta de tudo? Deixa a roubalheira comer solta? Deixa a safadeza comer solta? Ei! (MALAFAIA, 07.06.2014, 27min. 17s.).

Vamos fazer valer nosso direito de cidadania. (MALAFAIA, 20.09.2014, 58min. 58s.).

Vamo deixar de ser medíocre! Para de achar que você é só um ser espiritual! Você tá aqui na Terra, você tem salário! O que sucede ao ímpio, sucede ao justo. Preste atenção no que eu tô te falando, por favor. É um conselho que eu te dou. (MALAFAIA, 16.08.2014, 56min.17s.).

E aí nós reclamamos que a política só tem corruptos, só tem bandidos, tem isso tem aquilo e nos omitimos da vida social como se fôssemos seres exclusivamente espirituais. Isso é uma das maiores ignorâncias! Isso é uma das coisas mais horrorosas que foram ensinadas aos crentes, como são chamados os evangélicos. “Nós não temo nada a ver com a vida, não temos nada a ver”. A gente se isola da vida social, de comunidade, nós não temo nada a ver. (MALAFAIA, 27.09.2014, 41min. 34s.).

Se pronunciar

O apresentador incentiva o fiel a marcar sua posição publicamente e a defender suas ideias e suas crenças. Malafaia parece eleger a internet como meio ideal para fazer circular suas ideias e orientações e aconselha os fiéis a utilizarem a rede para fazer o mesmo. A flexibilidade da legislação, a facilidade e velocidade para disseminar informações, o baixo custo e o grande alcance fazem da internet a avenida por onde circula a massa de indivíduos militantes. Nesse contexto, Malafaia se beneficia da liquidez da instância da imagem ao vivo que acaba escorrendo também para a internet. O apresentador aparece como uma voz de comando que conclama seus correligionários religiosos, líderes e leigos, a empunhar a arma que se encontra ao alcance de suas mãos, nesse caso o teclado de um computador, para servir tanto como instrumento de defesa, como parte da ofensiva dos evangélicos que buscam se movimentar politicamente.

Meus irmãos em Cristo, a coisa não é brincadeira o que vem por aí. Se nós bobearmos, se nós ficarmos quietos eles vão passar o trator por cima. (MALAFAIA, 07.06.2014, 28min.27s.).

Hoje, às 14h vai ter um tuitaço é só chapa quente, com força. Tão pensando que nós evangélicos somos idiotas. Então, é ali que é o nosso campo. No campo legal, no campo democrático que nós podemos defender as nossas ideias. (MALAFAIA, 20.09.2014, 56min. 48s.).

Autoridade espiritual

A ideia de autoridade espiritual é trabalhada pelo apresentador ao longo dos sermões e também durante as orientações políticas. O apresentador deixa claro através de suas falas que quem possui autoridade espiritual é alguém diferenciado. Malafaia eleva a função pastoral à condição de autoridade espiritual. Com isso o apresentador cria uma distância de ordem moral entre o fiel e o líder religioso. Apesar de mencionar que a autoridade espiritual não se trata de um atributo exclusivo manifestado à “casta” pastoral, podendo também se manifestar em leigos, Malafaia reforça a ideia de que os pastores são autoridades espirituais e, portanto, têm direitos sobre os fiéis. O discurso apresenta a autoridade espiritual como sendo alguém que está mais perto de Deus e possui um prestígio espiritual maior. O apresentador incentiva, por vezes imperativamente, os telespectadores a honrarem o pastor. Contudo, a honra a que se refere Malafaia parece ser algo que vai além do apreço pelo líder espiritual, trata-se de algo que implica em acatar e submeter-se às ordens desta autoridade. Para Malafaia, o fiel deve sustentar o pastor, pagá-lo através dos dízimos e ofertas conforme a ordenação bíblica. Não

obstante, a impressão que se tem é que o apresentador entende o sustento pastoral através dos dízimos e ofertas como uma espécie de escambo monetário/espiritual em que o fiel paga para ter acesso à autoridade espiritual e dele receber os bens simbólicos da religião. Assim, o apresentador forja uma aura em torno da figura do pastor para afirmar a autoridade dos líderes religiosos sobre suas comunidades de fé.

Eu sou um dos caras que motiva os crentes a honrarem pastor. Pague muito bem a seu pastor porque é bíblico. Não tem nada a ver com a sociedade e não tem nada a ver com conceito de ímpio que não sabe o que é oferta e quer falar mal dos crentes que dão oferta. (MALAFAIA, 26.07.2014, 55min. 33s.)

O que não fazer

O apresentador também oferece orientações aos fiéis a respeito da conduta que não deve ser seguida pelos evangélicos. Ou seja, aquilo que ele não aprova, e que, portanto, não deve fazer parte do comportamento cidadão de seu rebanho.

Ser omissos ou negligentes

A posição apolítica dos fiéis e líderes religiosos ou o posicionamento político contrário ao indicado pelo apresentador é considerado por Malafaia como uma falta grave que prejudica o avanço dos evangélicos na política. O voto aparece em seu discurso como algo de suma importância. O apresentador adverte os fiéis contra a atitude leviana ou inocente diante da ação como se entendesse que para os fiéis o voto possui pouco significado. Malafaia indica que a militância política é fundamental e em tom de ameaça ironiza outros líderes religiosos que possuem veículos de comunicação e não tomam a mesma posição que ele.

Nós não podemos brincar. Nós não podemos negociar. (MALAFAIA, 13.09. 2014, 57min.22s.)

Eu fico olhando a omissão de alguns líderes, não são todos, muitos líderes marcam posição. Mas alguns líderes não marcam posição. Gente que tem mídia na mão caladinho, tá pensando que não vai sobrar pra eles. Tão caladinhos! Tão pensando que não vai sobrar pra você. Ah, eu to com pena! (MALAFAIA, 27. 09. 2014, 50min.12s.)

Vocês tão brincando, meu irmão. Nós tamo brincando. (MALAFAIA, 27.09. 2014, 54min.48s.)

Será que vamos nos considerar tão ignorantes, tão alienados do processo social como os ímpios querem nos colocar? (MALAFAIA, 27.09. 2014, 43min.36s.)

Seguir fontes duvidosas

No episódio que foi ao ar após o primeiro turno da votação, o apresentador ironiza os resultados divulgados pelos institutos de pesquisa através da mídia antes da eleição. Malafaia descredibiliza tais fontes para afirmar sua própria credibilidade diante dos fatos. Ele reduz os institutos de pesquisa de opinião ao *status* de fontes duvidosas. A ideia subjacente é de que o fiel deve confiar sobretudo nele, a autoridade espiritual, e não nas fontes científicas, afinal, os dados não são tão precisos a ponto de merecerem a confiança do fiel.

E só mais uma coisa, que vergonha, hein? Os institutos de pesquisa, que vexame! Vai! Vota segunda pesquisa pra você ver! Ei! (MALAFAIA, 11.10.2014, 56min.17s.).

Votar por medo

O apresentador também aborda a questão da culpa e do medo que envolvem a ação do fiel no momento do voto. Malafaia se remete ao imaginário simbólico do fiel quando menciona a ideia da presença e ciência dos seres espirituais ao se referir em sua fala ao anjo da guarda, entendido pelos fiéis como um ente invisível designado por Deus para acompanhar cada pessoa e tomar nota de todas as suas ações. Percebemos uma vez mais que o apresentador entende seu telespectador como alguém tão ingênuo e crédulo que entende que se porventura desobedecer as ordens de seu líder espiritual será descoberto e punido. Malafaia se investe de sua credencial de pastor para desmistificar essa ideia. Ele liberta o fiel do medo da interferência alheia ao exaltar o direito de cada cidadão exercer sua cidadania através do direito ao voto secreto. Porém, o apresentador torna evidente que o candidato ideal é o que ele indica, aquele que possui as qualidades que ele salienta. Ao mesmo tempo em que Malafaia liberta o fiel do medo, ele ordena em tom de autoridade que o crente desobedeça seu pastor caso o candidato apoiado por seu líder seja “ímpio”. Assim o apresentador constrói um elo de autoridade que submete o fiel exclusivamente às suas orientações.

Quando eu digo aqui irmão, o voto é um direito de cada um, não tem pastor que vai determinar o seu voto. Não vai ter anjo na urna eletrônica pra fiscalizar e te dedurar. É o exercício da cidadania. (MALAFAIA, 19.07.2014, 39min.40s.).

Como cidadão desse país é direito seu votar em quem você quiser. Não vai ter anjo na urna fiscalizando teu voto pra ver em quem você votou. (MALAFAIA, 7.06.2014, 23min.48s.)

Eu vou dizer uma coisa pra vocês. Pedro diz assim: “Importa obedecer a Deus do que aos homens”. A coisa é tão séria que eu vou dizer aqui. Eu ensino o povo a respeitar a autoridade do pastor e a obedecer, mas a coisa é tão séria que eu vou dizer pra você, se teu pastor fez acordo com algum político ímpio, desobedeça ele. Desobedeça ele!

(MALAFAIA, 19.07.2014, 40min.37s.).

Eu vou ser bem ousado. Se teu pastor tá apoiando um ímpio, meu querido, pra deputado federal ou pra deputado estadual, não vota não. (MALAFAIA, 16.08.2014, 54min.41s.).

Instruções sobre o voto

Ao apelar para que o fiel vote com consciência, o apresentador usa a ideia de desperdício repetidas vezes. Subentende-se que quem não vota conforme as orientações do pastor estaria “jogando fora” o seu voto. Em outras palavras, é como se o exercício individual da cidadania do fiel de nada valesse se não resultar concretamente em algo que beneficie os evangélicos. O discurso subjacente visa transmitir a ideia de que existe uma comunidade evangélica homogênea e que esta deve agir unida para preservar os interesses do “povo” evangélico. Objetivando ser o representante desse povo, Malafaia usa sua autointitulada prerrogativa de profeta para instruir, alertar e avisar os fiéis e transmite a ideia de que caso optem por não agir conforme o que ele indica, os interesses de todos serão prejudicados.

Ah minha gente, nós não podemos brincar nessa eleição não, porque a casa vai cair. (MALAFAIA, 24.05.2014, 53min.11s.).

Eu tô dando um alerta meu irmão. Você faz o que você quiser com o teu voto. Quer jogar fora o que eu tô falando é problema seu. (MALAFAIA, 13.09.2014, 57min.27s.).

O voto é teu. Lá na urna eletrônica não vai ter anjo, não vai ter fiscal: “oh, tem um anjo que o pastor contratou pra ver se você vai votar no candidato que o pastor indicou”, conversa fiada. Agora seja consciente meu irmão olha bem em quem você vai votar. (MALAFAIA, 13.09.2014, 56min.53s.).

Eu to instruindo você pra não jogar seu voto fora e não votar em gente que não vai chegar lá, e aí esse irmãozinho que vai ter mil, dois mil, três mil votos vai fazer eleger um ímpio, tá? Que vota contra nossos princípios e nossos interesses. E o irmão, pobre coitado, na ignorância, tá sendo instrumento do diabo pra eleger ímpio que vão detonar a sociedade brasileira. (MALAFAIA, 13.09.2014, 53min.59s.).

Ai, eu vou votar nele porque é meu amigo, ah, é o irmão da minha congregação... Mas não vai chegar lá, ele vai ajudar a eleger até bandido, vai ajudar a eleger até corrupto. Vai ajudar a eleger gente de ideologia maxista, comunista, tá? De ideologia que detona nossos valores. (MALAFAIA, 13.09.2014, 54min.46s.).

Mas eu quero te alertar, como eu já venho alertando, eu quero alertar, você não pode negociar esse voto de deputado estadual, deputado federal, deputado estadual e senador. Senador é voto majoritário, mas deputado federal e o deputado estadual é o voto da representação dos segmentos sociais. (MALAFAIA, 19.07.2014, 40min.14s.).

Não podemos negociar esse voto. Eu to alertando aos líderes e ao povo evangélico, tá? Eu to alertando. (MALAFAIA, 19.07.2014, 41min.24s.).

O voto mais importante para a comunidade evangélica

Em suas orientações, Malafaia faz questão de deixar bem claro para o telespectador que o voto mais importante para os evangélicos é o que elege os representantes do poder legislativo. Sob a bandeira da defesa da moral e da preservação da família, o apresentador apela aos fiéis para que votem em deputados que possam defender os direitos dos evangélicos e assegurar benefícios institucionais para a comunidade e seus líderes. Percebemos que as orientações políticas do apresentador vão muito além da prestação de serviço e objetivam muito mais do que pura e simplesmente promover uma consciência cidadã nos fiéis. Elas visam a eleição de representantes da “classe evangélica” no legislativo, que não por acaso é o braço do governo que decide pela cessão ou revogação das outorgas de radiodifusão.

Eu vou te dar um alerta e fica na tua consciência. Aprenda, essas eleições que vem o voto de deputado estadual, deputado federal e senador, esses três votos aqui, pra nós, pra nós, é mais importante do que o voto de governador e presidente. Eu te explico, eu te explico. É lá no Congresso Nacional, na Assembleia Legislativa, no Congresso Nacional, que o presidente do país, a presidente do país, quem for governar, ela vê a representação dos segmentos, quem tem força ou não, quem é que pode impedir essa barbárie de detonação da família e de valores cristãos. (MALAFAIA, 7. 06. 2014, 25min. 47s.).

Eu não to falando de nome, você vota em quem você quer, eu to te dando um alerta. Não negocie o teu voto de deputado estadual, de deputado federal, de senador porque é lá que vão fazer leis que amanhã vão perturbar a nossa vida como cristãos nessa terra. (MALAFAIA, 7.06.2014, 26min.50s.).

Aprenda, irmão aprenda. Ei, igreja, igreja, igreja, corpo místico de Cristo, ela precisa do Espírito Santo, ela precisa da ajuda de Deus, não precisa de governador, de deputado, de senador de nada disso. Agora, as pessoas que participam da igreja, são cidadãos. Você é um cidadão. (MALAFAIA, 7.06.2014, 28min.46s.).

Preste bastante atenção nesse processo eleitoral. (MALAFAIA, 7.06.2014, 31min.32s.).

A importância dos deputados para os evangélicos

Em seu discurso, Malafaia nos apresenta à uma nova configuração de classes. Essa nova configuração não se fragmenta por diferenças econômicas. O que define as novas classes sociais da era do teleespaço público são as crenças ideológicas e religiosas. Como “classe” os evangélicos precisam de representantes que defendam seus interesses junto ao poder público. A eleição de deputados e senadores seria a maneira dos religiosos barganharem com o governo.

Irmãos, povo de Deus, preste atenção! Põe isso na tua cabeça: o voto é seu, okay? Pastor

nenhum tem domínio sobre o seu voto isso aqui é coisa muito importante que eu to falando. Agora em segundo lugar, o voto de deputado federal, e deputado estadual são as casas aonde se fazem as leis, okay? Na época da eleição, presidente e governador andam atrás de pastor e de líderes evangélicos. Depois durante quatro anos, eles respeitam é a bancada que tá lá porque eles precisam dela. (MALAFAIA, 16.08. 2014, 52min.23s.).

É inegociável o voto de deputado federal e deputado estadual. Esses votos são os votos da representação social. Nós tamo calados. Tem mais de 800 projetos. Você vai votar em quem pra deputado federal? Você vai votar em quem pra deputado estadual? Você não pode negociar esse voto meu filho.

Você não sabe, eu já ensinei aqui que o voto é quociente eleitoral. Vote em quem tem chance de chegar lá. O irmãozinho aí da tua igreja que é candidato, infiltrado por um bandido pra poder juntar o quociente, o cara vai ter 500 votos não vai ser eleito, o outro tem mil, o outro tem dois mil, o outro três mil, não vai ser eleito! Porque isso aí não elege deputado federal e estadual.

Acorda povo de Deus, acorda líderes, acordem! (MALAFAIA, 27.09. 2014, 52min.59s.).

A influência política de Silas Malafaia

Entendemos que a influência política do apresentador do programa Vitória em Cristo se fortalece justamente porque a militância aparece sob o disfarce da admoestação religiosa. O movimento político é velado e recoberto pelo envólucro pastoral. Quem fala ao telespectador não é um candidato, não é alguém que se projeta como um político, não se trata de um aspirante a um cargo público. Malafaia enfatiza e supervaloriza sua posição como líder religioso de modo a inspirar a confiança do fiel. Não obstante, o apresentador deixa claro que sua intenção é influenciar o povo, os líderes religiosos, os políticos, o país.

Eu digo aqui, nem eu, nem ninguém, pastor não é dono do voto de ninguém, nem eu. Eu posso exercer uma certa influencia, que é um direito meu, é cidadania. Maxista pode, por que eu não posso? Que papo é esse? Quer dizer que Maxi é mais importante do que Jesus? Quer dizer que os ideólogos humanistas, comunistas, que tão tudo falido, é mais importante do que Cristo? Que papo é esse? Claro que eu vou influenciar! Agora, ninguém é dono do teu voto. (MALAFAIA, 13.09. 2014, 56min.24s.).

Eu nunca, anota aí, vou ser candidato a nada! Não! Eu fui chamado pra ser ministro do Evangelho. Trocar a minha chamada para ser político é me rebaixar, okay? E eu não to aqui menosprezando quem é político, eu to falando da minha posição. Jamais eu vou fazer isso! Agora querido, eu não abro mão uma vírgula do meu direito de influenciar, tá!

E eu não vim aqui, “só eu”, só eu? Tem milhões de pessoas que tem posição. Alguns se estivessem aqui no meu lugar fariam até melhor do que eu, não me pergunte. Aproveu Deus me permitir. Eu não tenho essa vaidade! Eu não sou o maior, nem o mais. Eu exerço uma certa influência como certos líderes. E você pastor, aí na tua igreja de 50 pessoas, na tua comunidade de 100 pessoas, você vai se calar? Os ímpios vão influenciar as suas ovelhas! Você vai ficar quieto? A mídia vai influenciar as suas ovelhas! A política corrupta vai influenciar as tuas ovelhas por causa da tua omissão e medo de se posicionar na sociedade. (MALAFAIA, 27.09.2014, 48min.25s.).

Eu to falando isso sabe por que gente? Chamar pastor de ladrão é fácil. Há um preconceito na sociedade, há um preconceito por mau exemplo de alguns e por bronca. Mas vamos lá, quer dizer que se na tua profissão tem algum ladrão quer dizer que todo mundo é ladrão? Que conceito é esse? Que conversa é essa? Eu não tenho medo. (MALAFAIA, 26.07. 2014, 53min.05s.).

Deixa de ser omissos, influencia teu povo com coisa honesta, direita! Não é vender o povo não pra corrupção não! 'Oh, dá a janela aqui da igreja que a gente vota em você' 'Da o teto aqui que a gente vota em você.' Isso é mais corrupto do que qualquer outra coisa. (MALAFAIA, 27 .09. 2014, 55min.04s.).

Escute bem o que eu vou dizer: conseguiram remover do site veradadegospel.com um vídeo que eu faço mostrando os assassinos bárbaros dos nossos irmãos, um grupo terrorista, o método é igual o dos nazistas, uma barbárie. Conseguiram tirar do ar. Tem muita força e poder. Conseguiram remover o vídeo, mas a verdade jamais.

Quero conclamar o povo de Deus. Eu estou fazendo há mais de 30 dias, e não é só eu, eu estou usando aqui a mídia, eu estou conclamando, na igreja que eu sou pastor, todas as igrejas do campo em que eu sou pastor, todo o culto estamos fazendo uma oração especial pelo Brasil pra que Deus traga paz à nossa nação, prosperidade na casa de cada brasileiro, que Deus livre o nosso país do caos, tá? Quero te dar esse conselho pastor, vamos orar até o fim das eleições, vamos clamar a Deus em favor da nossa nação e do povo brasileiro e é o que eu vou fazer aqui em todos os programas e é o que eu vou fazer aqui agora, okay? (MALAFAIA, 11.10.2014, 56min.35s.).

Nós não podemos votar em quem quer fazer acordo com essa vagabundagem, essa bandidagem, esses facínoras. Se alguém defende o diálogo com esses terroristas, se tivesse na época de Hitler também iam defender diálogo com ele. Conversa pra boi dormir. (MALAFAIA, 11.10.2014, 54min.27s.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira imagem televisiva emitida no Brasil foi a do padre mexicano José de Mojica, cantor e ex-ator de Hollywood, que batizou com sua voz e indumentária franciscana a transmissão experimental da TV Tupi, no dia 4 de julho de 1950. (SCHMIDT, 2008, p.67). É bem possível que as imagens não tenham passado do saguão dos Diários Associados, mas é também no mínimo curioso notar que religião e entretenimento estivessem juntos protagonizando as primeiras centelhas televisivas antes mesmo do nascimento oficial da TV.

Talvez frei Mojica tenha sido chamado para tal ocasião porque fosse uma personalidade estrangeira, talvez porque soubesse se portar diante das câmeras, talvez porque fosse dono de uma bela voz ou quaisquer outras razões que não servem ao escopo deste trabalho. Não obstante, é a imagem de um padre que a história da TV brasileira reclama como primeira, é como frei, não como ator ou cantor, que Mojica surge diante das câmeras.

A trajetória dos telerreligiosos é concomitante ao delineamento do telespaço público. Por isso, compreender o retorno da religião à esfera pública é também revisitar a história e a ligação dos religiosos com os meios de comunicação. Neste trabalho constatamos que a divulgação da fé trata-se de um elemento estruturante do cristianismo pois expressa o cumprimento da ordem deixada pelo próprio Jesus aos seus discípulos. Portanto, o proselitismo religioso, mais do que simplesmente uma manifestação da fé, é uma espécie de imperativo existencial para o fiel. A marca identitária do cristianismo está intimamente relacionada a esta “vocação missionária” evidenciada sob a forma de iniciativas educacionais, ações sociais, da construção de igrejas e também da propagação da mensagem evangélica através dos meios de comunicação.

O televangelismo teria surgido como uma dessas iniciativas missionárias. O evangelismo via televisão derrubou as paredes que segregavam as igrejas, esfumou a distinção entre as denominações religiosas e pulverizou seu conteúdo na programação dos canais de TV aberta e por assinatura. De posse do controle remoto, o telespectador pode frequentar diferentes igrejas sem sair de casa e sem que seja necessário romper com os laços de sua denominação oficial. A televisão possibilita ao fiel ser “multidenominacional”.

A televisão também possibilitou aos pastores, padres, bispos, apóstolos e afins, expandir seu domínio e influência para além das fronteiras de suas próprias paróquias. Um desses novos “campos missionários”, ao qual se lançam os telerreligiosos na era da instância da imagem ao vivo, é justamente o espaço público político, um território no mínimo incongruente aos princípios norteadores do cristianismo bíblico. Não que cristãos de outras

eras já não tenham se aventurado pelos caminhos da esfera pública e do poder político antes. A História demonstra o contrário através de inúmeros registros, não raro encharcados de sangue, que narram a relação um tanto quanto complexa entre religião e política. Não que ambas não possam se relacionar, ao contrário, conforme observa Freston (2006, p. 9): “dizer que a religião em si nada tem a ver com a conduta da política é lógica e historicamente falso”. Tampouco ignoramos que existam cristãos vocacionados para a política e o serviço público. Contudo, esse entrelaçamento das forças que se atrevem a governar o destino dos homens esbarra sempre na questão do poder. A diferença é que agora ambas se submetem, inda que sem saber, ante as demandas de uma potência que as subjulga justamente por projetar a ilusão de aumentar-lhes o poder. Enxergamos esse novo sistema gestado na lógica do capital, autogovernado e propagador da realização dos infinitos desejos humanos através de uma lógica de eterno consumo, no que Bucci (2002) chamou de instância da imagem ao vivo. Essa instância que promove um reordenamento não apenas do espaço público, agora aprisionado pelas paredes invisíveis da televisão sob a forma de telespaço público, também suga vertiginosamente a ciência, as artes, a religião e quaisquer outras manifestações, que assim como a política, precisam imperativamente se converter em imagem a fim de ter qualquer tipo de relevância pública.

No entanto, a imagem apresenta enormes desafios às relações humanas, pois ao contrário da palavra que até a instauração da instância da imagem ao vivo servira de suporte e instrumento para persuadir através do apelo à razão, como vimos em Arendt (2007) e em Bucci (2002), a imagem não oferece a possibilidade do diálogo, conforme nos explicou Ellul (1985) e isso implica na aniquilação do político por definição. A questão é que a tecnologia produzida por nossas próprias mãos nos levou a crer que estamos autorizados a confiar na imagem como verdade, conforme demonstrou Debray (1994). Isso se dá em partes porque ao capturar um determinado momento, transmitindo-o simultaneamente para vários lugares no que é conhecido como “ao vivo”, a televisão proporciona a sensação de que o que é aparece na tela é mais verdadeiro justamente porque pode ser testemunhado por mais pessoas, como ressalta Tiburi (2011).

A possibilidade de alcançar mais pessoas em menos tempo teria sido a justificativa para a inserção dos evangélicos que, com o auxílio dos meios de comunicação de massa, objetivavam anunciar o mais rápido possível que Jesus em breve viria. Seguindo essa lógica, o rádio e a televisão instrumentavam-nos no cumprimento de sua missão. Porém, as fragmentações e sincretismos denominacionais acabaram por produzir mutações no entendimento do Evangelho e teologias múltiplas que apregoam uma nova espécie de reino de

Deus. Nesse reino, os fiéis têm direito à prosperidade, tem domínio sobre as forças do sobrenatural, tem o direito e o dever moral à cidadania terrena. Esse reino é implantado na Terra, no território do telespaço público e resulta numa ocupação de dimensões políticas embebidas de um “espírito” religioso.

Silas Malafaia é um dos “profetas” que anunciam que é chegado esse reino. Conforme observamos nesta pesquisa, o pregador parece querer alcançar além de almas para o reino de Deus, votos para os representantes evangélicos e mais espaço para si mesmo no telespaço público. Em sua estratégia de misturar evangelização e pregação política, Malafaia não abre mão do que julga ser seu direito de influenciar “seu rebanho” e a sociedade brasileira. Afinal, segundo sua lógica, se Marx pode influenciar no pensamento e direcionamento político do país, então, Jesus também pode. Na sua busca por ocupar seu lugar no telespaço público, o pastor parece utilizar a televisão para influenciar decisões políticas, que conseqüentemente resultam em mais espaço televisivo tanto para ele mesmo como para outros telerreligiosos. Isso se demonstra através da ideia expressa em um dos episódios do Vitória em Cristo quando Malafaia disse:

Eu ouvi muito profetismo quando eu era garoto, sabe, quando eu era adolescente na igreja. “A televisão é do diabo e a política é do diabo, eu ouvi isso, a televisão é do diabo e a política é do diabo...” Olha, eu to desconfiado que o capeta disse: ‘Jeová, não vai ter briga entre nós, o teu povo lá na terra me entregou tudo!’ Hoje, vai tentar botar um programa de televisão no ar! Vai! Põe pra ver! Porque não tem! Tem gente que pensa que tem tantos pastores... Tem quatro pastores em rede nacional porque é caríssimo e não é fácil, tá?

E aí, nós reclamamos que a política só tem corruptos, só tem bandidos, tem isso tem aquilo e nos omitimos da vida social como se fôssemos seres exclusivamente espirituais. Isso é uma das maiores ignorâncias! Isso é uma das coisas mais horrorosas que foram ensinadas aos crentes, como são chamados os evangélicos. ‘Nós não temos nada a ver com a vida, não temos nada a ver...’ A gente se isola da vida social, de comunidade, ‘nós não temo nada a ver...’ (MALAFAIA, 27.09.2014,42min.).

Conforme demonstrado por Campos (2004) e Freston (1993), a televisão e a política foram dois campos dos quais os “crentes” se mantiveram distantes por muitos anos. Os autores explicam que a lógica evangélica dizia que a televisão pervertia os valores morais e tomava o tempo dos fiéis, enquanto a política representava o poder, suas mazelas e as preocupações do mundo secular.

Porém, ao dizer que o diabo não precisaria mais entrar em conflito com Jeová, nome usado para designar o Deus todo-poderoso do Antigo Testamento, Malafaia parece tecer a ideia de que uma vez que os filhos de Deus não se fazem presentes nesses dois campos, então,

mesmo Deus sendo todo-poderoso, não poderia intervir nem na televisão e nem na política pelo fato de não possuir representantes nesses campos. Como Deus não pode abençoar o que é mal, logo, tudo ficaria sob o domínio do diabo. Portanto, Deus teria que se retirar já que não haveria sequer a possibilidade para um conflito com o diabo. Demonizando a política algumas igrejas pregam a salvação para o país através da intervenção na vida pública por meio da eleição de “homens de Deus” conforme nos explicou Oro (2003).

Os desdobramentos envolvendo o imbricamento de televisão, religião e política nos motivou a explorar mais a fundo esses conceitos de modo a compreendê-lo melhor.

Nosso objetivo geral nesta pesquisa foi verificar a maneira como estão inseridos os programas religiosos na televisão brasileira. Para tanto, traçamos os seguintes objetivos específicos: 1) investigar de que maneiras as telerreligiões ocupam o telespaço público; 2) investigar como são forjadas as credenciais que autorizam os televangelistas a emitir orientações de cunho político-eleitoral; 3) compreender como são feitas as orientações político-eleitorais aos telespectadores; 4) desvelar como a estrutura do programa contribui para a construção de conceitos que entrelaçam conhecimento bíblico e procedimento político no exercício da cidadania e fé.

Nosso percurso exploratório nos conduziu às seguintes conclusões:

- 1) As telerreligiões ocupam o telespaço público tanto como instituições religiosas, sob a forma de igrejas, quanto através da liderança autônoma de pregadores carismáticos que criam ou fortalecem suas igrejas a partir de sua inserção na instância da imagem ao vivo. A ocupação se dá pela aquisição de espaço por esses agentes na grade de programação de canais de TV aberta e através da obtenção de concessões de radiodifusão que lhes permite transmitir seu conteúdo em suas próprias emissoras, ou redes de televisão, que se destinam à veiculação exclusiva de programas religiosos. Outra maneira pela qual as telerreligiões ocupam o telespaço público ocorre quando os telerreligiosos se transformam em atores políticos objetivando o engajamento dos fiéis no processo eleitoral. Isso pode ocorrer de modo sutil, quando as igrejas exibem os indivíduos que futuramente devem lançar ou apoiar como candidatos a cargos eletivos, como faz a Igreja Universal do Reino de Deus para consolidar a imagem de seus *protégés* políticos junto à comunidade de fé, ou de maneira explícita quando os líderes religiosos utilizam seus programas para militar em prol da participação dos evangélicos na política, como é o caso do apresentador do programa Vitória em Cristo.

- 2) Constatamos que as credenciais que autorizam líderes religiosos como o pastor Silas Malafaia a emitirem orientações políticas aos fiéis são elaboradas a partir de uma construção simbólica tecida no interior do universo religioso em que os líderes aparecem como figuras de autoridade espiritual e através da inserção na instância da imagem ao vivo, que lhes fornece a plataforma ideal para uma argumentação inconteste. Enquanto as figuras do “sacerdote” e do “profeta” sugerem que os fiéis devem ter a mais alta consideração pelas instruções oferecidas por seus líderes, a imagem televisiva suscita a reverência e a adoração do fã ante a contemplação de seu ídolo. Entendemos que essas construções simbólicas fabricam as credenciais de autoridade das quais os líderes religiosos se investem para subordinar os fiéis aos seus ideários políticos. Contudo, se o discurso religioso lhes fornece a base para flexionar a interpretação e a aplicação do paradigma bíblico diante de quaisquer assuntos, a instância da imagem ao vivo é o que lhes habilita a expandir sua autoridade religiosa para outros domínios tais como a política.
- 3) As orientações políticas oferecidas durante o programa Vitória em Cristo aparecem sob o viés da prestação de serviço e advogam em nome da promoção da cidadania e do direito dos fiéis à participação na esfera pública. Elas misturam elementos do discurso religioso, político e publicitário tecendo uma forte teia persuasiva que transmite ao fiel a ideia de que o pastor zela intensamente por seu bem-estar, condicionando-o a pensar que o único caminho possível para viabilizar a preservação de sua liberdade religiosa se dá através do acatamento das orientações oferecidas pelo apresentador. Em suas orientações, Malafaia não aborda o nome de candidatos, mas sugere o perfil do candidato ideal como aquele que é capaz de atender as demandas dos evangélicos, defender os valores e princípios judaico-cristãos e, sobretudo, como alguém que possui chances reais de ser eleito. O apresentador dá mais importância aos cargos do poder legislativo do que aos do poder executivo. Ele enfatiza constantemente a relevância dos deputados estaduais, federais e senadores como uma espécie de “guardiões” dos direitos da comunidade evangélica. Malafaia diz fazer questão de influenciar a sociedade e utiliza-se de seu papel como cidadão para se posicionar a favor dos candidatos de sua preferência. Embora não mencione o nome de candidatos nem os convide para participar em seu programa de televisão, Malafaia declara publicamente seu apoio através de suas redes sociais e em entrevistas concedidas à

imprensa. Ele também empresta sua imagem de “celebridade da fé” para ilustrar o material de propaganda de alguns candidatos. Em 2012, conforme já mencionado, o vereador Alexandre Isquierdo teve estampando seu material de campanha a foto de Malafaia corroborada pela inscrição: “Pastor Malafaia vota”. Em 2014, foi a vez do deputado estadual Samuel Malafaia, irmão do apresentador, e do deputado federal Sóstenes Cavalcante, ambos então concorrendo aos respectivos cargos pelo Partido Social Democrático, PSD, receberem em seu material de divulgação a mesma chancela: “Pastor Malafaia vota”. Ambos foram eleitos. No mesmo ano Malafaia gravou uma participação em vídeo para a campanha do candidato à Presidência da República Pastor Everaldo. Assim, entendemos que o apresentador pode estar orientando os fiéis quando mistura seus papéis de comunicador e cidadão vinculando sua imagem aos candidatos em campanha. Logo, as orientações oferecidas em seu programa não podem ser consideradas apenas uma prestação de serviço desinteressada, pois através de tais demonstrações o apresentador indica claramente ter uma agenda política preestabelecida.

- 4) A estrutura do programa também pode contribuir para que as orientações políticas sejam assimiladas como bens de consumo da religião pois burla a distinção entre proselitismo religioso e propaganda de produtos. Isto sugere aos fiéis que consomem as instruções do pastor tanto quanto consomem as bíblias, os CDs, os congressos e outros amuletos religiosos oferecidos pelo apresentador.

O tempo total destinado pelo apresentador do Vitória em Cristo às orientações de cunho político foi de 2h e 7min. Não observamos a ocorrência de orientações políticas nos episódios que antecederam a votação exibidos nos dias 5 e 25 de outubro. Constatamos que a maior frequência de programas que possuíam conteúdo político-eleitoral se deu no mês de setembro. Os quatro episódios veiculados nesse mês continham orientações políticas. Este também foi o período em que o apresentador gastou mais tempo falando sobre a temática: 39 minutos. No dia 27 de setembro, o tempo do sermão foi encurtado e o apresentador usou 18 minutos e 15 segundos para falar sobre as eleições. Este foi o episódio em que Malafaia falou por mais tempo sobre o tópico. O segundo maior tempo foi verificado no episódio do dia 7 de junho, em que o apresentador dedicou os 15 minutos do sermão que fez na Marcha pra Jesus falando sobre política.

Em seu “sermão” político o pastor chama os fiéis de cidadãos e apela para que os “crentes” deixem de espiritualizar a vida na Terra. Ele parece querer assumir a responsabilidade pelos evangélicos, ora se incluindo no grupo como parte da comunidade, ora

se impondo como seu líder e representante. Seu discurso objetiva promover a participação dos fiéis na esfera pública e defende a ideia de que os evangélicos são um segmento social, portanto, tem o direito de ser representados nas esferas do poder público. Malafaia parece se apoiar na justificativa da expansão do reino de Deus para promover o alargamento das fronteiras de sua própria influência política. Esse reino anunciado pelo pastor se instaura aqui na Terra e sua inauguração é promulgada através da participação política dos fiéis. Sob essa lógica, o voto é imprescindível, pois torna-se a expressão da vontade de Deus.

Kehl (2009, p.153) explica o motivo pelo qual as massas se identificam com a figura do líder ou do ídolo:

A insignificância pública dos homens na sociedade de massas é compensada pelo mecanismo de identificação com a imagem de um líder, uma figura de projeção que represente ao mesmo tempo a encarnação dos ideais e ideal de visibilidade. O sujeito não se torna mais visível ao participar da massa – pelo contrário –, mas compensa sua invisibilidade identificando-se com a imagem do líder ou ídolo. O gozo fálico presente no ato de fazer-se visível é obtido vicariamente através da imagem do Outro que o sujeito, por identificação assume como sendo (também) sua. O espaço público neste caso deixa de ser o espaço das negociações horizontais, das trocas de ideias, das composições de discursos coletivos, para se tornar espaço de adesão à palavra do líder.

A imagem do líder projetada por Malafaia é quase mítica. Ele se apresenta como o herói que enfrenta tudo e todos em nome, e, pelo poder de Deus. Ele se apresenta como aquele que pode salvar os fiéis de sua ignorância política. Sua postura é de alguém firme, austero e que não teme chamar o pecado pelo nome. Malafaia demonstra conhecer a Bíblia, a ciência, as leis do país, portanto, se projeta como alguém capaz de instruir um povo que considera ingênuo, segregado e alienado do processo político. Como “profeta” ele denuncia tanto políticos como pastores “corruptos”, “safados”, “malandros” e se coloca acima do trono e acima do templo.

E se, como propõe Bucci (2002), no nosso tempo, a verdade, é que a verdade não está nos autos, mas só se torna verdade quando aparece na televisão, podemos concluir que a palavra que sai da boca do “profeta político”, comissionado pela lógica do mercado e revestido dos poderes conferidos pela instância da imagem ao vivo, pode influir mais diretamente na decisão dos fiéis.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, T. **Racionalização do voto derrubou Marina, diz especialista**. Revista Exame.01 jan. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/racionalizacao-do-voto-derrubou-marina-diz-especialista>>. Acesso em: 01 mar. 2014

ADVERSE, H. **Política e retórica no humanismo do Renascimento**. O que nos faz pensar, Rio de Janeiro, n.27, p.27-58, 2010.

ALENCAR, G. **Assembleias Brasileiras De Deus: Teorização, História e Tipologia-19911-2011**. 2012. 283f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Publicado 07/09/2014 07h40, última modificação 09/09/2014 15h03.

ALEXANDRE, R. **Afinal, quem são os “evangélicos”?** Carta Capital. 09 set. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/afinal-quem-sao-201cos-evangelicos201d-2053.html>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

ALVES, R. **O que é religião**. Brasiliense. São Paulo: 1981.

ALVES, R. **Protestantismo e Repressão**. Ática São Paulo: 1982.

ANCINE, **Mapeamento de TV aberta** 2010. 2011. Disponível em: <<http://ancine.gov.br>>. Acesso em: 2 jan 2015.

ANTUNES, A. **The richest pastors in Brazil**. Forbes. 17 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/01/17/the-richest-pastors-in-brazil/>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

ARAGÃO, M. **Malafaia não é candidato a nada e pode ser candidato a tudo**. In: NOBLAT, R. blog do Nobat, 14 jun. 2012. Disponível em: <<http://noblat.oglobo.globo.com/artigos/noticia/2012/06/malafaia-nao-candidato-nada-pode-ser-candidato-tudo-450425.html>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007.

ARENDT, H. **A Dignidade da Política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ARMSTRONG, K. **A history of God**. Nova Iorque. Ballantine Books. 1993.

ARONCHI de SOUZA, J. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo. Summus Editorial. 2004.

ASSEMBLEIA DE DEUS, VITÓRIA EM CRISTO. **Pastor Silas Malafaia é um dos 100 Brasileiros mais influentes em 2014**. Disponível em: <<http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit> <http://www.cartacapital.com.br/revista/811/alem-do-misticismo-9696.html> /site/advec/noticias-detalhe.cfm?cod=3778>. Acesso em: 21 mai. 2015.

ASSMANN, H. **A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BARSETTI, S. **‘Marina pagará pela soberba’, diz o pastor Silas Malafaia**. O Estado de São Paulo. São Paulo. 5 out. 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,marina-pagara-pela-soberba-diz-o-pastor-silas-malafaia,1571502>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

BERGER, P. **O Dossel Sagrado**. Elementos para uma teoria Sociológica das religiões. São Paulo: Paulinas, 1985.

BITTENCOURT, M. **A Grounded Theory como metodologia para as pesquisas de comunicação em Mídias Digitais**. No prelo, 2015.

BÍBLIA SAGRADA. Português-inglês. São Paulo: Editora Vida, 2003 Nova Versão Internacional. 1371p.

BONHOEFFER, D. **The Cost of Discipleship**. Touchstone. New York: 1995.

BRASIL, Constituição (1988). Capítulo V. art. 22. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: senado, 1988.

BRASIL, Constituição (1988). Capítulo V. art.223. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: senado. 1988

BRASIL, Constituição (1988). Capítulo V. art.223, parágrafo 2. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: senado. 1988

BRASIL. Ministério das Comunicações. Espaço Radiodifusor. Disponível em: <<http://www.comunicacoes.gov.br/espaco-do-radiodifusor>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

BROWN, C. e COEMEN, L. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BUCCI, E. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BUCCI, E. **Em torno da instância da imagem ao vivo**. Vol. 3. n.1. São Paulo: Matrizes, 2009 p. 65-79.

BUCCI, E. Intolerância ou a tragédia do não-diálogo. In: NOVAES, A. **Vida Vício Virtude**. São Paulo. Edições Sesc, 2009.

BUCCI, E. Hegemonia de significado e hegemonia de significante. In: **Revista Rio de Janeiro**, n. 15, v. 1. 2005, p. 91-99.

BUCCI, E. Media Entre o Espaço Público Político e o Social. In: CORRÊA, E; SOUZA, M. (org.) **Mutações no espaço público Contemporâneo**, São Paulo: Paulus, 2014.

BUCCI, E. **Televisão Objeto**: a crítica e suas questões de método. ECA/USP. 2002 Tese de doutoramento.

CAMPOLONGO, A. **Evangelismo minha paixão**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

CAMPOS, L. S. Evangélicos e Mídia no Brasil: Uma história de acertos e desacertos. In: **Revistas de Estudos da Religião**. São Paulo, vol. 8, n. 2, p. 1-26, 2008.

CAMPOS, L. S. **Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva**. Revista USP. São Paulo, n. 61, p. 146-163.

CARDOSO, D. **Malafaia sai em defesa de Marina após ameaça de Stédile**. O Estado de São Paulo. 15 set. 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,malafaia-sai-em-defesa-de-marina-apos-ameaca-de-stedile,1560658>>. Acesso em: 15 set. 2014.

CARRANCA, A. **Ministério da Assembleia de Deus impõe meta de votos para eleger Russomano**. O Estado de S. Paulo. 7 jul. 2012. Disponível em: <<http://politica.estadao.com>>.

br/noticias/geral,ministerio-da-assembleia-de-deus-impoe-meta-de-votos-para-eleger-russomano,927026>. Acesso em: 9 set. 2012.

CASTRO, J. **Malafaia faz ‘tuitaço’ de apoio a Marina**. O Estado de São Paulo 25 set. 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/radar-politico/malafaia-faz-tuitaco-de-apoio-a-marina>>. Acesso em: 29 set. 2014.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da Teoria Fundamentada**. Porto Alegre, ArtMed: 2009.

CHAUÍ, M. **Retorno do Teológico Político**. In: CARDOSO, S. **Retorno ao Republicanismo**. Editora UFMG. Belo Horizonte: 2004.

CITELLI, A. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 1994.

COHN, G. **Em Diálogo com Bernard Miège**. In: CORRÊA, E; SOUZA, M. (org.) **Mutações no espaço público Contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2014.

COMPARATO, F. A nova cidadania. **Lua Nova**, São Paulo, n. 28-29, p. 85-106, Apr. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451993000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jun. 2015.

COMPARATO, F. **Ética, direito moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Companhia de Letras, 2011.

CAMPOS, L. **O segundo turno e os evangélicos**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/37537-o-2o-turno-e-os-evangelicos-entrevista-especial-com-leonildo-silveira-campos>> Acesso em: 12 dez. 2014.

CONCEIÇÃO, J. **A Voz da Profecia - 1943**. 16 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=59ONkInVc4>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

CORREA, M. **A Operação do Carisma e o Exercício do Poder: A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil**. 305f. Tese. (Doutorado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

COSTA, J. **Silas Malafaia**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2012.

CUNHA, M. **Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso no Brasil.** ECA/USP. 2004. Tese de doutoramento.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda., 2003.

DEBRAY, R. **Vida y muerte de la imagen.** Barcelona. Ediciones Paidós. 1994.

DORNELES, R. **Design na TV: Pensando Vinheta.** São Paulo: Schoba, 2011.

DURKHEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Paulinas, 1989.

ELLUL, J. **The humiliation of the word.** Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing Co. 1988

FELTRIN, R. **A Igreja Universal faz planos de deixar a Record até 2020.** Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/ricardofeltrin/2014/06/1467329-igreja-universal-faz-planos-de-deixar-a-record-ate-2020.shtml>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

FELTRIN, R. **SBT investe na guerra de religiões na TV.** Folha de São Paulo, 27 dez. 2013. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/ricardofeltrin/2013/12/1390285-sbt-investe-na-guerra-de-religoes-na-tv.shtml>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

FERREIRA, P. **Candidatura de pastor a deputado federal no Rio abre crise com cúpula do PSOL.** 5 jun. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/candidatura-de-pastor-deputado-federal-no-rio-abre-crise-com-cupula-do-psol-12721542>>. Acesso em: 12 set. 2014.

FINKE, R. **The legal and Social Dimensions of Proselytism.** Proselytismo and Religious Freedom in the 21st Century. 2010. Washington. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zOnUCat9D2c>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FONSECA, A. **Evangélicos e Mídia no Brasil.** Bragança Paulista. Editora Universitária São Francisco. 2003

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment** IFCH/UNICAMP. 1993. Tese de doutoramento.

FRESTON, P. **Religião e política, sim Igreja e Estado, não**. Viçosa. Editora Ultimato: 2006.

GOMES, W. Dinâmicas e Estruturas da Esfera Pública Contemporânea. In: CORRÊA, E ;SOUZA, M.(org.) **Mutações no espaço público Contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2014.

GOMIDE, R. **Bancada evangélica terá sete vereadores na Câmara Municipal do Rio, 14% do total**. 11 out. 2012. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-10-11/bancada-evangelica-tera-sete-vereadores-na-camara-municipal-do-rio-14-do-total.html>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

GONÇALVES, A. **Direitos Humanos e (in) tolerância religiosa Laicismo- proselitismo-fundamentalismo – Terrorismo**. 209f. Tese, (Doutorado em Filosofia do Direito) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo 2011.

GRENZ, S. **O que é Pós-modernismo**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GUTMANN, J. Articulações entre Dispositivos Televisivos e Valores Jornalísticos na Cena de Apresentação do Jornal Nacional. In: **Congresso brasileiro de ciências da comunicação, INTERCOM, 23, 2009**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/premios/2009/Gutmann.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

HARBERMAS, J. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARRIS, L. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HESCHEL, A. **The prophets**. Nova Iorque: Harperperennial, 2001.

HILL, C. **O mundo de ponta-cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HILL, C. **The Bible in the seventeenth-century English politics**. The Tanner Lectures on Human 3Values. Delivered at University of Michigan. October 4, 1991

HJAVARD, S. *Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança cultural e social. Matrizes*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012.

KACHANI, M. **Silas Malafaia: 50% dos homossexuais foram violados quando eram crianças.** Folha de São Paulo. 10 set. 2014. Disponível em: <<http://blogdomorris.blogfolha.uol.com.br/2014/09/10/silas-malafaia-50-dos-homossexuais-foram-violados-quando-eram-criancas/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

KANT, I. **Resposta à pergunta: “O que é iluminismo?”** Tradução Artur Morão. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2014, 1784.

KAPA, R. **‘Dilma e o PT acham que pastor evangélico é otário e evangélico é idiota’, diz Silas Malafaia.** 02 set. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/dilma-o-pt-acham-que-pastor-otario-evangelico-idiota-diz-silas-malafaia-13806542>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

KEHL, M. **Visibilidade e espetáculo.** In: BUCCI, E; KEHL, M. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2009.

KLEIN, A. **Imagens de culto e imagens da mídia.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

LEAL FILHO, L. **A TV Pública.** In: BUCCI, E.; HAMBURGUER, E. **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000 p. 153-159.

LEITE, P. **O Brasil não é homofóbico.** In: SETTI, R. *Pastor Silas Malafaia: “A distância que me separa de um Edir Macedo vai do Brasil à China”.* 16 Jun. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/pastor-silas-malafaia-a-distancia-que-me-separa-de-um-edir-macedo-vai-do-brasil-a-china/>>. Acesso em: 2 mar. 2015.

LIMA, D. **Na TV, Silas Malafaia pede votos para pastor Everaldo.** Folha de S.Paulo 18 abril, 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/08/1502495-na-tv-silas-malafaia-pede-voto-para-pastor-everaldo.shtml>>. Acesso em: 7 fev. 2015.

LOCATELLI, P.; MARTINS, R. **O Poder dos Evangélicos na Política.** Carta Capital. 12 out. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/811/alem-do-misticismo-9696.html>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

LOPES, M. **Pesquisa em comunicação.** São Paulo: Loyola, 2003.

MAAR, W. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MACHADO, A; VÉLEZ, M. Questões metodológicas relacionadas com análise de televisão. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Ecompós. 2007. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/123/124>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

MALAFIAIA, S. **Programa Vitória em Cristo**. (Programas de 03.05.2014 a 25.10.2014). Publicado no canal oficial do YouTube prmalafiaia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/prmalafiaia>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

MARCONDES FILHOS, C. **Televisão. A vida pelo Vídeo**. São Paulo: Moderna. 2002.

MARQUES, J. **Melhorou muito diz Malafaia após revisão de trechos do programa do PSB**. Folha de São Paulo. 30 out. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/08/1508640-melhorou-muito-diz-malafaia-apos-revisao-de-trechos-do-programa-do-psb.shtml>>. Acesso em: 3 nov. 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios as mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.

MELO, A. **Unidade na diversidade**. 2010. Disponível em: <<http://alexandressmello.blogspot.com.br/2010/07/unidade-na-diversidade.html>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

MIÉGE, B. Sete Considerações Fundamentais Sobre o Espaço Público Contemporâneo. In: CORRÊA, E; SOUZA, M. (org.) **Mutações no espaço público Contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2014.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

ORO, A. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 18, n. 53. São Paulo, 2003, p. 53-68.

PATURY, F. **Malafaia processará Forbes nos Estados Unidos**. Época. 25 jan. 2013. São Paulo. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/felipepatury/2013/01/25/malafaia-processara-forbes-nos-estados-unidos/>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

PIERANTI, O.; MARTINS, P. A radio difusão como um negócio: um olhar sobre o código brasileiro de Telecomunicações. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, vol. IX, n. 1, ene. – abr. 2007.

PIERUCCI, A. Representantes de Deus em Brasília. In: PIERUCCI, A.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

PINHEIRO, D. **Vitória em Cristo**. Revista Piauí v. 6, p. 24-31, set. 2011.

PINTO, A. **Dilma Roussef e Silas Malafaia travam embate nas redes sociais**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/dilma-roussef-silas-malafaia-travam-embate-nas-redes-sociais-13916524.html>>. Acesso em: 12 set. 2014.

PRATES, M. **Pastor da Assembleia de Deus diz que vai “ferrar” a Forbes**. São Paulo. 22 Jan. 2013. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/pastor-da-assembleia-de-deus-diz-que-vai-ferrar-a-forbes>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

ROMERO, S. **Evangelical leader rises in Brazil’s culture wars**. The New York Times, New York, 25 Nov. 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/11/26/world/americas/silas-malafaia-tv-evangelist-rises-in-brazils-culture-wars.html?_r=0>. Acesso em: 2 jan. 2015.

SALLES, Y. **Dilma e Malafaia fazem embate de ‘tuitaços’**. Folha de São Paulo. 12 set. 2014. Disponível em: <<http://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2014/09/12/dilma-e-malafaia-fazem-embate-de-tuitacos/>>. Acesso em: 12 set. 2014.

SANTOS, S. E-Sucupira: o Coronelismo Eletrônico como herança do Coronelismo nas comunicações brasileiras. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Ecompós, 2006.

SANTOS, S.; CAPPARELLI, S. Coronelismo, radiodifusão e voto: a nova face de um velho conceito. In: BRITTOS, V.; BOLAÑO, C. (org.) **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005, v. 1, p. 77-101.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2003.

SCHMIDT, G. TV Brasileira: novo púlpito da Igreja Eletrônica. PUC-RS. 2008. Dissertação de mestrado.

STORTO, L. **Discurso religioso midiático**: argumentação e língua falada em pregações evangélicas. 2015. 323f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2015

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

TIBURI, M. **Olho de Vidro**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

TOMÁZ, G. **A conflituosa relação das assembleias de Deus e a televisão**: da proibição à aceitabilidade. 2015. 194f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

VIRILIO, P. Imagem Virtual mental e instrumental. In: PARENTE, A. (org.). **Imagem-Máquina**: a era das Tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 131.

WEBER. M. **The sociology of Religion**. Boston: Beacon Press, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição Vitória em Cristo, 24.05.2014

Tem crianças que são criadas por homossexuais, e como é que fica esse negócio de pai ou mãe? Olha aonde os caras vão.

Agora escuta o que eu vou dizer pra você: olha a desculpa safada, bandida e inescrupulosa, dos esquerdotapas: é porque tem criança que como não tem a figura de pai e mãe, sabe, fica triste, então temos que abolir o dia dos pais e o dia das mães.

Coisa de vagabundo safado inescrupuloso.

Eu quero perguntar na tua certidão de nascimento “tá” escrito o que, cuidador ou pai e mãe?

Sabe o que que é isso? Querem destroçar a família tradicional, “tá”? É um jogo ideológico, minha gente! Querem destroçar, detonar a família tradicional.

Eu tenho dito aqui minha gente, nem Deus nem eu, se alguém quer ser homossexual, é direito! Se alguém quer viver com homem, um homem viver com outro homem, uma “mulhé” viver com outra “mulhé”, é direito, eu não aqui pra discutir isso. Agora, querer detonar os valores, querer detonar aquilo que tem norteado toda a civilização humana, não é religião, a família é um homem, uma mulher e sua prole e tá na Constituição.

Eu quero dar um alerta aqui, meu irmão, minha irmã, meu amigo, minha amiga, não permita, reúna pais, bota pressão em diretor, em pedagogo de meia tigela que tem ideologia de esquerda. Bota pressão e não aceite que na escola que teu filho estuda, que a tua filha estuda, uma escola de governo, gente, da prefeitura de São Paulo, isso é uma vergonha!

Bota pressão minha gente! Multiplica isso que eu “tô” falando! Eu vou deixar isso aqui no verdade gospel, eu vou, essa minha fala lá. Multiplica isso.

Fora outros projetos que tem no Congresso nacional.

Não “tá” na hora de eu falar, mas já “tá” em curso perseguição religiosa.

Eu sei o que eu “tô” falando e eu sou vítima.

Não “tá” na hora de eu falar. Eu vou abrir a boca na hora certa. Perseguição religiosa no nosso país. Já está acontecendo, senhores!

Ah! minha gente, “nóis” não podemos brincar nessa eleição, não. Porque a casa vai cair.

Eu “tô” dando um alerta ao povo evangélico e à liderança evangélica.

Querem fazer disso aqui uma Venezuela, querem fazer disso aqui uma Cuba e “nóis” não vamos permitir, não, senhores.

Minha gente, eu “tô” dando um alerta aqui, não se escandalizem.

Vocês não têm ideia do que tem armado pra me detonar, vocês não tem nem ideia. Mas na hora certa eu vou abrir a boca aqui. Na hora certa, tudo tem uma hora.

Tem um exército de mais de 2 mil pessoas contratadas na internet só pra caluniar, difamar e dar contra-informação.

Tem um exército pra caluniar e difamar.

“Vamo” deixar de ser trouxa!

Cuidado com o que você acredita que “tá” na internet! Muito cuidado!

Depois não diga que eu não alertei. Depois não diga que ninguém falou.

Eu “tô” dando um alerta ao povo evangélico! Multiplica essa informação! Multiplica.

Multiplica, chama para ser participante, pessoas são mídia também.

Se me convidassem pra dar uma entrevista na playboy, eu daria. Eu só não iria no inferno porque não tem salvação pro capeta. Eu quero deixar isso aqui bem claro.

E eu vou ficar calado aqui? Deus não me chamou pra covardia, Deus não me chamou pra “olha”, eu não gosto muito de fulano então se alguém tiver arrebrandando com ele, “deixa ele” pra lá. Eu não fui chamado pra isso, eu não fui chamado pra isso.

Eu não posso acreditar que pastores vão fazer o jogo do ativismo gay.

Irmãos eu tenho visto como a igreja evangélica, como os crentes, e a culpa é da liderança, pensa que ser crente é dentro da igreja. Ei, na igreja você edifica a fé, no mundo você manifesta a fé. Meu irmão, nós “temo” que “tá” em tudo que é lugar mesmo, em tudo o que é emissora de tevê, em tudo o que é programa. Pode ser programa de safadeza, de bandido, eu “vo” lá. Onde é que a luz vai brilhar? Luz, onde tem luz brilha o que? Sal onde já “tá” salgado, salga o que?

Ah! gente, nós temos que ler mais a Bíblia! Gente, nós temos que brilhar é lá mesmo, nas trevas!

Então fica aqui o meu alerta.

APÊNDICE B – Transcrição Vitória em Cristo, 07.06.2014

Uma irmã nossa, Marisa Lobo, foi cassada pelo conselho de psicologia do Paraná por causa da sua fé.

Sabe por que ela foi caçada? Por causa da sua fé.

Vocês “tão” pensando que não tem perseguição aqui? Nós vamos ficar alienados da vida social? Eu quero dizer uma palavra pra você aqui, a bíblia diz assim: crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros, crede nos vossos profetas e prosperareis. Eu quero dar um alerta ao povo evangélico, eu já tenho dado na tevê, eu “tô” dando mais uma vez, isso aqui vai pra tevê, pra você que está aqui, escute o que eu vou te dizer e aguça o teu ouvido. Há um jogo político do inferno pra nos desqualificar (aponta pra ele) da nossa cidadania. Você não é cidadão de segunda classe, você é cidadão brasileiro pra fazer a diferença!

Eu quero incentivar, nós temos uma bancada de 70 deputados federais, nós temos uma associação de juristas cristãos, nós não podemos nos calar.

Hoje foi a Marisa Lobo. Já tentaram me cassar 3 vezes. E por quê? Por algum acaso eu tentei curar algum gay por algum acaso?

Há um movimento na surdina pra nos atingir. Eles só esquecem de uma coisa, até quando nós somos derrotados, nós somos mais que vencedores.

Cada um aqui como cidadão desse país, é direito seu votar em quem você quiser, não vai ter anjo na urna fiscalizando teu voto pra ver em quem você votou.

Mas eu queria te dar um alerta, meu irmão. No congresso nacional, tem mais de 800 projetos, mais de 800, pra detonar família. Você sabia que no Brasil tem escolas que aboliram a comemoração do dia dos pais e dia das mães? Quer saber o que eles vão colocar agora? Dia do cuidador.

Você sabe o que “tá” em jogo? Escute povo de Deus, existe uma ideologia “maxista”. A ideologia “maxista” ela prega a igualdade de todos. A luta de classes pra todos serem iguais. Eles aproveitam isso e querem implantar no Brasil a ideologia de gênero. Não tem negócio de masculino e feminino não, não tem negócio de macho e fêmea não. E nós vamos ficar vendo a família ser detonada? Valores cristãos, que têm norteado essa sociedade? Mil vezes não.

Eu vou te dar um alerta e fica na tua consciência, aprenda, essas eleições que vem o voto de deputado estadual, deputado federal e senador, esses três votos aqui. Pra nós, pra nós é mais importante do que o voto de governador e presidente.

Eu te explico, eu te explico. É lá no congresso nacional, na assembleia legislativa, no congresso nacional, que o presidente do país, a presidente do país, quem for governar, ela vê a

representação dos segmentos, quem tem força ou não, quem é que pode impedir essa barbárie de detonação da família, e de valores cristãos. Depois não diga que ninguém te avisou. Depois não diga que ninguém te avisou.

Eu não “tô” falando de nome, você vota em quem você quer, eu “tô” te dando um alerta.

Não negocie o teu voto de deputado estadual, de deputado federal, de senador, porque é lá que vão fazer leis que amanhã vão perturbar a nossa vida como cristãos nessa terra.

Eu “tô” dando alerta, porque o povo de Deus espiritualiza tudo, vamos orar, vamos orar e deixa os ímpios “tomar” conta de tudo, deixa a roubalheira “come” solta, deixa a safadeza comer solta. Ei!

Jesus fez uma declaração: dai a César o que é de César, e dai a Deus o que é de Deus. O que é que Jesus está querendo dizer com isso? Eu te explico, que a cidadania celeste não elimina a cidadania terrestre e que a cidadania terrena não anula a cidadania celeste. Você como cidadão dos céus obedeça a Palavra, participe da igreja de Cristo, dê testemunho de Jesus, cidadania celeste. Cidadania terrena, vote, cidadania terrena tenha direito a votar e ser votado, você tem direito de saber que leis envolvem a mudança de paradigmas da sociedade.

Meus irmãos em Cristo, a coisa não é brincadeira, o que vem por aí, se nós bobearmos, se nós ficarmos quietos eles vão passar o trator por cima. Só que eu acredito, eu não “tô” falando de igreja, aprenda irmão aprenda, ei, igreja, igreja, igreja, corpo místico de Cristo, ela precisa do Espírito Santo, ela precisa da ajuda de Deus, não precisa de governador, de deputado, de senador de nada disso. Agora, as pessoas que participam da igreja, são cidadãos. Você é um cidadão.

Não vão transformar isso aqui em Cuba e não vão transformar isso aqui em Venezuela, em nome de Jesus.

Você sabe o que é que eles querem? Querem controlar a mídia. Anota, tem projeto lá no Congresso nacional pra tirar pastor de televisão, pra tirar pastor de rádio, pra tirar a pregação dos veículos de comunicação e nós vamos ficar olhando com cara de bobo de tacho. Negativo meu irmão. Nós vamos fazer o nosso papel de cidadão, marcar o nosso papel na sociedade porque orar é uma das coisas das mais importantes que a gente faz, mas oração sem atitude não vale nada.

Escute o que eu vou te falar na igreja você edifica a fé no mundo você manifesta a fé.

Eu oro pra que Jesus levante entre vocês, gente pra diplomacia, gente pra política, gente pra economia, gente pra área industrial, gente pra área do cinema e da televisão, nós temos que fazer a diferença nessa sociedade implantando o reino aqui na terra.

Preste bastante atenção nesse processo eleitoral.

Eu não tenho papas na língua, eu estou garantido pela constituição federal, e eu quero declarar que homossexualismo é pecado, prostituição é pecado, adultério é pecado.

Nós não negociamos princípios, minha gente, nós não negociamos princípios, irmãos.

Eu “tô” declarando aqui, vai cair, quem se levantar contra a igreja de Jesus vai cair. Vai cair, vai cair em nome de Jesus.

Eu não tenho medo deles, eu já fui processado três vezes.

Eu falei pra um repórter da tv francesa: nós evangélicos somos a favor da liberdade de expressão até pra falar mal de nós. Eu sei em quem eu tenho crido.

Nós não “tamo” preocupado, pode falar mal dos evangélicos, porque esses que se dizem democratas não suportam a crítica, pode ser o que quiser ser, nós não “tamo” aqui pra impedir ninguém de ser o que quiser ser.

Nós estamos aqui pra marcar a nossa posição e nós vamos marcar, ninguém vai cercear a nossa cidadania.

Eu quero nessa hora fazer uma oração, eu quero convidar pastores que estão aqui, irmãos que estão na política, eu quero convidar todos eles aqui na frente, pode vir. Você sabe o que eu tenho aprendido, o que é ligado na terra, é ligado no céu, primeiro princípio. Segundo princípio, se dois ou mais concordarem acerca de qualquer coisa, será realizado por nosso Pai celestial.

APÊNDICE C – Transcrição Vitória em Cristo, 19.07.2014

Daqui a pouco algo grave, muito grave, eu quero dar um alerta aos evangélicos desse país, uma coisa séria!

Quando eu digo aqui, irmão, o voto é um direito de cada um, não tem pastor que vai determinar o seu voto. Não vai ter anjo na urna eletrônica pra fiscalizar e te dedurar. É o exercício da cidadania. Mas eu quero te alertar, como eu já venho alertando, eu quero alertar, você não pode negociar esse voto de deputado estadual, deputado federal, deputado estadual e senador. Senador é voto majoritário, mas deputado federal e o deputado estadual é o voto da representação dos segmentos sociais.

Eu vou dizer uma coisa pra vocês, Pedro diz assim: importa obedecer a Deus do que aos homens. A coisa é tão séria que eu vou ousar dizer aqui. Eu ensino o povo a respeitar a autoridade do pastor e a obedecer, mas a coisa é tão séria que eu vou dizer pra você: se teu pastor fez acordo com algum político ímpio, desobedeça ele. Desobedeça ele!

Porque são mais de 800 projetos no Congresso pra detonar valores da família, princípios cristãos.

Não podemos negociar esse voto. Eu “tô” alertando aos líderes e ao povo evangélico, “tá”? Eu “tô” alertando.

Eu “tô” dando tempo pra você usar as redes sociais e chamar gente pra programa.

Você precisa entender o que eu vou dizer aqui.

Nós estamos debaixo de uma lei eleitoral, okay?! A lei eleitoral infringe às emissoras limitações acerca de diversos conteúdos. O que eu tenho que falar aqui, não posso falar por causa da lei eleitoral. Então, o que é que eu vou pedir a você, até você querido irmão e irmã, que não “tá” acostumado a usar a internet, peça a seu filho, peça a um irmão da igreja pra mostrar pra você, pegou uma canetinha e um papel? Anote aí ó, verdadegospel.com, www.verdadegospel.com. “Cê” vai ficar de cabelo arrepiado sobre o que eu vou falar de perseguição religiosa com provas, com documentos, um negócio meu querido que eu quero que o povo evangélico, as pessoas de bem, os líderes vejam.

Eu não posso falar na extensão do que eu tenho que falar por causa de uma lei que me impede, okay? E aí o programa não vai ao ar! Então não adianta eu querer falar aqui porque a coisa é tão grave e tão séria, você vai ter que acessar, eu te chamei pro programa, pra te levar pra isso. “Cê” por favor, eu não “tô” dando uma de esperto, eu estou debaixo de uma lei.

Quando você “ver”, quando você “ver”, eu peço a você que multiplique nas redes sociais, esse documentário que eu fiz, “tá”, pequeno documentário com documentos, com

provas, eu “tô” há um ano calado, esperando a hora certa, um ano calado, meus amados! Eu “tô” há um ano calado. Um ano caladinho pra mostrar isso aí.

Sobre perseguição religiosa que eu estou sofrendo. Eu vou mostrar documentos

Gente nós “tamo” brincando. Hoje sou eu, amanhã é você querido. “Vamo” deixar de egocentrismo. Primeiro porque o evangelho é Cristocêntrico e não egocêntrico. A igreja é corpo, eu não “tô” falando de denominação. “Tô” falando da igreja de Cristo, do corpo místico de Cristo. Por favor, acesse.

Oh, e eu vou falar aqui, tudo o que você ouvir, tudo o que você ler, faça essas 3 coisas: duvidar, criticar e determinar. Eu não quero que você engula de primeiro o que eu “tô” falando.

Analisa o que eu “tô” falando. Você vai poder rever já que é um filme, você vai poder ver ele várias vezes pra você ter a convicção do que eu “tô” falando.

Eu vou pedir a você, não dá pra ficar esperando de um sábado pra outro não. Eu vou pedir e não porque eu “tô” precisando de seguidor não, mas é por causa das demandas que vão ter, me siga no twitter, @pastormalafaia, porque a chapa vai esquentar muito e vão ter coisas que não vai dar pra esperar e que eu não vou poder falar aqui no programa, então eu vou pedir pra você ficar antenado no @pastormalafaia, que é o meu twitter, ou no www.verdadegospel.com. Eu não posso falar uma linha mais, eu só posso falar isso.

APÊNDICE D – Transcrição Vitória em Cristo, 26.07.2014

Eu sei que eu “tô” debaixo de uma lei eleitoral então eu vou falar aquilo que é permitido falar, porque tem a ver comigo. Não tem nada a ver com questões eleitorais.

A minha denúncia gravíssima.

Procedimento de fiscalização da igreja – investigação na associação, duas coisas separadas: igreja e associação.

Foi encerrada, porque não descobriram nada, porque não tem nada porque eu não sou ladrão nem vagabundo (50:26)

Eles passaram a investigar a igreja a partir do ano de 2010, o ano em que eu passei a ser pastor presidente da igreja. E outra, todo o procedimento é pra verificar se tem laranja, se eu “tô” desviando o dinheiro da igreja usando outras pessoas, se eu “tô” recebendo dinheiro ilícito pra esquentar na igreja, o procedimento “tá” nisso.

Aqui vai um desafio, eu quero saber qual é a igreja católica que sofreu o que eu “tô” sofrendo há um ano de fiscalização, encerrar e outro grupo vem e fiscaliza a igreja e a associação.

Eu desafio a Receita Federal a me provar qual é a igreja católica que sofreu o que eu “tô” sofrendo. Se não tem, ah, meu filho, então é perseguição contra mim.

Se tem, eu quero saber quais são as posições do padre pra sofrer isso. Você sabe do que eu “tô” falando aqui.

Eu não posso falar mais, porque eu estou debaixo de uma lei eleitoral que me impede de falar mais.

Eu “tô” falando isso sabe por que, gente? Chamar pastor de ladrão é fácil. Há um preconceito na sociedade, há um preconceito por mau exemplo de alguns e por bronca. Mas vamos lá, quer dizer que se na tua profissão tem algum ladrão, quer dizer que todo mundo é ladrão? Que conceito é esse? Que conversa é essa?

Eu não tenho medo.

Eu tenho que ser honesto, não houve nenhum acharque de ninguém da Receita Federal. Porque se houvesse, eu filmava e botava pra todo mundo ver.

Eu não estou dizendo que o procedimento é ilegal, eu estou te mostrando a maneira do procedimento.

Eu “tô” preparado, eu não tenho medo.

Eu sou um dos caras que motiva os crentes a honrarem pastor, pague muito bem a seu pastor porque é Bíblico, não tem nada a ver com a sociedade, e não tem nada a ver com conceito de ímpio que não sabe o que que é oferta e quer falar mal dos crentes que dão oferta.

Agora, eu, eu, há vinte e oito anos, eu sou pastor há 33, eu abdiquei do salário, porque eu passei a ser conferencista e eu falei.

Eu vou ser taxado de ladrão porque nem salário eu tenho, porque eu abdiquei do salário da igreja por um tempo e trabalho igual um danado nesse negócio? Não.

Eu “tô” dando um alerta aqui à liderança evangélica.

Orem por mim! Ore por mim, eu transfiro tudo isso pra mão do meu Deus. Querem lutar contra mim, lutem contra o meu Deus. Eu não sou nada, como diz Davi: os meus inimigos são mais fortes do que eu, mas eles não são nada diante do meu Deus e eu declaro, na autoridade do nome de Jesus, sejam confundidos e derrotados todos esses que querem me destruir.

APÊNDICE E – Transcrição Vitória em Cristo, 16.08.2014

Eu quero dar aqui um conselho a todo o povo de Deus. O momento é um momento muito especial.

Eu, há 32 anos aqui nesse programa, Deus me colocou aqui, porque eu só “tô” na TV pela graça, porque eu não tenho nenhuma condição de estar em programa em rede nacional, rede mundial, eu não tenho condição nenhuma pra isso. É a boa mão de Deus tocando em corações.

Eu quero dar um conselho, porque o tempo vai passar, gerações virão e eu não quero que o futuro diga que teve pastores covardes nesse tempo. Eu não sou e não “vou ser” contato entre eles.

Irmãos, povo de Deus, preste atenção! Põe isso na tua cabeça: o voto é seu, okay? Pastor nenhum tem domínio sobre o seu voto, isso aqui é coisa muito importante que eu “tô” falando.

Agora em segundo lugar, o voto de deputado federal, e deputado estadual são as casas aonde se fazem as leis, okay? Na época da eleição, presidente e governador andam atrás de pastor e de líderes evangélicos. Depois, durante quatro anos eles respeitam é a bancada que tá lá, porque eles precisam dela.

Existem projetos de leis perigosíssimas derrubando tudo o que é valor, não só valor cristão, valor do bem-estar dessa sociedade.

Tem mais de 800 projetos lá no congresso nacional que depois vem pra outros estados.

É inegociável o voto de deputado federal e deputado estadual. Esses votos são os votos da representação social.

Veja, filho, quem representa as tuas ideias, teus valores e tuas crenças.

Não joga voto fora em gente que nem voto da família vai ter.

Querido eu “tô” te dando um conselho. Jesus não anulou a cidadania terrena, dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus. Paulo diz em Romanos 13:07 a quem tributo, tributo a quem imposto, imposto, isso é cidadania terrena.

Irmãos, não vamos ser ignorantes e tolos!

Ímpios querem nos alijar!

Você é cidadão! Você pode fazer a diferença aqui! Presta atenção, meu irmão em quem você vai votar.

não joga teu voto fora em ímpio porque o cara é da tua cidade, do teu bairro, do teu sindicato. Filho, depois essa gente vai votar e vai aprovar leis que ferem teus princípios, que ferem teus valores.

Ô meu Deus, abre a mente do teu povo!

E eu vou ser bem ousado, se teu pastor “tá” apoiando um ímpio, meu querido, pra deputado federal ou pra deputado estadual, não vota não.

Preste atenção em quem você vai votar, preste atenção no que esse cara defende. Eu “tô” dando apenas um conselho.

Meu irmão, o momento é muito crucial. Não vai descer anjo, nem Deus do seu trono. Está nas nossas mãos, a nossa oração e a nossa ação. Escute o que eu “tô” te falando.

Coisas que eu não posso dizer aqui, porque estou debaixo de uma lei eleitoral. Vai no verdade gospel.

“Vamo” deixar de ser “mediocre”. Para de achar que você é só um ser espiritual, você “tá” aqui na terra, você tem salário. O que sucede ao ímpio, sucede ao justo. Preste atenção no que eu “tô” te falando, por favor. É um conselho que eu te dou.

Eu “tô” apenas te aconselhando pra depois não dizer que ninguém te avisou nada.

APÊNDICE F – Transcrição Vitória em Cristo, 30.08.2014

Querido, querida, escuta o que eu vou te dizer: eu venho dando alertas aqui, e eu não faço isso agora, eu já faço isso há 30 anos. 30 anos que eu dou alertas sobre a nossa cidadania.

Eu “tô” batendo na tecla meu irmão, Jesus não desprezou a cidadania terrena: dai a César o que é de César, dai a Deus o que é de Deus. Paulo também não desprezou: a quem tributo, tributo, a quem imposto, imposto.

Então preste atenção: no primeiro sábado de setembro, eu vou ensinar a você, meu filho, o meu povo parece porque falta conhecimento. Eu vou te ensinar pra você não ser enganado por uns malandros que são infiltrados na seara evangélica, no meio evangélico, eu vou te ensinar como é que se elege um deputado federal e um deputado estadual. Você pode “tá” votando em um e elegendo outro, sabe por quê? Porque a eleição de deputado federal e estadual não é só o voto do candidato, é quociente eleitoral.

Eu vou te explicar como é que os malandros infiltram gente no nosso meio e você “tá” crente que “tá” elegendo um irmão e acaba elegendo um vagabundo de um ímpio que vai contra todos os nossos princípios e valores.

Eu quero te ensinar, meu irmão, sábado 6 de setembro.

Fala na tua igreja: o pastor Silas vai ensinar que você pode votar em um e eleger outro, pra você não jogar teu voto fora. Lógico, você é livre pra votar em quem você quiser, é apenas uma instrução.

E quero pedir a você, acompanha o que “tá” no verdadegospel.com eu tenho uma coisa que eu não posso falar aqui. Um alerta para os evangélicos, entra lá para ver a cipoadá que eu “tô” dando. A chapa “tá” fervendo.

Entra lá. Twitter, facebook, [verdadegospel](http://verdadegospel.com).

APÊNDICE G – Transcrição Vitória em Cristo, 06.09.2014

Tem um texto na Bíblia que é muito interessante: o meu povo foi destruído porque lhe faltou conhecimento. Isso vale “pras” coisas de Deus, e um povo sem conhecimento é enganado! Então eu quero te instruir!

Eu não vou falar aqui de deputado nem nada e nem a lei eleitoral permite, mas eu quero te dar uma instrução pra você entender como é que é esse negócio, porque você além de ser cidadão dos céus, você é cidadão brasileiro, você é cidadão aqui dessa terra.

E olha, eu transferi pra sábado que vem, eu quero ensinar a você como se elege um deputado federal e um deputado estadual, eu quero te ensinar. Você pode estar votando em um e elegendo outro.

E tem um monte de profissional da política que infiltra gente nas igrejas evangélicas pra eles serem eleitos, e você “tá” por fora e nem sabe disso. Eu vou te ensinar no sábado que vem.

Divulga! Isso é muito importante! Você despreza conhecimento? Você precisa saber das coisas meu irmão, você precisa saber das coisas, okay?

Porque é pedagógico.

APÊNDICE H – Transcrição Vitória em Cristo, 13.09.2014

“Vamo” lá pra instrução

Por que eu “tô” instruindo você? Porque Jesus não anulou a cidadania terrena, ele não anulou a cidadania terrena. Aprenda isso. Dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus. O apóstolo Paulo também: a quem tributo, tributo, a quem imposto, imposto.

Manda aí um torpedo, usa aí o teu twitter, pastor Silas vai ensinar, não vou falar de candidato não porque é proibido.

Você precisa aprender pra você não jogar seu voto fora, okay?

Nós estamos vivendo um momento muito especial. Nós temos mais de 800 projetos no congresso nacional pra detonar nossas crenças e valores.

É meu filho, o negócio é feio. É liberação de drogas, é profissionalização da prostituição, é ensinar a criança homossexualismo na escola. O negócio é barra pesada.

O voto de deputado Federal e estadual é o voto da representação social.

“Vamo” lá então?

O voto de deputado federal e deputado estadual é quociente eleitoral. Vou te ensinar como é feita a eleição, eu vou usar números absolutos pra você entender.

Vamos supor que o seu estado na votação tenha 1 milhão de votos válidos, okay? Vamos supor que o seu estado tenha 20 vagas de deputado federal, porque isso é dividido por estado, as vagas, a assembleia legislativa, quem vai ser mandado pra Brasília para representar o teu estado, então vamos supor que o teu estado tenha 20 vagas de deputado federal.

Um milhão divididos por 20 é igual a 50 mil, então aqui está o quociente.

A cada 50 mil votos de 1 partido, elege 1 deputado.

A soma de todos os votos, tá, incluindo quando você bota o voto lá só na legenda, incluindo isso, a soma disso, pra cada 50 mil votos, se elege 1.

Vou te mostrar assim de maneira genérica pra você entender: temos o partido A, o partido B e o partido C, você vai entender como é que é feito, “tá”?

No partido A, a soma de todos os candidatos, deram 100 mil votos. Quantas vagas esse partido vai ter? 2 vagas “tá” bom? Nesse partido tem 30 candidatos. A soma dos 30 candidatos deram 100 mil votos, então tem direito a duas vagas.

Quem foi o primeiro mais votado, hipoteticamente eu “tô” falando, o mais votado teve 30 mil votos, então a primeira vaga é dele. O segundo mais votado teve 25 mil votos, então a segunda vaga é dele. O terceiro teve 20 mil votos, virou suplente. Aí tem gente com mil, com

2 mil, com 3 mil que ajudou a eleger esses dois. “Cê” “tá” entendendo? Gente com mil votos, com 3 mil votos, são 30 candidatos, mas só dois, os dois principais.

“Vamo” lá agora o partido B, você vai entender, é interessantíssimo esse negócio.

O partido B tem 30 candidatos, a soma de todos os votos deram 50 mil, 50 mil votos.

Aqui está a minha instrução. Aqui está a minha instrução pra você entender.

Não adianta você “votar” em quem não vai chegar lá.

O que que eles fazem, os profissionais da política, os que controlam os partidos, infiltram um monte de gente que vai, tem mil votos, dois mil votos, 3 mil votos, 4 mil votos pra poder somar pra dar o quociente pra poder eleger os primeiros. E tem irmãozinho nosso que é tão simples e cai nisso. Se candidata, coitado. Ai os “malan”, não, mas eu vou te dar santinho, não eu vou te dar cartaz, eu vou te dar faixa, eu vou te dar placa. E o cara já sabe que ele vai ter mil, 2 mil, 3 mil votos. E o pobre do irmão é envolvido pelo glamour.

Então, meus queridos, amados irmãos, essa eleição é muito importante. Olha bem em quem você vai votar

No que ele defende, se defende nossos princípios, nossos valores.

Eu “tô” te instruindo pra você não jogar seu voto fora e não votar em gente que não vai chegar lá, e ai esse irmãozinho que vai ter mil, dois mil, três mil votos vai fazer eleger um ímpio “tá”, que vota contra nossos princípios e nossos interesses. E o irmão, pobre coitado na ignorância, tá sendo instrumento do diabo pra eleger ímpio que vão detonar a sociedade brasileira.

É isso meu irmão. Eu sei que aí no teu estado tem gente com condições de chegar lá. O Brasil é muito grande, os evangélicos são muito grandes, os católicos praticantes são grandes. Olha bem em quem você vai votar.

Ai eu vou votar nele porque é meu amigo, ah! é o irmão da minha igreja, é da minha congregação, mas não vai ser eleito, não vai chegar lá, ele vai ajudar a eleger até bandido, vai ajudar a eleger até corrupto. Vai ajudar a eleger até gente de ideologia “maxista”, comunista, “tá”, de ideologia que detona nossos valores.

Eu “tô” te ensinando, eu “tô” te instruindo.

Eu fico com vergonha, eu fico com vergonha de dizer isso, mas eu vou dizer. Tem líder evangélico nesse país, apoiando pra deputado federal caras que passaram 4 anos votando contra tudo o que é do nosso princípio, tudo o que é de nossas crenças e valores. “Tu levou” quanto, pastor corrupto? Quanto é que “tu levou” pra apoiar bandido? Hã? Eu não tenho papa na língua não. Eu só não dou nome aqui, porque eu não posso. Quanto é que “tu levou” porque “tu não é” inocente não, “tu não é” bobinho não, “tu sabe” das coisas, “tá”?

Pastor apoiando caras que apoiam aborto, que apoiam o casamento gay, que apoiam ensinar homossexualismo em escola, eu fico com vergonha de falar isso aqui, eu fico com vergonha.

E eu digo aqui: nem eu nem ninguém, pastor não é dono do voto de ninguém, nem eu. Eu posso exercer uma certa influência, que é um direito meu, é cidadania. “Maxista” pode, por que eu não posso? Que papo é esse? Quer dizer que “Maxi” é mais importante do que Jesus? Quer dizer que os ideólogos humanistas, comunistas que “tão” tudo falido, é mais importante do que Cristo? Que papo é esse? Claro que eu vou influenciar! Agora, ninguém é dono do teu voto.

O voto é teu. Lá na urna eletrônica não vai ter anjo, não vai ter fiscal. Oh!, tem um anjo que o pastor contratou pra ver se você vai votar no candidato que o pastor indicou, conversa fiada. Agora seja consciente meu irmão olha bem em quem você vai votar.

Olha as demandas que temos. Olha a perseguição que eu sofri e “tô” sofrendo. Perseguição igual a nazista e comunista faz eu “tô” sofrendo. Hoje sou eu, amanhã são outros.

Nós não podemos brincar, nós não podemos negociar.

Eu “tô” dando um alerta meu irmão. Você faz o que você quiser com o teu voto. Quer jogar fora o que eu “tô” falando é problema seu, meu irmão, mas não diga que não foi alertado.

Eu “tô” aqui meu irmão como uma voz profética, okay. Como um pastor preocupado de que eu estou aqui nessa terra, e o reino de Deus é pra ser implantado aqui, não é no céu não. É na minha vida e aqui nessa terra.

Que Deus tenha misericórdia do Brasil e que possa abrir a mente do povo de Deus e dos líderes pra instruir o povo com uma coisa justa, correta e honesta. É o que eu desejo.

Vamos orar pelo brasil.

Nós temos uma arma que ninguém tem. Paulo diz: antes de tudo façam orações, deprecações, súplicas, pelos homens que estão em evidência para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, que isso é bom e agradável ao Senhor.

Oração: Senhor, eu quero orar pelo Brasil. Eu quero pedir que teu Espírito Santo venha guiar o coração do povo brasileiro. Senhor, não permita que a nossa nação seja governada por corruptos, por aqueles que fraudam, que enganam, que mentem. Oh! Senhor, tem misericórdia. Coloca pessoas, Pai, tementes a ti, coloque pessoas, Pai, que tenham compromisso com a família, compromisso contigo de temer o teu nome. Ó! Deus amado, que o Brasil possa ter dias melhores, livra o nosso país do caos social, tanta miséria, tanta desgraça, tanta roubalheira. Ó! Deus, dê sabedoria aos governantes.

Nós pedimos uma bênção pra cada família pra cada brasileiro no nome de Jesus, amém e amém.

Deus abençoe você, Deus abençoe sua família, Deus abençoe o Brasil.

APÊNDICE I – Transcrição Vitória em Cristo, 20.09.2014

Hoje às 14h vai ter um tuitaço é só chapa quente, com força. Tão pensando que nós, evangélicos, somos idiotas. Então, é ali que é o nosso campo, no campo legal, no campo democrático que nós podemos defender as nossas ideias. Vai por mim, hoje às 14h. Um tuitaço quente, quente, eu quero pedir pra você me acompanhar @pastormalafaia.

Olha, eu quero pedir a você, me acompanhe pelo twitter @pastormalafaia. Hoje, às 14h eu vou promover um tuitaço que vai sair fumaça, fogo, labareda, a chapa vai ferver. O negócio “tá” quente, quente, quente demais, quente demais.

E eu quero pedir pra você, me acompanha meu irmão. Não dá pra ficar esperando de um sábado a outro aqui não, vai por mim. E acompanhe também, verdadegospel.com, tem uns 3 vídeos lá dentro que você tem que assistir. Tem um que eu falo sobre preconceito, quem são os intolerantes. Esse aqui é quente. Também tem um de uma perseguição política contra mim, você precisa assistir “tá” certo? E um alerta que eu dou aos evangélicos.

Meus irmãos, vocês “tão” vendo o que “tá” acontecendo aí? NUNCA, grave, depois não diga que eu não avisei, NUNCA o voto de deputado federal e deputado estadual foram tão fundamentais. Você não pode negociar esses votos.

Porque o lixo moral que querem colocar na sociedade brasileira, tem que passar pelo congresso nacional. Eu “tô” alertando você aqui, “tá”.

Cuidado pra você não votar em um irmãozinho que não vai chegar lá e o voto vai eleger um ímpio safado. Você tem que entender isso, eu já ensinei aqui. Também tá lá no verdadegospel.com como é que se elege um deputado federal e estadual, é quociente eleitoral. Então vote em quem tem chance de chegar lá. Eu “tô” avisando a vocês, só “tô” informando a vocês.

Tem coisa quente que eu não posso falar aqui, que a lei eleitoral me impede. Me acompanha no twitter que eu só “tô” dando tiro de ogiva nuclear. Me acompanha pelo twitter e pelo verdade gospel.

É pauleira com vontade. “Tão” pensando que crente é otário ou idiota. É isso que eles “tão” pensando. Vamos valer o nosso direito de cidadania.

Vamos deixar de ser trouxa com discurso de espiritualidade falso. Eu “tô” alertando. Me acompanhe. Verdadegospel.com ou pastormalafaia.

Hoje às 14h pra você replicar.

Eu “tô” sempre dizendo aqui, depois não diga que eu não alertei.

APÊNDICE J – Transcrição Vitória em Cristo, 27.09.2014

“Vamo” lá?

Deixa eu desafiar e confrontar os evangélicos desse país e a sua liderança. Eu vou deixar um texto de II Coríntios 13:8 que eu gosto de citar: nada podemos contra a verdade, se não pela verdade.

Eu fico pensando que, eu sou cria da Assembleia de Deus. Uma família tradicional. O meu pai tem 93 anos, tá vivo. Um homem de muita influência no seu tempo dentro da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, muitos pastores da Assembleia de Deus “tão” dizendo sim, pois sabem como é que era Gilberto Malafaia. Eu sou fichinha perto dele. Eu fui criado de uma família tradicional de pastores, meu pai tem mais de 70 anos de crente evangélico.

Eu ouvi muito profetismo quando eu era garoto, sabe, quando eu era adolescente na igreja. A televisão é do diabo e a política é do diabo, eu ouvi isso, a televisão é do diabo e a política é do diabo. Olha, eu “tô” desconfiado que o capeta disse: Jeová, não vai ter briga entre nós, o teu povo lá na terra me entregou tudo. Hoje, vai tentar botar um programa de televisão no ar! Vai! Põe pra ver! Porque não tem, tem gente que pensa que tem tantos pastores. Tem 4 pastores em rede nacional, porque é caríssimo e não é fácil, tá.

E aí nós reclamamos que a política só tem corruptos, só tem bandidos, tem isso tem aquilo e nos omitimos da vida social como se fôssemos seres exclusivamente espirituais. Isso é uma das maiores ignorâncias. Isso é uma das coisas mais horrorosas que foram ensinadas aos crentes, como são chamados os evangélicos. Nós não temos nada a ver com a vida, não temos nada a ver. A gente se isola da vida social, de comunidade, nós não temos nada a ver.

Meu filho, quando Deus mandou o seu povo, depois você não lê agora não, só me escute, quando Deus mandou seu povo em Jeremias 29, pra uma terra estranha, pra Babilônia, onde eles iam passar 70 anos lá, “cê” sabe quais foram as instruções de Deus para o seu povo numa terra estranha? Foram as seguintes:

Vocês tem que ser produtivos, vocês tem que construir casas, olha, vocês tem que interagir na sociedade, vocês tem que ser promotores da paz, vocês tem que ser aqueles que vão interceder pela cidade, hã? Ele dá uma série de dados da vida social pra um povo que ia passar 70 anos numa terra estranha. Imagine na nossa terra!

Eu tenho dito aqui, eu tenho batido na tecla o que Jesus falou quando ele disse: Dai a César o que é de César, e dai a Deus o que é de Deus, Jesus tá mostrando a cidadania terrena e a cidadania celestial! Uma não anula a outra. Quando Paulo em Romanos 13:7 diz a quem

tributo, tributo, a quem imposto, imposto, o apóstolo Paulo tá falando de cidadania terrena gente.

Será que vamos nos considerar tão ignorantes, tão alienados do processo social como os ímpios querem nos colocar?

Vocês já repararam? Ateu pode falar, médico pode falar, operário também pode dar palpite, advogado também pode dar palpite, qualquer pessoa pode dar palpite, quando algum pastor fala é religião. É um jogo sujo, nojento, antidemocrático, pra nos alijar do processo social, ei! Eu sou cidadão como qualquer outro com direitos e deveres como qualquer outro, assim como você!

É um jogo meu irmão, e aí eu fico vendo até alguns cristãos, pastor, vai pra igreja, olha a mentalidade! “Pastor, fica lá na igreja”, querido, o que é igreja? A igreja só é igreja quando ela sai das quatro paredes, meu irmão! Abre a tua mente! Deixa de ser ignorante! A igreja só é igreja quando ela tá no mundo pra implantar o reino de Deus. Ou você acha que o reino de Deus vai ser implantado aonde? No céu? Aonde que é? Querido, o lugar aonde você menos manifesta a vida cristã é dentro das quatro paredes! É o lugar onde você menos manifesta a vida cristã! Eu vou dizer uma frase, na igreja você edifica a fé, no mundo você manifesta a fé.

Sabe qual é o jogo, eu “tô” te ensinando, o jogo é esse aqui: o estado é laico. Novidade. E quem disse que nós não queremos que seja? Estado laico é aquele que não tem religião como preferência, é aquele que trata todas as religiões do mesmo jeito e não há interferência da religião. “Tô” de acordo! Aqui é que tá o jogo, eu não “tô” falando da fé dos evangélicos, eu “tô” falando da ideologia cristã.

Meu irmão, o mundo ocidental, a cultura do ocidente, a sociedade ocidental, ela está sustentada no modelo judaico-cristão. De onde é que você pensa que veio a monogamia, de onde? De algum marciano? É o modelo cristão! A fidelidade conjugal? É o modelo cristão. Direitos humanos? Judaico-cristão. Proteção à vida? Judaico-cristão. Escola pública? Reforma protestante! Que conversa é essa, meu amigo?

Meu irmão, pastor, líder, povo de Deus! A ideologia cristã ela é tanto válida como a ideologia de Marx. Hã, quer dizer que Karl Marx vale mais do que Jesus? Que conversa é essa?

Em uma sociedade livre, eu já repeti isso e vou repetir mais uma vez, numa sociedade livre as pessoas tem o direito de basear suas convicções políticas em qualquer tipo de raciocínio, seja de Cristo, de Karl Marx, de Platão, de Aristóteles ou de qualquer um. É a marca de uma sociedade livre!

Pastores, no ano passado numa importante revista, a revista Época, um filósofo do nosso tempo, doutor em Harvard, tá, uma das maiores universidades do mundo, Michael Sand, é um pensador do nosso tempo, diz que as questões morais e de princípios são bem-vindas ao debate político. E não podemos descartar a fé das pessoas do debate político, porque o estado é laico mas não é laicista, isso é, não é ateu. O estado é laico, mas seus cidadãos tem direito a ter fé em qualquer coisa até a não crer.

Portanto líderes evangélicos, aqui é que a coisa vai começar a ferver. Senhores, vocês já viram o que aconteceu em Cuba, e o que está acontecendo na Venezuela? A omissão dos líderes evangélicos, okay? A omissão, hã? Se calarem diante da pressão, ficarem quietos, nós não temos nada a ver com isso. Você tá enganado pastor!

Uma das coisas que Deus não suporta é a omissão e a covardia. Você tá enganado.

Eu nunca, anota aí, vou ser candidato a nada! Não! Eu fui chamado pra ser ministro do Evangelho. Trocar a minha chamada para ser político é me rebaixar, okay? E eu não “tô” aqui menosprezando quem é político, eu “tô” falando da minha posição. Jamais eu vou fazer isso! Agora querido, eu não abro mão uma vírgula do meu direito de influenciar, “tá”!

E eu não vim aqui, “só eu”, só eu? Tem milhões de pessoas que tem posição. Alguns se estivessem aqui no meu lugar fariam até melhor do que eu, não me pergunte, aprovou Deus me permitir. Eu não tenho essa vaidade! Eu não sou o maior, nem o mais. Eu exerço uma certa influência como certos líderes. E você pastor, aí na tua igreja de 50 pessoas, na tua comunidade de 100 pessoas, você vai se calar? Os ímpios vão influenciar as suas ovelhas! Você vai ficar quieto? A mídia vai influenciar as suas ovelhas! A política corrupta vai influenciar as tuas ovelhas por causa da tua omissão e medo de se posicionar na sociedade.

Essa que é a verdade gente! Eu não vou dar dados aqui, porque estamos no período eleitoral. Entra lá no verdadegospel.com e vai ver a perseguição em cima de mim! Vai lá ver! Ah, não é com você? Só porque é comigo? “Ah mais pastor, o senhor é muito veemente, o senhor”, queridos, eu tenho pena da mediocridade.

Eu fico olhando a omissão de alguns líderes, não são todos. Muitos líderes marcam posição. Mas alguns líderes não marcam posição, gente que tem mídia na mão caladinho, tá pensando que não vai sobrar pra eles. Tão caladinhos! Tão pensando que não vai sobrar pra você. Ah, eu “tô” com pena.

Senhores, povo de Deus, liderança evangélica oriente seu povo! Nós estamos decidindo a questão do que queremos pra nossa nação, nós estamos decidindo qual o rumo que vai esse país.

Senhores, querem controlar o conteúdo da mídia. E daqui a pouco, o controle da mídia, querem controlar o acesso da pregação do evangelho por rádio e televisão. Eu já conheço o filme! Eu já conheço a malandragem!

Vai ver os projetos que estão no Congresso Nacional. Tem um agora, um tal de PL5002, você sabia, esse PL5002 ele é ambíguo. A malandragem “tá” lá, a vontade superior da criança tem que ser respeitada pra troca de sexo. E o adulto que quer trocar de sexo não precisa de avaliação psiquiátrica, ou de psicólogos. É uma afronta.

Vocês viram o que tá acontecendo hoje no Brasil ACORDA LÍDERES! ACORDA POVO DE DEUS.

Escolas abolindo dia das mães e dos pais.

E aí eu fico vendo na internet, “poxa, o pastor Malafaia, pára de falar em gay pastor”, “poxa o pastor Malafaia fala mais em gay do que em Jesus”, tu “tá” precisando ler mais a bíblia. Os profetas desse livro aqui, falavam mais contra o pecado do que em Deus. Vai “lê”! Vai “lê” meu filho, vai ler a Bíblia! Vai ler Jeremias, vai ler Ezequiel, vai ler Isaías, Amós, Oseias, vai ler! Deixa de besteira!

Eu não tenho nada contra pessoas. Eu separo homossexuais de ativistas gays. Eles estão trabalhando para a desconstrução da heteronormatividade. Eles estão trabalhando para a ideologia de gênero, acabar com masculino e feminino. Eles estão trabalhando para ensinar homossexualismo nas escolas pra criança!

E a criança, isso é ciência, não sabe discernir entre ordenança, informação e sugestão.

Nós “tamo” calados. Tem mais de 800 projetos. Você vai votar em quem pra deputado federal? Você vai votar em quem pra deputado estadual? Você não pode negociar esse voto meu filho.

Você não sabe, eu já ensinei aqui que o voto é quociente eleitoral, vote em quem tem chance de chegar lá. O irmãozinho aí da tua igreja que é candidato, infiltrado por um bandido pra poder juntar o quociente, o cara vai ter 500 votos não vai ser eleito. O outro tem 1000, o outro tem 2 mil, o outro 3 mil, não vai ser eleito! Porque isso aí não elege deputado federal e estadual.

Acorda povo de Deus, acorda líderes, acordem!

Fica aí uns irmãos simples, coitado, “sou candidato”. “Eu ganhei papel”, “eu ganhei santinho”, rapaz!

Gente, a coisa é muito séria, mais de 800 projetos pra detonar princípios cristãos e valores na sociedade, e eu vou me calar? E eu vou ficar quieto com medinho de alguém e de ameaça?

Você sabia que hoje eu sou obrigado a andar com segurança? “Cê” pensa que eu gosto disso? De dois anos pra cá, eu não digo pra você às vezes, que eu deixei de apanhar em aeroporto porque eu “tô” com os caras. É uma vergonha! E eu é que sou intolerante! E nós evangélicos é que somos intolerantes!

4 vezes o ativismo gay tentou me processar por homofobia. Perderam. 4 vezes tentaram caçar a minha credencial de psicólogo, perderam. E eu é que sou intolerante.

Vocês tão brincando meu irmão. Nós “tamo” brincando.

Você é cidadão! Não diga que eu não avisei! Você está inescusável. Líder que tá me assistindo, não diga que não foi avisado. Deixa de ser omissivo, influencia teu povo com coisa honesta, direita! Não é vender o povo não pra corrupção não! “Oh, dá a janela aqui da igreja que a gente vota em você” “Dá o teto aqui que a gente vota em você.” Isso é mais corrupto do que qualquer outra coisa. Gente que vai defender princípios, gente que vai lutar em favor do pobre, da injustiça social, gente que vai defender valores e princípios cristãos que estão na sociedade minha gente. E você aí, caindo no jogo da mídia! Eu fico vendo, rapaz...

Rapaz, eu fico, gente no nosso meio, sabe, uns fracassados ministeriais, que eu nem respondo a eles na internet, sabe, eu não jogo pérola pra porco, eu nem cito o nome deles, sabe, uns fracassados ministeriais, metidos a esquerdistas, vai ver a vida deles, vai ver como é que “tá” o ministério deles, querendo falar bobagem, querendo defender o indefensável.

Senhores, a sociedade, o estado democrático de direito, me dá a liberdade de me posicionar baseado em qualquer princípio que eu quiser. Que que querem? Ditadura da opinião? Todo mundo pensando a mesma coisa?

Eu deixo aqui o meu alerta. E eu vou fazer um desafio aos pastores do Brasil, há 30 dias que na igreja que eu sou pastor, ou em todas as igrejas que estão debaixo da minha direção, há 30 dias eu mando, todo o culto, levantar um clamor pelo Brasil. Um clamor exclusivo pelo Brasil, todo o culto.

Eu queria desafiar. Temos aí 1 semana para as eleições. Domingo, se tem culto segunda, terça, quarta, até o domingo das eleições, levante na sua igreja, eu sei que muitos estão fazendo, por favor, não é só eu, eu não vim aqui dizer que eu sou o cara, “nã, nã” não por favor, não me interprete mal, mas eu queria desafiar, mas eu queria desafiar a igreja brasileira, pastor, todos os dias até a eleição. Levante um clamor pra que a roubalheira, pra que a safadeza venha à tona pra que o povo não seja enganado, okay? Pra que Deus livre o Brasil do caos, pra que tenhamos dias de prosperidade, de paz nas ruas e na casa de cada brasileiro. Levante um clamor.

E você meu irmão, daqui até as eleições, eu não vou exagerar, separe 5 minutos, cada dia, você, levante um clamor pelo Brasil. Essa é uma arma que ninguém tem, só o povo de Deus.

E agora, eu vou levantar um clamor, e eu gostaria, e eu não “tô” falando nada de partido, não é nada disso não meu irmão, orar pela nossa nação e que Deus tenha misericórdia do nosso país.

Oração:

Nosso Deus e nosso Pai, nós queremos entregar o Brasil nas tuas mãos. Queremos te pedir Senhor, livra essa nação de homens maus, de governantes corruptos, dá-nos dias melhores, traga paz às ruas, às cidades, às casas aqui no Brasil. Que haja prosperidade, que haja crescimento, que o teu evangelho, Senhor, possa ter a liberdade de ser proclamado. Deus, que tu dê sabedoria às autoridades pra que a violência seja travada. Ó Senhor, ó meu Deus, tem misericórdia da nossa nação, escuta o nosso clamor, livra o Brasil do caos social, livra a nossa nação do mal. Nós abençoamos o Brasil, cada brasileiro, cada família, no nome de Jesus, amém.

Repete aí comigo: o Brasil é do Senhor Jesus, após a minha palavra, o Brasil é do Senhor Jesus.

APÊNDICE K – Transcrição Vitória em Cristo, 11.10.2014

Silas: (termina de fazer a promoção bate na mesa e fala para a câmera)

Minha gente deixa eu fazer um alerta pra vocês.

Primeiro eu quero dar os parabéns aqui. Meus irmãos, o povo evangélico tá tomando consciência de cidadania, tá?

Deputados federais e deputados estaduais foram eleitos e deram banho de voto em vários estados do Brasil, mas banho de voto. Nós temos que valer, nós temos que fazer valer a nossa cidadania. Podem debochar, tá, podem tentar nos ridicularizar na imprensa, mas não vão nos alijar do processo democrático.

Virada de câmera.

Eu quero lembrar a você meu irmão o que Jesus falou: “dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus”, Jesus tá falando do exercício de duas cidadanias: a celestial e a terrena. Nenhuma elimina a outra.

Nós não podemos ser ignorantes porque os ímpios querem nos alijar do processo social. E Deus quando mandou o povo cativo pra Babilônia por 70 anos, leia lá Jeremias 29 qual é a instrução de Jeová, pro povo que ia passar 70 anos no cativeiro se Deus tratou só de espiritualidade.

Vamos deixar de ser trouxas, nós não somos trouxas. Vamos deixar, okay. E “tamo” deixando e “vamo” fazer valer a nossa cidadania. Ninguém, eu posso ser pastor, você é evangélico, mas você é cidadão do Brasil com os mesmos direitos e deveres de qualquer cidadão que é comunista, ateu, católico ou sei lá o que, “tá”? É isso o que eu “tô” falando aqui, “tô” dando consciência e que tem muita gente que me odeia e quer me destruir. Vocês sabem do que eu “tô” falando, não posso falar mais por causa de lei eleitoral, tá? Não posso falar mais, sabe? Porque querem que os evangélicos fiquem alienados, alijados do processo democrático. “Vamo” deixar de ser trouxa meu irmão! Paulo diz em Romanos 13:07: “a quem tributo, tributo, a quem imposto, imposto”, Paulo tá falando da cidadania terrena, “tá”? “ê pastor vai pregar na igreja pastor. Pastor, olha pastor, o senhor fala mais de gay do que de Jesus.” Cala essa tua boca e vai ler a Bíblia. Os profetas falaram mais sobre a denúncia do pecado do povo do que sobre Deus. Vai ler os profetas e para de falar asneira, bobagem que

você não sabe e fica fazendo jogo de ímpio aí, e crente que é intelectual cristão. “Tá” dando uma de otário, fazendo jogo de ímpio e pensando que sabe das coisa. “Oh nós ‘sabemo’ das ‘coisa’”, “nós somos os caras”, eu tenho que rir. Mas graças a Deus que isso não é a maioria dos evangélicos, nem dos pastores evangélicos, o nosso pessoal tá ficando esperto.

Virada de câmera

E deixa eu dizer mais umas coisinhas pra você aqui, no limite da possibilidade da lei eleitoral, se não o programa não vai pro ar, isso você tem que entender, tá? Faça o exercício da sua cidadania. Nós estamos decidindo a história do Brasil, gente. Não brinque. Olha bem o que que tá acontecendo. Olhem bem, prestem atenção.

Escute bem o que eu vou dizer: conseguiram remover do site verdadegospel.com. Um vídeo que eu faço mostrando os assassinos bárbaros dos nossos irmãos, um grupo terrorista, o método é igual ao dos nazistas, uma barbárie. Conseguiram tirar do ar, tem muita força e poder. Conseguiram remover o vídeo, mas a verdade jamais. O Brasil, artigo 4º da Constituição inciso 8, “tá”? É Constituição brasileira: repudia o terrorismo e repudia o racismo, tá? Repudia essas duas coisas. Nós não podemos votar em quem quer fazer acordo com essa vagabundagem, essa bandidagem, esses facínoras. Se alguém defende o diálogo com esses terroristas, se tivesse na época de Hitler também iam defender diálogo com ele. Conversa pra boi dormir. Eu quero pedir a você meu irmão, eu quero pedir a você, entra no verdadegospel.com. Filho, tem uma fala nova minha, que é pra “humpf”, fazer gente ficar de cabelo arrepiado, “tá”? É a matéria principal do verdadegospel.com. abre lá. Oh, eu não “tô” pedindo pra você acreditar em tudo o que eu falo, né isso não. Tudo o que você ouvir, duvidar, criticar e determinar, “tá”? Tudo o que você ouvir de qualquer um não receba de primeira, “tá”, “hã”? Duvidar, quer dizer, não engole de primeira. Criticar é analisar e determinar é: “aceito”, “rejeito”, “aceito parte”, faça isso! Entra lá: www.verdadegospel.com, eu não posso falar coisas aqui, “tá”? Eu não posso, não posso. Mas eu quero que você entre lá. E outra, hoje às 14 horas eu promovo um tuitaço pelas redes sociais. Olha, você tem que participar, me acompanha no [@pastormalafaia](https://twitter.com/pastormalafaia), notícias instantâneas, do que está acontecendo, não dá pra ficar esperando “dum” sábado a outro sábado, [@pastormalafaia](https://twitter.com/pastormalafaia), vai lá. Me acompanha, as coisas quentes que estão acontecendo, meu irmão, “tá”?

E só mais uma, que vergonha “hein”? Os institutos de pesquisa, que vexame! Vai! Vai vota segundo pesquisa pra você ver! Ei? Pesquisa não elege ninguém, meu irmão, quem elege é você! Faça exercício da sua cidadania.

Quero conclamar o povo de Deus. Eu estou fazendo há mais de 30 dias, e não é só eu, eu estou usando aqui a mídia, eu estou conclamando, na igreja que eu sou pastor, todas as

igrejas do campo em que eu sou pastor, todo o culto estamos fazendo uma oração especial pelo Brasil, pra que Deus traga paz a nossa nação, prosperidade na casa de cada brasileiro, que Deus livre o nosso país do caos, “tá”? Quero te dar esse conselho pastor, vamos orar até o fim das eleições, vamos clamar a Deus em favor da nossa nação e do povo brasileiro e é o que eu vou fazer aqui em todos os programas e é o que eu vou fazer aqui agora, okay? Não brinque. Você é cidadão. Eu, você, nós, estamos escrevendo a história desse país e você não pode ser alijado como se você fosse de segunda classe. Não faça isso, não caia no jogo de ímpios. Eu “tô” te alertando, “tô” deixando um alerta aqui pra você, okay? Depois não venha dizer que é o diabo. Eu vou orar, orar o quê? Não exerceu a cidadania, depois vai orar o quê? Você quer que Deus faça o que você tem que fazer, meu irmão! Aprenda! Deus não move uma palha naquilo que nós temos que fazer.

E Deus move o céu inteiro naquilo que nós não podemos fazer. Votar você pode fazer e depois não vem aqui reclamar, tá? Exerça a sua cidadania. Vamos orar pelo Brasil? Vamos clamar? Vamos fazer isso?

Oração 58'17'' – 59'17''

Nosso Deus e nosso Pai, eu quero pedir uma benção sobre a nação brasileira. Livra o Brasil do caos, dá-nos dias melhores, coloca Deus através da vontade do povo a tua vontade permissiva pessoas comprometidas Senhor com o desenvolvimento. Livra o Brasil da roubalheira, da corrupção dessa safadeza! Dá-nos dias melhores. Abençoa os governantes, os que foram eleitos, os que vão ser eleitos. Deus, ó Pai, eu te peço uma benção para cada família, para cada casa, para cada cidade, para cada rua, que haja paz e dias melhores. Livra o Brasil do caos, eu declaro: o Brasil é do Senhor Jesus. Eu abençoo a todos no nome de Jesus.

Deus abençoe você, Deus abençoe sua família, Deus abençoe o Brasil. No próximo programa eu vou dar continuidade a uma mensagem extraordinária: o que fazer quando não existem mais saídas. Convide seus amigos. Até o próximo programa querendo Deus.

APÊNDICE L – Transcrição Vitória em Cristo, 25.10.2014

Então, queridos, eu vou dizer mais uma coisa “pro” povo de Deus. Queridos: nunca diga que alguma coisa é do diabo quando Deus não diz que é dele.

Não vamos fazer profetismo catastrófico. A política é do diabo, onde é que “tá” isso na Bíblia, senhores? Jesus não anulou a cidadania terrena. Uma outra coisa: Deus trata o homem, aprenda isso meu irmão, no antigo e novo testamento, como um ser biológico, psicológico, sociológico e espiritual.

“Cê” quer “vê”? Israel no deserto: biológico – água e maná. Psicológico – manda fazer três festas. Sociológico – divide o povo em tribos, em hierarquias e em príncipes. Espiritual – a nuvem de dia, e a coluna de fogo de noite, representando a presença de Deus. “Cê” quer ver no novo testamento Deus tratando o homem assim? Jesus, Mateus, capítulo 6, do versículo 25 ao 33: não andeis ansiosos – ansiedade, mundo psicológico. Quanto à vossa vida pelo que haveis de comer e beber – mundo biológico. Nem quanto aos vestidos – mundo sociológico. E espiritual, versículo 33, buscai primeiro o reino de Deus, e todas as coisas vos serão acrescentadas.

Querido, eu não suporto ver ninguém falar em nome da Igreja. Nunca, nunca falei em nome da Igreja. Não sou criança, agora eu sou cidadão.

Querido, eu “tô” aqui pra influenciar, porque o ser humano, inclusive eu, nós somos seres sociais. Você prefere ser influenciado por ímpio? Por artistas? Por filósofos? Por ateus? Por comunistas? Quer dizer que qualquer um pode influenciar. Pastor, não. Pastor vai pregar o evangelho, pastor vai ficar dentro da igreja. Que conversa fiada é essa?

Queridão: Deus me levantou pra manter posição. Quem é que “tá” sendo processado, por manter posições indefesas do povo de Deus? Quem é, que “tão” tentando “cassá”, por tentar defender posições em favor do povo de Deus? Eu não sou criança, eu defendo princípios. Eu não defendo homens ou partidos políticos. E nem, nunca, e nem aceito que digam que candidato A é do diabo, B é de Deus, partido político A é do diabo e B é de Deus. Eu não sou criança.

Agora, eu tenho posições e eu tenho postura. E eu vou pedir uma coisa a você que eu sei que eu não posso “fala” aqui: Querido, eu tenho um programa meio dia. Você pode assistir meu programa de meio dia no verdadegospel.com.

E eu peço a você, tem 4 matérias que eu não posso falar aqui, 4, que eu quero que você faça uma análise do que eu “tô” falando. Povo de São Paulo e do Brasil: tem 4 matérias,

verdadegospel.com. Veja o que eu falo. Não “tô” pedindo pra você acreditar, aceitar. Analise você, um ser inteligente, você tem um discernimento espiritual. Vai lá: verdadegospel.com. 4 matérias, a principal e 3 embaixo. Eu quero que você assista, porque não dá pra eu falar coisas aqui.

E eu quero, essa semana, vai “sê” uma semana muito quente. Vai por mim, essa semana, semana aí de eleições ainda que temos segundo turno. Me acompanha aí no twitter, que vai “tê” novidade e coisas que não dá pra “esperá” o programa. @prmalafaia, me acompanha aí pra você ficar sabendo das coisas. @prmalafaia. Okay?

ANEXOS

Grade de programação Rede TV!

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Bola de Neve 2:30 - 3h	IIGD 3-5h	IURD 2-3h	IURD 1:30-3h	IURD 1:30-3h	IURD 1:30-3h	IURD 1:30-3h
IIGD 3-7h	IIGD 5-8:30h	IIGD 3-5h	IIGD 3-5h	IIGD 3-5h	IIGD 3-5h	IIGD 3-5h
Missa 7-8h	IURD 12-15h	IIGD 5-8:30h	IURD 12-15h	IIGD 5-8:30h	IIGD 5-8:30h	Presbiteriana 8-8:45h
IURD 8-12:45h	IIGD 20:30-21:30h	IURD 12-15h	IIGD 20:30-21:30h	IURD 12-15h	IURD 12-15h	AD Bragança Paulista 8:45-9h
Missa 13-14:30h		IIGD 20:30-21:30h		IIGD 20:30-21:30h	IIGD 20:30-21:30h	ADVEC 9-10h
						CEIZS 10-10:45h
						AD Bragança Paulista 10:45-11:30h
						MACN 11:30-12h
						AD Brás 12-13h
						IEVV 13-13:30h
						IIGD 20:30-21:30h

Grade de programação Band

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Programação Local 6-9:30h	IURD 3-6h	IURD 3-6h	IURD 3-6h	IURD 3-6h	IURD 3-6h	IURD 3-6h
	IIGD 21:20-22:30h	IIGD 21:20-22:15h	IIGD 20:50-21:45h	IIGD 21:30-22:20h	IIGD 21:20-22:10h	Programação Local 7-9:15h
						Programação Local 10:30-12h
						ADVEC 12-13h
						Programação Local 18:50-19:20h
						IIGD 21:20-22:15h

Grade de programação Gazeta

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
IURD 6-8h	IURD 6-8h	IURD 6-8h	IURD 6-8h	IURD 6-8h	IURD 6-8h	IURD 6-8h
CATÓLICA 8-8:30h	IURD 20-22h	IURD 20-22:10h	IURD 20-22h	IURD 20-20:30h	IURD 20-22h	IURD 20-22h
				IURD 20:40-22:10h		

Grade de programação Rede Globo

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
MISSA 6:16-7:17h						

Grade de programação TV Cultura

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
MISSA 8-9h						

Grade de programação TV Brasil

